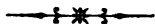
ANTONIO LEITE MACHADO BASTOS

GLORIAS NACIONAES

ARCHIVO HISTORICO DE PORTUGAL

**Resenha dos factos heroicos
realisados pelos portuguezes com assombro
do mundo coevo
desde a partida de Vasco da Gama
em busca da India
até ás pazes celebradas com Nizamoxá
depois das victorias de Gôa e Chaul**

1891

6C
0CUF
7DEP
BM-noplace name
no pub.

Ao leitor

No momento em que uma potencia européa, orgulhosa e altiva, nos fére em pleno rosto, propalando calumniosos aleives sobre a nossa maneira de proteger e utilisar as colonias, é dever de todos nós, que presamos a patria e a nossa dignidade nacional, erguer um protesto solemne contra esse ignobil procedimento.

Não ha mais levantado protesto e mais solemne desforço que recordar as nossas velhas proezas, esses prodigios de heroismo e abnegação, que só encontram rivalidade no velho mundo, nos heroismos patrioticos dos spartanos e nos sacrificios dos gregos em honra do seu paiz.

Eis o que fazemos; é esse o nosso intuito lançando á publicidade o trabalho d'um laborioso escriptor, já fallecido, que n'essas paginas deixou consignado o seu tributo de veneração.

Temos em vista ao mesmo tempo popularisar

os factos mais notaveis d'essas campanhas homericas, em que os nossos antepassados, luctando com os elementos, com a braveza do clima e ainda por cima com exercitos, dez e vinte vezes superiores, lançaram os fundamentos do nosso consideravel imperio colonial.

Nas breves paginas, que se vão ler, estão compendiados os factos mais notaveis d'essa epopêa monumental, cuja gloria, como diz Camões, se mais mundo houvera lá chegara.

Compulsando essas paginas onde, a cada passo, se encontra um rasgo de bravura, uma prova de coragem, uma demonstração d'essa bizarria; essas paginas, onde por assim dizer se sente vibrar a alma briosa d'um povo nobre, podemos perguntar não só ao inglez, mas a quantas outras nações pensem amesquinhar-nos lançando-nos em rosto a nossa fraqueza actual: — onde tendes vós outros riqueza egual á nossa? riqueza, que não se exhaure com os seculos, porque estes thesouros são compostos de revelantes serviços prestados á humanidade?

Esta é a consolação suprema, que nos vinga plenamente dos desdens das potencias orgulhosas.

Este é o nosso protesto contra a philaucia ingleza.

CAPITULO I

D. Vasco da Gama vai em descobrimento das Indias, sendo recebido em Calecutá pelo Samorim com mostras de amizade, voltando depois ao Tejo em setembro de 1499. Pedro Alvares Cabarl, com uma nova expedição de treze velas faz a descoberta do Brazil, e volta ao caminho das Indias.

Corria o anno de 1495, quando por morte de D. João II subiu ao throno de Portugal D. Manuel, Duque de Beja, a quem a nação reconhecida deu mais tarde o sobrenome de Venturoso.

El-rei D. Manuel apenas tomou as redeas do governo, cuidou logo em proseguir no descobrimento das Indias, e para esse fim convocou o seu conselho a quem expôz os seus desejos.

Houve então diversos pareceres, uns a favor, outros contra, porém D. Manuel firme nos seus planos, pôz termo áquella discussão, e sem perda de tempo, mandou apparelhar uma pequena Armada, e para o commando da qual, nomeou como D. João II a D. Vasco da Gama, que era um fidalgo valente e destemido, cuja capacidade tinha enchido de confiança aquelles dois grandes Monarchas!... Final-

mente no anno de 1497, El-rei D. Manuel, chegou com toda a sua côrte á Ermida de Nossa Senhora de Belém, aonde já estavam D. Vasco da Gama e Paulo da Gama seu irmão, com todos os mais Capitães da Armada. Depois de ouvirem missa, tomou El-rei a bandeira real, e fez entrega d'ella a D. Vasco da Gama, dizendo-lhe, que a confiava de sua pessoa, pela sua firmeza de caracter e larga experiencia das cousas do mar, e que d'elle esperava o bom successo d'aquelle grande commettimento.

D. Vasco da Gama, ficou muito penhorado pela grande confiança que El-rei depositava em sua pessoa, promettendo-lhe sacrificar a sua propria vida se tanto fosse preciso para se tornar digno de tamanha honra.

Logo que foi terminada aquella grande ceremonia religiosa, saíu uma procissão, em que El-rei levava ao seu lado D. Vasco da Gama e todos os mais officiaes da Armada, indo sempre seguidos de muito povo e das corporações religiosas. Chegando este cortejo ao caes, embarcou D. Vasco da Gama com seus companheiros, e levantando ancoras, partiu aquella Armada em descoberta das tão desejadas terras do Oriente!... Foi então rodeando a costa africana até chegar ao porto de Cabo Verde, e passando pela Costa do Natal chegou a Moçambique com uma trabalhosa viagem que já durava oito mezes!

Ahi D. Vasco da Gama recebeu a visita de muitos indigenas, e entre elles alguns brancos, que se reconheceu serem mouros. D. Vasco da Gama, mandou pedir ao *Xeque* um pratico, porém aquelle po-

tentado, depois de ter visitado o Capitão portuguez e examinado todo o nosso armamento, ficou ferido da maldita inveja, e para logo concebeu o damnado projecto de destruir os destemidos navegantes! E para esse fim, em logar de um piloto instruido, capaz de os guiar até ás Indias, lhes mandou um falso guia para os arrastar a uma total ruina!... Porém a Providencia divina, que parecia empenhada em proteger os descobridores, ordenou que o falso piloto fosse logo descoberto em seus negros tramas! Partiu então D. Vasco da Gama para Mombaça, e de lá foi ter a Melinde, aonde encontrou muito melhor acolhimento no rei d'aquellas terras; o qual lhe deu um bom piloto para guiar a nossa Armada até ás Indias.

Finalmente D. Vasco da Gama, depois de muitos trabalhos e luctando sempre com muitas difficuldades, poude chegar á vista da Costa de Malabar, que é uma lingua de terra de perto de oito leguas de comprido, em que se acha assente a famosa cidade de Calecutá. Compunha-se aquella cidade de diversas casas de madeira, cobertas de folhas de palma, porém havia tambem muitos edificios elegantes, e soberbos palacios, assim como templos e torres admiraveis. Duzentos mil habitantes, era a sua população n'aquelle tempo; e o Samorim o mais poderoso Monarcha do Indostão, a quem as innumeras riquezas tornavam temido e respeitado de todos os potentados do Oriente.

Grande foi a alegria que sentiu D. Vasco da Gama ao avistar aquella cidade tão opulenta, que

elle viera de tão longo a procurar!... Logo que fundeou a sua Armada, mandou ao Samorim dois emissarios, o qual ficou muito contente ao saber que D. Vasco da Gama vinha por mandado de El-rei D. Manuel para tratar amizade com elle; e n'esta conjunctura respondeu-lhes que era muito do seu agrado receber D. Vasco da Gama em audiencia.

Á vista de tão boa disposição do Samorim, foi reunido um conselho a bordo, em que foi deliberado que Paulo da Gama e Nicolau Coelho, ficassem a bordo para defenderem a Armada de qualquer eventualidade, e que D. Vasco da Gama, iria á cidade unicamente com doze de seus companheiros. O destemido Gama, foi recebido no seu desembarque por uma guarda de duzentos homens, em que vinha tambem um official superior chamado *Catual*, o qual, depois de saudar a D. Vasco da Gama, o convidou a entrar no palanquim, que para isso já trazia apparelhado. Caminharam então para os paços reaes do Samorim, e logo que penetraram no interior da casa nobre, saiu um ancião a recebel-os, que estava todo vestido de branco, pois era elle o grande *Brahamane* da religião oriental. Tomou D. Vasco da Gama pela mão, e o foi conduzindo á presença do Samorim, que se achava deitado em uma cama ricamente ornada e coberta com pannos de seda a que os naturaes chamavam o *Catel*.

Estava o Samorim vestido de um panno de algodão, semeado de rozas douradas, e na cabeça tinha elle a modo de um turbante de brocado á similhança de uma mitra coberto de mui lindas perolas

e pedras de subido valor. Nas pernas e nos braços, tinha braceletes de ouro e outras pedras mui finas! Ao lado do *Catel*, estava com a cabeça recostada em uma almofada, um dos seus maiores cortezãos, tendo um prato de ouro na mão, cheio de folhas de *bedel* para o Samorim ir mastigando, em quanto dava audiencia a D. Vasco da Gama.

Ficou ali por largo tempo aquelle potentado a notar os trages dos portuguezes; e era tal a magestade em que se tinha, que mal poude levantar a cabeça um pouco da almofada, para dar signal ao grande *Brahamane*, para que mandasse assentar D. Vasco da Gama!...

Inqueriu então minuciosamente das cousas de Portugal, e como de tão longè poderam vir os portuguezes por aquelles mares ainda desconhecidos até aos seus reinos! D. Vasco da Gama, tendo-o informado de tudo quanto elle mais desejava saber ácerca de nossos usos e costumes, entregou-lhe uma carta do proprio punho de El-rei D. Manuel, ficando o Samorim com a leitura d'ella mais convencido de que era verdade tudo quanto lhe tinha relatado o illustre navegante.

Ordenou então que fossem preparados aposentos, para que podessem ir descançar n'elles os portuguezes que vinham fatigados dos trabalhos do mar.

Assim terminou aquella conferencia com muitas mostras de amizade de parte a parte, e Vasco da Gama demorando-se ainda na cidade por algum tempo, andou notando n'ella tudo quanto havia de mais importante, não sem risco de sua vida,

porque se livrou por algumas vezes milagrosamente de alguns laços que os mouros lhe tinham preparado, invejosos da influencia que os portuguezes iam tomando n'aquella cidade.

Entrando D. Vasco da Gama no conhecimento de todos aquelles tramas, cuidou em se livrar d'elles com seus companheiros, mandando varias petições ao Samorim, para que ordenasse aos seus *brahamanes* que deixassem sair todos os portuguezes que estavam na cidade com todos as suas especiarias que já tinham comprado; porém aquelles *brahamanes* que já andavam conbinados com os mercadores de *Meca*, afim de ali demorarem os portuguezes até que chegasse a grande esquadra moura que esperavam para os poderem destruir, a nada se moviam, e a tudo respondiam com evasivas cavillosas!... E d'aquelle modo, tinham aquelles barbaros traçado o negro plano de inutilisar todos os esforços dos nossos destemidos navegantes! Os mercadores arabes, faziam igualmente muitos promettimentos ao *Catual* para que elle demorasse aquelles despachos, pois bem sabiam elles que haviam de perder o monopolio d'aquelle rico commercio, logo que os portuguezes tivessem assentado as relações de amizade com o Samorim.

D. Vasco da Gama, vendo então que não tinha mais a esperar d'aquella falsa gente, que só buscava perdel-o e mais a seus companheiros, embarcou para a sua Armada, e ahi prohibiu logo a sahida dos ricos mercadores arabes, que lá tinham ido negociar, mandando dizer em seguida ao Samo-

rim, que se logo não desse despacho a todos os portuguezes que ainda estavam na cidade com suas especiarias, seguiria sem mais delongas para Portugal com todos aquelles mercadores, arabes que tinha na sua Armada !-Aquelles mercadores tambem escreveram logo a seus amigos, pedindo que se empenhassem em favor dos portuguezes, para que elles podessem desembarcar ! Vendo-se então o Samorim cercado de tantos e valiosos pedidos, ordenou que fosse logo dado o despacho a todos os portuguezes, para que podessem embarcar com todas as suas especiarias !

Vendo porém o Samorim que os portuguezes partiam descontentes de sua pessoa e de seus amigos e alliados de Meca, tornou-se ás boas com elles, mandando a D. Vasco da Gama uma carta para El-rei D. Manuel a quem promettia boa amizade, franqueando-lhe os seus estados para relações commerciaes.

D. Vasco da Gama, mais satisfeito agora de sua missão, voltou com a sua Armada para Lisboa, entrando no Tejo no mez de Setembro de 1499.

D. Manuel, recebeu o destemido descobridor das Indias com muitas honras e grandes mostras de alegria, e por este faustoso acontecimento acrescentou a seus titulos, ó de senhor das conquistas, navegação e commercio, da Etiopia, Arabia, Persia e India ! Animado então sobre modo pela tão feliz descoberta, mandou no anno seguinte a Pedro Alvares Cabral por Capitão de uma nova expedição, composta de treze embarcações, afim de percorrer

toda a costa de Sofala, e visitar o rei de Melinde, proseguindo depois até Calecutá para continuar as relações de commercio e amizade com o Samorim.

Foram n'esta expedição, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, e outros muitos homens distinctos por suas nobres qualidades.

Foi esta Armada seguindo o rumo de Cabo Verde, mas dando com ella uma formidavel tempestade, foi obrigada a desviar-se da Costa d'Africa, e tanto se fez ella ao largo, que perdeu inteiramente o rumo! Assim foi navegando aquella Armada, até que a 20 de Abril foram vistas muitas aves, e os perfumes atmosphericos, deram a conhecer aos navegantes a proximidade da terra. Apinhados então os marinheiros pelas vergas dos navios, buscavam anciosamente descobrir a realidade d'aquella apparencia. Reinava em todos um silencio profundo, n'esta preoccupação, quando o gageiro da grande gavia bradou com toda a firmeza: Terra! terra! — Então avançou a Armada para aquelles lados, e dentro em pouco se descobriu uma grande serrania para as bandas do sul, e mais distante uma extensa planicie revestida de soberbos arvoredos. Chegando a Armada perto de terra, appareceram ali logo muitos indigenas, attrahidos pela novidade d'aquelles navegantes de que elles não tinham ainda o menor conhecimento. Estes selvagens eram similhantes aos indios, de uma côr baça e de cabellos compridos e corredios, e de estatura regular; usando diademas de pennas de varias côres.

Não poderam ali os portuguezes desembarcar,

por causa da força com que ahi se debatia o mar, e por isso foram seguindo mais para o norte em demanda de outro porto que offerecesse mais segurança. Tendo emfim já navegado mais de dez leguas, descobriram uma enseada aonde logo entraram os navios menores para sondarem as alturas, a ver se poderia entrar ali toda a Armada. Alguns marinheiros, que mais se approximaram da terra, surprehenderam dois indigenas que andavam em uma grande almadia; buscaram elles resistir com suas frechas, mas não obstante, foram logo levados á presença de Pedro Alvares Cabral, que buscou indagar d'elles, as particularidades da terra que tinha presente; despedindo-os depois para terra com alguns presentes do que elles foram muito contentes.

Pedro Alvares Cabral, conhecendo quanto era fertil aquella terra, e que os seus habitantes eram pacificos, determinou logo tomar posse d'ella com grande solemnidade no dia 1 de Maio de 1500.

Mandou erguer um altar junto de uma grande arvore, no cimo da qual foi collocada uma cruz, e todos que ali eram presentes concordaram em que aquella terra se ficasse chamando a *Terra da Santa Cruz*. Foi dita ali uma missa a que assistiram tambem muitos indigenas, e tendo depois d'estas ceremonias Pedro Alvares Cabral observado bem a fertilidade d'aquella terra e o caracter dos seus habitantes, mandou Gaspar de Lemos a Lisboa, para dar a noticia a El-rei D. Manuel d'aquella tão importante descoberta, em quanto elle proseguia na

derrota das Indias, deixando em terra alguns degradados em signal da posse que Portugal tomava d'aquella terra da Santa Cruz. Em quanto isto succedia, Gaspar Côrte Real, sahindo da Ilha Terceira em duas pequenas embarcações, fazia igualmente a descoberta do Canadá! Finalmente Gaspar de Lemos, depois de alguns mezes de trabalhosa viagem, chegou a Lisboa com aquella feliz noticia da descoberta do Brazil!

E-lrei D. Manuel e sua côrte exultaram de prazer por tão fausto acontecimento!

As quinas de Portugal tremulavam agora victoriosas, tanto em Africa como além do Atlantico, nas Indias e na America! Portugal com o esplendor de suas quinas, ía tomar o primeiro logar entre as nações da Europa, porque Deus o tinha fadado para ser o fundador de dois grandes Imperios!

CAPITULO II

Pedro Alvares Cabral, chegando a Calecutá, estabelece ali uma feitoria. — Tomam os portuguezes uma grande nau de Meca. — Tramam os mouros uma revolta contra a feitoria portugueza, e Pedro Alvares Cabral, depois de mandar varejar toda a cidade com sua artilheria, volta a Lisboa aonde chega em vespera de S. João Baptista.

Pedro Alvares Cabral, deixando a Terra de Santa Cruz, seguiu o rumo do Cabo de Bôa Esperança, em cuja direcção foi visto um grande Cometa por espaço de oito dias, o qual pareceu a todos de mau agouro, o que não era sem algum fundamento, porque tendo-se mostrado ao norte uma grande escuridão, logo acalmou todo o vento, voltando depois com tal furia, que não deu mais tempo para se poder amainar as velas! E no meio d'esta lucta tremenda com os elementos soçobraram quatro embarcações, podendo Alvares Cabral, depois de tantos contratempos chegar a Sofala, ainda com seis naus desarvoradas! Recebeu ali a visita do *Xeque*, sobrinho de El-rei de Melinde, o qual vinha por capitão de uma pequena frota moura, sendo ali muito

bem recebido por Cabral em razão de ser o Rei de Melinde muito amigo dos portuguezes.

Alvares Cabral, despedindo-se do Xeque, seguiu para Moçambique, aonde foi mui bem recebido por seus habitantes; e depois de reparar as avarias dos seus navios em que gastou seis dias, tomou um piloto e partiu ao longo da costa com o rumo de Quilôa aonde chegou a 26 de Julho, mandando logo á cidade Affonso Furtado, pedir em nome de El-rei D. Manuel uma audiencia, afim de se estabelecerem pazes e amizade. O rei de Quilôa, recebeu Furtado com palavras de contentamento, dizendo-lhe que teria muito prazer que Alvares Cabral fosse á terra para lhe dar a referida audiencia. Voltando Affonso Furtado a dar conta d'isso a Cabral, este se escusou de ir á terra pretextando não ter licença de seu Rei para sair da Armada. O Rei mouro ficou um tanto descontente com este proceder, mas afinal resolveu-se a avistar-se com elle sobre as aguás. Todavia Alvares Cabral, não confiava muito n'aquella amizade, porque tudo lhe parecia serem artificios d'aquelle mouro para melhor observar os costumes e forças dos portuguezes; por isso deixou aquelle porto e partiu para Melinde, aonde chegou a 2 de Agosto, mandando logo Ayres Correia, com recado para El-rei, e uma carta de D. Manuel em que o considerava como um grande amigo dos portuguezes, por cujo motivo houve muita alegria por toda a cidade. Em seguida avistou-se Alvares Cabral com El-rei de Melinde sobre as aguas, aonde tiveram uma larga conferencia, na qual foram esta-

belecidas pazes e amizade e relações commerciaes vantajosas aos portuguezes.

Depois d'isto, El-rei de Melinde ordenou que dois de seus melhores pilotos se pozessem ao serviço de Alvares Cabral até chegar á cidade de Calecutá. Seguiu então Cabral com toda a sua Armada, indo aportar á ilha de Auchediva, aonde se demorou por alguns dias, a recolher provisões, navegando em seguida para Calecutá, aonde apenas chegou teve uma conferencia com o Samorim, em que foi deliberado que Ayres Correia, fosse abrir negociações em terra com uma feitoria em que fossem estabelecidas as bases do commercio das Indias, que mais tarde havia de fazer a admiração e inveja das mais poderosas nações do globo! Existiam por este tempo em Calecutá dois mouros poderosos, entre os quaes não tardou em apparecer grandes rivalidades, em razão de um proteger Ayres Correia, e o outro nutrir grande odio contra todos os portuguezes. Chamava-se um *Bequy* e outro *Comecevy*; este tinha o governo de todas as cousas do mar, e aquelle das de terra. Comecevy, que odiava a todos os portuguezes, começou a urdir uma intriga, por meio da qual contava comprometter a boa amizade que já reinava entre elles e o Samorim.

Tendo elle a noticia de que chegava de Ceylão uma poderosa nau em que vinham sete grandes elefantes com destino ao reino de Cambaya, e tivesse aquella referida nau de passar em frente d os navios portuguezes, julgou elle poder tirar grande desforra de tanto odio e má vontade que tinha en-

tranhado no peito fementido contra os portuguezes; pois contava aquelle astuto mouro que os nossos navios seriam aniquilados, pela poderosa nau; e mesmo que assim não acontecesse, soffrendo ella algumas avarias, seria isso motivo para que os portuguezes logo ficassem mal vistos por todos os mercadores mouros de toda aquella costa de *Cochim.* N'esta conjunctura aquelle perverso, dissimulando tamanho odio, e apparentando amizade, foi procurar Ayres Correia, como quem lhe desejava prestar grandes serviços, contando-lhe como de Ceylão estava a chegar aquella poderosa nau, com grande e rico carregamento de especiaria, sendo de grande conveniencia tomal-a, por terem os mercadores de Meca feito algumas offensas ao Samorim, o qual muito havia de folgar com essa desforra, pois não lhe tinham querido vender um elefante que tambem ali levavam para Cambaya, por cujo motivo buscasse Ayres Correia por todos os meios ao seu alcance que a dita nau fosse logo tomada, mas que em todo o caso lhe pedia muito segredo em razão de haver n'aquella cidade muitos mercadores de Meca, podendo haver muitas desordens se elles antes tivessem noticia d'aquelle commettimento.

Ayrés Correia dando credito áquellas palavras do falso e astuto mouro, deu logo parte a Pedro Alvares Cabral da conveniencia que havia em se tomar aquella nau para desafronta do Samorim, de quem os portuguezes tinham a esperar grandes favores e amizade. Alvares Cabral, crente n'aquellas

conveniencias, logo mandou vigiar o mar para saber quando apparecia a desejada nau, a qual se não fez esperar, apparecendo logo ao longo da costa, e vindo collocar-se entre os nossos navios e a terra. Então Pedro Alvares Cabral, ordenou ao capitão Athayde que fosse no navió S. Pedro, com os destemidos Vasco da Silveira, Duarte Pacheco, João de Sá e outros mais escolhidos cavalleiros para irem demandar a famosa nau dos mouros; os quaes, logo que perceberam que íam ser accommettidos, manobraram mais para terra afim de poderem receber mais alguma gente para a defeza; vendo elles pórém, que eram apenas seguidos pelo navio S. Pedro, deram-lhe tão pouco apreço, que logo começaram em alaridos e descantes, como quem já tinha por certo uma grande victoria! Athayde, que a este tempo já lhes tinha feito signal para que amainassem, sem que elles fizessem d'isso algum caso, fez logo saudal-os por uma grossa bombarda ao lume d'agua, e depois metralhando-a bastante por cima, causou-lhe muitos estragos, ferindo-lhes tambem muita gente da guarnição.

Os mouros assombrados por tamanha desturição, buscaram o abrigo de terra, não sem primeiro causarem ao navio S. Pedro alguns damnos com algumas bombardas de ferro e um formidavel chuveiro de settas. O navio S. Pedro, apesar d'aquelles damnos, foi sempre no seu seguimento até Cananor, aonde os mouros entraram já quasi á noute, indo-se collocar entre quatro naus de sua nação afim de melhor se poderem defender dos portugue-

zes. No dia seguinte, o navio S. Pedro approximou-se da nau sem grande difficuldade, podendo apoderar-se d'ella sem grande resistencia em razão de terem ido de noute todos os feridos para terra e o resto da guarnição estar incapaz de lhe oppôr uma resistencia séria. Foi logo conduzida aquella poderosa nau á presença de Pedro Alvares Cabral, o qual ficou cheio de contentamento, por ser aquella victoria alcançada por um de seus mais pequenos navios! Este contentamento, porém, foi de pouca duração, porque veiu logo no conhecimento que aquella nau não era dos mouros de Meca como lhe tinham dito, mas de dois mercadores de Cochim. Conhecendo finalmente que tudo aquillo era um trama urdido por *Comecevy*, mandou avisar logo Ayres Correia para que não confiasse mais nas palavras d'aquelle falso mouro, e que o tivesse sempre como um grande inimigo dos portuguezes. No entretanto aquelle grande feito, atemorisou a todos os mouros de Calecutá, pois o proprio Samorim e os grandes de seu reino ao verem aquella alterosa nau e ao saberem da forte guarnição que ella tinha trazido para sua defeza, ficaram assombrados por ser ella vencida pelo mais pequeno de nossos navios! Alvares Cabral mandou logo chamar á sua presença o commandante da referida nau, e pediu-lhe desculpa pelos damnos que lhe tinham sido causados, em razão de ter sido mal informado; observando-lhe que elle Capitão tambem commettera a falta de não querer responder quando lhe fôra perguntada a sua naturalidade, pois que se o tivera feito, não

tendo em tão pouco o seu navio, nada lhe teria acontecido em seu prejuizo; mas lhe faria agora entrega da nau para elle seguir a sua viagem para onde melhor lhe conviesse.

O capitão mouro, cheio de reconhecimento por este rasgo de generosidade, prostrou-se de joelhos diante de Cabral, e confessou ser elle o unico culpado de tão lamentavel acontecimento.

Alvares Cabral, ordenou logo que aquella nau fosse soccorrida de todas as cousas mais necessarias, despedindo-se depois do capitão, a quem protestou uma sincera amizade. Tinham já decorrido dous mezes depois d'estes acontecimentos sem que Alvares Cabral podesse ter obtido mais do que a carga para duas naus, isto em razão do perverso Comecery com outros seus partidarios trazerem os negocios da nossa feitoria embaraçados com os seus negros tramas!... N'esta conjunctura, Ayres Correia foi pessoalmente queixar-se ao Samorim, fazendo-lhe sciente de como os mouros davam occultamente de noute a especiaria para as naus de Meca, ficando os portuguezes sempre prejudicados n'esse negocio, esperando por isso que lhe fizesse justiça, não consentindo mais aquellas criminosas maquinações. O Samorim vendo-se d'esse modo apertado por Ayres Correia, respondeu-lhe que se tudo aquillo era verdade, que o capitão mór tomasse conta de toda a especiaria, pois lhe dava plena liberdade em satisfação dos queixumes que lhe eram dados de seus officiaes. Foi logo em seguida Ayres Correia, conferenciar com Alvares Ca-

bral a tal respeito, deliberando ambos, que no dia seguinte fossem abordar os nossos bateis uma nau de Meca suspeita de ter carregado de noute. Ainda que o Samorim tivesse dado ordem para que a especiaria fosse tomada por contrabando, não quiz comtudo Cabral abusar d'aquella ordem, mandando que toda a especiaria fosse paga aos mouros, mas nem por isso deixaram aquelles mouros, de fugirem alvoraçados para terra, fazendo taes alaridos pela cidade que logo os seus partidarios, foram matando quantos portuguezes encontravam por fora da feitoria!... Quando Ayres Correia viu chegar aquelles furiosos de tropel, sahiu ao seu encontro, para acudir aos seus companheiros, que vinham perseguidos por elles, mas infelizmente foram todos victimas d'aquella furiosa multidão, que cahiu sobre elles, sem lhes darem tempo de se poderem por a salvo!... Alguns portuguezes que milagrosamente poderam escapar d'aquella horrivel carnificina, ainda conseguiram arvorar a bandeira na casa da feitoria em signal de pedir soccorro para os nossos navios. Alvares Cabral, estava enfermo com umas febres, e por esse motivo não poude dar a devida attenção áquelle signal, mas por precaução mandou á terra dous bateis, dos quaes logo lhe veio a noticia de que as casas da feitoria estavam cercadas, o que tudo indicava haver revolta contra os portuguezes. N'esta triste conjunctura, ordenou logo Alvares Cabral que partissem todos os bateis com a gente de peleja que elles podessem comportar, mas quando lá chegou tão importante

soccorro, já não havia dentro da feitoria portuguez com vida! Dos que andavam por fora, apenas escapou fr. Henrique com quatro de seus companheiros, isto em rasão do prompto soccorro que lhes foi prestado. Nuno Leitão, capitão do navio Annunciada, vendo vir para a praia Antonio Correia filho de Ayres Correia, ainda muito moço, metteu-se por entre os mouros que já o rodeavam, e tomando-o ás costas, se poz com elle a salvo!... Este moço Antonio Correia, foi mais tarde um dos heroes das nossas glorias, o qual por feitos assignalados, vingou a morte de seu pai e dos mais portuguezes que com elle morreram. Pedro Alvares Cabral, á vista de tantas victimas generozas, e comprehendendo ser tudo aquillo o resultado das intrigas de *Comecevy*, exclamou com os olhos cheios de lagrimas, sem poder encarar o ceu: *Louvado seja Deus!... É mais dificultoso para nós destruir um amigo simulado do que um inimigo descoberto!* O infeliz Ayres Correia, tinha tomado a *Comecevy* por um grande amigo, e tomando aquellas falsas palavras por verdadeiras, julgou que fazia um serviço agradavel ao Samorim, quando da sua cega confiança apenas resultou a sua morte e a de seus companheiros!

Alvares Cabral convocou o seu conselho, e todos os capitães foram de parecer que se despacha-se pelas armas aquelles grandes embaraços que lhes tinham ordido os perfidos mouros, vingando d'esse modo a morte de tantos e leaes companheiros; isto para que não dissessem que os portuguezes,

não sabiam desafrontar-se das grandes injurias ali recebidas, e as tinham em muito pouco, tendo sòmente em muito os interesses do seu commercio. Preparada pois toda a artilheria de nossa Armada, rompeu o fogo contra quinze naus que ali estavam dentro do porto, as quaes foram todas destruidas completamente!

Em seguida, começou a nossa artilheria a varejar toda a cidade, cujo bombardeio durou dous dias sem cessar, sendo suspenso ao terceiro dia a ver se o Samorim mandava algum mensageiro, mas como elle guardasse completo silencio, e Cabral não quizesse proseguir n'aquelles estragos, que sua artilheria fazia nos edificios da cidade, fez-se de vela para Cochim, aonde foi recebido pelo Rei com grandes mostras de respeito e amizade, ordenando que lhe fosse dado carregamento para todos os seus navios. Estando porém Alvares Cabral para seguir viagem para Portugal, foi informado por um mensageiro do Rei de Cochim, de que uma formidavel esquadra, tinha sahido de Calecutá, com o fim de vir destruir os portuguezes quando elles sahissem d'aquelle porto, e por isso que estivesse de prevenção.

Pedro Alvares Cabral, mandou pelo mensageiro muitos agradecimentos a el-rei de Cochim, e mais lhe mandou dizer pelo mesmo portador, que todos os portuguezes estavam já tão acostumados a pe. lejar com os seus inimigos que muito folgariam de se encontrar com aquella poderosa esquadra, pois que muito confiava em Deus, e esperava que elle

lhe havia de dar grande victoria contra ella. Quando foi no dia seguinte, por volta da tarde começou de apparecer a forte esquadra de Calecutá, que se compunha de umas setenta velas, a qual vinha tão altiva e confiada na sua grandeza, que julgava poder amedrontar os portuguezes, só com o seu apparato bellico!... Pedro Alvares Cabral tomou logo as suas disposições, para no dia seguinte ir attacar os mouros, porém elles que só com o seu apparecimento, julgavam pôr os portuguezes em fuga, vendo que se não moviam, começaram logo a tel-os em alguma conta; e por mais prudencia, se approximaram tanto de terra, que Alvares Cabral não a poude combater n'aquella posição, por lhe serem os ventos contrarios e os seus navios estarem já muito carregados, e n'esta conjunctura, considerou ser mais acertado, seguir a sua viagem, do que andar perdendo tempo, com inimigos que davam tão claras mostras de temel o. Partiu pois para Cananor, aonde o Rei d'aquella terra lhe offereceu toda a especiaria que elle quizesse carregar nos seus navios, e que se não trouxesse com que a pagar, lha abonava para ser paga em outra viagem pois que muito confiava na grande lealdade dos portuguezes e os tivera sempre por honrados e de boas contas. Então Alvares Cabral, para que o rei não julgasse que a razão de ali não carregar mais especiaria era a falta de dinheiro, mandou mostrar ao mensageiro tres cofres cheios de boas moedas de ouro, e dizer-lhe que elle tinha ainda tanto dinheiro, que poderia carregar mais cinco ou seis

navios, e que a vinda aos seus reinos, não era por causa da especiaria, mas unicamente para visitar sua real senhoria como bom e leal amigo dos portuguezes, e que no anno seguinte tencionava voltar com mais consideravel Armada para lhe comprar muita especiaria e dar-lhe ajudatorio contra seus inimigos.

El-rei de Cananor, ficou muito penhorado com esta resposta e mandou a El-rei D. Manoel um embaixador, para n'isso imitar El-rei de Cochim que tambem lhe mandava dous. Álvares Cabral, partiu finalmente para o Reino, indo agora mais satisfeito por causa da amizade de El-rei de Cochim e de Cananor; mas ainda assim o seu coração ia ferido pela perda de Ayres Correia e de tantos outros leaes servidores do Estado. Quando elle chegou ás alturas de Melinde, levantou-se um temporal tão forte, que deu com a nau Sancho de Thôar em um baixo, perdendo-se completamente, menos a guarnição que poude salvar-se, apoz de heroicos esforços. Seguiu depois Cabral no rumo de Moçambique, aonde reparou os seus navios de algumas avarias que tinham recebido n'aquelle formidavel temporal, seguindo depois para Cabo Verde em caminho de Lisboa aonde chegou em vespera de S. João Baptista.

CAPITULO III

Parte para as Indias João da Nova, e chegando a Cananor, desbarata a poderosa esquadra de Calecutá. Vasco da Gama, volta tambem ás Indias na qualidade de Almirante, e chegando a Quillôa, faz tributario a Portugal o rei d'aquellas terras. Dá combate em Cananor a uma poderosa nau de Meca a qual fica completamente derrotada, voltando depois a Lisboa com mui ricos despojos.

El-rei D. Manoel, antes da chegada de Alvares Cabral, tinha mandado quatro navios sob o commando de João da Nova, Alcaide mór de Lisboa, levando por companheiros no commando a Diogo Barboza, Francisco de Novaes, Fernão Vicente, fazendo-se ao mar do porto de Lisboa a 5 de março de 1501. Passados oito graos alem da linha equinocial, encontraram uma ilha a que poseram o nome de Conceição, indo depois surgir no porto de S. Braz alem do Cabo da Boa Esperança; feita ali aguada e a acquisição de algum gado, seguiram o caminho de Moçambique aonde chegaram no principio de Agosto, seguiram depois de curta demora para Quillôa aonde a má fé do rei d'aquellas terras, armou um laço para destruir a todos os por-

tuguezes, o que teria conseguido a não ser o aviso de um mouro que esclareceu todo aquelle trama do perfido Rei! João da Nova, fingindo então ignorar tudo aquillo, partiu logo para Melinde em caminho das Indias. Chegando a Cananor, foi ali muito bem recebido pelo Rei, o qual lhe fez grandes honras,. como quem tinha em muito apreço a boa amisade dos portuguezes; pedindo-lhe que tomasse de seu reino toda a especiaria que lhe fosse necessaria, pois era desnecessario ir a Cochim carregar os seus navios, alem d'isso, tinha por noticia estar-se preparando em Calecutá uma forte esquadra composta de quarenta naus de alto bordo para ir ao encontro das Armadas portuguezas, e destruil-as completameute. E n'esta conjunctura, a sua opinião, era que João da Nova não passasse ávante, por que no seu porto se poderia muito bem defender, com ajuda de alguma gente que lhe mandaria de terra, pois como bom amigo dos portuguezes não os dezejava ver expostos à tamanhos perigos. João da Nova, conhecendo a sinceridade com que lhe fallava o rei de Cananor, reuniu o seu conselho, no qual foi deliberado, que por honra do nome portuguez, não era acertado que se mostrasse aos mouros d'aquelle Reino, que temiam aquella forte esquadra de Calecutá, pois que se eram menores em numero, tinham superior artilheria, estando todos bem acostumados a pellejar com os mouros. Então João da Nova, mandou agradecer muito a El-rei aquelles offerecimentos e disse-lhe que a sua honra e obediencia ás ordens que trazia

de seu Real e poderoso amo, não lhe consentiam que elle se demorasse por mais tempo nos seus estados, mas que muito confiava em Deus que brevemente voltaria victorioso da poderoza esquadra de Calecutá, e que para melhor ali estabelecer as negociações do commercio nos seus estados, deixava uma feitoria com alguns homens de sua comitiva, os quaes confiava de sua real guarda. El-rei conformando-se com aquellas razões, recebeu com muita alegria aquelles portuguezes que lhe eram confiados em signal de boa amisade e alliança de pazes. João da Nova, fez-se então de vela para Cochim, indo sempre um tanto ao largo a fim de melhor poder travar peleja com a esquadra de Calecutá, a qual foi vista no dia seguinte, navegando com direcção á nossa armada, a qual já preparada, rompeu logo o combate que durou todo aquelle dia e parte do seguinte!...

Os nossos navios, com os terriveis pelouros da sua artilheria, faziam medonhos estragos n'aquella multidão de velas inimigas, mettendo cinco naus de alto bordo no fundo, e nove navios menores, em que perderam a vida muitos mouros combatendo desesperadamente!

Emfim, vendo aquelles mouros que não podiam levar a melhor dos portuguezes, porque já era geral a destruição na sua esquadra, recolheram-se a Grananor d'onde voltaram mais tarde outra vez para Calecutá! João da Nova e seus companheiros, vendo tamanha mercê que Deus lhes havia concedido, renderam-lhe infinitas graças, pois que só elle

poderia conceder-lhes tão explendida victoria contra aquelles poderosos inimigos.

Chegando pois João da Nova a Cochim, foi ali recebido por El-rei com muito grande contentamento, e logo ordenou que se desse prompto despacho para a nossa Armada, a qual logo que ficou de tudo apparelhada, voltou a Cananôr, aprisionando antes de lá chegar uma grande nau de mouros. El-rei de Cananôr, quando ali viu voltar João da Nova em tão poucos dias, com toda a sua Armada victoriosa e carregada de especiaria, festejou muito a sua chegada, ordenando que lhe fosse dada toda a mais especiaria que lhe fosse precisa para completar o carregamento dos seus navios; mandando tambem dizer a João da Nova que já tinha tido a noticia, de que no combate que tivera com a esquadra de Calecutá, puzera fora de combate 417 d'aquelles combatentes, por cujo motivo os mouros estavam consternados; a qual noticia fora confirmada por Gonçalo Peixoto, um dos que escapou á matança em nosssa feitoria, pelo qual tinha o Samorim mandado recado para elle João da Nova, para que lhe fizesse sciente que muito lhe tinha pesado aquella revolta, porque sempre estimara a todos os portuguezes, pois que até já tinha mandado castigar os cabeças da revolta contra elles, e que agora muito desejava qne tudo fosse esquecido, para se poder assentar um concerto de pazes duradouro, e por isso esperava que João da Nova, levasse com elle dous embaixadores para El-rei D. Manuel, pois que para a conclusão das boas pazes

estava prompto a pagar todos os damnos causados na feitoria portugueza.

João da Nova porém melhor informado por Gonçalo Peixoto, entrou no conhecimento de que tudo aquillo eram ainda novos tramas que os mouros andavam armando aos portuguezes! Depois de estar bem informado de todas estas cousas, João da Nova voltou a Lisboa aonde chegou a 11 de Setembro de 1502. Antes porém da sua chegada, já tinha partido para as Indias o destemido D. Vasco da Gama com uma consideravel Armada composta de vinte velas, levando a firme tenção de pôr um termo áquellas difficuldades que tanto se oppunham ao estabelecimento do nosso commercio n'aquellas partes do oriente. Aquelles barbaros de Meca, a quem a cobiça ditava as leis, não podiam ver com bons olhos o concerto de pazes e amizade que os portuguezes buscavam cimentar com o poderozo Samorim; e como para elles não era bastante a palavra eloquente do Anachoreta, os conselheiros de El-rei D. Manoel, julgaram com algum fundamento, que para melhor se poder conseguir aquella empreza, era preciso que os portuguezes se fizessem primeiro respeitar por meio das armas, e por essa razão é que partiu D. Vasco da Gama com aquella consideravel armada antes mesmo da chegada de João da Nova a Lisboa. A partida de D. Vasco da Gama, tinha sido solemne, toda a comitiva foi ouvir missa á Sé, e depois de findo aquelle acto religioso, El-rei D. Manoel realçando os meritos de D. Vasco da Gama e os seus assignalados servi-

ços, logo ali o nomeou Almirante de todos os mares do oriente, entregando-lhe tambem a bandeira d'aquelle elevado cargo, indo depois acompanhal-o com todos os mais fidalgos, até ao caes da Ribeira Velha, aonde elle Almirante se embarcou juntamente com outros muitos homens distinctos, tanto em saber como em valor. Fez D. Vasco da Gama a sua derrota por Cabo Verde, aonde chegou pelos fins de Fevereiro, demorando-se ali seis dias para fazer aguada, fazendo-se de vela para Sofala, tendo soffrido alguns temporaes antes de lá chegar. Mandou d'ali a Vicente Sodré com o grosso da armada em caminho de Moçambique emquanto elle com alguns navios, ficava estabelecendo relações com aquelles mouros; e logo que isso terminou tambem seguiu para o mesmo porto de Moçambique, partindo então toda a Armada para Quillôa; ficando os habitantes d'aquella cidade muito assombrados com a presença d'aquella grande armada portugueza, pois o Almirante, tinha ao entrar n'aquelle porto mandado disparar toda a artilheria, cujo estrondo produziu uma especie de temporal medonho!... O Rei de Quillôa não tinha sido sincero para com os portuguezes, porque sempre os trazia em grande vigilancia, como tinha succedido com Pedro Alvares Cabral e João da Nova.

D. Vasco da Gama por este motivo quiz dar a este mouro uma mostra do seu poder para lhe incutir assombro e respeito. O astuto rei tambem quiz dar mostras do seu poder, mettendo á pressa na Ilha alguma gente de peleja!

para lhe darem principio. Aquella negociação porem não teve bom exito em razão da falta de sinceridade dos mercadores, os quaes se despediram com frieza dizendo que iam fazer sciente ao seu rei o conteudo da conferencia. O Almirante logo comprehendeu que pouco tinha a esperar da má fé d'aquelles barbaros que tanto abusavam da indolencia do seu rei, pois que só buscavam delongas afim de lhe fazer ali perder um tempo precioso! Então o Almirante deixando ali Vicente Sodré com uma náu e uma Caravela, partiu ao longo da Costa, aonde veio ao seu encontro um Zambuco com quatro Indios da mais nobre linhagem d'aquellas terras do Oriente, os quaes lhe traziam uma carta do Samorim, em que lhe promettia boa amisade, e que se elle não ia ao seu porto por causa das offensas, que praticaram os mouros contra os portuguezes da feitoria, elle Samorim, estava prompto a entregar-lhe os promotores d'aquelle attentado, e daria terminantes ordens para que lhe fosse dada toda especiaria para carregar os seus navios, e que para mais segurança de sua palavra, lhe mandava aquelles quatro homens, que eram os mais nobres da sua casa, dos quaes ficaria um emquanto os outros lhe traziam a resposta. O Almirante recebeu aquelles naires com muita consideração, mandando dizer ao Samorim que já estava em caminho de Calecutá, aonde entraria em attenção ao seu pedido, e quanto aos cabeças da revolta, que eram muitos, e por isso exigia que todos os mouros de Meca e do Cairo, fossem expulsos de Calecutá,

pois que só assim *poderia ter por completa aquella* satisfação. Tornou-lhe *em resposta* o Samorim, que não poderia dar *cumprimento* ás suas exigencias, pois que tinha recebido muitos serviços d'aquelles mouros, a quem sempre teria em conta de bons amigos, quanto ao mais se elle Almirante quizesse assentar as pazes e o tratado de commercio, que muito folgaria com isso. O Almirante tomou esta resposta em conta de pouca consideração, pois que mostrava mais amisade aos mouros de Meca e do Cairo, nossos declarados inimigos do que a El-rei de Portugal, e descontente por esse motivo começou por tomar todos os pequenos barcos e recolhendo os mouros como em refens!... Em seguida aprisionou uma grande nau de Meca que estava fundeada defronte da cidade carregada de mantimentos, e pondo depois toda a artilheria em boa ordem, foi-se pondo em acção de bombardear toda a cidade! O Samorim porém temendo aquella agressão, logo mandou formar ao longo da praia uma estacada de grossas palmeiras, entulhada por dentro, para servir de muralha, e poder d'esse modo defender o desembarque dos portuguezes.

Em vista d'estas disposições, mandou no dia seguinte o Almirante dizer ao Samorim, que se não respondesse mais satisfatoriamente dentro de duas horas, romperia o bombardeio contra a sua capital. A este ultimatum, não respondeu o Samorim, antes foi proseguindo nas suas obras de defeza, fazendo tambem collocar a sua artilheria de ferro em uma elevação importante para melhor poder

molestar os navios portuguezes. N'esta conjunctura o Almirante, ordenou que todas as naus que já estavam em linha de combate rompessem o fogo contra a cidade, cujo fogo durou por todo aquelle dia!

Estando na manhã seguinte toda a praia deserta, e não tencionando o Almirante mandar fazer desembarque, porque o seu fim era unicamente atemorisar o Samorim, para que elle deixasse o conselho dos mouros, mandou continuar o bombardeio por todo aquelle dia, partindo no seguinte para Cochim. O Samorim, em vista d'aquellas hostilidades, de D. Vasco da Gama, ordenou logo por meio de seus *Brahamanes* a formação de uma forte aliança contra os portuguezes, a qual deveria ser composta dos Reis de Cananôr e de Cochim! As forças maritimas d'estes alliados montariam a mais de duzentas velas entre naus de linha e zambucos, e tudo bem guarnecido de boa gente e de munições de guerra. Esta formidavel esquadra, devia reunir-se em Calecutá, mas tendo ella sahido de differentes portos, deu com ella tamanho temporal que a fez ir dar á costa, perdendo-se ali a maior parte das embarcações e a gente que as guarnecia!... O Almirante, tendo inteiro conhecimento d'aquella alliança mandou chamar de Cananor Vicente Sodré e reunindo depois o conselho de seus capitães, todos foram de parecer que não convinha invernar nas Indias, e que o Almirante devia partir para o Reino deixando a Vicente Sodré em sua nau para vigiar os portos inimigos sem comtudo entrar em nenhum d'elles. Então o Almirante em vista d'aquella

deliberação do seu conselho, partiu para o reino aonde chegou a 10 de Novembro.

Foi então ali recebido o Almirante D. Vasco da Gama em audiencia regia por el-rei D. Manoel, a quem foram n'essa occasião entregues as pareas de Quillôa, que eram conduzidas por um homem nobre em uma rica salva, sendo acompanhado por grandes do reino entre festejos, com muitas trombetas e atabales. Foi por esta occasião que D. Manuel para memoria do descobrimento das Indias, deliberou edificar o Mosteiro de Belem, cuja magnificencia havia de causar admiração as gerações vindouras.

CAPITULO IV

Declara El-rei de Calecutá, guerra ao de Cochim, invadindo-lhe o seu territorio com um poderoso exercito. Vicente Sodré vai em seu soccorro e o exercito do Samorim é desbaratado! É fundada a fortaleza de Santiago, e a igreja de S. Bartholomeu. São desbaratados dous mil homens por 500 portuguezes!... Pazes que foram pedidas pelo Samorim, e novas declarações de guerra. Antonio de Saldanha, parte por capitão mór de uma armada para a costa da Arabia, e depois de invernar nas Ilhas Canacany segue de novo para as Indias.

O Samorim logo depois da partida do Almirante para Portugal, tratou de fazer nova alliança, indignado com os desastres da grande esquadra convinada, em que já tinha posto as suas melhores esperanças. Para se poder vingar de tudo isso, buscou de novo seus antigos alliados, porém como El-rei de Cochim, não quizesse ainda d'esta vez acceder ao seu convite, deliberou fazer-lhe guerra, quanto mais que tinha muita inveja da prosperidade do seu reino.

El rei de Cochim sendo sabedor das suas intenções aggressivas, escreveu-lhe uma carta muito attenciosa, mostrando-lhe a injustiça d'aquella guerra que não passava de uma vingança que lhe não merecia; e quanto aos portuguezes, que não deixaria de sustentar as pazes e a amisade que tinha com

elles. O Samorim lhe mandou dizer que visse bem o que fazia. por que se recuzasse a sua alliança e não lhe entregasse todos os portuguezes que tinha nos seus estados, marcharia sem demora contra elle, para lhe tomar o reino e lançal-o fora d'elle. Estas ameaças porém não foram capazes de fazer abalar o Rei de Cochim da sua firmeza ; e os seus subditos, já murmuravam contra elle, por não entregar a todos os portuguezes, ao Samorim, que os ameaçava com uma guerra destruidora !

E o magnanimo Rei de Cochim, para melhor segurança sua e dos portuguezes, trazia-os em sua companhia, pois que já se temia dos seus proprios subditos ! Não tardou porém muito que a Ilha de Cochim não fosse invadida pelo poderoso exercito do Samorim, passando então El-rei com os portuguezes para a Ilha de *Vaypy* por causa de ali se poderem melhor defender de seus inimigos. Estavam os portuguezes e El-rei, postos n'aquelles apertos, quando appareceu D. Francisco de Almeida com 6 vellas, o qual foi logo olhado pelos nossos como um grande soccorro que Deus lhes havia mandado, para os livrar de uma morte certa. El-rei D. Manoel que bem conhecia as grandes contrariedades que tinha a vencer n'aquellas remotas partes do oriente para poder ali estabelecer as relações commerciaes, não se descuidava de lá mandar todos os annos as suas esquadras, determinando mandar n'esse anno de 1503, 9 naus divididas em tres capitanias; seis para carregar especiarias e as outras tres para cruzar no mar

Roxo e combater as esquadras de Meca. Foi por capitão mór d'esta armada, D. Affonso de Albuquerque, levando por companheiros os seguintes capitães: Fernão Martins de Almada, Duarte Pacheco Pereira, Pedro Vaz da Veiga, Nicolao Coelho, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço Rovasco, Diogo Fernandes Pereira e Antonio do Campo. D. Affonso de Albuquerque, tendo partido com a primeira divisão, foi o ultimo a chegar ás Indias. Vicente Sodré, tendo por missão cruzar nas costas do Malabar, tendo-se lhe reunido mais alguns navios entrou no porto de Cananor, aonde teve a noticia de como o Samorim tinha declarado guerra ao Rei de Cochim, e por isso quiz logo fazer-se de véla para soccorrer aquelle Rei, porém o Senhor de Cananor, sabendo de suas intenções, mandou-lhe dizer que não eram verdadeiras aquellas noticias, por quanto, sendo já principio do inverno, não poderia o Samorim fazer a guerra senão no fim d'elle, e por isso que achava melhor que Vicente Sodré andasse vigiando as costas da Arabia até findar o inverno. Vicente Sodré, achando rasoaveis aquellas ponderações do astuto rei, partiu logo para aquella costa, tomando em caminho algumas embarcações de *Cambaya*. Andou coisa de dois mezes no cruzamento da dita Costa da Arabia, até que os ventos do poente começando a embravecer as ondas o resolveram a buscar abrigo na Ilha de *Curia Muria* até a entrada do mez de Agosto, em que pudesse de novo e com mais segurança voltar ás Indias. Partindo d'ali finalmente

no dito mez de Agosto, foi-se encontrar nos mares indiannos com D. Francisco de Almeida, o qual como viesse bem provido de mantimentos, aprovisionou os navios de Vicente Sodré que já traziam muita gente doente por falta de mantimentos. Reunidos então estes dous valentes Capitães, seguiram caminho de Cochim, aonde foram encontrar aquelle Rei e os portuguezes no triste estado de sitio como já vimos.

O primeiro conforto que D. Francisco de Almeida déu a El-rei de Cochim. foi um rico presente que lhe mandava El-rei de Portugal, composto de numerosas baixelas para o serviço de sua meza ao modo que usávam os reis de Hespanha. Juntamente lhe dirigiu palavras de muita consolação em agradecimento dos grandes sacrificios que elle tinha feito para sustentar lealmente a boa amisade dos portuguezes. Prometteu-lhe ainda D. Francisco de Almeida não voltar mais ao reino, sem que o tivesse mettido na posse dos seus estados, ficando v ctorioso dos seus inimigos; pois que n'isso hia tambem toda a sua honra e de todos os valentes portuguezes que ali trazia em sua companhia. Em seguida mandou que Francisco de Albuquerque, ordenasse a peleja contra o exercito do Samorim. o qual houve-se n'esta missão com tanta prudencia e valor que entrando os nossos em batalha não levou muito tempo que os inimigos fossem completamente desbaratados e expulsos de Cochim e até da ilha de *Chesavapil*, aonde Nicolau Coelho matou em combate o proprio Caimal d'ella!...

Terminado este grande feito d'armas, todo aquelle territorio foi entregue ao seu legitimo dono, o qual ficou muito penhorado por tamanha retribuição de generosidade. Então D. Francisco de Almeida lembrou a El-rei de Cochim que era muito conveniente, fundar ali uma fortaleza afim de que o seu reino podesse ficar mais seguro dos exercitos do Samorim. El-rei achando justas estas considerações, mandou logo dar principio áquella obra que depois de concluida teve o nome de fortaleza de S. Thiago. Foi tambem em seguida fundada a egreja de S. Bartholomeu.

Chegando ali tambem D. Affonso de Albuquerque e sabendo que o Senhor de Repelim era um dos grandes inimigos de El-rei de Cochim, tendolhe já causado muitos damnos, ordenou logo o castigo d'aquelle potentado, mandando quinhentos soldados contra elle. Esta ousadia dos portuguezes ia-lhes custando caro, em rasão do Senhor de Repelim estar rodeado de mais de dous mil de seus Naires, todos dos mais valentes e destemidos na guerra, tendo alem d'isso uma boa frota be paraus bem guarnecidos de boa gente de peleja.

Encontrando-se os nossos com aquelles poderosos inimigos, foi travado um tão renhido combate, que pôz por algum tempo duvidosa a victoria; porem os valentes portuguezes depois de incriveis exforços romperam a linha inimiga e pondo-os em completo desbarato, ficaram senhores de todas as suas posições! El-rei de Cochim, ficou contentissimo d'aquella victoria, por saber que o Senhor de Re-

pelim tencionava tomar vingança contra elle em rasão de ser alliado e amigo do Samorim.

Fez em seguida D. Affonso de Albuquerque diversas entradas pelos rios em distancia de mais de seis leguas; e tendo sahido em terra com alguns de seus companheiros, foi surprehendido por tão consideravel numero de gentios armados de frechas, que pareciam gralhas batendo as azas por entre os arvoredos!...

Ao primeiro arremesso, cahiram ali logo dos nossos dous homens mortos, ficando uns vinte feridos!... Aquella enorme quantidade de frechas, fazia escurecer o sol como se fossem nuvens carregadas em sua frente!... Então D. Affonso de Albuquerque, cujo arrojo tinha sido demasiado, julgou com bastante fundamento, que era prudencia mandar recolher a sua gente aos bateis. E foi realmente esta deliberação que o salvou de um desastre eminente; pois logo depois de terem entrado nos bateis viram chegar muito maiores forças de gentios e todos bem armados. D. Affonso de Albuquerque mandou-os então saudar dos bateis com a sua formidavel artilheria, que os obrigou a retirar a grande distancia. D. Francisco de Albuquerque, chegou ali com sua gente para lhe proteger a retirada, porque alem d'aquelles inimigos de terra, tinham tambem chegado mais de trinta paraus de Calecutá, afim de que os nossos ficassem todos prisioneiros! Ao lado de D. Francisco de Albuquerque, vinham tambem os valentes D. Duarte Pacheco, Pedro d'Athaide e Antonio do

Campo. Com este importante soccorro, D. Affonso d'Albuquerque poz aquelles inimigos em completa derrota, sendo consideravel a mortandade que lhes causou. Os portuguezes, depois de terem ainda alcançado outra grande victoria na ilha do Cambalão, voltavam já a Cochim quando lhes appareceu de repente mais de cincoenta paraus de Calecutá, os quaes tinham sahido de um estreito que dava para o principal rio por onde os nossos navegavam. Vinham aquelles paraus bem guarnecidos de folgados e valentes mouros; mas os nossos ainda que bastante cançados de tanto pelejar, passado o primeiro impeto d'aquelles inimigos, carregaram logo sobre elles com tal valentia que dentro em pouco os puzeram em desordenada fuga pelo estreito dentro, por onde os nossos já não podiam mais penetrar!... Com mais aquella grande victoria voltaram os portuguezes a Cochim, sendo ali recebidos com grandes festas e outras mostras de alegria. Foi então deliberado em conselho dos capitães, que Antonio do Campo, fosse ao Reino, com sua nau carregada de especiaria e dar parte a El rei D. Manuel do estado em que ficavam as cousas na India.

Fez-se Antonio do Campo de véla, chegando a Lisboa a 16 de julho de 1504. No entretanto em Cochim iam luctando os nossos com muitas difficuldades para obterem carga de especiaria para os outros navios, porque a pouca que se arranjava, era sempre á custa de muito sangue generoso derramado por aquelles rios tortuosos, que mui bem

se prestavam ás emboscadas dos selvagens sempre inimigos dos portuguezes.

Por este tempo, mandou a rainha de Coulão por seus governadores offerecer aos nossos capitães, o carregamento para duas naus; partindo para lá D. Affonso de Albuquerque, sendo muito bem recebido e festejado, pelos governadores d'aquelle reino, com os quaes logo entrou em negociações, para a fundação de uma feitoria que podesse pelo menos arranjar cada anno carga para 4 naus. Terminadas estas negociações, voltou Cabral de novo a Cochim com as duas naus carregadas de especiaria, ficando ali todos os portuguezes muito contentes, com estas tão importantes negociações. Como os nossos se andassem preparando para voltar ao reino, El-rei de Cochim. expoz a D. Affonso de Albuquerque e a D. Francisco de Almeida, o perigo em que elle ficava depois de sua partida, pois que já sabia por gente da sua intima confiança que o Samorim já se estava preparando de novo para voltar com mais poderoso exercito contra o seu reino, resolvido a usar com elle de maior ferocidade.

N'esta conjunctura, foi deliberado em conselho de capitães, que ficasse ali Duarte Pacheco com sua nau, e Pedro Raphel e Diogo Pires com suas caravellas, e 100 homens de peleja alem dos 50 que estavam de guarnição na fortaleza.

Esta pequena força com alguma artilheria devia fazer rosto a todo o poder de Calecutá — Tal era o valor e o respeito, que os nossos soldados n'a-

quelles tempos infundiam n'aquellas terras do Oriente! — D. Affonso de Albuquerque, partiu finalmente para o reino, onde chegou livre de perigos, o que não succedeu a D. Francisco d'Albuquerque, que foi dar nos baixos de S. Lourenço com toda a sua gente perdendo-se todos n'aquelle naufragio!... Terminaram ali as ambições humanas, e os derradeiros desenganos d'aquelles grandes heroes, que puderam luctar em terra com tão poderosos inimigos, sem que lhes fosse dado aplacar aquellas ondas enfurecidas em que encontraram a morte sem poderem pelejar contra ellas!

O oceano é o leito da morte para todos aquelles que ousam sulcar-lhes as ondas embravecidas em um miseravel lenho!... Algum tempo antes de chegar a Lisboa D. Affonso de Albuquerque, já tinha partido para as Indias com uma nova armada Antonio de Saldanha, o qual levava por missão de cruzar nos estreitos de Meca, entre as costas d'Arabia e Guardafú; chegando depois de pequenos e varios successos á villa de Meteconde, em cujo porto entraram por convite do *Xeque*. Sahiram ali os portuguezes em terra para fazerem aguada, e tendo já tomado tres pipas, eis que são rodeados por muitos mouros que lhes tinham armado uma cilada para os hostilisar!... Os portuguezes travaram logo o combate com elles, e se houveram de tal modo e com tamanha valentia, que os derrotaram completamente dentro em pouco tempo!... Então o capitão mór Antonio de Saldanha, mandou recolher toda a sua gente e em se-

guida fez disparar toda a sua artilheria contra a aquella villa, por julgar que o *Xeque* tinha usado de falsidade urdindo lhe um laço n'aquelle convite. D'ali partiu Saldanha para a outra costa da Arabia, seguindo sempre o rumo das ilhas de *Canacany* aonde tencionava de ir invernar; porém antes de lá chegar aprisionou uma nau carregada de insenso, a qual vinha de *Xael*, e outra de mercadorias de Meca, entrando com ellas no porto de *Canacany*. Desembarcaram ali em terra para fazerem aguada, mas foram logo rodeados de muitos inimigos armados com quem tiveram de combater valerosamente e tendo elles sido desbaratados, ficaram muitos dos nossos feridos, e d'elles cinco mortos. Vendo porém o capitão mór que só poderia ali fazer aguada á custa de muito sangue, determinou passar ás Indias, cuja partida foi em dia de Santhiago.

CAPITULO V

Grandes preparativos de guerra que faz o Samorim contra o Rei de Cochim. Duarte Pacheco combate gloriosamente o exercito de Calecutá. O Samorim, depois de repetidos combates contra os portuguezes, e não podendo vencel-os, manda pedir as pazes a Duarte Pacheco, o qual lhas concede a pedido de El-rei de Cochim!

Depois da partida de D. Affonso de Albuquerque para Reino, teve o Samorim logo noticia, de que tinham ficado em defeza de Cochim unicamente uma nau e duas caravellas com aquelles poucos portuguezes, e por isso confiado no seu apparato guerreiro, e na multidão de seus soldados, julgou ser occasião opportuna, para não só destruir aquelle reino, mas ainda a todos os portuguezes com suas fortalezas e mais feitorias!

El-rei de Cochim andava muito atemorisado com aquelles grandes preparativos do Samorim, cujo exercito constava de mais de cincoenta mil homens, com muita artilheria que tinha chegado de Meca. Era tão grande já o pavor que infundia o poderoso exercito do Samorim e de seus alliados, que muitos dos naturaes de Cochim fugiam de noute para

outras terras visinhas, por julgarem infallivel desta vez a ruina de sua patria... Duarte Pacheco, notando aquelle grande pavor em que andavam os naturaes e o proprio Rei, cuidou em lhes infundir animo, dizendo a El-rei que para salvar os seus estados e pessoa elle não poria duvida em sacrificar a sua vida e a de todos os seus companheiros, pois que para outra cousa ali não tinham ficado, nem tinham agora outro amparo senão o das suas proprias armas, com as quaes muito confiava em Deus alcançar uma completa victoria contra todos aquelles soberbos inimigos.

El-rei, ouvindo estas palavras do valente guerreiro, tão cheias de fé e confiança n'aquelle que muitas vezes abate os grandes para elevar os pequenos sobre a sua decadencia, sentiu-se reanimar, e mais ainda quando notou a boa ordem com que Duarte Pacheco preparou a sua gente para a defeza

No entretanto, muitos dos naturaes iam fugindo mesmo de dia infundindo com isso um terror geral a que Duarte Pacheco buscou logo pôr um termo, aconselhando a El-rei que logo lavrasse um decreto em que fosse imposta a pena de morte a todo aquelle habitante que sahisse de Cochim sem uma ordem regia. Duarte Pacheco, para então mais animar a El-rei e aos seus subditos, tendo noticia da chegada dos alliados a Repelim, foi logo ao seu encontro com uma caravella e alguns bateis! E toda a gente que levava sua e dos naturaes, não passava então de 300 homens, sendo apenas 80

portuguezes!... O destemido capitão, mettendo-se por um estreito passo com a sua gente, foi ter a uma aldeia aonde o Samorim tinha a maior força do seu exercito; e logo desembarcando em segredo, deu de surpreza nos inimigos, fazendo lhe muitos estragos; porém ao passo que os portuguezes iam já dando signaes de victoria, os naturaes de Cochim andavam tão aterrados diante de tamanho exercito, que não tendo mais animo para combater, deixaram o campo da batalha e fugiram covardemente para os bateis, deixando aquelles 80 portuguezes a disputar a victoria!... Estes porém, vendo se d'este modo abandonados, julgaram ser mais prudente voltar aos bateis antes que aquelles covardes fugissem tambem com elles, deixando-os desse modo entregues ao furor de seus inimigos!... El-rei de Cochim, sentiu muito aquella covardia de seus soldados, que ia causando a ruina dos valentes portuguezes. Quanto ao Samorim, esse ficou muito indignado contra os seus astrologos e advinhões, os quaes lhe tinham prophetisado grandes victorias contra os portuguezes; porém elles se desculparam, dizendo-lhe que o dia em que elle tomou aquelle alojamento era um dia infeliz, e que elles não tinham sido consultados, porém que se desejava obter victorias contra seus inimigos, os devia consultar a elles primeiro, deixando de parte a sua propria vontade!... Passado pois algum tempo, por conselho d'aquelles Magos foi ordenada uma grande batalha contra os portuguezes; cujo dia escolhido por elles, foi do-

mingo de Ramos de 1504. Os nossos porém ficaram muito contentes, por ser escolhido aquelle dia de tanta solemnidade para elles, que logo tomaram aquillo por um signal de victoria contra aquelles infiieis.

Os Malabares, andavam espantados da constancia e valor dos portuguezes e diziam que elles eram como os de Malaca e Java, que matavam sem temor da morte unicamente para se vingarem!... De muito serviram aquelles dias da quaresma para fortalecer o animo dos nossos valentes soldados, pois eram tantas as difficuldades com que elles luctavam, que até já os aconselhava a prudencia para que voltassem ao Reino, pois que apesar de todo o seu valor e constancia, viam os naturaes abandonar a sua propria causa, não pondo nenhuma duvida em os entregar nas mãos do Samorim, afim de poderem comprar uma paz vergonhosa!... Em fim os alliados, com suas enormes forças, aproximaram-se do vão das estacadas, indo logo os nossos ao seu encontro para lhes vedar a entrada por aquelle sitio, então houve ali uma terrivel peleja, em que os nossos deixaram n'aquelle vão para mais de 180 inimigos fora de combate, ficando de nossa parte apenas tres feridos!... Esta victoria abateu muito os animos d'aquelles soberbos alliados que não contavam ali com tanta resistencia.

Chegando o dia de Endoenças, por determinação dos Magos e feiticeiros, mandou de novo o Samorim accommetter o passo do vão, com grande

numero de paraus, todos bem guarnecidos de boa gente; mas travada a peleja os nossos houveram-se ali com tal valentia, que 11 d'aquelles paraus foram mettidos no fundo pela nossa artilheria com morte de mais de 360 pessoas de sua guarnição!... Na quarta feira da Paschôa, tornou Samorim a mandar atacar o passo do vão, ainda por conselho dos seus Magos, mas ficou tão destroçada a sua gente por nossa artilheria, que foi obrigado a mandar retirar com perda de mais de 130 homens mortos, e mui consideravel numero de feridos!... Estas victorias aquebrantaram tanto o animo d'aquelles barbaros, que logo desertaram mais de 15 mil homens ao Samorim, com 60 paraus de remos!...

A não ser o Senhor de Repelim, com este revez o Samorim, teria logo abandonado esta contenda, mas por conselhos d'aquelle senhor, e de outros mouros principaes foi deliberado atacar-se de novo por outro logar em que pudesse toda a sua gente pelejar com os nossos, para melhor os poder destruir.

Duarte Pacheco, tendo noticia de que os alliados iam atacal-o por outro vão, que tinha a maré vazia, mandou secretamente de noute metter muitas estacas e paus tustados, para melhor lhe poder vedar a entrada por aquelle lado. Quando foi dia, chegando ali as melhores forças do Samorim, lançaram-se impetuosamente com agua pela cinta que pareciam as furias sahidas do averno!... Não tardou muito porém, que elles quebrassem o furor n'aquelles espeques mortiferos que os im-

pedia de passar ávante!... Os que vinham na rectaguarda tropeçando sobre os da frente cahiam sobre elles ficando ali muitos afogados, mas como eram muitos, passavam os vivos por cima dos mortos que lhes serviam de ponte e vinham sobre os nossos para abrir caminho ao grosso do exercito alliado!... Emquanto isto ali succedia, o Senhor de Repelim com mais de 3 mil homens tentava invadir por outro passo que ficava mais abaixo! Vendo-se então Duarte Pacheco, posto em tamanho perigo, dividiu a sua gente, para poder acudir aos dous passos, mandando ao encontro do Senhor de Repelim duas caravellas ao mando de Diogo Pires, e Pedro Rafael com mais dous paraus, ficando elle em defeza d'aquelle vão por onde attacava o principe de *Nanbeadary* com a melhor de sua gente. Durante aquelle desesperado e mortifero combate, viu-se Duarte Pacheco, reduzido ao maior dos perigos, pois foi desamparado por mais de 300 homens dos naturaes, que foram induzidos a isso por alguns mouros inimigos declarados dos portuguezes. N'aquella triste conjunctura, mandou Duarte Pacheco chamar o principe de Cochim, que estava em outro passo menos perigoso, o qual não lhe attendeu, temendo ir-se metter no perigo em que Duarte Pacheco já estava posto!...

Á vista d'este criminoso abandono, mandou Duarte Pacheco a toda a pressa pedir algum soccorro, que lhe foi logo dado em alguns bateis, os quaes dando de surpreza na retaguarda dos inimigos os puseram em grande desordem, e como logo

permitisse Deus que a maré enchesse, não poude conseguir o seu intento aquella multidão de barbaros que já contava a victoria como certa!

Então Duarte Pacheco vendo-se seguro por aquelle lado, foi com alguns bateis em soccorro das caravellas, e com a sua chegada foram desbaratados os inimigos que ainda pelejavam por aquelle passo! Da parte dos nossos houve alguns mortos e muitos feridos, porèm dos inimigos ficaram nos dous passos para mais de 650 fora de combate!... Depois d'esta grande victoria alcançada pelos nossos, estava o Samorim fugitivo em um palmar que ficava da outra banda do rio, quando viu com grande assombro cahir a seus pés 9 homens de sua guarda que uma bombarda de nossas caravellas, para ali bem dirigida matou instantaneamente!... Era um d'elles dos mais nobres do seu reino, o qual n'essa occasião lhe estava chegando o *betel!*... Por este tão arrojado feito dos p. rtuguezes, ficou o Samorim tão indignado contra os seus feiticeiros que esteve a ponto de os mandar matar, em rasão de lhe terem promettido n'aquelle dia uma completa victoria, tendo em logar d'ella um grande destroço na sua gente!... Alem d'este revez, ainda lhe veio outro maior, invadiu-lhe o exercito uma tão grande epidemia que os doentes não duravam mais do que tres dias, e em menos de tres mezes que ella durou, perdeu para mais de 6 mil soldados!... Foi então tal o assombro que começou a reinar no seu acampamento, que centenares de soldados já lhe desertavam de noute ás escondi-

das, e o proprio Samorim andava tão consternado, que nem sabia mais dar-se a conselho; e foi n'esta conjunctura que os seus Magos e feiticeiros, julgaram occasião opportuna para reconciliar-se de novo com elle, e ganhar melhor a sua confiança. Disseram-lhes elles, que tudo aquillo, foi castigo dos Deoses, em rasão de elle Samorim não lhes ter levantado um templo, como lhes havia promettido, porém que elles Magos os aplacariam; e quanto ao mais que descançasse por que havia de alcançar grandes victorias contra os portuguezes, pois que já tinham arranjado uns pós para os cegarem a todos na occasião do combate. Com estas novas imposturas, muito folgaram os mouros, porque já receavam muito aquella desanimação dos soldados. Trouxeram ainda aquelles Magos ao Samorim um homem industrioso, que tinha inventado uns castellos de madeira para destruir as nossas caravellas. Alem d'estas estrategias, ainda lhe apresentaram outra de maior alcance, a qual consistia em dar aviso aos mouros de Cochim, para que elles lançassem peçonha nas aguas de que os nossos bebiam, por que d'esse modo seriam todos destruidos sem combate!...

Animado então o Samorim por estes e outros tramas de seus Magos e feiticeiros, julgou conveniente ir pondo tudo aquillo em pratica.

Duarte Pacheco, depois de tão assignaladas victorias que Deus lhe havia concedido, voltou para junto da nau, mostrando-se bastante sentido com aquella covardia dos naturaes e por causa do prin-

cipe não ter attendido ao seu chamado quando se viu n'aquelle tamanho perigo. El-rei ao saber d'aquelle resentimento, veio logo com o principe ao seu encontro a pedir-lhe desculpa, dizendo-lhe que aquella gente que o tinha abandonado no meio do perigo era quasi toda dos *Caimães*, e que já tinha mandado inquerir do facto, para proceder contra elles. Disse-lhe mais, que muito lhe agradecia tantos trabalhos e sacrificios que tinha passado por seu respeito, pois que só ao seu valor e de seus valentes soldados devia a posse dos seus estados.

Estes agradecimentos e desculpas applacaram aquelles justos resentimentos do nosso heroico capitão: voltando d'ahi a tres dias a visital-o, foi com grande magua que lhe expoz aquelles ardís que o Samorim ia pôr em pratica para ver se por esse meio melhor poderia alcançar a victoria contra os portuguezes. Mais lhe tinham informado os seus espias, que o Samorim tinha mandado buscar todos os elefantes adestrados na guerra, para com elles poder melhor romper pelo passo do vão, servindo elles como de escudos á gente de sua vanguarda!... Duarte Pacheco buscou ainda d'esta vez tranquilisar el-rei, dizendo-lhe que tudo aquillo não era mais do que invenções proprias para atemorisar o povo de Cochim, porque quanto aos portuguezes não era gente para se acobardar diante de alguns elefantes. O Samorim, logo que viu os seus castellos promptos, ficou tão contente d'elles que poz de lado os demais artificios, julgando, aquellas ma-

quinas sufficientes para destruir a todos os portuguezes. Duarte Pacheco tambem mandou logo formar castellos ligeiros, sobre as caravellas para combater com os do Samorim. Por este tempo era tamanho o terror que já dominava o povo de Cochim, que a maior parte d'elle já tinha fugido para o sertão!...

Terminando finalmente o Samorim todos aquelles grandes preparativos, veio sobre Cochim, mui soberbo e confiado nos seus castellos; chegando deante das nossas caravellas com a sua frota composta de mais de duzentos paraus, guarnecidos de mui grande numero de frecheiros, mandou formar linha de combate. Sobre 8 d'aquelles paraus vinham os famosos castellos, o terror de todos os habitantes de Cochim!... Este era o dia da Conceição de Nossa Senhora, e os nossos soldados por este motivo estavam cheios de fé e muito animados para o combate! Emfim aquella linha de paraus inimiga, formando uma meia lua, tentava destruir os nossos em um abraço de ferro, quando a nossa artilheria começou a disparar sobre elles com tal furia, que parecia abalar a terra e o mar nos seus fundamentos!... O fogo, era similhante aos relampagos em noute escura e a metralha era qual as lavas de um vulcão!... Os famosos castellos do Samorim, logo que ficaram envolvidos n'aquelle denso fumo, não puderam prestar mais aquelles grandes serviços que tanto promettiam; porque só dous puderam chegar até ás nossas caravellas, e esses mesmos foram logo despe-

daçados pela nossa formidavel artilheria!... Os paraus, eram destruidos ao mesmo tempo, e as aguas já andavam coalhadas de nadadores, que trabalhavam com incriveis esforços para poderem salvar as vidas!... Por toda a parte já eram destroços dos inimigos, e o Samorim andava tão abatido e quebrantado com esta nova derrota, que logo mandou recolher os fragmentos de sua grande armada, indo elle por conselho de seus Magos e feiticeiros fazer penitencia a uma mesquita emquanto o seu exercito tomava algum descanço!... Depois d'isto, reuniu o Samorim a todos os Magos e mais homens nobres do seu reino. e houve um accordo com os seus alliados, para que se mandasse pedir as pazes a Duarte Pacheco!... Então o heroico Duarte Pacheco a pedido de El-rei de Cochim concedeu as pazes pedidas por aquelles grandes potentados do oriente que armados de tão poderoso exercito não tinham podido vencer um punhado de valentes portuguezes!... A este tempo chegou ali Lopo Soares, que tinha partido de Portugal por capitão mor de uma grande armada, que ainda poz em maior confusão aquelles inimigos!...

CAPITULO VI

Chega Lopo Soares a Calecutá, e depois de bombardear aquella cidade, vae sobre Cananor, e dá combate a duas grandes naus, desbaratando tambem os naturaes d'aquella terra. Voltando Lopo Soares a Portugal, encontra em Panane uma poderosa esquadra moura, e travando com ella um medonho combate, deixa-a afinal aniquillada pelo incendio!

Lopo Soares, sahiu do Tejo com a sua considevavel armada a 22 de Abril de 1504, Chegando a Calecutá, foi logo visitado por *Coge Biquy*, a fim de se tratarem as pazes em nome do Samorim, mas Lopo Soares logo lhe disse que antes de entrarem em outras condições, lhe haviam de ser entregues os dous gregos que o Samorim tinha já promettido de entregar sem ter ainda cumprido aquella promessa.

Coge Biquy, vendo porém que Lopo Soares se firmava n'aquella dura condição, sem querer ouvir mais rasões logo se despediu d'elle dizendo-lhe que El-rei e os principaes de seu conselho, já o tinham por suspeito nas cousas de Portugal, e por isso que nada mais podia dizer a tal respeito!

Então Lopo Soares, conhecendo que não havia

sinceridade da parte do Samorim, mas que tudo aquillo eram delongas e cautellas, mandou chegar perto de terra 6 naus das mais pequenas, com ordem de bombardear toda a cidade; cuja ordem foi logo executada, durando aquelle terrivel bombardeio por espaço de dous dias; sendo taes os estragos, que veio a terra parte do *Cerame* Real!... Lopo Soares, depois de ter d'este modo castigado todas aquellas artimanhas do Samorim, partiu para Cochim, aonde se encontrou com Duarte Pacheco como já vimos no capitulo antecedente.

El-rei de Cochim, no dia seguinte ao da sua chegada, foi-o visitar, mostrando muita alegria por ter chegado ao seu reino tão importante soccorro. Tiveram uma longa conferencia em que El-rei contou a Lopo Soares, como teve a noticia pelos seus caminheiros de terra, dos grandes estragos que elle tinha causado em Calecutá, matando ali muita gente e derrubando grande quantidade de casas, ficando o Samorim muito consternado por estes revezes. Lopo Soares fez-lhe entregue das cartas que lhe mandava El-rei D. Manoel, agradecendo-lhe os grandes sacrificios que elle tinha soffrido para sustentar a boa amisade dos portuguezes. Accrescentou, mais Lopo Soares, que trazia ali aquella armada de mando de seu real amo para pôr á sua disposição, afim de lhe ser restituido tudo quanto tivesse perdido por seu respeito.

A isto respondeu El-rei de Cochim, que julgava bem pouco perder os seus estados só por alcançar aquella tão valiosa amisade de seu irmão El-rei de

Portugal!... E disse mais que os damnos que tinha, recebido n'aquella guerra não eram maiores do que os dos seus inimigos, sendo os trabalhos da defeza dos seus estados, menos dos seus subditos do que dos portuguezes; e que por isso, se dava de tudo por bem pago e satisfeito. Com estas e outras palavras de amisade, se despediu El-rei de Lopo Soares, o qual mandou acompanhal-o por Antonio de Saldanha com alguns bateis embandeirados com muitas trombetas e guarnecidos de mui luzida gente para fazer as honras áquelle sincero amigo dos portuguezes. Decorrido algum tempo, pedio El-rei a Lopo Soares para mandar algumas forças contra Cananor, em rasão de ter recebido muitos damnos d'aquelle alliado do Samorim, que ainda continuava em hostilidades contra os seus estados. Lopo Soares que já estava bem informado de quanto era perigosa aquella visinhança, determinou ir elle proprio contra Cananor, cuja partida foi tão em segredo, que não tiveram tempo os mouros de Cochim para avisar os inimigos. El-rei de Cochim tambem mandou por terra a seu sobrinho com alguns nayres e muitos frecheiros; e quando Lopo Soares, teve noticia d'aquella partida do principe, demorou-se á espera d'elle em certa paragem, porém como elle viesse mui vagarosamente, quando chegaram todos a Cananor, já ali eram esperados com grandes preparativos de guerra!... Então, o primeiro feito d'armas que praticaram os nossos, foi um ataque a duas naus do capitão *Maymamé*, as quaes estavam guarnecidas de muito

boa gente de guerra, porém foi tal o valor com que foram abordadas pela vanguarda dos nossos capitães, que dentro em pouco foram entradas e vencidas, havendo durante o combate alguns mortos e muitos feridos de parte a parte. Como o principe de Cochim atacasse então por terra, buscaram tambem os nossos dar um desembarque, o que conseguiram a muito custo por já estar toda aquella praia guarnecida de inimigos. Eram tão bastas ali as frechas, que os nossos não podiam atinar com o caminho; porém logo que chegaram a bote de lança, os nossos besteiros abriram larga passagem pondo em debanda aquella multidão de mouros, que se foram recolher a uma povoação visinha, sendo ainda d'ali desalojados e perseguidos! Tal foi o arrojo com que se bateram os portuguezes n'aquella grande batalha!

Depois d'esta grande victoria, voltaram os nossos a Cochim com 35 zambucos e muitos paraus. Ordenou em seguida Lopo Soares, que fossem cinco naus a Coulão para ali serem carregadas de especearia em rasão de Antonio de Sá ter mandado aviso de nossa feitoria. Logo que voltaram aquellas naus, preparou-se Lopo Soares para voltar a Portugal, deixando em defeza de Cochim e das nossas feitorias, Manoel Telles Barreto com 4 navios menores guarnecidos de alguma gente valerosa. Despedindo-se Lopo Soares de El-rei, partiu a 26 de dezembro, e ao chegar a Panane, sahiram-lhe ao encontro 20 paraus bem artilhados, os quaes começaram logo a hostilisar os nossos, e

quando avistaram o grosso da nossa esquadra, fingindo temel-a logo se foram recolher para dentro do rio, aonde estava uma grande esquadra moura composta de muitas naus de linha. Esta estrategia, tinham elles feito em rasão d'aquelle rio ser muito estreito e as nossas naus não poderem entrar n'elle sem muito risco, por causa de virem muito carregadas e na entrada haver uma fortaleza capaz de as metter a todas no fundo!... Os mouros, n'esta conjunctura, estavam seguros da primasia que tinham sobre os nossos, e mesmo julgavam a nossa armada perdida se tentasse forçar a entrada do rio. Porém Lopo Soares, que nunca esmoreceu diante dos maiores commettimentos; deliberou em conselho de seus capitães, que duas caravellas e 15 bateis, fossem com 360 homens forçar a entrada d'aquelle rio, e pelejar com a poderosa esquadra dos mouros!... A primeira caravella que accommetteu a entrada do rio, foi a de Pedro Raphael, a qual sendo alcançada pela artilheria do baluarte ficou muito damnificada e com muita gente ferida; buscando desviar-se de tamanho perigo, foi encontrar-se com uma alterosa nau que a varejou tambem com muitas frechas e zarguchos!... A outra caravella de Diogo Dias, indo tambem ao alcance do baluarte, logo lhe foi morto o marinheiro que ia ao leme, e como então ficasse desgovernada, foi dar em um baixo!... De modo que estas duas caravellas ficaram inutilisadas sem poder prestar soccorros aos bateis!...

Lopo Soares á vista d'este desastroso aconteci-

mento não lhe soffreu mais o animo, mandou tocar todas as suas trombetas guerreiras, e ao som d'ellas, e ao grito de S. Thiago, chamando por seus companheiros, foi logo atracar o seu batel a uma alterosa nau de mouros!... Em seguida todos os demais bateis foram aferrar cada um com sua nau, sem terem em nenhuma conta aquella grande desporpροção de forças, pois aquellas naus estavam bem guarnecidas de valentes defensores, que de cima sorriam para aquella grande temeridade dos nossos, como quem contava a victoria como certa!... Estando Lopo Soares no empenho de aferrar á primeira, eis que uma bombarda lhe mata logo um homem que estava ao seu lado, ferindo-lhe mais quatro!... Tristão da Silva que era um dos que mais se esforçava para poder escalar uma outra nau, foi logo derrubado e mortalmente ferido!... Pedro de Mendonça e Antonio de Saldanha tambem foram repellidos desastrosamente!... Manuel Telles e Duarte Pacheco, esses afferraram a nau chefe com muito trabalho e valentia, pois tinha ella uma formidavel guarnição de turcos dos mais experimentados na gnerra. Duarte Pacheco e seus companheiros, fizeram ali taes proezas de valor, que aquelles mouros tão aguerridos, em vista d'aquelles prodigios espantosos, julgaram que só lhes poderiam escapar lançando-se nas aguas!... Ainda alguns dos nossos bateis se esforçavam por afferrar as naus, quando de repente se viu o fogo ateado em todas ellas!... De que modo foi lançado aquelle incendio, não se poderá dizer ao certo,

mas o que não soffre duvida é que aquellas naus foram todas devoradas por elle!... Morreram da parte dos nossos n'aquella terrivel peleja 23 homens, ficando uns 70 feridos. Lopo Soares, recolhendo sua gente ás naus, partiu para Cananôr, seguindo depois pelas escalas do costume até Moçambique, indo encontrar nas alturas do cabo um forte temporal, que lhe extraviou algumas naus, as quaes se lhe foram juntar na Ilha Terceira, d'onde partiu com toda a sua armada para Lisboa.

CAPITULO VII

Entrada solemne de D. Affonso de Albuquerque em Gôa, indo em seguida pôr cêrco á fortaleza de «Benesfy», da qual se apodera. Voltando a Gôa, Albuquerque recebe ali as propostas de paz do Principe de Galecutá, e os embaixadores do Prestes João das Indias, do Rei de Ormuz, Siam Pegú, e de outros mais potentados do Oriente.

Chegando D. Affonso de Albuquerque, com uma nova expedição ás Indias. fez seguir as suas menores embarcações para a frente da cidade de Gôa, deixando as naus de alto bordo á entrada da barra. Em terra, foi muito festejada a sua chegada, fazendo ali um letrado um eloquente discurso, em que foram tecidos muitos elogios a Portugal e aos seus heroicos filhos. Terminados aquelles grandes festejos, o capitão da cidade fez entrega das chaves d'ella a D. Affonso de Albuquerque, o qual seguiu d'ali para o templo acompanhado por todos aquelles maioraes, a dar graças a Deus pela sua feliz chegada áquella cidade.

Depois de ter posto todas as cousas em boa ordem, Albuquerque determinou ir pôr cêrco á fortaleza de *Benesfy*, tanto por terra como por mar.

Ao chegar perto da dita fortaleza, foi surprehendido por 200 mouros de cavallo, os quaes eram seguidos de mais de quatro mil de infanteria!... Quando ainda D. Affonso de Albuquerque tratava de encorporar a sua gente, os inimigos aproximaram-se tanto, que os portuguezes sem mais ordens nem demora, gritaram: A elles! a elles!... Ainda tentou o prudente Albuquerque mettel-os em boa ordem, mas já era tarde para o conseguir sem maiores perigos, e n'esta conjunctura, tratou de os animar para o combate, e dando então sobre aquelles barbaros, foi tal o arrojo com que os accommetteram, que não levou muito tempo que os não pozessem em completo desbarato!... Foram então perseguidos pelos nossos até aos muros da fortaleza, e não podendo entrar todos ao mesmo tempo, deixaram os cavallos do lado de fóra, fechando logo as portas por dentro com medo que os portuguezes entrassem juntamente com elles!... Mandou logo D. Affonso de Albuquerque rodear a fortaleza, e o primeiro que a escalou foi Tristão de Athayde, dando depois a mão a outros mais esforçados cavalleiros que já o seguiam· Tentando os nossos porém, forçar uma porta que estava tapada de novo no chão do baluarte, começaram os mouros de cima a lançar-lhes fogo de alcatrão e panellas de polvora ardente, e azeite a ferver, e com tudo o mais que tinham á mão!... Áquelle perigoso logar acudiram logo: Pedro de Mascarenhas, Duarte de Mello, Ayres da Silva, Lopo Vaz de Sampaio, Manoel de Lacerda, Ruy Galvão, João Machado e outros valero-

sos Fidalgos. Como não houvessem escadas, e os nossos tivessem apenas uma porta para poderem penetrar, os mouros carregaram tanto sobre elles a ponto de lhes causarem bastantes damnos; morrendo ali o bravo Diogo Corrêa, que tinha sido capitão de Cananor, e Jorge Nunes de Leão, ficando mui ferido, Lopo Váz de Sampaio, Manoel de Lacerda, Ruy de Galvão e outros dos mais valentes capitães. Vendo então D. Affonso de Albuquerque que o estrago era consideravel em sua gente, sem esperança de bom resultado, deu ordem para a retirada. No dia seguinte notou Albuquerque, que, entre as difficuldades que havia para tomar aquella fortaleza, a maior d'ellas era a estacada que atravessava o rio, impedindo de se poder atacar por aquelle lado; pois que alem da estacada ser muito larga tinha um forte baluarte guarnecido de formidavel artilheria! Em vista d'esta prevenção dos inimigos, de qualquer lado que os nossos atacassem, tinham sempre a luctar com grandes perigos! N'esta conjunctura houve conselho dos Capitães, e todos foram de parecer que se devia investir contra a fortaleza ao mesmo tempo, tanto por mar, como por terra; tratando-se logo dos preparativos, mandou-se uma caravéla e um outro navio penetrar pelo passo secco do lado de Gôa a Velha.

Tristão de Miranda em a nau S. Pedro, e mais outra caravéla e dois navios todos bem artilhados e guarnecidos de escolhida gente, seguiram com as bombardeiras a investir contra a estacada. N'esta manobra se perdeu um navio, salvando-se a gente,

e para o substituir, mandou logo D. Affonso de Albuquerque um dos grandes bateis com alguma artilheria, e apezar da grande resistencia dos mouros, á força de cabrestante, poderam os nossos tirar tantas estacas, que pelo desvão, poude então penetrar a caravéla de João Gomes, a qual esperou n'aquelle arriscado logar que chegassem outros navios pelo lado opposto, os quaes se approximaram a muito custo em rasão da artilheria do bazalisco lhe fazer muito damno. Então os nossos trabalharam ali heroicamente até de noite, fazendo com os machados mui admiraveis proezas, amarrando grossos cabos de linho ás estacadas, e logo que a maré fez erguer mais os nossos navios, começaram a suspender grande quantidade d'aquellas estacas, por cujo desvão, fizeram entrar todos os navios, indo-se todos collocar em frente da fortaleza, aonde já tinham chegado tambem a caravéla e o batel de João Gomes!... Vendo porém então o destemido D. Affonso de Albuquerque, coroados os seus desejos por este supremo esforço de seus homens do mar, partiu pelo lado de terra á tésta de quatro mil homens contra aquella fortaleza, levando n'esta expedição os valentes D. Garcia de Noronha, Pedro de Mascarenhas, Manoel de Lacerda, Antonio de Saldanha, Jorge de Albuquerque, Pedro de Albuquerque, Jorge da Silveira, Francisco Pereira Pestana Garcia de Sousa, Gaspar Pereira, Diogo Mendes de Vasconcellos, Lopo Váz de Sampaio, Jeronimo de Souza, Ruy Galvão, Gonçalo Pereira, Francisco Pereira Berredo, Anto-

nio Ferreira, Antonio de Sá, João Fidalgo, Ruy Gonçalves, alem de muitos outros Fidalgos, cavalleiros e criados d'El-rei, tudo lusida gente e muito adestrada em armas. D. Affonso d'Albuquerque dividiu esta força em dois corpos, tomando elle o commando de um, e dando o do outro a D. Garcia de Noronha. Chegando elles distante da Cidade meia legua fizeram alto, por ser quasi noute, partindo na madrugada do dia seguinte, assentar o seu arraial em frente da fortaleza inimiga. Como de dia se não podesse assentar toda a artilheria nos logares convenientes, logo que foi noute mandou D. Affonso de Albuquerque assental-a por detraz de um baluarte erguido com pipas cheias de terra, distante trinta passos da muralha, cujo baluarte não custou pouco a erguer aos portuguezes, porque os mouros logo que sentiram trabalhar n'estas obras, descarregaram para ali toda a sua artilheria, causando-lhes serios embaraços; não obstante, quando foi de manhã toda a fortaleza inimiga estava já cercada de nossa artilheria!... Logo que foi dado o signal do ataque, os navios que já estavam no rio defronte da fortaleza, começaram a despejar sua grossa artilheria contra ella; e a gente de terra investiu contra os muros, buscando pical-os por todos os lados!... Esta lucta durou por alguns dias sem resultado! Os ares já estavam enegrecidos pelo fumo e o fogo da artilheria dos dous lados, era semelhante ao fuzilar que precede o estampido do trovão! E tudo aquillo já parecia mais um grande vulcão despedindo lavas de fogo

ardente do que outra cousa!... E no entanto era então mais o damno que recebiam os nossos do que os inimigos, por estarem ao abrigo de suas muralhas. D. Affonso de Albuquerque, vendo aquella tão tenáz resistencia da fortaleza inimiga, ordenou a mudança de um baluarte, para um outro lado da muralha perto do rio, e logo aos primeiros tiros, conheceu D. Affonso de Albuquerque ser aquelle lado o mais vulneravel, o que muita alegria causou logo em todo o arraial. Então os mouros temendo tamanho perigo, logo trataram de fortificar aquella parte ameaçada, ordenando em seguida uma sortida de mais de duzentos homens escolhidos, para quando fosse noute cahirem sobre o nosso baluarte com o fim de se apoderarem de toda a süa artilheria e munições de que elles muito careciam. Feita em fim aquella sortida na hora determinada, deram sobre os nossos com tal impeto, que os puzeram em grandes embaraços, ao que acudindo logo Pedro de Mascarenhas, com os seus capitães, os obrigou outra vez a recolher á fortaleza com a mesma ligeireza com que tinham avançado! D. Affonso de Albuquerque para que não fosse outra vez surprehendido de noute, mandou accrescentar os baluartes, e fazer-lhe na frente uma cava para melhor segurança. Já n'este tempo sentiam os mouros falta de mantimentos e outros petrechos de guerra, porque os nossos navios lhes impediam que lhes chegassem da terra firme; e d'estas faltas logo tiveram os nossos conhecimento, cobrando então grandes esperanças

de mui breve poderem vencer aquella fortaleza. O Governador mouro *Roztomocan*, vendo que a sua forteleza estava já muito damnificada da parte do mar, entrou em conselho com os seus principaes, afim de se fazer alguma proposição de paz aos portuguezes; e como ali todos fossem concordes n'isso, foi logo arvorada uma bandeira do lado em que atacava D. Garcia, o qual assim que a viu, mandou logo Bastião Rodrigues saber o que significava aquelle signal, voltando Bastião d'alli a pouco com um recado de *Roztomocan* em que pedia treguas por alguns dias, para que n'esse meio tempo podesse entrar em negociações de paz, as quaes muito aproveitariam a Elrei de Portugal e ao Hidalcão seu senhor. Levou então D. Affonso de Albuquerque essas proposições ao seu conselho, havendo ali muitos pareceres contrarios áquellas treguas, alegando a maior parte que *Rostomocan*, só buscava tempo para poder reparar as muralhas da fortaleza que já estavam abaladas; e por causa d'esta maioria de opiniões, foi despachada a seguinte resposta: Que *Roztomocan* entregaria logo a fortaleza com toda a artilheria, cavallos e transfugas, pois que se assim o fizesse poderia partir com toda a sua fazenda. Respondeu então *Rostomocan* que entregaria a fortaleza e tudo o mais alegado, mas quanto aos transfugas, só os entregaria com a condição de lhes serem poupadas as vidas.

Este ajuste de pazes foi concluido já quasi ao anoutecer, e devia ser posto em execução quando fosse ao romper do dia, porém *Rostomocan* fugiu

durante a noute, muito em segredo para a terra firme com todas as suas mulheres e fazendas, mandando depois dizer a D. Affonso de Albuquerque. que assim determinara, por não ter animo de assistir á entrega dos transfugas.

Os principaes mouros da fortaleza, quando foi pela manhã, confiados na palavra de D. Affonso de Albuquerque, abriram as portas da fortaleza; mas quando os nossos começaram a entrar os mouros da baixa classe, atemorisados, começaram a fugir, lançando-se a nado para poderem ganhar a terra firme, afogando-se porém n'essa occasião muitos d'elles!...

D. Affonso de Albuquerque á vista d'este desordenado acontecimento, mandou logo lançar pregões por toda a fortaleza, para que todo aquelle que fugisse fosse castigado com pena de morte, e que seriam dadas embarcações a todos aquelles que quizessem partir com suas fazendas; e todo aquelle que lhes fizesse o menor damno, seria punido tambem de morte. Então os mouros suspenderam a fuga, e sendo postos a salvo, ficaram os portuguezes senhores d'aquella rica fortaleza com todos os seus petrechos de guerra, a qual depois de bem reparada foi entregue a um de nossos melhores capitães, tirando d'esse modo todas as esperanças ao inimigo de se poder tornar apoderar d'ella Depois d'este grande feito de armas, voltou D. Affonso de Albuquerque a Gôa, mandando seu sobrinho D. Garcia de Noronha a Cochim, com os mais plenos poderes para o despacho de todas as especiarias.

Em Goa, recebeu D. Affonso de Albuquerque proposições de paz do principe de Calecutá, isto por conselho, do Samorim, que já tinha visto como D. Affonso de Albuquerque se tinha feito senhor das cidades de Malaca e de Gôa! D. Affonso de Albuquerque, tambem ali recebeu um embaixador do Prestes João das Indias, e outro do Rei de Ormúz, e muitas outras cartas e presentes da maior parte dos principes de todo o Oriente! O proprio Rei de Sião e do Pegú, lhe mandaram por essa occasião embaixadores!... Foi esse anno o de mais prosperidade e gloria para Portugal, que viu com orgulho nacional curvarem-se ao seu poder quasi todos os potentados do Oriente!

Além de muitos navios carregados de especiarias, tambem chegavam ao reino muitos presentes para El-rei D. Manuel com requerimentos de paz, taes foram do Prestes João das Indias, do rei de Ormúz, do de Sião, e tambem do Pegú, de Narsinga, do Hidalcão, do de Cambaya, de Melique Az, Capitão de Dio, e até o poderoso e soberbo Samorim, mandou pedir a paz e amisade, ao venturoso rei de Portugal! Tal era o assombro e o respeito que tinham causado as victorias do grande D. Affonso de Albuquerque!...

CAPITULO VIII

Partida de D. Affonso de Albuquerque para o estreito do mar roxo. Repetidos ataques á cidade de Adem. E' vista no céu uma cruz resplandecente, D. Affonso de Albuquerque cheio de fé, e seus companheiros, se prostam respeitosamente diante d'aquelle signal celeste. Volta D. Affonso de Albuquerque diante de Adem, e depois de bombardear aquella cidade segue para Malaca, ordenando a Simão Paes de ir bater a fortaleza de Pate-Quetier.

Depois de póstas em boa ordem todas as cousas em Gôa, determinou D. Affonso de Albuquerque passar ao mar roxo com vinte vélas de sua frota; e para isso elle chamou a todos os seus capitães para lhes fazer sciente de todas as suas determinações, que eram fundadas nas ordens que lhe tinha dado El-rei D. Manuel. Mostrou-lhes a conveniencia de se fechar o estreito do mar roxo, para ficarem d'esse modo as Indias em maior segurança contra os Rumes. Todos os capitães aprovaram esta determinação, e em vista de tal conformidade, partiu D. Affonso de Albuquerque no dia seguinte que eram 18 de fevereiro de 1513. E com pequenos e varios successos chegou finalmente a Adem, que fica na escala do levante, com muito boas fortificações e mui rica de commercio; acha-se situada na

margem de um rio e com bôa artilheria para sua defeza.

Quando ali chegou D. Affonso de Albuquerque, era governador d'aquella cidade um Xeque, a quem intitulavam o rei-Hamed, o qual passava a maior parte do tempo no sertão, isto por trazer guerra com um de seus visinhos, que era o rei de Saná; e por tal motivo tinha elle deixado no seu logar o capitão Miramirzan, o qual resolveu defender aquella cidade sem dar audiencia a D. Affonso; mas este que logo notou as disposições guerreiras do referido capitão, deliberou fazer immediatamente um reconhecimento, que conseguiu levar ao cabo depois de bastante trabalho, em rasão de estar o mar muito agitado. Reuniu em fim toda a sua gente em um só corpo, e foi com ella accommetter a fortaleza por um lanço da muralha que corria ao longo do mar. Esta força era composta de uns 1:400 homens, indo n'esta expedição, os distinctos capitães: D. Garcia de Mascarenhas, D. João de Lima, D. João de Eça, Jorge da Silveira, D. Duarte de Mello, Ayres da Silva, Manuel de Lacerda, Garcia de Sousa, Diogo Fernandes de Beja, Antonio Raposo, João Gomes, Lopo Váz de Sampaio, Fernão Gomes de Lemos, Simão de Andrade, Ruy Galvão, Pedro de Affonseca Castro, e Simão Velho.

Ordenou D. Affonso de Albuquerque, que João Fidalgo com 600 homens escolhidos, fosse tomar o alto da cidade ao longo da muralha para lhe cortar d'esse modo todas as communicações que ella tinha por aquelle lado com a terra firme, impe-

dindo assim os barbaros que já marchavam em seu soccorro. Desembarcaram no entanto as nossas forças sem grande difficuldade, em razão dos mouros estarem fortificados por detraz dos muros para melhor ali se defenderem, evitando d'esse modo os estragos que lhes podesse causar a nossa artilheria. Vendo então os nossos capitães que a gente dos bateis demorava o desembarque das escadas, e não lhes soffrendo o seu grande animo tanto vagar, se metteram logo dentro da agua e foram aos bateis tirar as escadas com grande esforço, dizendo em altas vozes: «Aos muros... aos muros!» E com tal presteza ergueram as escadas aos muros, que não se pôde saber ao certo qual foi o primeiro! Porém estando já muitos sobre as escadas, eis que ellas partiram de repente ao pezo de tão ousados combatentes!... Os mouros apenas notaram esta catastrophe dos nossos, correram logo ao longo da muralha lançando por sobre elles pedras, paus, alcatrão, enxofre ardente e até cortiços de abelhas em fogo tambem ardente! Concertadas á pressa as escadas, voltaram logo os nossos guerreiros de novo ás muralhas, mas como todos queriam subir ao mesmo tempo, as escadas tornaram outra vez a quebrar! Houve então muito atropelo, ficando ali muitos feridos n'aquella desesperada porfia! N'esta conjunctura, D. Affonso d'Albuquerque, para remediar este desastre, mandou os alabardeiros de sua guarda sustentar as escadas com suas alabardas; porém como o peso fosse ainda muito, as escadas ainda tornaram a quebrar na

maior desordem! D'esta vez não só os alabardeiros ficaram bastante contusos, como os escaladores cruelmente feridos nas pontas das alabardas!

Triste scena era esta em que todos porfiavam em morrer sem gloria entre os pedaços d'aquellas velhas escadas que já não podiam supportar o peso de tamanha valentia!

Agora tinham ficado sobre os muros uns 50 homens dos mais esforçados, os quaes foram derrubando todos os mouros que encontravam por aquelle lanço!

D. Affonso de Albuquerque ainda mandou amarrar os fragmentos d'aquellas escadas para que elles podessem descer, mandando ao mesmo tempo destampar uma bombardeira ao réz do muro, seguindo logo por ella alguns besteiros, os quaes abriram pelo lado de dentro um grande espaço para dar logar a que os de cima viessem em seu auxilio. Os mouros diante de tanto arrojo e valentia dos nossos, recuaram mettendo-se pelas tranqueiras das ruas, com o fim de poderem d'esse modo dividil-os.

A este tempo appareceu *Miramirzan* a cavallo, com muitos outros valentes cavalleiros, os quaes cahindo de repente sobre os nossos os pozeram em grande perigo, por causa de serem poucos e não poderem ali suster a cavallaria dos inimigos, sendo forçados a retirar sobre as bombardeiras, que já lhes não foi possivel transpôr! Vendo então os mouros que os nossos eram tão poucos, e que já lhes não poderiam mais fugir, logo buscaram darlhe a morte: porém temendo chegar-se a elles, pelo

modo desesperado com que os nossos se dispunham para a defeza, mandou *Miramirzan* buscar muita palha para os queimar vivos! Estando pois já a palha em volta d'elles, mandou-lhe pôr o fogo, o qual começou logo ardendo em altas labaredas, fazendo muita fumaça, a ponto de se não verem mais uns aos outros!...

N'esta triste conjunctura, notando os nossos que poderiam tirar vantagem d'aquella grande escuridão, foram logo seguindo vagarosamente ao longo da muralha para não serem presentidos dos mouros, que já os julgavam devorados pelo fogo que tinham ateado áquella palha! Chegando porém elles ao sitio em que estava do lado de fóra D. Affonso de Albuquerque, pegaram os sãos nos feridos ás costas e puzeram-se a salvo pelos fragmentos das escadas que lhes foram então lançados! No fim de 4 horas de porfiado batalhar, teve D. Affonso a prudencia de mandar recolher toda a sua gente ás náus, porque depois da enchente da maré lhe seria mais penosa a retirada.

Os mouros não molestaram os portuguezes em razão de sua retirada ser em muito boa ordem e elles terem ficado mui quebrantados com aquelles repetidos assaltos. Manuel de Lacerda. foi ainda accommetter um baluarte dos mouros que durante o combate tinha hostilisado bastante os nossos navios.

Entrado o baluarte por Lacerda, apoderou-se ali de 33 bombardas de ferro que lançavam pelouros de um palmo de diametro! Reuniu-se então o conse-

lho dos Capitães á cerca do que mais convinha fazer relativo a Cidade de *Adem*; e posto que muitos eram ali de parecer que se tornasse a commetter com mais vigor aquella fortaleza, não foi contudo desse numero D. Affonso de Albuquerque, que lhes disse estar chegado o tempo de entrar no levante, e que por esse motivo não convinha que ali se demorassem mais tempo, pois que ainda mesmo quando fosse tomada aquella Cidade, não poderia deixar nella uma guarnição suficiente para a defender de todo o poder dos mouros, e por isso achava conveniente adiar-se o Castigo do Xeque para outra occasião.

E como as opiniões deste grande Capitão erão sempre acolhidas com muito respeito, não houve mais divergencias entre elles, partindo em seguida para o estreito com toda aquella armada. Não levando todavia piloto para tão perigosos mares, mandou D. Affonso de Albuquerque a uma terra de pilotagem buscar um; com o qual foi depois João Gomes e 20 de seus companheiros em sua náu, para ir diante a descobrir toda a Costa.

Foi pois aquelle piloto guiando a náu de João Gomes, e todos os outros navios a foram seguindo para um porto que fica a entrada do estreito do lado da Arabia. D. Affonso de Albuquerque para festejar este successo mandou logo embandeirar todos os navios e disparar a maior parte de sua artilheria, isto por ser elle o primeiro a entrar naquelles mares á tantos seculos occultos a christandade!..

Passados 2 dias, tornou-se a fazer de-véla com sua frota, chegando ao outro dia á vista das Ilhas de *Gibel-socor* e Camarão, aonde foi forçado a deter-se em rasão de lhe terem acalmado de todo os ventos, e por este motivo se demorou ali 7 dias podendo no fim d'elles partir para o mar largo, aonde logo encontrou ventos tão contrarios, que o obrigaram a voltar áquellas Ilhas aonde teve de demorar-se mais 22 dias!.... Quando elle se tornou a fazer ao mar largo, foi visto do lado do poente uma cruz no céu, de côr vermelha, muito resplandecente do tamanho de uma braça quadrada!...

Á vista d'aquelle prodigio, todos cahiram por terra de joelhos em grande respeito áquelle signal celeste. D. Affonso de Albuquerque, erguendo então as mãos ao céu, exclamou cheio de fé: «O' signal da nossa redempção e de nossas victorias espirituaes e temporaes, e ornada com o preciosissimo sangue de Jesus Christo; nós te confessamos e adoramos, pedindo-vos que por mar e por terra sejaes a nossa segurança e a nossa defensora.» E todos que ali estavam a seu lado, ouvindo aquellas palavras, derramaram muitas lagrimas cheios de fé e de verdadeira e pia devoção! Depois d'isto, rompeu um brado de todas as naus:

Gloria a Deus!... Então D. Affonso de Albuquerque, mandou tanger todos os instrumentos bellicos, e disparar toda a artilheria de suas naus em demonstração de alegria, por lhe ter apparecido no céu aquelle signal divino.

Os incredulos, poderão formar aqui os commen-

tarios que lhes aprouver, mas o que é certo, é que o dito signal muito animou a todos os nossos homens do mar, que já andavam muito desanimados com aquellas contrariedades do tempo que os impedia de seguir a sua viagem.

Em fim, puderam partir dali para *Adem*, e apesar de estar desta véz mais bem fortificada, mandou D. Affonso de Albuquerque que fosse de novo hostilisada a quella Cidade se não entregasse os 5 homens que tinham lá ficado prisioneiros da outra vez. Foi logo mandado recadó ao Xeque para que entregasse os ditos homens, mas como elle se recusasse a faze lo, mandou D. Affonso abrir fogo contra todas as náus inimigas que estavam fundiadas n'aquelle porto, sendo ao mesmo tempo bombardeada a fortaleza, cujo bombardeio lhe causou muitos estragos. E tendo deste modo D. Affonso castigado o Xeque de Adem, partiu a 4 de agosto com toda a sua armada para as Indias indo surgir diante da Cidade de Diu, aonde Melique *Az* senhor então daquella Cidade o recebeu com muito agrado, mandando-lhe uma grande quantidade de refrescos, ao que D. Affonso d'Albuquerque, respondeu com palavras de agradecimento permitindo depois disto, que alguns Capitães fossem, á Cidade para visitarem o Melique *Az* e para melhor se informarem da Cidade, o que não poderam conseguir em razão do manhozo Melique ter o cuidado de só lhes mostrar os seus armazens cheios de bôas armas e de melhor artilheria e munições de guerra! D. Affonso de Albuquerque, em vista dos grandes offerecimentos que lhe fez Me-

lique para todos os negocios de especiaria, resolveu deixar ali um feitor com mais alguns companheiros, e uma nau carregada de mantimentos. Depois de uma entrevista apparatoza com Melique *Az*, partiu D. Affonso de Albuquerque por Chaúl para Gôa, aonde soube logo depois de sua chegada ter vindo ás Indias uma nova armada em que vinha por Capitão mór João de Souza Lima; partindo então para Calecutá aonde conseguiu consolidar as pazes com o novo Samorim, seguindo depois dali para a cidade de Malaca.

Tendo-se depois resolvido em conselho dos capitães, combater-se a fortaleza de *Pate-Quetier*, foi logo nomeado Fernão Peres, para pôr em pratica aquella arrojada empreza, destruindo o poder do Jau que era grande inimigo dos portuguezes. Nesta conformidade partiu Fernão Peres com outros capitães, e chegando em frente daquella fortaleza, notou que grande quantidade de Juncos bem artilhados, formavam um baluarte formidavel, estando tambem a cidade já bem provida de todo o necessario para a sua defeza ! Investir pois de rosto, seria temeridade de mais, por isso desviou-se um pouco Fernão Peres, e foi desembarcar a sua gente em um só corpo mais ao longo da Cidade, indo logo ao seu encontro uma partida de Jaus que tinham sahido de um palmar visinho; os quaes apenas os nossos investiram contra elles, se retiraram bem depressa aos ditos palmares ! Estando porém já os nossos muito distantes do rio, eis que de repente foram surprehendidos por uma força mui consideravel, que os pôz

em grande perigo ; porém passado aquelle primeiro abalo, deram os nossos sobre os inimigos com tal valentia e afouteza, que os metteram a todos outra vez pelo palmar dentro, fugindo a maior parte delles para dentro da fortaleza ! O terreno era ali muito alagadisso, e em volta da fortaleza havia um laberintho com grandes levadas, cavas, e paliçadas de madeira, por onde os mouros andavam muito á sua vontade como se fosse em um campo plaino ! Os portuguezes porém, carregados de suas armas, quando davam algum salto, chegavam a cahir dentro daquellas cavas ! A este tempo Fernão Peres, tendo á força de constancia e de coragem, despejado a primeira cerca, mandou atear fogo a um lanço da fortaleza, e logo que aquella parte começou a arder, desviou-se um pouco então com sua gente, mandando bombardeal-a por todo aquelle dia, e retirando-se no outro para Malaca.

Deixaremos aqui de descrever alguns acontecimentos, por serem de pouca importancia, e o nosso fim ser o de tornar esta obra apreciada e lida pela importancia dos principaes factos, por já termos experiencia de que as obras historicas se tornam enfadonhas e pouco lidas quando relatam com prolixidade os menores acontecimentos, e isto se dá mesmo com as obras dos mais abalisados historiadores !...

CAPITULO IX

Hácem-Allé, recebe em Ormúz D. Affonso de Albuquerque com mui grandes honras, recebendo d'elle ricos presentes. É concedida uma licença para os portuguezes fundarem ali uma fortaleza. D. Affonso de Albuquerque recebe tambem valiosos presentes do Xeque Ismael. Chega ás Indias Lopo Soares. Morte do grande D. Affonso de Albuquerque em frente da barra de Gôa.

Corria o anno de 1514 e D. Affonso de Albuquerque ainda permanecia nas Indias, quando de Lisbôa partiu Christovam de Brito por capitão mór de 5 naus; chegando a Gôa no mez de setembro do dito anno. Por este tempo tinha D. Affonso de Albuquerque ordenado que Luiz d'Antas fosse a Cambay buscar especiarias para algumas naus, emquanto Garcia de Noronha, obtinha em Cochim tambem algumas para as outras. Depois de ter ordenado estas cousas, partiu finalmente o grande Albuquerque para Ormúz com sua poderosa armada aonde chegou a 26 de março do anno de 1515. Veio ali logo visital-o Hacem-Allé da parte de El-rei de Ormúz, trazendo lhe alguns presentes e refrescos; havendo n'esta occasião uma longa pratica, em que Hacem indagou minuciosamente das cousas da India e dos

usos e costumes de Portugal e dos mais estados da christandade. N'esta conferencia foram renovados os contratos, que D. Affonso de Albuquerque tinha feito com o fallecido Rei Coge-Atar. Findo este concerto, presenteou Albuquerque a *Raer-Nór-dim*, um dos da comittiva, dando-lhe uma rica cabaia de brocado, e lançando-lhe tambem ao pescoço um lindo collar de contas do valor de mais de 100 cruzados. A um seu sobrinho, deu outra cabaia de setim carmezim, com botões de ouro em toda a frente. Déu mais a Hacem-Allé cinco covados de escarlate e mais cincoenta cruzados em dinheiro. Para El-rei de Ormúz, mandou um rico collar de ouro, todo esmaltado primorosamente, e mandou egualmente uma linda bandeira das quinas de Portugal, para que elle a mandasse arvorar nos seus palacios, tornando d'este modo mais publico este concerto de paz.

Terminada esta solemne ceremonia, voltaram á cidade, *Nardim* e *Hacem*, com grandes festas, mandando n'essa occasião D. Affonso de Albuquerque disparar toda a artilheria, indo a maior parte dos bateis acompanhar aos embaixadores de El-rei de Ormùz, com muitas trombetas. El-rei mandou responder com a sua artilheria de terra, e logo que teve a bandeira portugueza, mandou arvoral-a no seu palacio, saudando-a então com novas salvas de sua artilheria! Para a fundação de nossa fortaleza, partiram de nossas naus muitos operarios, em guarda dos quaes foi D. Alvaro de Castro e Antonio de Azevedo.

Tomaram em breve muito incremento aquellas obras, e logo que foram os portaes abertos, foi D. Affonso de Albuquerque com todos os seus capitães. e ao chegar ali exclamou erguendo as mãos: «Senhor, assim cómo entrastes em Jerusalem aonde fostes recebido como rei e verdadeiro Messias, permitti que possamos entrar n'esta fortaleza em nome de El-rei D. Manoel, em cujas armas elle traz em memoria de vossas cinco chagas o signal da fé e da obediencia. Permitti pois, que o vosso santo nome possa ser aqui venerado, já que nos destes a posse d'esta fortaleza sem uma só gotta de sangue derramado.»

Foi em seguida ali muito festejado aquelle acontecimento; indo depois d'isto Albuquerque para uma grande casa a que chamavam o madraçal, indo os demais capitães e gente de armas para outras casas que estavam dentro das tranqueiras. Recebe ali então D. Affonso de Albuquerque uma grande embaixada diante da nossa fortaleza, cuja embaixada é do Xeque Ismael, o qual lhe manda ricos presentes, sendo o embaixador recebido com esplendor diante dos paços de El-rei de Ormùz que ficavam perto da dita fortaleza. Foi erguido ali um rico estrado em frente da fortaleza, todo guarnecido de veludo carmesim e ouro, e dos lados muitas almofadas de brocado com todos os seus pertences para tão solemne ceremonia. Estando pois tudo preparado para receber o embaixador, assentou-se D. Affonso de Albuquerque em uma rica cadeira, ornado de ricas vestes, e todos os demais

capitães e Fidalgos, tendo por ordenança uns 600 homens todos bem armados, os quaes estavam ao longo da praia, em grandes alas, por onde devia passar o embaixador. Em volta do estrado havia muita gente lusida e bem armada, e seguia-se lhe grande multidão de povo natural d'aquella cidade. Pelas janellas dos paços reaes de Ormuz, estavam todos os governadores e Mires em grande gala; pois são estes os homens mais nobres d'aquelle reino.

Chegou finalmente o embaixador acompanhado por D. Garcia de Noronha e outros Fidalgos e Cavalleiros, caminhando na frente dous homens a cavallo, trazendo cada um d'elles uma onça mansa, sendo logo seguidos de muitos cavallos, cobertos de mui ricas saias de malha. Atraz dos cavallos vinha então o presente, que era composto de muitas joias de ouro, peças de brocado de seda e pedras torquezas ainda em bruto, o que tudo montava a um valor de mais de tres mil cruzados de nossa moeda. As joias eram conduzidas em salvas de prata por alguns homens. Então atraz de tudo isto vinha o embaixador a par de D. Garcia de Noronha; os quaes vinham tambem seguidos de muitas trombetas e tambores da nossa armada. Logo que chegou este sequito em frente da nossa fortaleza, disparou toda a artilheria de mar e de terra. Chegando finalmente o embaixador ao pé do estrado de D. Affonso de Albuquerque, este se levantou e ambos fizeram muitas cortezias um ao outro, cada um a seu modo e usança, assentando-se em se-

guida, dando então o embaixador duas cartas a D. Affonso de Albuquerque, sendo uma para elle e outra para El-rei D. Manoel. Terminada que foi aquella ceremonia, ordenou Albuquerque que o embaixador fosse descançar da fadiga d'aquella jornada, em uma casa que já para elle estava preparada, indo então em sua companhia D. Garcia de Noronha, e precedidos da mesma pompa de que tinham vindo acompanhados.

Logo que teve logar a segunda entrevista, foram ali tratados os negocios mais importantes dos dois estados, indo depois na companhia d'este embaixador Fernão Gomes de Lemos senhor de Trofa, para representar El-rei D. Manuel junto ao Xeque Ismael, levando em sua companhia mais 15 pessoas notaveis, os quaes foram todos bem recebidos d'aquelle grande potentado. Andando D. Affonso de Albuquerque ainda terminando a nossa fortaleza, foi assaltado de uma grave enfermidade que o levou ao ultimo extremo da vida, isto em rasão de elle se ter entregado mais aos negocios de El-rei, do que aos cuidados de sua propria saude! O proceder d'este grande capitão era o excesso da exemplar virtude dos heroes do seu tempo!... Vendo-se elle proximo da eternidade, mandou chamar a todos os capitães, permittindo tambem que o viessem ver todas as pessoas do povo; e logo que todos estiveram presentes, expôz-lhes o perigo em que estava a sua vida, e porque sua idade era já avançada não podia esperar o restabelecimento de sua saude, e por isso emquanto Deus lhe dava

ainda algum tempo, muito desejava nomear um successor que o podesse dignamente substituir no serviço de El-rei; esperando que essa nomeação fosse acceita por todos, como feita por quem tinha já grande experiencia dos homens e das cousas da India.

No fim d'esta curta pratica, todos estavam ali cheios de respeito e de compaixão, dizendo que estariam por tudo quanto elle fizesse em nome de El-rei D. Manuel. Então Albuquerque nomeou a Pedro de Albuquerque, seu sobrinho. Antes de passar ás Indias como lhe foi aconselhado pelos medicos, ainda ali veio visital-o El-rei de Ormúz, o qual ficou muito sentido ao vêl-o tão doente e em vesperas de sahir do seu reino. Na tarde d'esse mesmo dia se fez de véla D. Affonso de Albuquerque para as Indias, encontrando a pouca distancia, uma nau, e como ella passasse perto da sua, intimou-lhe com authoridade que lhe viesse fallar, tanto o capitão como o piloto, e logo que elles chegaram teve uma larga conferencia com elles, por intermedio do seu lingua, pois a nau era de mouros.

Durante a conferencia, notou Albuquerque que o lingua ficava com o semblante carregado por certa tristeza que lhe tinham causado as palavras dos mouros, e por isso logo lhe perguntou qual a causa d'aquella tristeza, ao que lhe respondeu o lingua, que certas cousas que lhe contavam os mouros o entristeciam e que não tencionava dizer-lh'as para que se não aggravasse a sua enfermidade. Então D. Affonso de Albuquerque lhe impôz sob ju-

ramento aos Santos Evangelhos, para que lhe não occultasse nada do que lhe tinham dito aquelles mouros; pois que agora tudo desejava saber, e por mais cruel que fosse essa noticia, não a receberia com grande sobresalto, por já estar bem desenganado do mundo!... Então lhe disse o lingua, que aquelles mouros vinham de Diu, e que já tinham chegado á India 12 naus de Portugal, vindo n'ellas por capitão mór e governador de todas as Indias, Lopo Soares, e para maior justificação lhe foram apresentadas as cartas do embaixador do Xeque Ismael, pelas quaes entrou D. Affonso de Albuquerque no conhecimento dos grandes poderes que trazia aquelle capitão. Terminada que foi a leitura das cartas, exclamou D. Affonso de Albuquerque:

«Lopo Soares por capitão mór das naus e governador de todas as Indias!... Sim, é elle e não podia ser outro! Porém Diogo Mendes e Diogo Pereira, que eu mandei presos para o reino por grandes culpas que haviam commettido, torna-os El-rei meu senhor a mandar, um por capitão da feitoria de Cochim, e outro por seu secretario! Tempo é pois de eu deixar o mundo e de entregar-me a Deus!... Fico mal com El-rei por amor dos homens, e mal com os homens, por amor de El-rei!....»

Chegando elle á barra, aonde tanto desejava chegar, sentiu-se mais abatido e mais contrariado, em rasão dos grandes poderes que trazia Lopo Soares; ainda assim, confiado na grandeza dos seus serviços, quiz antes da sua morte escrever a El-rei

D. Manuel, o que conseguiu fazer com as lagrimas nos olhos!... A carta foi a seguinte: «Senhor, esta é a derradeira, que com os soluços da morte escrevo a vossa alteza; de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto, pela ter livre da confusão d'esta derradeira hora, e muito contente sempre na occupação do seu serviço. N'esse reino, deixo um filho de nome Braz de Albuquerque, o qual pesso a vossa alteza que o faça tão grande como meus serviços o merecerem. Quanto ás cousas da India, ellas fallarão por mim.»

Apenas terminou esta carta, cahiu em tal abatimento, que o padre fr. Domingos, vigario geral, começou logo a preparar-lhe a alma para a eternidade!... Foi a 16 de dezembro de 1515 pelas 5 horas da manhã que este grande capitão desceu carregado de serviços á morada eterna, tendo 63 annos de idade, e estando sempre em seu perfeito juizo, até aos seus ultimos momentos. Como desejasse muito ir bem com Deus, pediu que lhe rezassem a paixão de Christo de quem elle era muito devoto. N'esse mesmo dia, foi o seu corpo tirado da nau em um *Catele* coberto de brocado, e almofadado para a parte da cabeça. O seu corpo foi vestido com um habito branco da ordem de Santiago, de que elle era commendador, levando todas as insignias da mesma ordem. Em volta do pescoço, tambem levava uma beca de veludo. Os seus olhos ainda meio abertos, davam a todo o rosto uma certa magestade com que tanto respeito infundia em sua vida!... Chegando finalmente a

terra o corpo d'aquelle illustre finado, foi ali recebido pelo capitão da cidade D. Gutterre Monray e por todos os fidalgos e mais gente do povo; sendo depois conduzido pelos fidalgos debaixo do palio, e era tanto o pranto, de todos que o acompanhavam, que os frades de S. Francisco e mais clerigos o não poderam encommendar!...

Os gentios Canarys, vendo aquelle rosto descoberto com tanta magestade de sua pessoa, e o respeito que lhe davam aquellas brancas e compridas barbas, tambem o prantearam a seu modó, e commoviam tambem a todos que ali estavam; vendo-se por muito tempo as lagrimas em todos aquelles olhos. No meio de tantos prantos, foi este grande heróe supultado na capella de Nossa Senhora da Serra, que elle proprio tinha alli mandado edificar. Era D. Affonso de Albuquerque, filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, senhor de Valle Verde e de D. Leonor de Moraes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Athaide, primeiro conde de Atouguia. Á primeira vista parece que El-rei D. Manuel commetteu uma grande injustiça para com este grande servidor do estado, mas depois de uma madura reflexão se pode conhecer, que não houve idéa de offender os brios d'este notavel heroe que tão respeitado tornou o nome portuguez n'aquellas longinquas partes do Oriente! D. Manuel, em vista de uma carta que elle lhe havia escripto, ácerca do estado de sua tão precaria saude, cuidou logo em substituil-o, para que elle podesse voltar ao reino, a restabelecer sua saude; mas não permittiu Deus

que assim acontecesse, por lhe destinar maiores premios ás suas virtudes. N'esta conjunctura mandou El rei D. Manuel ás Indias a Lopo Soares, homem muito estimado na côrte, o qual já lá tinha ido por capitão mór na expedição de 1504, merecendo por tudo isso a sua confiança. Esta nova expedição, compunha-se de 13 naus guarnecidas por 1:500 homens de peleja, entre os quaes iam muitos fidalgos e cavalleiros e outras pessoas distinctas, não contando a marinhagem.

Lopo Soares, levava por companheiros os seguintes capitães: Simão da Silveira, D. Gutterre de Monray, Christovão de Tavora, Alvaro Telles Barreto, Francisco de Tavora, Pedro Lourenço de Tavora, D. João da Silveira, Jorge de Brito e Alvaro Barreto. Partiu esta expedição de Lisboa a 7 de abril de 1515. Chegando Lopo Soares a Cochim, foi ali recebido por aquelle rei com bastante frieza, tendo-o em pouca conta em razão de elle ir substituir ao grande D. Affonso de Albuquerque de quem elle era um grande amigo, pois Albuquerque era dotado de um caracter ameno e tão agradavel, que deixava penhorados a todos que tinham a felicidade de tratar com elle, porque a todos deixava contentes de sua pessoa! Era Lopo Soares pelo contrario de um caracter severo, não sabendo dobrar-se ás conveniencias politicas, cujos defeitos sempre prejudicam aos que governam, sem com isso ganharem mais respeito de sua pessoa! Por este motivo El-rei de Cochim pouco satisfeito das entrevistas que tinha com Lopo Soares, dizia aos officiaes de nossa

feitoria : — Lopo Soares trata-me á sua vontade, e por isso eu faço a minha, na feitoria de El-rei de Portugal. D. Affonso de Albuquerque andava á minha vontade, e por isso elle fazia quanto queria no meu reino.—Pouco satisfeito Lopo Soares, com os despachos deste rei, voltou a Gôa, depois de passar por Calecutá, aonde teve uma conferencia com o Samorim, seguindo d'ali para Anquidiva, d'onde mandou D. Aleixo de Menezes por capitão mór de algumas vélas, ás costas da Arabia, em descoberta da armada dos mouros, para ir depois invernar em Ormuz.

Lopo Soares, chegando a Gôa demorou-se ali o tempo necessario para os despachos da cidade, voltando depois a Cochim, d'onde mandou Fernão Peres de Andrade em demanda da China. Passado o inverno, partiu Lopo Soares para o estreito do mar roxo, em busca da poderosa armada do Soltão, levando uma frota de 37 vélas entre naus de alto bordo, Galés e Galeotas. Chegou á ilha de Cocorato em 20 dias, aonde tomou lenha e fez aguada, partindo em seguida para a cidade de Adem, aonde foi ali recebido pelo capitão Miramirzan, com grandes festas, lembrando-se talvez das investidas feitas á sua cidade, pelo destemido e valeroso D. Affonso de Albuquerque. Mandou Miramirzan entregar a Lopo Soares, as chaves da cidade, mandando-lhe dizer, que muito desejava conserval-a em nome de El-rei de Portugal. Lopo Soares, depois de agradecer ao mouro aquella cortezia, e receber os refrescos que lhe mandou de terra e 4

pilotos para o guiar no estreito do mar roxo, despediu-se d'aquelle potentado, e partindo para o seu destino, destruiu no caminho algumas naus de mouros. Apezar do fogo dos bazaliscos, que estavam na margem do rio, apoderou-se de um formidavel Galeão do Capitão Raéz-Soleimão; e depois de 11 dias de bloqueio áquelle estreito, se pôz á véla para a ilha Camarão, seguindo d'ali para a cidade de Zeilá, principal porto do reino d'Adel na Costa d'Africa, voltando depois para Adem. Lopo Soares, julgando ter aquella Cidade em obediencia a El-rei D. Manoel, logo que ali chegou conheceu os enganos de Miramirzan, por que aquella ceremonia não tinha sido mais do que um disfarce, para melhor se poder fortificar!

N'esta conjunctura, Lopo Soares julgou prudencia não perder mais tempo diante d'aquella fortaleza, poupando d'esse modo a vida de seus companheiros, e o provimento de sua artilheria, que tudo seria ali consummido sem um resultado definitivo; por isso passando ao lado da Cidade de Barbora, foi entrar no porto de Ormuz, para dar os despachos á sua armada.

CAPITULO X

Parte Lopo Soares de Gôa para Ceilão, aonde consegue fundar uma fortaleza, tornando depois aquelle reino tributario a Portugal. Fernando Peres de Andrade, vae em demanda de Cochim, entra nos portos de Pacem, Sumatra, Sião, e Cantão. Feito espantoso de cinco portuguezes.

No correr do anno de 1517 El-rei D. Manoel, confiado na capacidade e nos relevantes serviços de Antonio de Saldanha, resolveu mandal-o n'esse anno, ás Indias por capitão mór de uma armada, que devia cruzar nas costas da Arabia e mais portos do mar roxo. Foram tambem por capitão n'esta expedição, D. Tristão de Menezes, Affonso Henriques, Manoel de Lacerda, Fernão de Alcaçova, Pedro Quaresma. Chegou ás Indias Antonio de Saldanha a 17 de setembro do referido anno de 1517.

Chegaram ali tambem por esse tempo D. Aleixo de Menezes e Lopo Soares, que se encontraram juntos em Gôa. Tomadas ali algumas disposições, determinou Lopo Soares, partir para a Ilha de Ceilão, que fica entre os rios Indio e Ganges denominada pelos antigos, *Taprobana.*

El-rei D. Manuel, tendo noticia da fertilidade d'esta Ilha, que era d'onde procedia todo o commercio da canella, ordenou a Lopo Soares que fosse á dita Ilha estabelecer pazes e amizades, e deligenciar a fundação de uma fortaleza que podesse servir de garantia ao nosso commercio.

Partiu pois n'esta conformidade Lopo Soares com duas naus bem apparelhadas e com 700 homens de armas, o qual chegando ao porto de Columbo depois de ventos mui contrarios, logo mandou recado a El-rei de Ceilão, fazendo-lhe sciente da causa de sua vinda e os grandes desejos que tinha El-rei D. Manoel de fundar em seu reino uma fortaleza. Mas tendo noticia d'isto os mouros que eram os naturaes inimigos dos portuguezes, logo começaram a fomentar intrigas contra elles para demover a El-rei de tal consentimento!

João Flores, o nosso enviado tinha exposto ao rei, a conveniencia do estabelecimento d'aquella fortaleza, cuja permanencia ali seria a garantia de sua pessoa e reino; porque El-rei de Portugal se obrigaria a defendel o dos seus inimigos. O rei accedeu a todas aquellas proposições, porém os mouros e os naturaes, logo se opposeram á sua vontade!... N'esta conjunctura, não tardou muito, que a titulo de defender as margens do rio, fossem aquelles mouros e naturaes, levantar trincheiras aonde os nossos tencionavam fundar a fortaleza, collocando ali á pressa algumas bombardas de ferro, guarnecidas de muitos frecheiros para as defender.

Lopo Soares, vendo estes preparativos que se faziam em terra para o receber, formou conselho de seus capitães, e ali foi deliberado, que visto ser contrariada a vontade de El-rei, era de justiça fazer-se um desembarque contra todos aquelles rebeldes. No dia seguinte pelá manhã poz Lopo Soares a sua gente em terra, sem impedimento dos inimigos, os quaes não tiveram então animo de os vir aggredir no seu desembarque; mas por detraz de suas bombardas elles se julgavam em boa segurança. Os nossos logo que tiveram ordem de atacar o baluarte, despresaram o estrondo das bombardas! Correram á porfia, a ver qual seria o primeiro a chegar sobre as estancias!... Travou-se então uma lucta assombrosa, em que muitos dos nossos, pagaram ali com a vida a sua nobre dedicação! A fumaça da artilheria tinha já formado uma basta escuridão, e os nossos repetiam os assaltos, semilhantes ás furiosas ondas do mar!... Afinal ouviu-se um grito de Alarme entre os mouros, mas esse grito era o signal do triumpho dos portuguezes, os quaes tendo já transposto a estancia a ferro frio se hiam tambem apoderando do baluarte, pondo os inimigos em uma fuga desordenada, os quaes sendo já perseguidos de perto e vendo Lopo Soares que não convinha perseguil-os em maior distancia, mandou logo tocar as trombetas a recolher. Foi então recolhida toda a artilheria inimiga a bordo de nossas naus, e no dia seguinte fez Lopo Soares novo desembaque para fundar a fortaleza, sendo ali logo colocada

uma parte de nossa melhor artilheria para defeza d'aquellas obras.

Quando El-rei de Ceilão, viu o desbarato de sua gente, que pela maior parte ficou morta e ferida, e os nossos, senhores do baluarte, fez conselho com os seus naturaes, sem dar mais credito aos mouros, sendo ali deliberado que se buscasse a paz e a amisade com Lopo Soares, afim de se poder evitar novas aggressões. N'esta conjunctura pois, mandou logo El-rei um de seus governadores, com muitas desculpas, accusando os mouros que o tinham demovido do intento que sempre tivera de acceitar a paz e amisade do muito alto e poderoso Rei de Portugal; por isso agora lhe pedia as ditas pazes, consentindo elle de sua parte em tudo quanto Lopo Soares lhe tinha proposto concernente a fundação da fortaleza! N'essa occasião mostrou-se Lopo Soares bastante offendido pelo procedimento pouco digno de ter consentido que os mouros e naturaes, viessem contra elle com mão armada, em cujo conflicto muitos portuguezes ficaram feridos e outros mortos; mas que ainda assim elle estimava mais a paz do que a guerra, e por isso que pelas offensas que tinham feito á bandeira de El-rei de Portugal, lhe impunha por condição, de ficar elle por vassallo do seu real amo, tomando a bandeira portugueza como homenagem á sua pessoa, cuja bandeira se fosse offendida, tanto elle como seus vassallos receberiam o castigo d'aquelle quebramento de fé. Partiu logo o embaixador de El-rei de Ceilão com estas condições, e tornou a vir e a

voltar por algumas vezes, até que El-rei de Ceilão se resolveu finalmente a ficar vassallo de El-rei D. Manuel com um tributo de trezentos bahares de canella por anno, que prefaz em peso portuguez, mil e duzentos quintaes. Ainda ficaria aquelle rei pagando mais o tributo de doze aneis de rubins e safiras de suas pedreiras, e mais 6 elephantes para o serviço de nossa feitoria de Cochim, o que tudo seria pago cada anno ao capitão da nossa fortaleza que ali estivesse, ou a quem o governador das Indias mandasse. De sua parte El-rei de Portugal e seus successores, se obrigariam a amparar e defender sua pessoa e reino de todos os seus inimigos, como ao mais fiel de seus vassallos.

Concluido que foi este tratado, com mais algumas condições de menor importancia, foi dada a copia aos contratantes. Apenas foram concluidos estes actos solemnes, mandou Lopo Soares, concluir a nossa fortaleza, a qual foi concluida e baptisada com o nome de Nossa Senhora das Virtudes. Chegou ali tambem por este tempo João da Silveira com todos os navios com que tinha ido ás ilhas maldivas, e Lopo Soares pela grande confiança que n'elle depositava, deixou-o n'aquella capitania com a gente necessaria á sua defeza; e ficando tambem por capitão mór d'aquelles mares, Antonio Miranda de Azevedo, com 4 vélas. Estando tudo assim prevenido, partiu Lopo Soares para Cochim.

El-rei D. Manuel convencido das grandes riquezas da China, cujas informações lhe tinha mandado

o grande D. Affonso de Albuquerque, determinou de lá mandar uma armada composta de 4 vélas sob o commando de Fernão Peres de Andrade, o qual seguindo a sua derrota, chegou a Pacem, capital do reino de Sumatra, sendo ali recebido com grandes honras, e partindo a 12 de agosto de 1516, encontrou porém tempo tão contrario, que foi obrigado a passar á costa do reino de Chompa, indo ali todas as embarcações a uma povoação fazer aguada e receber refrescos e mantimentos.

Voltou então Peres de Andrade à costa da terra firme, que corre de Malaca para o reino de Sião; e tocando em Nantó, chegou á cidade de Cantão quasi no fim de setembro do referido anno de 1516. O governador da cidade, mandou logo um recado a Fernão Peres, dizendo que se espantava muito de elle ter praticado tres cousas á entrada de sua cidade: a primeira era de ter entrado sem licença dos governadores, a segunda ter mandado despejar a sua artilheria, e a terceira de ter mandado arvorar a sua bandeira. A este recado respondeu Fernão Peres: que trazia de Pio de Nantó, ordens para entrar n'aquella cidade, pois que para isso lhe tinha dado pilotos que ali trazia em seus navios; quanto as outras cousas, em todas as partes em que navegam os portuguezes, é de costume fazel-as sem que lhes tenha isso sido vedado por ninguem. No dia seguinte entraram com grandes festas na cidade os principaes governadores d'ella, os quaes logo se reuniram para dar audiencia a Fernão Peres, mas este em seu logar mandou o feitor

da armada bem acompanhado de gente e vestido de grande gala, levando muitas trombetas em sua frente; apenas chegou ao caes, foi ali recebido pelos principaes da cidade, que logo o levaram á presença dos governadores, a quem elle expôz o fim da sua embaixada, dizendo-lhes como El-Rei de Portugal desejava ter paz e amizade com El-rei da China, para o que lhe trazia cartas e presentes, com ordem para as entregar com os presentes aos governadores de Cantão, para que elles o encaminhassem á côrte do dito rei aonde deveria ficar até á volta de Fernão Peres, capitão mór d'aquella armada.

Ouviram os governadores com muito acatamento ao embaixador, e em seguida responderam com palavras de muita alegria, dizendo: que muito folgaria El-rei da China com aquella embaixada, por ser ella de um rei tão famoso do ocidente; e que se Fernão Peres, trazia mercadorias poderia fazer a commutação quando quizesse. Fernão Peres, depois de alguma permanencia n'aquelle porto, e tendo já estabelecido diversas relações de commercio e amisade, resolveu-se a partir, mas antes de o fazer, mandou lançar pregões pela cidade, em que declarava: se houvesse alguma pessoa que tivesse queixas dos portuguezes, ou que lhes devessem alguma cousa, que viesse logo á sua armada para receber a sua divida ou reparação. Este proceder de Fernão Peres, foi muito louvado de todos na cidade, dizendo os naturaes que os portuguezes eram homens de muita verdade e justiça. Partiu final-

mente Fernão Peres com toda a sua frota pelos fins de setembro de 1518.

Tendo El-rei D. Manuel ordenado que os Governadores da India, só ficassem n'aquelle governo tres annos, e Lopo Soares já tivesse o seu tempo terminado, resolveu mandar ás Indias Diogo Lopes de Sequeira com uma boa armada, a qual depois de ter tocado nas escalas do costume, Chegou a Gôa no dia 8 de setembro, aonde se demorou poucos dias, por ter a noticia de que Lopo Soares ia partir para Ceilão e quando chegou a Cochim, já elle tinha partido, mas por consideração á sua pessoa não quiz occupar o palacio dos governadores, ficando em casa de Lourenço Moreno em quanto não voltasse Lopo Soares de Ceilão, o qual Lopo Soares seguiu para o Reino, em 20 de Janeiro de 1519, com 9 naus carregadas de especiaria. Tendo por este tempo as forças de Garcia de Sá desbaratado as do rei de Brintam, cuidou igualmente em castigar os tyrannos de Sumatra, para cujo fim, preparou uma nau, dando o commando d'ella a Manoel Pacheco, com o fim de impedir a entrada de todas as naus inimigas que ali fossem com mercadorias. Partiu pois Manoel Pacheco para este commettimento, começando por aprisionar quantos juncos de pescadores demandavam os portos de *Pacem* e *Achem*, e isso só com um batel que para esse fim trazia mui bem equipado. Quanto ás naus estrangeiras, obrigava-as a arribar a Malaca, mettendo no fundo a todas aquellas que lhe faziam resistencia. Tal era aquella guerra de de-

saggravos que se fazia áquelles tyrannos! ·Como houvesse falta de agua foi o batel buscal-a tripulado por alguns malayos com 5 portuguezes para sua guarda! Eram elles: Antonio de Véra, Antonio Peçanha de Albuquerque, Francisco Gramaixo, João de Almeida Quintella, e mais o barbeiro da náu, que não temos noticia do seu nome. Todos estes portuguezes, eram já bem conhecidos por seu valor, não sendo facil aos inimigos se apoderarem do batel, o qual entrou em um rio distante de Pacem uma legua, aonde foi fazer aguada; porém quando já se preparava para voltar á nau, eis que vem sobre elle um chuveiro de frechas arremessadas por alguns mouros que se tinham conservado de embuscada, vindo apóz elle até ás margens do rio para darem tempo a que chegassem de Pacem tres lanchas que se preparavam para aprisionar o batel com os portuguezes. Eram porém já tantas as frechas sobre os nossos, que lhes valeu cobrirem-se com suas adargas, para não ficarem ali todos mortos!

N'esta triste conjunctura, apenas a maré os favoreceu, seguiram ávante á força de remos, mas as tres lanchas de mouros quando isso haviam conseguido já vinham a mui pouca distancia, principalmente a da vanguarda que levava o batel quasi alcançado.

Trazia cada uma d'estas lanchas 150 homens de peleja bem armados, trazendo por capitão d'elles o chefe de esquadra de Elrei de Pacem, de nome Rajá-Sudamccy. Os nossos quando se viram tão

longe de sua nau, sem esperança de socorro, sem mais poderem evitar aquelle feróz encontro dos inimigos, tão superior em numero, deliberaram ali logo, de antes morrerem combatendo do que ficarem captivos d'elles!... Assentaram pois que a peleja fosse dentro das lanchas, jurando pelejar até morrer entregando-se a Deus em sacrificio de sua fé!... A lancha da vanguarda, esforçava-se quanto podia para chegar aos nossos, como quem tencionava de os tomar vivos, para maior realce de sua victoria; mas os portuguezes logo se prepararam para aquelle combate de exterminio!... Ainda os mouros não tinham firmado os pés no batel, quando ao nome de Jesus-Christo, lhe foi embebido o ferro nos peitos, e derrubando-os para servirem de estrado aos seus companheiros!... Os que se lhe seguiam, assombrados de tanto arrojo e valentia, vendo cahir tantos na sua frente, recuaram sobre a lancha, qual um bando de carneiros, que é perseguido de muito perto pelos lobos! Então os nossos 5 heroes, aproveitando-se d'aquella confusão, apertaram tanto com elles, que nem lhe deram tempo para tomarem folego, indo uns embaraçando aos outros de tal modo que bem podiam os nossos destruil-os á vontade!... Era já a este tempo tal a confusão e atropelo n'aquella lancha, que muitos d'aquelles mouros. começaram logo a lançar-se nas aguas! Os nossos heroes, andavam já muito cansados e feridos, mas tal era a sua fé, e fortaleza de animo, que pareciam invenciveis, ficando por fim senhores da lancha! O

proprio capitão mouro que se tinha esforçado em vão para deter a sua gente, por fim tambem se lançou ao rio cheio de indignação, pela covardia dos seus guerreiros! Os das outras lanchas que tinham presenceado aquella lucta de exterminio, julgando que os portuguezes seriam ainda capazes de lhes fazer o mesmo, tiveram a prudencia de regressar ao porto d'onde tinham sahido! Este assombro d'aquelles mouros, foi a salvação dos nossos, pois estavam já tão feridos e tão extenuados de forças, que se fossem por elles mais atacados, não lhes poderiam mais resistir; mas como aquella desesperada peleja, tinha sido um rasgo de fé, tambem permittiu Deus que nenhum d'elles morresse d'aquelles ferimentos! Então o rei de Pacem atemorisado com o heroico feito dos 5 portuguezes, e temendo que Manoel Pacheco, lhe fizesse o mesmo que fez a El-rei de Brintam, mandou dizer a Pacheco que não lhe fizesse guerra, porque elle só desejava manter as pazes com os portuguezes! Manoel Pacheco, muito folgou com este recado mas fingiu não trazer poderes para consolidar aquellas pazes, dizendo que chegando a Malaca, daria conta ao capitão mór, desse seu requerimento; partindo depois com a lancha que foi tomada pelos 5 portuguezes, para que ficasse servindo de tropheu a tão memoravel feito de armas-

CAPITULO XI

Chega a Pacem Jorge de Albuquerque. Disposições de guerra contra o tyranno—Geimal, que se fortifica com tres mil homens escolhidos. Cerco da dita fortaleza e sua entrada, e morte d'aquelle tyranno. E aquelle reino restituido por Albuquerque ao seu legitimo herdeiro o rei de Azir.

Corria o anno de 1519, quando El-rei D. Manuel mandou ás Indias uma nova armada composta de 14 vélas, sob o commando de Jorge de Albuquerque, o qual chegando á Costa da Arabia, soffreu porém um tamanho temporal que esteve ali quasi perdido em 5 braças de fundo! Escapando porém milagrosamente deste eminente perigo, foi ao porto da Catazate, e de lá para Pacem, que se achava então em guerra com o Rei de Azir que era amigo dos portuguezes.

Sabendo pois *Azir* da chegada de Jorge de Albuquerque, logo o mandou visitar, e dizer-lhe que o considerava como seu alliado, contra el-rei de Pacem, e por isso que se punha desde já á sua disposição com toda a sua gente de guerra. Jorge de Albuquerque, tambem lhe mandou agradecer

muito aquella sua offerta, promettendo mettel-o de posse d'aquelle reino logo que o tivesse arrancado das mãos do tyranno; e que entretanto fosse elle para diante da fortaleza. Aquelle tyranno, quando viu o exercito de terra e a nossa armada por mar, conheceu o perigo de que estava ameaçado, pois era tal a sua tyrannia, que já nem se podia confiar no seu proprio povo!... Tinha elle dado a morte ao rei ligitimo, e temendo agora o castigo, tinha mandado erguer o seu palacio em um descampado á vista da cidade, com uma grossa cerca em volta, a modo de muralha, e tambem com uma grande e profunda cava ficando apenas duas portas para serventia.

Por dentro d'esta cerca mandou fazer ainda outra mais forte, semelhante a um castello aonde tinha suas casas e haveres com todas as suas mulheres. Fóra da cerca, tinha elle os quarteis de sua gente, a qual se compunha de uns tres mil homens de guerra. Quando o tyranno viu aproximar-se Jorge de Albuquerque, mandou logo visital-o e dizer-lhe que esperava que a sua vinda fosse de boa visinhança por saber que ia para Malaca.

Respondeu-lhe Jorge de Albuquerque, que ao presente só d'elle exigia que despejasse aquelle reino para que fosse entregue a *Azir* seu ligitimo herdeiro, o qual já era considerado vassalo de el-rei de Portugal; pois que se não accedesse á intimação, iria em continente cumprir as ordens que trazia do governador das Indias. O tyranno Geimal, ainda tentou conciliar-se com Albuquerque, mas vendo a inutilidade dos seus esforços, man-

dou-lhe dizer terminantemente que não deixaria aquelle reino senão com a sua morte, pois que daria a sua vida para defendel-o! Jorge de Albuquerque, ainda que não tivesse ali mais do que tresentos homens de peleja para combater aquella fortaleza, que abrigava mais de tres mil homens, resolveu-se comtudo a fazer logo um reconhecimento; e quando chegou perto da cerca recebeu um outro recado de Geimal, em que lhe pedia que demorasse a sua investida porque estava em conselho com os seus capitães, para deliberar o que devia fazer ácerca do que lhe ordenava.

N'esta conjunctura, suspendeu Albuquerque a marcha, e resolveu adiar o ataque para o outro dia, porque não trazia escadas e lanças. Quando foi no dia seguinte não tendo resposta de Geimal, ordenou o assalto. O rei Azir, estando já á vista dos nossos, mandou dizer a Albuquerque que lhe désse as suas ordens, para poder juntamente atacar a fortaleza do tyranno. A isto respondeu Albuquerque, que estivesse preparado, mas que não devia entrar n'aquella fortaleza senão depois que os portuguezes lhe tivessem aberto as portas!... E acrescentou, que fosse com sua gente para as bandas do mato, para lá poder melhor perseguir os inimigos, por ter muito mais conhecimento dos logares do sertão, e que mandasse pôr um ramo verde no turbante de seus soldados, para que podessem ser differençados dos inimigos.

N'este meio tempo veio de dentro da fortaleza um tiro, que logo partiu uma perna a Francisco

Quatrier, criado muito estimado do conde de Porto-Alegre!

Assim que os nossos notaram este desastre, começaram a murmurar entre si, havendo de entre elles quem exclamasse: «Senhor Jorge de Albuquerque, o que fazemos nós aqui agora?!... Quereis que nos matem a todos?... Para que esperarmos mais tempo pelas escadas? Não teremos nós porventura boas mãos?!» Em seguida foi tal o alvoroço, que todos pediram em altas vozes o combate!... Jorge de Albuquerque á vista d'esta tão boa disposição para o combate, verdadeiro signal do triumpho, não quiz perder aquella occasião, e sem attender mais a prudencia dos outros capitães, ergueu a vóz, e disse: «Pois que já que todos pedem o combate, Deus seja comnosco... sús, senhores, a elles por Jesus e por Santiago.» E logo em seguida mandou tocar todas as suas trombetas de guerra, ao som das quaes os nossos soldados correram impetuosamente para a estacada da fortaleza, chegando ali, todos porfiaram em valentia, uns em subir, outros em arrancar estacas; era emfim um redomoinho. em que já não tinha mais cabimento aquella prudencia que ha tão pouco tempo era observada!... Os mouros da parte de dentro disparavam contra os nossos grande quantidade de frechas e zarguncbos de arremesso e tudo o mais que lhes podesse servir de defeza. A nossa gente do mar, por ser mui destra em trepar, buscou logo escalar o alto da cerca, e o primeiro que pôde conseguir esta arrojada empreza, foi o mestre calafate

tario de El-rei de Portugal, o que de tudo mandou Jorge de Albuquerque lavrar auto; e depois de ter erguido ali uma fortaleza junto ao rio, seguiu para Malaca.

CAPITULO XII

Antonio Correia sustenta o baluarte de Chaúl contra o poder de dous Xeques. Pedro Vaz, com trinta e tantos companheiros, defende o seu posto contra mais de trezentos mouros! É Pedro Vaz soccorrido por Ruy-Váz Pereira com 60 homens, sendo os inimigos postos em desbarato!... Vasco da Gama chega de novo ás Indias na qualidade de Viso-Rei. Terrivel combate de dous navios portuguezes contra 60 paraus de mouros, os quaes ficaram desbaratados e os nossos com a victoria!... Jeronymo de Souza, desbarata ainda nas costas do Malabar com 6 navios 40 paraus inimigos!... Morte de Vasco da Gama. Succede no governo das Indias D. Henrique de Menezes, o qual indo sobre Panane, desbarata todo o poder d'aquelles inimigos e volta carregado de despojos.

Tendo partido Lopo Soares, de Chaul, ficou ali Antonio Correia com alguns companheiros no pequeno forte, mas com ordem de não sahir fóra, por causa de não ter provisões bastantes para poder fazer sortidas.

Estando Aga-Mahamud em Baçaim, refazendo-se dos damnos que tinha recebido de D. Jorge, recebeu um recado de um Xeque nosso inimigo, em que lhe participava a partida do nosso governador, e como tinha ficado na defeza de Chaul Antonio Correia, sem ordem para fazer sortidas, por causa de lhe faltar o material de guerra; e que achava muito conveniente que fosse accommettido pelo outro lado do baluarte aonde lhe constava haver só

15 defensores; pois logo que fosse tomado aquelle ponto, ficariam senhores da terra e do mar!...

O Xeque, logo que recebeu aquelle recado, e sendo bem informado do portador, ácerca do caminho que devia tomar por terra, mandou a toda a pressa preparar a sua melhor gente de guerra, e poz-se a caminho de Chaul, mandando desafiar Antonio Correia para que sahisse logo a campo contra elle!... Estavam os nossos em um lance muito arriscado, pois o lado do baluarte que era defendido por Pedro Vaz, ficava no sopé de um elevado morro, sendo a parte do rio raza e descoberta, podendo os inimigos accommetter facilmente por esse lado, e varejal-o com sua artilheria. Contra a costa ficava uma parte elevada do morro, que não deixava avistar a outra parte do mar, em que havia um buqueirão, por onde podiam penetrar os mouros sem serem vistos dos nossos. Quando foi ao cahir da noute, fez Aga-Mahamud desembarcar por esse ponto uns trezentos combatentes, para cahirem de surpreza sobre Pedro Váz, que já a este tempo tinha recebido mais 15 homens de reforço. Emquanto isto se désse, a parte do mar seria atacada egualmente, para que Pedro Váz não podesse ser mais soccorrido e os nossos pobres defensores ficassem esmagados completamente!...

Era em fim quasi dia, quando esta cilada foi pósta em pratica, chegando os mouros de repente sobre os nossos com grandes alaridos, pondo-os em sobresalto por não contarem com aquelle repentino ataque! Porém, como os mais valentes guerreiros

nunca esmorecem diante dos maiores perigos, antes sentem maior coragem e valor, logo os esperaram de rosto sereno e promptos para o combate, ainda que viam a sua desvantagem, tendo apenas por muralhas um pequeno valado de taboas com alguma terra por dentro! Mas ainda assim foram ali aquelles inimigos recebidos com tal valor, que sendo os portuguezes pouco mais de trinta, sustentaram a pé firme o impeto d'aquelles trezentos combatentes!...

Antonio Correia, que do seu posto, tinha notado aquelle repentino assalto dos inimigos, mandou logo 2 bateis grandes com 60 homens de combate, indo por capitão Ruy-Vaz Pereira; o qual torneando o rio, poude desembarcar a sua gente, mas quando chegou já eram mortos Pedro Váz e Fernão Ferreira e mais alguns mortos e muitos feridos; mas Ruy-Váz tinha chegado tão a proposito com a sua gente, que logo ficaram os inimigos em grande desordem e confusão, valendo-lhe o fugirem precipitados para o matto para não ficarem ali todos mortos! Houve cavalheiros da Cruz de Christo, que tendo recebido mais de 60 frechas no seu escudo, nenhuma lhe tocou na cruz!... Estes acontecimentos maravilhosos, traziam os nossos cheios de fé e de valor, tornando-os por assim dizer invenciveis de seus mais acerrimos inimigos!... Foi tido por um favor do ceu, o não terem podido os mouros vencer aquelle punhado de combatentes, que apenas tinham os seus peitos por muralhas. Aga-Mahamud, sabendo de tamanho desbarato de sua gen-

te, aonde perdeu a melhor parte de seus nobres, cheio de pavor e desespero, mandou logo recolher ás fustas as reliquias do seu exercito.

Por este tempo chegou ali D. Luiz de Menezes, a quem Antonio Correia fez entrega do forte, partindo elle em seguida para Cochim.

No correr d'este anno de 1521, a 13 de dezembro falleceu El-rei D. Manoel, na edade de 52 annos, 6 mezes e 13 dias, tendo reinado 26 annos, um mez e 19 dias. Foi El-rei D. Manoel, sepultado no mosteiro de Belem, tendo sido o rei mais afortunado que teve Portugal, elevando sua patria ao cumulo da gloria e da grandeza! Suas grandes armadas, como já temos visto, partiam todos os annos para as Indias, voltando de lá carregadas de riquezas. Todos os reis do Oriente buscaram a sua amisade, e Portugal então foi respeitado por todas as nações da Europa, como a nação maritima de primeira ordem!

Portugal, tinha subido n'este reinado, como a Grecia no tempo de Milciades, como Roma no tempo de Trajano, como a França no tempo de Carlos Magno e Napoleão I, e ainda como a Hespanha no tempo de Carlos V! Mas egualmente, como aquellas fortes nações, teve Portugal o seu occaso!... Emfim, com a morte d'este afortunado Monarcha, foi declinando a feliz estrella de nôssa patria, tanto pela ambição e enercia de uns, como pela imprudencia de outros!... Subiu ao throno D. João III, filho legitimo de D. Manoel, na edade de 20 annos e 4 mezes.

O fallecido rei, tinha algum tempo antes de sua morte nomeado para o governo das Indias, a D. Duarte de Menezes, o qual partindo de Lisboa com 12 naus, chegou ás Indias e tomou conta do governo a 22 de janeiro de 1522. Foi por esse tempo de sua chegada, que D. Diogo Lopes, a quem elle ia substituir, andava reconstruindo a fortaleza de Chaùl, para melhor se poder defendèr de Agá-Mahamud e do Xeque seu alliado. D. Duarte de Menezes, foi então governando, com varios e pequenos successos, até que foi substituido tambem pelo conde de Vidigueira D. Vasco da Gama, a quem D. João III em attenção aos seus relevantes serviços prestados á sua patria, tinha accrescentado o titulo de viso-rei das Indias, e grânde almirante d'aquelles mares.

A armada do viso-rei compunha-se de 14 vélas, sendo 9 naus de alto bordo e 5 caravéllas, com mais de tres mil homens de guarnição. Chegou a Chaùl, ao tempo em que defendia aquella fortaleza, o capitão Christovão de Sousa, seguindo d'ali por Gôa para Cochim. Despachou então para a nossa fortaleza de Calecutá, duas galés, uma galeota e uma caravélla, com muitas provisões de guerra, em vista da pouca confiança que já nos merecia a amisade do Samorim, que andava seduzido pelos conselhos dos mouros, nossos naturaes inimigos. Foram por capitães d'esta expedição: Francisco de Mendonça, Antonio da Silva Menezes e Jeronymo de Sousa que ia por capitão mór.

A galé de Antonio da Silva Menezes, por ser

um tanto pesada, ficou mais atraz, e os mouros deram sobre ella com 60 paraus de Calecutá, e então pelejou com elles mais de tres horas, matando-lhes tres homens e ferindo-lhes muitos, e sendo Antonio da Silva soccorrido por seus companheiros, foram logo aquelles paraus postos em fuga, indo alguns vazar em terra.

Além d'estes navios, mandou mais o viso-rei, 6 vélas de remo, indo por capitão d'ellas Jeronymo de Sousa, com recommendação de castigar os mouros de Malabar, o que elle cumpriu com bastante zello e valor, desbaratando mais de 40 paraus inimigos, dos quaes era capitão um tal Cutialla, que os tinha armado em Coulete por ordem de Samorim, com o fim de impedirem os mantimentos que fossem de Cananor para a nossa fortaleza de Calecutá. Foi mandado igualmente Simão Sodré com 4 vélas ás ilhas Maldivas, para combater os mouros que faziam guerra aos nossos alliados, embaraçando as provisões que vinham para os nossos navios que chegavam do Cairo. N'esta commissão desbaratou Sodré 6 fustas dos mouros, de que era capitão um dos principaes capitães de Cananor.

O viso-rei, deu outras ordens identicas a outros mais capitães, e já preparava tambem uma grande armada para mandar seu filho Estevão da Gama ao mar roxo, quando uma pertinaz enfermidade, veio cortar os seus melhores projectos para a segurança dos nossos estados do Oriente!...

Carregado de tantos serviços, e tão gloriosos para a nossa patria, veio a fallecer este grande ca-

pitão, na vespera de Nosso Senhor Jesus-Christo, anno de 1525. Foi sepultado em Cochim, no mosteiro dos frades de S. Francisco, sendo mais tarde transportados os seus ossos para Portugal, e depositados no seu jazigo, na villa da Vidigueira.

Este grande capitão, era sevéro no commando, constante e soffredor em todos os trabalhos, e rigoroso nos castigos merecidos.

Succedeu então no governo das Indias, D. Henrique de Menezes, que havia ficado por capitão mór em Gôa, o qual partiu logo para Cochim a tomar conta do seu alto cargo; preparando em seguida uma forte armada composta de 50 vélas, indo n'ella por capitães: Pedro de Mascarenhas, D. Simão de Menezes, D. Affonso de Menezes, D. Jorge de Menezes, Jorge Tello de Menezes, Simão de Mello, Jorge Cabral, João de Mello da Silva, Ruy-Vaz Pereira, Jeronymo de Sousa, Antonio da Silva Menezes, Francisco de Mendonça, D. Jorge de Noronha, Ayres da Cunha, Francisco de Vasconcellos, Nuno Fernando, Diogo da Silveira, Antonio de Azevedo, Gomes Souto-Maior, Antonio Pessoa, Rodrigo Aranha e Ayres Cabral.

Com estes capitães partiu D. Henrique a 18 de fevereiro, com mais mil e tantos combatentes, chegando a Panane a 25 do referido mez de fevereiro. N'esse tempo era Panane, uma das mais importantes povoações do Samorim, ficando ao longo de um rio em cujas margens tinha as suas melhores fortificações de madeira guarnecidas de grandes camadas de terra, formando assim uma forte mu-

ralha abrigada por algumas palmeiras. Estas fortificações iam torneando toda aquella povoação, de modo que não se poderia facilmente chegar até ás casas, que eram pela maior parte de pedra e cal, aonde os inimigos tinham já assentado a sua melhor artilheria, para melhor defeza da povoação. Dentro do rio estavam muitos navios em ordem de batalha contra os nossos.

D. Henrique mandou entrar pelo rio alguns bergantins para fazerem aguada, e notarem a posição dos inimigos, sondando ao mesmo tempo aquelle rio; porém os mouros que já estavam bem prevenidos, começaram logo a bombardeal-os! D. Henrique, tendo mandado um recado ao governador de Panane, ácerca de varias reclamações, vendo que em logar de resposta, mandava disparar suas bombardas contra os nossos navios, cuidou logo em tomar suas medidas, resolvendo em conselho de seus capitães, fazer um desembarque em terra para castigar aquella descortezia do governador. Partiu finalmente D. Henrique com 300 homens e D. Simão, com outros tantos em ordem de peleja, sendo logo saudados pelos mouros, com muitas bombardas e outros fogos de fuzillaria de que estavam bem providos!... Então foi ali travado um terrivel combate, e era já tal o furor de uma e de outra parte, que ninguem mais se entendia, chegando os nossos ao ponto de quererem passar por cima das fustas inimigas para conseguirem o desembarque!... Emfim os nossos como leões enraivecidos, começaram a fazer taes estragos, com

suas espadas e a bote de lança, que obrigaram os mouros a abandonar a defeza da praia!...

D. Henrique e seus valentes companheiros, avançando por cima da artilheria inimiga e saltando em terra, começaram a perseguir os mouros até aos palmares, aonde mandou tocar a reunir as suas forças e poz fogo á povoação, recolhendo a melhor artilheria dos inimigos á nossa armada. Houve n'esta refrega, alguns mortos e muitos feridos, sendo da parte dos mouros, mui grande o estrago. No dia seguinte partiu D. Henrique para Calecutá, em cujo porto, destruiu 12 vélas dos mouros, voltando depois a Cochim para preparar novas expedições.

CAPITULO XIII

O Samorim, vem com poderoso exercito, sobre a nossa feitoria de Calecutá. Grande valor de D. João de Lima, o qual com admiravel constancia defende a nossa feitoria á tésta de seus valorosos companheiros. D. Henrique de Menezes, manda-lhe diversos soccorros, e elle mesmo vem por fim com uma forte armada, e são completamente desbaratados todos aquelles inimigos.

Andava o Samorim muito enraivecido contra os portuguezes, buscando todos os meios de se poder vingar d'elles, em rasão dos damnos que lhe tinha causado D. Henrique, e por isso fazia agora cahir os seus projectos de terrivel vingança sobre a nossa feitoria, á qual jurou completa destruição!.. Era na força do inverno, e a nossa feitoria, nem ao menos tinha um logar de abrigo, para que os nossos navios podessem ali achar alguma segurança; pois era uma cósta brava com um recife de pedras, e pequenos canaes. Corre aquella cósta desde o norte até ao sul, ficando a nossa feitoria da parte do Oriente, junto á cidade dos mouros. Emfim era aquella passagem tão desabrigada, que só em dia claro e sereno, se poderiam ali aproximar os na-

vios, quanto mais n'aquelle tempo de rigoroso in verno!...

Os inimigos, a primeira cousa que praticaram, foi abrir em volta da nossa feitoria uma grande cava de 25 palmos de largo em fórma de meia lûa, cujas pontas se estendiam, e vinham beijar o mar!

No fim d'estas pontas, ergueram um baluarte de cada lado guarnecidos de boa artilheria, que podia cruzar ao longo da praia, impedindo d'esse modo qualquer soccorro que podesse chegar por agua. Em vólta da fortaleza junto á cava, fizeram mais cinco baluartes! Da terra que foram tirando da cava, formaram uma grande trincheira, para poderem melhor disparar frechas e tiros de espingarda, ficando por esse modo amparados dos tiros da nossa gente. Collocaram emfim a sua melhor artilheria por todos os seus baluartes; porém antes de terminadas estas obras, passaram os portuguezes muitos trabalhos, tendo sahido D. João de Lima por varias vezes a pelejar com elles.

O primeiro ataque dos inimigos foi com 12 mil homens, e na nossa feitoria não havia a esse tempo mais do que 300 defensores! D. João de Lima, tinha mandado recolher para o centro da feitoria todas as fazendas; e conhecendo as tenções que tinham os mouros, de lhe tolherem a serventia do mar, com aquelle cruzamento da artilheria dos seus fortes, mandou tambem construir uns reparos com pipas cheias de terra, formando uma rua que ia dar ao mar, servindo de couraça para os nossos

poderem andar ao abrigo d'ella, e disparar tambem a nossa artilheria e fuzilaria.

Por este tempo, chegou o Samorim em pessoa á testa de 90 mil homens, e varios reis seus alliados!... O engenheiro de todas aquellas obras de cerco, era um renegado italiano, o qual, se aproximou logo da nossa feitoria com o Samorim, para que elle melhor observasse o lastimoso estado em que estavam os portuguezes dentro d'aquella cava! Começou então aquelle renegado, a enchel-o de muitas esperanças, de poder ganhar facilmente uma grande victoria contra os nossos. O Samorim, ao ver a nossa pequena fortaleza envolvida pelos seus grandes baluartes, e o seu poderoso exercito preparado para o accommettimento, exclamou cheio de orgulho, diante de seus principaes capitães: «Sem armas, e apenas com um punhado de terra, os meus soldados alagarão aquella pobre feitoria.» Mas a esta vaidosa exclamação, responde-lhe um dos seus capitães que estavam ali presentes: «Senhor, aquella gente não se deixará alagar com terra, nem tão pouco teme o vosso ferro, pois é qual a polvora mettida em um pequeno vaso, que se lhe chegam uma faisca de fogo, faz maravilhas na explosão, do que muitos mortos e feridos, e eu mesmo, sômos bôas testemunhas!... O Samorim mostrou-se enfadado com esta resposta, mas a sua grande vaidade, não o deixava convencer d'estas, verdades, que ousou dizer-lhe um dos seus mais valentes capitães. Veio depois d'isto á falla com D. João de Lima, um renegado, dizendo-lhe, que era

prudente, que os portuguezes se entregassem, em rasão, do poderoso exercito que os cercava, ao qual elles não poderiam de modo algum resistir. A isto lhe respondeu D. João de Lima, que agora veriam elles, como os portuguezes que ali estavam dentro d'aquellas cavas, haviam de pelejar com maior vontade, por serem vistos de tão poderoso senhor, como era o de Calecutá que já os considerava seus captivos! E para mostrar áquelle renegado, a sinceridade de suas palavras, sahiu logo em seguida por de traz das casas da feitoria, com alguns esforçados cavalleiros, dando de repente sobre o grosso dos inimigos, causando-lhes mui serios estragos, mas vendo-se quasi de todo cercado voltou á feitoria com alguns ferimentos.

Acabando os inimigos de montar sua artilheria nos baluartes, começou ella a jogar pelouros de 6 palmos de grosso; não havendo d'ahi por diante mais do que a claridade dos relampagos d'aquella artilheria, ficando a nossa feitoria em completa escuridão!... A terra tremia impellida por tamanhos abalos d'aquella metralha, e até as ondas se erguiam furiosas, ao estrondo medonho d'aquelles pelouros, que se iam mergulhar no seu seio!... Os proprios ventos rugiam impellidos pela força d'aquellas frechas que toldavam os ares! Então os sitiadores, eram simelhantes ás furias do mar encapellado, e os sitiados, qual baixel sustido por mão vigorosa, que lucta desesperadamente para livrar-se dos seus furores!... Os alaridos dos mouros eram taes, que já nem os nossos se po-

diam mais entender uns aos outros; era emfim uma confusão de Babel!...

D. João de Lima tinha dividido a sua gente por varios pontos, ficando elle com uma divisão escolhida para com ella poder acudir aos maiores perigos. No primeiro dia o trovejar infernal d'aquella artilheria, formava a escuridão da noute; mas aquelle furor ia quebrar-se de encontro aos muros da nossa feitoria, a qual aproveitava melhor os seus tiros, porque iam dar em cheio n'aquella onda furiosa de inimigos!

No dia seguinte, porém, aquelle fogo dos sitiadores foi ainda mais terrivel, causando alguns estragos em nossa feitoria; e em vista d'isso, D. João de Lima, mandou recado ao governador, para que lhe mandasse algum soccorro de gente, o qual logo lhe mandou Christovam Jusarte e D. Duarte de Affonseca com 2 caravéllas e 140 homens, os quaes lá se foram dar em sacrificio n'aquelle abysmo dos arrecifes!... Christovam Jusarte, esse, ainda poude transpôr os arrecifes, mas D. Duarte de Affonseca não o chegou a conseguir em razão de lhe terem acalmado os ventos.

D. João de Lima, quando viu Christovam Jusarte dentro dos arrecifes, temeu pelo seu desembarque, e por isso logo se foi collocar á porta da couraça, accenando lhe com uma bandeira, para que se não aproximasse, mas Jusarte não lhe quiz attender, mandando logo desembarcar 35 homens escolhidos, ficando os outros em defeza do navio. Esta arrojada empreza pôz Jusarte em grande perigo, pois

era ali tão forte aquella corrente do rio, que elle foi arrastado por ella para fóra da couraça!... E como os inimigos o vissem com seus companheiros, fóra d'aquelle abrigo, saltaram logo á margem como furias infernaes para os tomarem nos braços! Foi então travada uma lucta diabolica com agua pelos peitos; e eram tantos os mouros, que os nossos andavam mais afogados d'elles do que das mesmas aguas!...

Tinha já Jusarte mandado afastar a embarcação, e lutavam ainda aquelles heroicos soldados no meio d'aquelle abysmo, quando ali chegou, em seu soccorro, D. Vasco de Lima, com alguns valentes companheiros, para que se não perdessem todos n'aquella desesperada lucta. Redobrando então o valor dos nossos, foi tal o redomoinhar dos combatentes e o cruzar do ferro e do fogo, que os mouros, espavoridos, deram tempo a que os nossos se pozessem a salvo d'aquelle sorvedouro!

A este tempo já os sitiadores apertavam a feitoria pelo lado de terra, buscando escalal-a por meio de escadas, que já tinham levantado. D. João de Lima, logo acudiu a este imminente perigo, com muitas panellas de polvora, e ás lançadas, obrigou aquelles ousados mouros a retroceder sobre suas estancias!

D. Duarte de Affonseca, á vista do grande perigo em que esteve Christovam Jusarte, não se quiz aproximar, sem ordem de D. João de Lima, a quem pediu conselho, por meio de uma carta que lhe remetteu para dentro da couraça em uma fre-

cha; á qual respondeu D. João de Lima do mesmo modo, dizendo-lhe que o seu desembarque em terra seria tentar a Deus, pois não se poderia fazer semelhante cousa com menos de 500 combatentes, e que elle estava muito precisado de gente para que elle fosse ali perder aquella pouca. Em vista d'esta terminante resposta, D. Duarte de Affonseca partiu com as 2 caravéllas para Cananor, d'onde seguiu para Cochim a pedir soccorro a D. Henrique, em vista do grande perigo em que ficava a nossa feitoria. D, Henrique mandou com elle Pedro Velho, Duarte de Azevedo, D. Affonso de Menezes, Antonio da Silva e Jeronymo de Souza, com um navio, 2 galeotas e uma barcassa; indo por capitão-mór d'esta expedição. Francisco Pereira Pestana, que tinha já sido capitão de Gôa. Como quebrasse o leme, á sahida da barra, uma das galeotas, por causa do grande temporal que então fazia, pediu o capitão a D. Henrique, que lhe désse um galeão, que estava a lançar-se ás aguas, mas por não perder mais tempo, mandou adiante Antonio da Silva, com os outros navios, para que esperasse á entrada de Calecutá, afim de poderem juntos darem o desembarque á sua gente, que ao todo formaria uns 500 homens de combate.

Emquanto estas cousas se passavam em Cochim, D. João de Lima estava soffrendo em defeza da nossa feitoria, grandes trabalhos e privações com os seus valentes companheiros.

Tinha já sabido o Samorim, por meio de seus espias, de como D. Henrique preparava soccorros

para a nossa feitoria, e por isso, antes que elles chegassem, mandou pôr em acção todos os artificios de destruição; mandando arremessar grandes trabucos, que causavam muitos damnos, em razão de não haver já dentro de nossa feitoria logar seguro. Mandou egualmente fazer minas e albarradas, que são muros de terra, que eram tão altos, que egualavam aos muros da feitoria!... Os mouros aproximavam-se com aquellas grandes albarradas, e por detraz d'ellas iam ao abrigo da nossa artilheria, pondo os nossos em mui precarias circumstancias.

Porém o Deus das misericordias, compadecido de tantos trabalhos, que ali soffriam com tanta paciencia, por confiarem n'elle cheios de fé, permittiu que elles podessem ser avisados a tempo de todos os artificios póstos em pratica para os destruir.

O caso foi o seguinte: Havia no campo inimigo um mancebo por nome Bastião, o qual tinha cabido no poder dos mouros, e só esperava encontrar occasião de se pôr em liberdade, e por isso deligenciava por se approximar de nossa feitoria, e logo começava cantarolando no seu serviço, em cujas cantigas elle revellava aos nossos todos os tramas que o Samorim ordenava contra elles! Scientes pois aquelles heroicos defensores de todos os trabalhos que lhe estavam preparados, acudiam a toda a parte, com um valor incrivel, pois que já lhes iam fallecendo as forças, em razão de não terem mais para comer do que um pouco de arroz

sem sal!... Ainda assim n'esta triste conjunctura andavam muito animados, sem darem mostras de fraqueza!... No entanto, nem de noute nem de dia podiam ter repouso aquelles invenciveis lidadores que traziam espantados os mouros de tão prolongada resistencia, e muitos d'elles andavam já desgostosos e desanimados, e o proprio Samorim, estava bastante contrariado por não ter podido rendel-os com o seu poderoso exercito, quando com um punhado de terra, tinha julgado poder alagar aquella pobre feitoria!...

Cheio agora de magoa por ver tanta mortandade em sua gente, ordenou que fossem limitadas as hostilidades ao bombardeio dos baluartes, pondo toda a sua esperança em poder render a nossa feitoria pela fome e sede dos seus heroicos defensores! Por este meio tempo chegou ali Antonio da Silva, com um só navio, em rasão, de se terem os outros espalhado impellidos por um grande temporal que os poz em grande perigo.

Antonio da Silva, mandou de noute um homem a nado á feitoria a pedir ordens a D. João de Lima, o qual mandou dizer pelo mensageiro que desembarcasse, mas quando fosse noute lhe mandasse alguma polvora de que estava muito precisado. Antonio da Silva depois de ter cumprido aquellas ordens, voltou a Cochim, a informar D. Henrique do triste estado em que ficava a nossa feitoria; e quando lá chegou já tinham ali chegado os outros navios arribados por causa do temporal. Chegou, tambem por esse tempo a Calecutá, Heitor da Silveira, ca-

pitão mór de Cananor, com uma caravélla, uma fusta e 5 paraus, e muitos mantimentos, e provisão de polvora.

Foi então posto em pratica aquelle melindroso serviço, para desembarcar todas aquellas provisões, sendo preciso, que o proprio D. João de Lima acudisse com sua gente á bocca da couraça, a cobrir com um combate aquelle arriscado commettimento! Heitor da Silveira, logo que poude terminar esta importante commissão, voltou a Cananor, por causa da nossa feitoria não precisar de mais gente, em vista do Samorim, não mandar dar assaltos e tencionar render os que ali estavam por meio da fome.

Emfim, era já no principio do inverno, quando chegou diante de nossa feitoria Francisco Pereira Pestana com o seu galeão, que por ser mui grande não poude entrar nos arrecifes, e teve de ficar ao largo, esperando por outros navios que elle julgava de vir ali encontrar. Então, foi informado por D. João de Lima, do estado d'aquella feitoria, a qual só precisava de algumas provisões, as quaes Francisco Pestana, ordenou o desembarque de noute, sendo feito com muito trabalho por causa do luar que então fazia, estando os inimigos vigilantes e promptos a impedir aquelle desembarque.

N'esta refrega, foi ferido D. João de Lima em uma perna, ficando impossibilitado de caminhar, sendo preciso que D. Jorge de Lima o carregasse ás cóstas para dentro da feitoria; investiram os mouros á bocca da couraça, mas acudindo logo Vasco de Lima com 70 homens, foi travada uma

terrivel peleja, sendo de parte a parte muitos os mortos e os feridos, sem comtudo levarem os mouros a melhor!...

Ouvindo D. João de Lima o estrondo das armas, e não lhe soffrendo seu grande animo estar no leito, saltou fóra d'elle e tomou uma espingarda, e com ella correu á janella a fazer fogo contra aquelles inimigos!... Mas este grande arrojo lhe ia custando a vida, por se lhe ter aggravado muito o ferimento da perna. Jorge de Lima tambem ali recebeu um ferimento de menos gravidade e o combate continuou desesperadamente, até que a morte do capitão mouro, lhe veio pôr um termo.

Ficou tão furioso o Samorim com esta derrota, que logo mandou atear fogo a um dos nossos baluartes de madeira que defendia a entrada da nossa feitoria!... Foi este espectaculo contristador para os nossos, em rasão de não haver meios de se poder apagar aquelle incendio; mas no meio d'aquella geral consternação, permittiu Deus que ali chegasse Heitor da Silveira com os mesmos navios que trazia da outra vez; o qual logo que entrou no porto e viu arder o nosso baluarte, mandou sem perda de tempo aproximar os navios á terra, começando a metralhar os mouros que ainda estavam em roda do incendio.

Quando os mouros avistaram aquellas vélas e se viram metralhados, correram espavoridos para o lado da couraça, julgando que seria o proprio governador em soccorro da feitoria, e por isso buscavam impedir-lhe o desembarque.

N'esta conjunctura, aproveitaram os nossos este equivoco, para apagarem o incendio com terra! E para mais confusão dos mouros, entraram mais no porto 25 vélas com 330 combatentes! Era Pedro de Faria, que por ordem de D. Henrique, tinha partido de Gôa, nos fins de julho, não podendo chegar mais cedo, por ter encontrado grandes temporaes no mar. Os capitães d'esses navios ali reunidos, emquanto não chegava o governador, foram provendo a feitoria das cousas mais necessarias, bombardeando com sua artilheria os sitiadores, para darem alguma folga aos sitiados. Finalmente, quando foi a 20 de setembro, chegou D. Henrique com mais 20 vélas e 1:500 combatentes!

Eram capitães d'esta armada: D. Affonso de Menezes, D. Jorge Téllo de Menezes, D. Jorge de Menezes, D. Jorge de Castro, D. Pedro Castello Branco, Jorge Cabral, D. Diogo de Lima, D. Tristão de Noronha, João de Mello da Silva, Antonio da Silveira, Fernão Gomes de Lemos, Antonio da Silva Menezes, Antonio de Azevedo, Manuel de Macedo, Henrique de Macedo, Jorge de Vasconcellos, Duarte de Affonseca, Antonio Pessoa e Rodrigo Aranha.

D. Henrique, formou conselho de todos estes capitães, e muitos d'elles eram de parecer que se não devia dar combate em terra, em rasão, de ter El-rei D. Manuel mandado desfazer aquella feitoria por insustentavel; outros, lembravam tambem o risco de fazer-se um desembarque por causa dos arrecifes e o grande poder com que o Samorim guar-

dava aquelle rio, sendo quasi impossivel transpor as suas margens.

Porém D. Henrique, depois de ouvir a opinião de todos, tambem expoz a sua, dizendo, que o desembarque era agora um caso de honra para todos os portuguezes, e entre outros muitos exemplos, lembrou-lhes a tomada de Arzilla, em que foram allegadas iguaes rasões, para se não dar o desembarque, porém que as obras desmentiram aquelles receios.

Sabendo D. João de Lima do que se tinha passado n'aquelle conselho, e o grande desejo que D. Henrique tinha de sahir em terra com sua gente, quiz mostrar um rasgo de valor, para animar os seus, e dar maior força áquella opinião de D. Henrique.

Quando foi no dia seguinte pela hora da sesta, mandou fazer uma sortida de 50 homens escolhidos, os quaes dando de surpreza sobre os inimigos, os puzeram em grande confusão, fugindo muitos desordenadamente!

Para o bom exito d'este arrojado commettimento concorreu muito ter D. João de Lima mandado disparar muita artilheria das estancias sobre o arraial dos inimigos por essa occasião. O primeiro heroe que pôz os pés sobre a bombarda grossa dos inimigos, foi Belchior de Brito, e aproveitada aquella grande confusão d'elles, foi recolhida alguma d'aquella artilheria, que custou algumas mortes e ferimentos de parte a parte.

Com tudo isto, D. Henrique antes de sahir em

terra com a sua gente, quiz tambem ouvir o parecer de D. João de Lima, o qual lhe mandou logo D. Jorge de Lima a expôr-lhe a sua opinião diante de todos os mais capitães d'aquella armada. O parecer foi o seguinte : Que D. Henrique devia sahir em terra com sua gente, por honra de Portugal e de quantos valentes fidalgos ali eram presentes, ainda que no dia seguinte se mandasse arrasar aquella feitoria. Com estas e outras mais razões foi terminada a opinião de D. João de Lima no meio do mais profundo silencio.

Mas não obstante, rompeu em seguida uma nova contenda entre os capitães, a que D. Henrique pôz termo d'este modo: «Ora bem, senhores, iremos lá, e veremos o que cada um pratica de mais valor; que eu por mim juro aos Santos Evangelhos, que sobre este caso não tomarei mais conselhos, e prometto sobre o mesmo juramento de dar 300 cruzados ao primeiro que pozer os pés em terra diante de D. Jorge de Lima que aqui está presente!» N'isto D. Henrique se levantou para evitar novas discussões! Ao cahir da noite ordenou a entrada na feitoria de 150 homens, indo por capitão d'elles Heitor da Silveira. Na segunda noite D. Diogo de Lima lá entrou tambem com outros 150.

Quando foi ao romper da alva do quarto dia, ao signal que D. Henrique tinha mandado fazer na gavea do seu galeão, Heitor da Silveira com sua gente, e Vasco de Lima com 200 homens, sahiram a dar rebate aos mouros, em quanto o governador

fazia o seu desembarque. Adiante deviam ir 60 homens com panellas de polvora para entrarem pela cava da parte do norte que corria para o lado do mar, pondo os mouros em desordem, em quanto poderia avançar a rectaguarda. Posto emfim, tudo na melhor ordem, mandou o governador tocar todas as trombetas de guerra, ao que mandou logo D. João de Lima responder com as suas. Foi então sôlto o impeto d'aquelles valentes guerreiros, que semelhavam um vulcão, despedindo ardentes lavas para terra, não podendo os mouros suster aquella muralha de ferro e fogo que os esmagava! Debalde forcejavam e rangiam os dentes quaes feras bravias, que os nossos não lhes davam tempo para se reanimarem, porque o estrondo das armas parecia ali um desencadeado terremoto!... O estampido de toda aquella artilheria e fusilaria; o som das trombetas, o fumo da polvora, era n'esse momento capaz de aquebrantar os mais ousados!... N'esta occasião, carregaram tanto os nossos sobre aquella multidão de inimigos, que elles foram afroixando em todas as direcções!...

Os que levavam as panellas de polvora, iam com ellas despejando as cavas, e quando os mouros buscavam subir, já encontravam as nossas espigardas e espadas e lanças contra elles! Outros dos nossos, iam por outro lado pondo fogo aos trabucos que tanto damno tinham causado á feitoria; morrendo ali tambem o renegado italiano com mais de 500 mouros, e sendo tantos n'esta occasião os feitos de valor, que me não é possivel podel-os descrever

aqui a todos, basta dizer que os inimigos foram completamente desbaratados, fugindo depois em varias direcções, indo a maior parte para a cidade!

Foram concedidos ao Samorim 4 dias de treguas, mas quanto ás pazes não poderam chegar a um accordo, e por isso D. Henrique mandou destruir por meio do incendio a nossa feitoria, para que não ficasse lá objecto de prestimo para os inimigos.

Voltou em seguida D. Henrique com toda a sua armada e gente para Cochim, mandando de lá para o reino 5 náus carregadas de especiaria.

CAPITULO XIV

O governador Váz de Sampaio accommette uma poderosa armada no porto de Bacanor, tomando então os fortes de terra com toda a artilheria, queimando no mar 70 paraus. Chega o dito governador perto de Cananor, e trava um forte combate com 130 paraus aprisionando muitos d'elles e 50 peças de boa artilheria.

D. Henrique de Menezes, tendo em Cochim dado despacho a tudo que era de mais necessidade, partiu para Cananor com 17 vélas, mas ao chegar perto d'aquella cidade, logo se lhe aggravaram os padecimentos de que tinha sido accommettido, e por conselho dos medicos, recolheu-se á fortaleza aonda soffreu como um martyr todas as operações que elles julgaram que lhe deviam fazer!... Ainda assim, sobre o leito da dor, deu diversas ordens, para o bom andamento dos negocios publicos, morrendo em poucos dias com a idade de 30 annos, dando mostras de ser um bom christão. Era elle dotado de bella presença e com algum fundamento, se lhe poderia chamar gentil-homem. Presava a justiça, e nutria sentimentos religiosos, sendo muito amado no seu emprego e amante das honras, sem

cubiçar as riquezas!... O seu corpo, está sepultado em Cananor, na capella de Santiago, junto ao altar mór. Lopo Vaz de Sampaio, foi o seu successor no governo das Indias.

Sendo elle avisado de que estava na barra de Bacanor, uma poderosa armada do Samorim, que os mouros buscavam provisionar para partir para Cambaya; e sabendo que era muito bem guarnecida de boa gente de combate, tendo elle apenas 700 homens; mandou logo a Gôa chamar Antonio da Silva e Christovão de Sousa, para que sem demora viessem reunir-se a elle com os seus galeões, pois que os iria esperar no porto de *Bacanor*. Tendo porém aviso o capitão mór da armada do Malabar, da partida de Lopo Vaz de Sampaio, e não se animando a sahir por causa dos galeões de Pedro de Faria que já lhes cruzavam na barra, determinou fortificar-se em terra com sua gente, para obter mais facilmente a victoria com que já contava!

Começou por fazer entrar todos os seus navios pelo rio dentro, para ficarem resguardados da nossa artilheria; depois mandou fazer fortes tranqueiras, de um e outro lado do rio, as quaes eram de madeira terraplenadas, tornando por esse modo muito mais estreito aquelle canal. Depois d'isto, mandou assentar ali a sua melhor artilheria, para que fosse logo ao fundo todo aquelle navio que tentasse por ali passar ávante! Feito isto, mandou ainda atravessar grossos cabos de uma tranqueira para as outras por baixo da agua, para quando fos-

sem entestados a seu tempo, ficassem os nossos navios submergidos!

Lopo Váz de Sampaio, quando ali chegou, e viu os mouros tambem fortificados com mais de 10 mil homens, cuidou logo em penetrar no rio para os atacar, indo elle mesmo contra o parecer do seu conselho, reconhecer aquellas fortificações; e para esse fim partiu no dia seguinte de madrugada com tres pequenas embarcações, levando por companheiros a Payo Rodrigues e Manuel de Brito. Penetraram elles no rio por entre uma chusma de pelouros, e no meio de tamanho perigo, foi o governador notando e observando tudo; voltando d'aquella aventura milagrosomente, pois para atravessar as tranqueiras, foi preciso cortar os cabos que já os hiam metendo no fundo!...

Tornou a reunir o seu conselho, e como a maioria ainda fosse contraria ás suas opiniões, esperou pela chegada de Antonio da Silva e Christovam de Souza, os quaes sendo de sua opinião, mandou pôr o seu plano em pratica, para o que foram preparados tres galeões, cada um com 100 homens, para serem de prompto lançados em terra, indo em seguida alguns bergantins com outros tantos combatentes, e seguidos pelo governador com todos os mais navios de remo, e mil portuguezes, não contando os canarins do Malabar, que eram os remadores.

Em uma lingua de terra que se estendia para o rio, tinham feito os mouros uma muralha de pedra e taipa, bem entulhada e rebatida, que dava pelos

hombros a um homem; cruzando ali a sua melhor artilheria das tres estancias para o ponto em que os nossos deviam fazer o desembarque!

Tinham tambem já atravessado no rio uma grossa viga, e por baixo d'ella um virador, para quando lhe tocassem os nossos navios fossem logo submergidos!... Sendo porém Lopo Váz de Sampaio sabedor d'estes novos artificios, ordenou a um pequeno cuter, que fosse na frente para descobrir os perigos occultos, pondo elle logo em pratica o seu plano estrategico, fingindo o desembarque em um ponto, fez ali acudir os mouros promptamente; e então cahindo elle de repente sobre o outro, poude fazer o desembarque com muita presteza e ordem! Toda a artilheria inimiga das estancias, foi descarregada contra os nossos, mas o activo governador mandou a esse tempo lançar fogo aos seus paraus, sendo encarregados d'esse commettimento, Pedro de Faria, Antonio da Silveira, Manoel de Brito e Pedro Rodrigues; os quaes com sua gente, aos gritos de Santiago, aos mouros, fizeram taes proezas, que em pouco tempo appareceram os paraus incendiados! Foi tão renhido este combate de parte a parte, que houve da parte dos nossos 4 mortos e 85 feridos.

Teve o inimigo mais consideraveis perdas, e mais de 70 paraus incendiados! O governador do seu lado, depois de mui porfiados e repetidos combates, apoderou-se de toda a artilheria dos baluartes e das tranqueiras, que eram ao todo para mais de 80 peças, sendo pela maior parte de bronze!...

Muito abatido e maguado ficou então El-rei de Calecutá, por esta grande derrota dos mouros em que morreram muitos nobres do seu reino. Do nosso lado esteve em grande perigo D. Jorge de Menezes, por se lhe ter alagado o batel, e elle não saber nadar, valendo-lhe os seus companheiros, que o tiraram das ondas quasi sem sentidos!

Terminado este grande feito de armas, partiu para Gôa o governador, e de lá para Cochim a dar despachos ás naus que deviam partir para o reino com especiaria, visitando em caminho Cananor, que não dava boas mostras de fidelidade. Foi adiante Simão de Mello com um galeão e 6 fustas, indo elle em seguida com sua armada. Ao passar nas alturas do monte *Dely* que fica áquem de Cananor 2 leguas, divisou ao longo da cósta tantas vélas, que por ser quasi noite ficou em duvida se eram palmeiras!... Seguiu então o rumo de Cananor aonde chegou já quasi de noite, sendo ali informado pelo capitão d'aquella cidade, que tinham passado por ali muitos paraus, ficando elle governador convencido então de que tudo aquillo que lhe tinham parecido palmeiras eram navios!... E não tardou porém a apparecer em sua frente uns 130 paraus bem guarnecidos de bôa gente!...

Os mouros d'estes navios, avistando os nossos, e notando serem poucos, cuidaram logo em os vir atacar, e quando foi na manhã seguinte, confiados na grande calmaria que então fazia, que muito aproveitava aos seus paraus, foram collocar-se entre a terra e a nossa armada!...

Quando o governador viu tamanha ousadia, ainda que inferior em numero, resolveu de logo accommettel-os, mesmo contra o parecer de alguns outros capitães. Aquelle atrevimento dos mouros tinha-lhe ferido sobremodo os brios guerreiros, e por isso ordenou o combate contra aquelle cardume de paraus, *que lhe tinham* parecido as palmeiras do deserto!

Rompeu o combate, e de parte a parte tornou-se tremendo e medonho! Parecia tudo aquillo o redemoinhar do furacão derrubando os proprios arvoredos!... O repetido troar da artilheria, semelhava ao estampido do trovão no meio do temporal! Os mouros pareciam tigres assanhados, que só buscavam devorar a preza! Os nossos andavam qual o leão enfurecido, que despresando os ferimentos só busca encontrar-se com o caçador!... As setas dos Malabares já toldavam os ares, escurecendo o dia, ao passo que os pelouros de nossa artilheria, partiam em todas as direcções, como raios, a destruir aquelles paraus, fulminando de morte a maior parte de seus defensores! Os portuguezes já não contavam com a vida, apenas buscavam uma morte gloriosa... N'esta conjunctura faziam maravilhas, com as quaes traziam os mouros já desalentados, e prolongava-se já aquelle terrivel combate, quando os nossos navios começaram a mover-se impellidos por uma pequena aragem que os favoreceu.

Por essa occasião chegaram de soccorro 3 paraus de Cananor, e vendo os mouros o grande destroço que tinham recebido e a vantagem que os ven-

tos iam dando aos nossos navios, pozeram-se logo em desordenada fuga!... Foram então perseguidos por algum tempo, em cuja perseguição lhes foram destruidos mais alguns paraus.

Durou esta batalha, tão terrivel e disputada, de manhã até quasi á noite!... Foi este um dos maiores feitos que praticaram os portuguezes n'aquellas remotas partes do oriente, em razão da grande superioridade dos inimigos, a quem os nossos metteram no fundo muitos paraus, tomando-lhes 22 d'elles, com 50 peças de muito boa artilheria!

Depois d'este memoravel feito partiu o governador Lopo Váz de Sampaio para Cochim.

CAPITULO XV

Partida para as Indias de D. Nuno da Cunha na qualidade de governador geral, o qual chegando em Mombaça, faz tributaria aquella poderosa cidade em 1:500 miticães de ouro e prata. Antonio da Silveira faz tambem a conquista de Surrate e Reiner, aprisionando 6 vélas ao inimigo.

No correr do anno de 1528, D. João III determinou mandar ás Indias uma grande armada, escolhendo D. Nuno da Cunha para o seu commando; isto por suas excellentes qualidades e grande experiencia das cousas do oriente. Levava esta expedição para mais de dois mil combatentes com os seguintes capitães: Simão da Cunha, Pedro Váz da Cunha, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, D. Fernando de Eça, D. Fernando de Lima, Bernardim da Silveira, Francisco de Mendonça Guedes, Affonso Váz de Azambuja, João de Freitas, Gaspar Moreira e Luiz de Araujo.

Partiu esta armada composta de 11 náus de linha, do porto de Lisboa a 8 de abril de 1528. Chegando á ilha de S. Lourenço, entrou no porto de Santiago para fazer aguada.

Notou D. Nuno da Cunha, que aquella ilha era povoada de negros, os quaes tinham os cabellos retrocidos, como os de Moçambique; vieram logo muitos d'elles á ribeira com carneiros e gallinhas, e mais outros diversos mantimentos, que ali trocaram com os nossos por pedaços de ferro e outras cousas de menor importancia. D. Nuno da Cunha, para melhor se poder informar d'aquella terra, mandou Pedro Lobo e Luiz Falcão, com mais alguns companheiros, a explorar a povoação e examinar os costumes d'aquelles negros, levando para esse fim amostras de cravo, canella e de todas as mais especiarias, para saberem se entre elles haveria algum d'esses productos da natureza. Esta commissão exploradora, voltou de tarde muito satisfeita por achar muito fertil aquella terra e serem mui pacificos os seus habitantes. Esteve ali tres dias D. Nuno da Cunha a prover-se de mantimentos e fazer aguada. Estando porém, a fazer-se de véla d'aquella angra, sobreveio um vento do mar, tão forte e tão contrario, que a sua nau quebrando as amarras, começou logo a dar guinadas, com grande risco de perder-se. Foram-lhe lançadas então mais duas amarras novas, que se fizeram tambem logo em pedaços!...

N'esta conjunctura, impellida pela grande força dos ventos, foi despedaçar-se na margem do rio, com tres braças de profundidade!... A tripulação, foi salva pelos bateis dos outros navios, que por estarem mais ao largo não tiveram perigo.

Finalmente, partiu D. Nuno da Cunha no dia se

guinte para Melinde, aonde chegou a salvo, sendo logo visitado pelo rei d'aquellas terras, o qual lhe fallou com muitas mostras de amizade. D. Nuno teve ali conselho com os seus capitães, ácerca da conveniencia de partirem para as Indias n'aquella estação, ao que deliberou o dito conselho, que antes da partida fosse castigado o rei de Mombaça, em rasão dos muitos damnos que tinha causado ao rei de Zanzibar, amigo e alliado dos portuguezes.

El-rei de Melinde, sabendo d'esta deliberação, mandou offerecer a D. Nuno da Cunha 8 mil homens, que não foram recebidos, em rasão de se não poder esperar que El-rei os mandasse ajuntar, tomando-se apenas 150 que já estavam promptos. Tinha-se resolvido tambem no conselho, que se fosse vencido o rei de Mombaça, fosse aquelle reino entregue a Mahamed filho do rei de Melinde. Foi pois na expedição, tambem Mahamed. Chegaram em frente de Mombaça a 17 de novembro, encontrando aquella cidade muito bem fortificada com boa artilheria que tinham tomado dos nossos navios que ali tinham em outro tempo dado á cósta. El-rei de Mombaça, tinha sido avisado a tempo da partida de D. Nuno da Cunha, e por isso se tinha preparado bem para o receber. Á entrada do porto, tinha elle sua melhor artilheria, e na cidade, tinha reunidos para mais de 6 mil frecheiros, muito destros n'esta arma, pois eram pela maior parte cafres.

D. Nuno da Cunha, posto que trouxesse pilotos de Melinde, não se quiz confiar n'elles, em nego-

cio de tanta gravidade; mandou pois Pedro Váz da Cunha, seu irmão, em um batel, e Diogo Botelho, em outro, com alguns pilotos da armada e outros de Melinde, para que todos fossem sondando o río até ao ancoradouro, diante da cidade, donde lhe deveriam dar signal para a armada poder entrar.

Partiram aquelles destemidos exploradores, por entre o fogo d'aquella artilheria, que estava postada na margem do rio, e logo que poderam chegar ao sitio, fizeram de lá o signal convencionado. D. Nuno da Cunha, mandou logo tocar todas as suas trombetas de guerra, e ao grito de Santiago, mandou avançar para a frente da cidade toda a sua armada na ordem seguinte: Foi na vanguarda, João de Freitas com um zambuco, o qual ao chegar diante do baluarte da margem do rio, vieram logo 2 bombardas que lhe levaram a perna de um homem. Atraz de João de Freitas, ia Lionel de Athaide em seu navio, o qual apesar dos muitos tiros, não recebeu grande damno em sua gente.

Seguia apóz estes, Diogo Botelho, a quem mattaram o despenseiro. O zambuco dos mouros, vinha tambem seguindo estes, a quem um pelouro, quebrou o braço direito de *Cide Buac*, sobrinho de El-rei de Melinde. D. Nuno da Cunha e D. Fernando de Lima, seguiam na retaguarda com suas naus, as quaes por sua grandeza, estiveram expostas aos maiores perigos, pois passaram em distancia de um tiro de pedra dos baluartes inimigos!... A este tempo, foi tambem disparado um tiro da

nau de D. Nuno da Cunha, o qual foi inutilisar uma das melhores peças, que fazia terrivel fogo do baluarte contra os nossos!... Com este acontecimento ficaram os mouros bastante embaraçados, e D. Nuno arrostando todos os perigos, chegou em frente da cidade, quasi ao sol posto!... Emquanto durou o dia andou examinando, por onde melhor poderia dar o assalto, e no dia seguinte, ordenou o desembarque do seguinte modo: D. Nuno, com 450 combatentes, foi atacar a cidade pelo lado de terra; indo na sua vanguarda Pedro Váz da Cunha com 150 fidalgos e 30 espingardeiros para atacar as muralhas; o qual, logo que ali chegou se viu diante de muitos mouros armados de frechas, que buscavam impedir-lhe a marcha, logo ás portas da cidade; porém elle, pelo grande desejo que tinha de chegar ás muralhas, não fez caso d'elles, mas seguindo um pouco mais para diante, lhe sahiram ao encontro mais consideravel numero de defensores, todos bem armados.

Pedro Váz, dando então o grito de Santiago aos mouros, deu sobre elles com tal valor, que matou grande quantidade d'elles, e os que ficaram com vida, foram os que se evadiram para os matos, aonde tinham já as mulheres e a fazenda!... Então áquelle punhado de heroes, investiu contra as muralhas, e depois de um renhido combate, foram desbaratados os seus defensores!... Mandou logo Váz da Cunha arvorar a bandeira portugueza, para que seu irmão, avistasse aquelle signal de victoria.

D. Nuno da Cunha, tinha chegado por outro lado aos paços de El-rei, indo depois reunir-se com seu irmão e mais fidalgos, mandando tambem desembarcar, as guarnições das naus, e todos juntos festejaram aquella grande victoria !...

Quem notasse a grandeza d'aquella cidade e o apparato de seus defensores, e a estreiteza das ruas, que só as mulheres armadas de pedras poderiam ter destruido os portuguezes, não poderá deixar de considerar, que aquella victoria, foi mais um favor do céu do que o resultado das forças humanas. É que o nosso Portugal, estava então predestinado para levar a civilisação ás mais remotas partes do mundo, e por isso não será para admirar que os portuguezes, desenvolvessem um valor desconhecido, animados pelo senhor dos exercitos.

Quando El-rei de Mombaça, soube que D. Nuno da Cunha tencionava invernar n'aquelle porto, ficou esmorecido, e mais ainda, de ver os mouros seus visinhos derrubarem as suas casas, e tambem cortarem seus palmares.

N'esta triste conjunctura, mandou elle dizer a D. Nuno da Cunha, que melhor lhe seria ficar por vassallo de El-rei de Portugal, do que ver derrubar tantas casas e palmares ; por isso se fosse do seu agrado acceitar sua vassallagem, lhe mandaria um de seus nobres, para tratar com elle ácerca do concerto de vassallagem e amisade !

Accedendo a este pedido, D. Nuno da Cunha, foi-lhe mandado um embaixador, que era um parente de El-rei, sendo feito então um convenio em que

o rei de Mombaça ficaria por fiel vassallo de El-rei de Portugal com um tributo de 1:500 miticaes de ouro cada anno, pagando logo os tres primeiros annos pelo resgate da cidade. Ficava mais obrigado a não receber nos seus portos, a inimigos declarados de Portugal.

Partiu o embaixador, e voltou n'esse mesmo dia com os tributos, dizendo que El-rei era contente de todas aquellas condições, e por isso as acceitava.

D. Nuno, permaneceu ali ainda até ao mez de março, passando depois a Melinde, d'onde passou a Gôa e Ormúz, e chegando a Cochim, mandou Antonio da Silva á cósta de Cambaya, o qual foi surgir na barra de *Surrat* e *Reiner*, conquistando aquellas cidades e aprisionando 6 vélas.

Depois d'isto voltou Antonio da Silva a Chaúl a dar conta ao governador do que tinha praticado. Em reconhecimento, foi nomeado capitão da fortaleza de Chaúl, tomando logo conta do seu posto, tendo ás suas ordens um galeão e alguns bergantins com 650 homens para a defeza da cidade.

CAPITULO XVI

D. Nuno da Cunha parte para Diu e toma á força de armas a ilha de Bethe, voltando a Gôa depois de ter bombardeado a fortaleza de Diu. Diogo Botelho volta das Indias a Portugal em uma fusta, entrando em Lisboa, depois de muitos perigos e trabalhos, fazendo a admiração dos nacionaes e dos mesmos estrangeiros.

D. Nuno da Cunha, tendo feito grandes preparativos, para ir a Diu, mandou Antonio de Saldanha, com algumas vélas, para que o fosse esperar em Bombaim. O governador, partiu tambem no 1.º de janeiro de 1531, com uma parte da sua frota, entregando a outra parte a Francisco de Sá, que devia partir na sua retaguarda.

Chegando o governador a Bombaim, já lá encontrou Antonio de Saldanha, com o qual fez juncção, elevando o numero de vélas a 199! Partindo então d'ali o governador com toda aquella armada foi ter a Damão, que era de El-rei de Cambaya, indo todos os navios menores fazer aguada. D. Nuno da Cunha, desembarcou sem resistencia, mandando dizer uma missa solemne com sermão, pelo commissario da ordem de S. Francisco, o qual

deu no fim absolvição geral a todos que ali estavam presentes.

Depois d'isto, o governador, mandou lançar pregão, em que promettia em nome de El-rei de Portugal 500 pardaus, ao primeiro que subisse aos muros de Diu. O segundo, teria 300 e o terceiro teria 100. Soube então o governador por alguns mercadores da Arabia, que Mustafá, sobrinho de Raez Soleimão, tinha entrado em Diu ha poucos dias. Tambem na ilha de *Bethe*, distante 7 leguas de Diu, estava já um capitão Rume, com uma força de dois mil soldados arabes e mouros, que se occupavam em erguer uma fortaleza além da que ali já existia. Esta ilha, tinha de circumferencia legua e meia, e era cercada de grande penedia, com uma muralha de pedra e cal em toda a volta, com fortes baluartes e cubellos, sendo por estas circumstancias, uma das cidades mais bem fortificadas d'aquelles tempos, pois tinha tanta artilheria e tão boa, que o governador ficou admirado de vel-a.

Antonio de Saldanha, foi reconhecer aquellas fortificações com todos os navios de remo, sendo em seguida accommettida a ilha, mas antes do assalto geral, mandou o governador dizer ao capitão dos Rumes, que reparasse o modo, porque estava cercado, sendo-lhe impossivel de sahir d'ali a menos que não fosse por meio de algum concerto, e por isso, julgava conveniente sahir elle daquella ilha com toda a sua fazenda e gente d'armas.

A isto respondeu o capitão dos Rumes, que lhe mandasse um salvo-conduto, para que lhe podesse

ir fallar. Concedido aquelle pedido, veio o capitão e disse, que elle não poderia deliberar só, e por isso que o governador visse as garantias que dava á sua gente, para depois os persuadir a acceitar as condições. As condições, lhe disse o governador, é a liberdade para sahirdes da ilha com a vossa gente depois de ter deposto as armas.

Partiu aquelle capitão, mas não poude convencer a sua gente de que era o melhor partido depor as armas, e sahirem com as suas fazendas, e por isso D. Nuno da Cunha mandou logo assaltar a fortaleza por todos os lados, de cujo assalto, os nossos receberam muitos damnos, em rasão do desespero com que pelejavam os defensores.

Finalmente, depois de muitos e repetidos assaltos, foi tomáda aquella fortaleza, tendo morrido em sua defeza a maior parte dos inimigos!...

Depois d'este grande commettimento partiu o governador para Diu, e chegando em frente, notou ali muita gente de todos as nações.

Começou a bombardear a cidade, mas como não podesse colher outro fructo, senão o gastar provimentos, partiu para Gôa, ficando Antonio de Saldanha, com parte d'aquella armada, para cruzar na enseada de Cambaya.

Chegando o governador a Gôa, não tardou que viesse ali ter Martim Affonso de Sousa, com uma armada, em que vinha por capitão mór das Indias. Vinha tambem n'esta armada, Diogo Botelho, filho de Antonio Real, que fôra capitão de Cochim, no tempo do viso-rei D. Francisco de Almeida, o qual

tendo servido nas Indias por muito tempo, tinha ido a Portugal requerer a satisfação dos seus serviços.

Como Diogo Botelho fosse dotado de muito engenho, e muito pratico na Geographia, tinha feito uma grande carta de marear, com uma descripção de todo o mundo conhecido, levando-a de presente a D. João III, o qual muito contente com aquelle presente, tratava de honrar Diogo Botelho, segundo os seus grandes merecimentos, quando a inveja asquerosa, travou guerra contra elle!... Não é só em o nosso Portugal que tem apparecido os invejosos do merito alheio, os malfeitores são vulgares em todos os tempos e nações, assim como os homens de merecimento e honrados foram sempre o alvo dos mal intencionados. Appareceu, pois, um d'esses invejosos e mal intencionados, que subindo os degraus do throno, foi persuadir a El-rei de que Diogo Botelho, tencionava deixar o reino, para ir offerecer os seus serviços a El-rei de França, por causa de não ter sido bem recompensado dos seus serviços em Portugal!

D. João III, infelizmente deu logo credito áquellas falsidades e sem mais averiguações, mandou degradar para as Indias a Diogo Botelho!... Chegando pois ali aquelle illustre degradado, sentiu mais aquella affronta que se lhe tinha feito á sua honra do que o mesmo degredo.

Concebeu elle porém um plano, do qual dependia a sua justificação, e para o pôr em pratica, pediu licença ao governador para fazer uma fusta,

para ir depois n'ella a Portugal justificar a sua innocencia, para que d'esse modo visse El-rei, que podendo passar á França n'aquella fusta, o não fizera, por não ser nunca a sua intenção.

Tendo pois obtido aquella licença do governador, fez construir em Cochim a dita fusta com 22 palmos de comprido, 12 de largo e 6 de pontal, comprehendendo da quilha até á primeira coberta. Terminada que foi esta pequena embarcação, tambem houve quem fosse dizer ao governador, que tudo aquillo era um disfarce para se ir pôr ao serviço dos turcos, em rasão de andar muito escandalisado dos portuguezes!...

Então o doutor Pedro Vaz, que era o vedor da fazenda real, dando logo credito a taes calumnias, mandou tomar-lhe aquella fusta... Diogo Botelho, cheio de indignação, queixou-se amargamente, dizendo-lhe que olhasse bem o que fazia, porque aquillo agora importava em mais do que tomar-lhe a fusta, porque El-rei logo que isto soubesse lhe mandaria cortar a cabeça! O doutor Vaz, em vista de suas queixas e rasões, mandou-lhe entregar a fusta, depois de lhe fazer jurar que só serviria a El-rei de Portugal.

Então Diogo Botelho, antes que lhe surgissem novos embaraços, tratou de fazer a sua perigosa viagem, pois se conseguisse o seu desejo, levava uma nova muito agradavel a D. João III, que era a doação que se tinha feito n'aquelles ultimos dias da fortaleza de Diu a Portugal.

N'esta conjunctura, passou elle a Dabul, para de

lá seguir a sua viagem atravéz do Occeano enfurecido! O seu saber e pratica das cousas do mar, dispensou-o de levar piloto, que nem poderia mesmo achar se d'elle necessitasse. Levou os seus escravos e mais 5 portuguezes, sendo 3 d'elles seus criados.

Partiu pois de Dabul, em 1 de setembro de 1535, dizendo a todos que ia reunir-se á nossa armada que andava na cósta de Cambaya. Mas quando elle começou a desviar-se para o largo, seus companheiros logo começaram a censural-o, e foi então que Botelho tambem lhes declarou as suas intenções, e animando-os com grandes promettimentos. Todos ali, se conformaram, e mais contentes ainda se mostraram, quando Diogo Botelho, tomou terra na cósta da Arabia, no tempo certo que lhes tinha promettido.

Depois de fazer aguada, seguiram para o cabo das Agulhas, aonde lhe deu um tamanho temporal, que Botelho teve de arribar por duas vezes com grande perigo, pois andava o mar tão alterado, que passava facilmente por cima da fusta, fazendo-a andar a maior parte do tempo por baixo da agua! Luctando com esse terrivel temporal, dobrou o cabo de Boa Esperança, aonde encontrou maiores perigos ainda; pois não podendo aportar a Santa Helena por causa da grande cerração, começou a sentir a falta de agua e de mantimentos!...

N'esta triste conjunctura, desesperando os marinheiros, de não poderem chegar a salvamento, revoltaram-se contra Diogo Botelho, resolvidos a

matal-o, julgando que depois poderiam alcançar as terras de Guiné! Armaram-se pois aquelles marinheiros, de noute com machados, espetos e fisgas, investindo em seguida contra elle e os demais portuguezes, um dos quaes logo cahiu morto, e a Botelho, teria succedido o mesmo, se não andasse prevenido com uma saia de malha e uma boa espada!...

Deu elle então, com os seus criados sobre os revoltosos, e tão atemorisados ficaram elles do valor de Diogo Botelho e de seus criados, que se lançaram precipitadamente nas aguas!

Andavam elles luctando com a morte, e tendo já morrido uns dois, começaram os outros a pedír perdão e soccorro, do que compadecido o generoso Botelho, os tornou a recolher á sua fusta, que ainda assim lhe ficou quasi desguarnecida, em rasão d'aquelles marinheiros andarem bastante feridos, e não haver medicamentos para cural-os!... Em fim, estes desventurados navegantes, já cançados de trabalhos, e cheios de fome e de sede, chegaram ás alturas da ilha Terceira. Não queria Botelho aportar ás ilhas com receio de ser preso, mas a força dos ventos, obrigou-o a arribar á do Fayal aonde esteve a ser tomado por um traidor! O caso foi este: Diogo Botelho, não podendo occultar a sua vinda ao corregedor d'aquella ilha, fingiu ser mandado pelo governador das Indias com um recado de muita importancia para El'rei.

N'esta qualidade foi elle recebido em terra pelo povo como cousa nunca vista, dizendo todos que

aquillo fôra um grande milagre!... Sabia o corregedor, que Diogo Botelho tinha sido degredado e concebendo suspeitas de que elle viesse fugido, tentou mandal-o prender, com receio de que elle seguisse para a França. Então Diogo Botelho, para tirar o corregedor d'aquellas suspeitas, disse-lhe que o governador D. Nuno da Cunha, por não encontrar quem se expozesse a tamanho perigo, para levar tão agradavel nova a El-rei, o tinha mandado a elle, para na qualidade de degredado poder alcançar o perdão, visto que aquella nova, era de tanto alcance para Portugal. Acreditando o corregedor n'estas rasões, não o mandou prender, mas pediu-lhe que lhe dissesse qual era a nova tão agradavel de que era mensageiro para el-rei, ao que Botelho respondeu, que de modo algum lhe poderia dar essa noticia que só tinha ordem de levar a El-rei, mas que, agradecido ás suas attenções, lhe poderia deixar uma carta para que por ella ficasse ao facto de tudo, ainda que isso fosse de encontro ao seu juramento, mas lhe pedia que tambem promettesse de a não abrir senão 8 dias depois da sua partida. N'esta carta declarava Botelho o verdadeiro motivo que o trazia a Portugal. Partindo pois d'aquella ilha, chegou a Lisboa pelo mez de maio, indo logo apresentar-se a El-rei que estava em Almeirim, seguindo pelo Tejo acima na sua fusta até Salvaterra! D. João III recebeu-o com muito agrado, e ouvindo com prazer a causa de sua viagem, louvou muito a sua lealdade e valor, por ter de luctar com tantos perigos para se justificar e trazer-lhe

tão agradavèis novas. Foi tal então a admiração que causou aquella arrojada viagem, que muita gente, tanto nacional como estrangeira, começou a ir visitar aquella fusta como cousa nunca vista em todos os tempos, e tomando a Diogo Botelho por um dos maiores heroes d'aquelle seculo!...

CAPITULO XVII

Alliança de oito reis mouros contra Antonio Galvão, o qual determina batel-os em suas fortificações, indo logo contra a da Rocha, ganhando antes de lá chegar uma grande victoria, apoderando-se depois d'aquella fortaleza e de toda a cidade.—Antonio Galvão consegue fazer as pazes com el-rei de Tidor, e voltando a Ternate é alli recebido com grandes festas.

Como os mouros de Moluco andassem muito desejosos de alcançar uma victoria contra os portuguezes, congregaram-se em Tidor 8 reis mouros, com um poderoso exercito, para irem tomar a fortaleza, que era defendida por Antonio Galvão, o qual, por ter chegado ali ha pouco e as differenças terem sido com o seu antecessor, julgou poder-se conservar em paz com aquelles potentados e para esse fim lhes mandou por Gonçalo Vaz Sernache, expôr os motivos pelos quaes elle deseja estar em paz com elles. Aquelles potentados, depois de enumerarem todas as queixas que tinham de Tristão de Athaide, formaram conselho e deliberaram que fosse feita uma tregua por alguns dias, mas isto com o fim secreto de melhor poderem saber do estado da nossa fortaleza!... Esta tregua, sendo feita

e acceite de parte a parte, foi logo quebrada pelos mouros, tomando-nos tres escravos, que traziam lenha do campo para dentro da fortaleza! Á vista d'esta falta de fé, Antonio Galvão mandou queixas ao campo inimigo, e que em vista d'aquelle desleal procedimento, considerava rotas aquellas treguas e inevitavel a guerra. A isto responderam aquelles reis alliados, que fizesse Antonio Galvão o que melhor entendesse. Não foi preciso mais, Antonio Galvão organisou a sua gente e marchou logo sobre Tidor; pois ainda que esta acção fosse temeraria, a sua honra assim o pedia, para que seus poderosos inimigos o não julgassem esmorecido, incapaz até de poder defender a sua fortaleza. Não podendo elle contar com mais reforços senão d'ahi a dois annos, cumpria dar mostras de firmeza, lembrando-se ainda, que não tinha ali mantimentos, senão para a terça parte d'esse tempo!... N'esta conjunctura, Antonio Galvão, com a esperança posta em Deus, não vendo d'onde lhe viessem agora outros soccorros, julgou uma necessidade aventurar uma batalha contra os seus poderosos inimigos, antes de vêr-se reduzido á fome, encerrado com os seus valentes companheiros. Partiu pois Antonio Galvão para Talangame, aonde estavam 4 vélas, e com 50 naturaes alliados e 170 portuguezes, caminhou então o destemido Galvão ao encontro dos reis alliados, que contavam um poderoso exercito de mais de 70:000 homens!... Chegando a Talangame, lhe sahiu logo ao encontro uma grande emboscada de mouros, que eram para mais de 2:000! Houve ali

uma forte escaramuça, na qual ficou prisioneiro um mouro muito sabido, a quem Antonio Galvão perguntou o que projectavam contra elle os reis alliados, ao que elle respondeu que aquelles potentados estavam em Tidor, tencionando de tomar vivos a todos os portuguezes, para depois os mandar matar com grandes torturas!

Quanto á cidade de Tidor, que estava muito bem fortificada de muros e baluartes, não podendo ser entrada por qualquer dos lados, em rasão de ter uma fortaleza sobre uma rocha, talhada, para a qual seguia um caminho tão estreito, que só ás pedradas se poderiam defender dos maiores exercitos do mundo!...

Disse mais que aquelle estreito caminho, tinha uma legua de extensão, sendo tudo fragoso e cercado de espesso arvoredo, e que elle se offerecia a guiar para lá os portuguezes, a fim de mais depressa ter a sua liberdade!...

No dia seguinte, buscava Antonio Galvão embarcar em seus navios para seguir para Tidor, quando appareceu uma grande frota de mouros, de mais de 300 vélas de remo, em que traziam para mais de 30:000 homens de peleja, todos bem armados!

Com aquella força imponente quizeram os mouros atemorisar Antonio Galvão, mas vendo que elle os não temia, fizeram-se mais ao largo, indo em seu rumo para Tidor, aonde Galvão encontrou aquellas praias cobertas de defensores, soltando grandes gritos e outros alaridos e disparando a

sua artilheria, cujos pelouros, por virem de muito alto, não podiam alcançar os nossos navios.

Antonio Galvão, formou conselho dos seus capitães, sendo deliberado ir-se atacar a fortaleza da rocha!... O plano tinha a vantagem de se poder depois bombardear a cidade, ficando a nossa artilheria mais ao abrigo do assalto dos inimigos. Foi tambem decidido atacar-se aquella fortaleza pelo lado mais forte, em rasão de estar menos prevenido e os mouros não contarem com tanto arrojo da parte dos portuguezes, a ponto de tentarem escalar a fortaleza por aquelle lado. Para se pôr em pratica aquelle plano, levou Antonio Galvão 120 companheiros escolhidos, deixando nos navios 50 para sua defeza, os quaes deviam dar mostras de darem um desembarque na cidade, e quando acudissem ali os mouros com suas maiores forças, Antonio Galvão iria com os seus escalar a fortaleza da rocha. Estando tudo posto n'essa ordem, partiu Galvão com aquelle punhado de heroes, levando na sua frente Gonçalo Vaz Sernache, Diogo Lopes de Azevedo, Jorge de Brito, Antonio de Teive, D. Fernando de Moroy e Jorge de Teive; indo na frente de todos Antonio Carneiro, que levava ao seu lado o mouro sabido para lhe servir de guia.

A expedição caminhava vagarosamente para não chegar cançada, indo Antonio Galvão no meio com o estandarte real erguido.

Na retaguarda iam Francisco de Sousa e João Freire com outros mais distinctos cavalleiros. Seriam 8 horas da manhã, quando se acharam cousa

de meia legua distante da fortaleza; e logo que os vigias deram por elles, foram dar parte, de quanto era diminuta aquella força portugueza; e logo que os alliados tiveram essa noticia, deram rebate aos seus, acudindo logo com 50 mil homens, para impedir o caminho aos nossos!...

Antonio Galvão, ouvindo o estrepido de tanta gente, para se não embaraçar com ella, deixou o caminho que levava, e seguiu pelo meio d'aquelles mattos fechados, perdendo d'esse modo os inimigos de vista. Julgando porém elles que os nossos fizeram aquillo por medo, cheios de alegria, soltaram grandes apupadas que foram echoar a muita distancia! Porém Antonio Galvão, que levava todas as suas esperanças póstas em Deus, caminhou com sua gente sem dar importancia áquelles alaridos e apupadas.

Então o Rei de *Cachil*, que era um dos mais valentes guerreiros do seu tempo, postou-se á frente de todos com a sua gente para ter a honra de vencer os portuguezes.

Chegando elle a um descampado entre a fortaleza e os nossos, tentou de ali deter Antonio Galvão emquanto não chegavam os outros Reis seus alliados com o resto do exercito, mas Antonio Galvão conhecendo-lhe o plano, para não perder o seu tempo, mandou tocar todas as trombetas, e avançou contra os mouros ao grito de Santiago! N'este primeiro encontro, El-rei de *Cachil*, armado de uma saia de malha e um forte capacete na cabeça, começou a pelejar com a sua formidavel espada ás

mãos ambas!... Aquelle soberbo mouro, pelejou assim por algum tempo, cahindo por fim com alguns ferimentos graves, mas levantando-se, começou de animar ainda os seus, dizendo-lhes que aquillo não era nada, posto que o sangue já lhe corresse das feridas em abundancia!... Então a batalha tornou-se encarniçada de parte a parte, e o grande numero dos inimigos já buscava envolver os nossos em um circulo de ferro, quando o Rei de *Cachil* tornou a cahir desmaiado, e voltando a si d'aquelle desmaio, bradou aos seus, que o levassem do campo da batalha, para que os portuguezes se não animassem com a sua morte. Os nossos porém combatiam como leões enfurecidos, e os mouros, sabendo que era morto o valente Rei de *Cachil*, perderam todos o valor e ousadia, fugindo logo em diversas direcções, deixando até as proprias armas!...

A este tempo, vinham já as forças dos outros reis alliados em seu auxilio, mas encontrando-se com elles em fugida, foi tal a confusão, que todos fugiram, uns, para a fortaleza e outros para os matos!... Então Antonio Galvão, aproveitando esta coincidencia, seguiu os que fugiam para a fortaleza, e entrou ali de envolta com elles!...

Os mouros da guarnição, ao verem entrar os portuguezes triumphantes, tambem logo cuidaram em se pôr a salvo, ficando os nossos senhores d'aquella temivel fortaleza, por um tal modo, que bem justifica aquella esperança que Antonio Galvão tinha posto em Deus!...

Logo aquelle punhado de destemidos portuguezes desceu á cidade, ao som das trombetas, encontrando-a já deserta, pois tudo tinha fugido para os matos, até os proprios reis alliados!...

Parece isto mais um conto fabuloso do que uma historia verdadeira, attestada pelos escriptores coevos; e o mais é que tendo morrido tantos mouros, Antonio Galvão só perdeu um escravo!...

D'estes feitos, só poderá gloriar-se Portugal, porque iguaes só os poderá contar a França no seu livro de Carlos Magno, ou a Italia no seu Orlando furioso!... Com bastante fundamento disse o nosso grande Epico Luiz de Camões, que as verdades nossas, eram tamanhas, que excediam as estranhas fabulosas!...

Emfim, aquelles reis alliados, indignados, de tamanha victoria alcançada por tão poucos portuguezes, determinaram colher Antonio Galvão em uma embuscada, quando elle voltasse das naus para a cidade; porém avisado d'isso Galvão, mandou alguma gente ao longo da terra, para que sahindo elles, fossem tomados n'essa occasião, de encontro á cidade.

Para que aquelles mouros sahissam de melhor vontade, desembarcou de manhã ao som de suas trombetas, e como os mouros o presentissem, sahiram logo ao seu encontro para lhe tomar a dianteira, antes que elle pozesse os pés em terra; mas os nossos que já estavam prevenidos, deram logo sobre elles as bombardas, e aferraram uma *Caracaza* de El-rei de Bacham, carregada de gente, a

qual não ousando pelejar, se lançou toda nas aguas, deixando aquella embarcação em poder dos nossos!... Vendo isto os outros que vinham mais atraz, se puzeram logo em fugida com medo que lhes succedesse o mesmo!...

Os reis alliados, ficaram ainda mais despeitados, determinando tornar a combater os portuguezes por terra e por mar.

Sabendo porém Antonio Galvão, das intenções dos alliados, marchou ao seu encontro por terra dentro, por um caminho occulto, que a não ser um tiro dos nossos, disparado por descuido, teriam elles sido colhidos por surpreza!... Foram aquelles reis perseguidos, e perderam alguma gente que ia na rectaguarda. Os alliados, tomaram então aquelle novo desastre, por um castigo do seu Mafoma, e n'esta conjunctura, deliberaram partir cada qual para as suas terras, deixando o desaggravo para melhores tempos!

Quando os portuguezes, viram tão rapida partida, julgaram que os mouros, iriam sobre a nossa fortaleza de *Ternate*, e todos então pediram a Galvão, que lhe fosse acudir, ao que elle respondeu, que todo aquelle que não podia defender a sua casa, mal poderia ir atacar a casa alheia, pois que elle não sahiria d'ali sem que tivesse feito as pazes com o rei de Tidor, ou o deixasse destruido de todo!... E para levar a cabo esta sua determinação, escreveu logo uma carta áquelle Rei, na qual lhe pedia desculpa dos damnos que lhe tinha causado, queixando-se ao mesmo tempo d'elle e dos

seus alliados, por não terem acceitado as pazes quando de tão boa vontade lh'as tinha offerecido, pois que os portuguezes eram tão leaes que todos os reis mais poderosos do Oriente lhes tinham offerecido sua amisade, ao passo que elles em logar de a pedir a tinham negado, sem que tivessem d'elle recebido algum aggravo!...

Agora lhe rogava de novo, que fizesse as pazes com os portuguezes, não porque elles o temessem, mas, porque muito folgaria de conservar a boa visinhança com elle.

El-rei de Tidor, lendo esta carta na presença do seu conselho, mostrou a conveniencia de fazer as pazes com os portuguezes, ao que todos responderam que era bom que se fizessem com Antonio Galvão, por que reconheciam n'elle um procedimento mui differente do de Tristão de Athaide. Houve então uma entrevista de Antonio Galvão com aquelle potentado, sendo assentadas as pazes do seguinte modo:

El-rei de Tidor entregaria toda a artilheria e armas que tivessem pertencido aos portuguezes, e venderia toda a especiaria que houvesse em sua terra pelo preço da feitoria, e que não faria alliança com os reis que fossem inimigos de Portugal. Depois de concluido este tratado de paz, ficou el-rei de Tidor tão contente da brandura de Antonio Galvão, que muitas vezes foi a bordo de seus navios jantar com elle como se fossem amigos velhos e tivessem uma confiança mutua!...

Penhorado Antonio Galvão d'aquella confiança

que el-rei depositava n'elle, demorou-se ali por mais algum tempo, partindo depois para Ternate, aonde foi recebido com grandes festas por causa d'este explendido triumpho.

CAPITULO XVIII

Antonio da Silveira, defende valerosamente a fortaleza de Diu contra Coge-Sofar. — Soleimão Baxá, chega defronte de Diu, com uma poderosa armada, pondo aquella fortaleza em grandes perigos, sem comtudo a poder tomar, por causa do grande valor dos portuguezes.

Espantados os turcos com as grandes victorias que os portuguezes alcançavam nas Indias, e cheios de inveja, pelas grandes riquezas que de lá recebia Portugal, deliberaram mandar uma poderosa esquadra áquellas partes do Oriente, para deitar de lá fóra os portuguezes e ficarem senhores d'aquellas conquistas.

Foi então nomeado commandante d'aquella poderosa expedição *Soleimão Baxá*, que partiu de Constantinopla com 72 navios d'alto bordo e 7:000 combatentes. Quando Soleimão chegou deante de Diu, estava Antonio da Silveira preparando-se para receber os ataques de Coge-Sofar, que já marchava á frente de 22:000 guerreiros, para sitiar aquella fortaleza!...

Silveira, á vista de tamanho perigo que de tão

perto o ameaçava, tratou de concluir a cisterna, em rasão de não haver ali outra agua, sendo precisos 300 bois de conducção durante muitos dias acarretando para a poderem encher!... Foram tambem recolhidos muitos mantimentos, e de tudo o que era mais necessario, para se poder resistir a um longo cêrco.

Mandou Silveira á villa dos Rumes, concluir um baluarte, que já tinha sido começado por D. Nuno da Cunha; mandou depois tambem alguns navios, costear a terra pelo estreito, a que deu por commandante, Francisco de Gouveia. Vendo porém, estes preparativos, os gentios *Gurarates*, apoderou-se tamanho medo d'elles, que logo começarám a fugir occultamente, ao que Silveira, acudiu com um pregão, ameaçando de morte a todo aquelle que sahisse da fortaleza sem o seu consentimento.

N'estas diligencias andava o valente Silveira, quando a 26 de junho, foi surprehendida a villa dos Rumes, por Coge-Sofar, com a sua melhor gente!... Francisco Pacheco, que estava no baluarte com 12 homens, logo se poz em defeza, ao qual acudiu Antonio da Silveira com alguma gente, deixando na fortaleza a Lopo de Sousa Coutinho. *Coge-Sofar*, apertava rudemente com aquelle punhado de bravos, quando recebeu em um braço um pelouro, do qual ficou muito molestado, e desanimado com a presença de Silveira, se retirou apressadamente, com bastantes perdas de sua gente!

Esta surpreza da vanguarda inimiga, fez que

Silveira se prevenisse melhor na defeza d'aquella ilha, cuja fortaleza era o alvo dos inimigos.

Andavam já pela cidade muitos mouros falsarios, disfarçados em mercadores, esperando o momento de poderem fazer uso de suas armas contra os portuguezes; mas Silveira que já lhe conhecia as intenções, mandou logo prender os principaes.

Emquanto Coge-Sofar andou a cuidar da ferida do braço, foi concluida a defeza da villa dos Rumes, cujo baluarte ficou de 40 palmos de alto, e bem artilhado com 70 homens escolhidos para sua defeza!...

A 14 de agosto chegou ali *Alucham*, com 5 mil homens de cavallo e 10 mil de infanteria!... Coge-Sofar, veio então com o grosso de sua gente, sobre o passo, que defendia Lopo de Sousa, contra o qual logo assentou suas bombardas de maior calibre, começando a causar-lhe muitos damnos.

Vendo porém Antonio da Silveira que aquella estancia era insustentavel, pela pouca gente que dispunha para a defender, mandou de noute uma barcassa, para conduzir toda a artilheria, mas como cahisse n'essa noute muita chuva e vento, veio a barcassa, tocar em secco com todo o peso que trazia, soffrendo por esse motivo muitos damnos dos inimigos. Aos outros navios succedeu o mesmo por causa da maré que começou a vasar, passando os nossos durante essa noute muitos trabalhos, perdendo-se a maior parte d'aquella artilheria.

Antonio da Silveira, n'esta triste conjunctura chamou a conselho todos os seus capitães e lhes ex-

poz a grande conveniencia que havia em concentrar toda a defeza no castello, visto não terem gente sufficiente para se poder defender toda a cidade.

A estas justas ponderações, deliberou o conselho, que fosse franqueada a cidade, depois que se tivessem queimado alguns navios de remo que ainda estavam varados na praia. Apenas foram depois d'isso os nossos recolhidos ao castello, os mouros da cidade começaram a dar mostras de grande alegria com grandes alaridos, dando signaes aos de fóra para que entrassem, pois que já estavam as portas francas. Sabendo então os mouros que os nossos se tinham recolhido á fortaleza do castello, fizeram a sua entrada na cidade, sendo ali muito festejados, andando todos juntos a visitar as mesquitas em romaria. A 14 d'agosto, Lopo de Sousa, fez uma sortida com 50 homens, os quaes se repartiram por algumas ruas, para proteger aos que foram buscar lenha, mas sendo a esse tempo Lopo de Sousa atacado por grandes forças na embocadura de uma rua, aonde tinha apenas 14 de seus companheiros, travou um renhido combate com elles, matando 30 e ferindo ainda muitos mais, e pondo os outros em desordenada fuga!... Fizeram mais outras sortidas Gaspar de Sousa e Gonçalo Falcão, nas quaes foi aprisionado um mouro, a quem Silveira fez varias perguntas, a que elle respondeu, dizendo que na cidade estavam para mais de 13:000 homens, e que do porto de Mangalor havia noticias de que em Adem ficava uma grande armada de ru-

mes preparando-se para vir em auxilio de Coge-Sofar.

Foi-se passando aquelle tempo em sortidas, e quando foi abrandando o rigor do inverno, pôde Antonio da Silveira mandar dizer ao governador D. Nuno da Cunha o estado em que se achava aquella fortaleza.

Quando soube d'isto o governador, mandou a Martins Affonso de Mello com alguma gente, indo após elle Antonio da Silva Menezes com mais alguma, emquanto se preparava o governador com mais importante soccorro.

Soleimão Baxá, para atemorisar os nossos, tinha por esse tempo tambem mandado desembarcar 700 janizaros, espingardeiros e frecheiros, todos vestidos ricamente de brocado e setim carmezim e outras varias cores vistosas; os quaes com seus turbantes guarnecidos de ouro e ricas plumas, traziam d'esse modo certa apparencia de altivos e de soberbos!

Chegando a terra, começaram a caminhar para a cidade ao longo do muro de nossa fortaleza, aonde estavam muitos dos nossos distrahidos a vêr aquella luzida comitiva, quando lhes foram disparados muitos arcabuzes e frechas, matando logo 6 d'elles, ficando uns 20 feridos!... A esta picardia responderam 300 de nossos espingardeiros, que logo lhes fizeram perder aquella soberba, ao derrubar-lhes para mais de 50 companheiros; sendo ainda muito mais crescido o numero dos feridos em rasão de virem muito juntos e os nossos não perderem nem

um só tiro! Os principaes d'aquelles turcos quizeram ir vêr *Alucham*, que já os esperava nos paços de Coge-Sofar com grande apparato, conforme a sua alta dignidade. Estava elle assentado em uma rica cadeira a modo de throno, quando chegaram á sua presença 8 d'aquelles capitães turcos, os quaes o tomaram pelas barbas com desprezo, dando-lhe ainda alguns empuxões!... Tinha Alucham as barbas mui compridas e brancas, que lhe dava um certo respeito, por sua avançada idade.

Este acto selvagem dos turcos, fez que alguns de seus criados, quizessem logo castigar aquella aggressão, porém Alucham, os impediu com uma dissimulada prudencia, dizendo-lhes que não levantassem as armas contra aquelles estrangeiros, porque em suas terras elles usavam d'aquellas ceremonias, como em saudação de alegria!... E porque muito desejava agasalhar aquelles bons hospedes, logo lhes deixou aquelles paços, partindo elle com 8 mil homens para a terra firme, indo assentar seu arraial em um palmar, que ali ficava perto da villa dos Rumes. No segundo dia ao da entrada dos turcos na cidade, que foi a 6 de setembro, começou a soprar um rijo vento do sul, accumulando-se no céu mui carregadas nuvens, sendo o trovão tão forte e tantos os relampagos a cruzar-se no espaço, que causava tudo aquillo assombro aos mais animosos!...

Estando a armada turca ali muito desabrigada d'aquelle temporal, cuidou Soleimão Baxá, em partir com ella em busca de melhor abrigo, chegando

a *Madrefabat* 5 leguas distante de Diu, com perda de 4 navios.

Alucham, com esta mostra dos turcos, veio no conhecimento de suas ambiciosas intenções, de se apoderarem das Indias, e pôr d'ellas fóra os portuguezes.

Emquanto aquella armada turca esteve em *Madrefabat* aonde se demorou uns 20 dias, pôz Antonio da Silveira, na fortaleza tudo em melhor ordem de defeza, começando a reparar os muros que não estavam em estado de resistir ao impeto dos bazaliscos que traziam os turcos para assentar contra elles.

Emquanto isto faziam os nossos, tambem Coge-Sofar, andava melhorando as suas fortificações, e os turcos levantavam tambem estancias contra a nossa fortaleza. Por este tempo chegou ali Fernão de Moraes em um *Cuter*, que vinha de Gôa com recado do governador, e Vaz Guedes em outro *Cuter* com algumas provisões, e uma carta do dito governador D. Nuno da Cunha, em que dava muitas esperanças de mandar soccorros em breve áquella fortaleza. Com estas boas novas, todos ficaram muito animados na fortaleza á espera dos inimigos.

Quando foi a 5 de outubro, tornou a entrar no porto a armada turca; chegando atraz d'ella mais 2 *Cuteres* portuguezes, que atravessaram sem medo por entre os turcos!... Vinha em um d'elles, Francisco de Sequeira e no outro, Garcia de Sá e Duarte de Lima, os quaes com este rasgo de va

lor, deixaram aquelles infieis muito resentidos, e se deram por bastante injuriados!...

Os mouros de terra alliados aos turcos, tinham feito grandes preparativos, e os turcos do seu lado, tinham assentes, já 9 bazaliscos de disforme grandeza, pois cada um lançava pelouros de 90 a 100 arrateis de ferro coado!... Tinham ainda mais 5 espalhafátos que lançavam pedras de 5 a 6 palmos de grosso!

Tinham mais 15 leões e aguias, 4 colobrinas e alguns canhões de tal grandeza, capazes de despedaçar uma rocha!... Havia mais 80 peças de menor calibre, sendo commandantes de toda ella, Coge-Sofar e Juçuf-Hamed, com uma guarda de mais de 2:000 turcos. Soleimão Baxá, esse não se abalava de sua armada, nem sabia d'aquellas obras de sitio, senão pelas informações que lhe traziam a bordo de sua galé!... Foram finalmente os turcos os primeiros a romper o fogo contra a nossa fortaleza, causando-lhe mui serios estragos nas muralhas, sendo continuado aquelle terrivel fogo por espaço de 25 dias, sem que os nossos durante esse tempo podessem ter algum repouso!... Cheios de valor, acudiam a todos os lados a reparar os estragos d'aquella artilheria destruidora!... O baluarte que mais damnos soffria era o de Gaspar de Sousa, o qual foi batido de tal modo nos primeiros 5 dias que ficou raso!... Reparando Antonio da Silveira n'aquelle grande perigo, acudiu-lhe, mandando fazer-lhe alguns reparos, pela banda da bateria, com alguns degraus pela parte de dentro, para os nos-

sos terem por onde subir para defender-se!... Passados aquelles 5 dias de combate, fingiram os turcos dar uma pequena tregua, e quando lhes pareceu que os nossos estavam mais descuidados, penetraram pelos fragmentos da muralha uns 50 homens bem armados, isto por não caberem mais pelo logar estreito que tinham para passar, ficando na cava muitos para irem substituindo os que morressem n'aquelle perigoso commettimento!

Aquelles assaltantes penetravam soberbos e resolutos, armados de piques e muitas panellas de polvora, porém Gaspar de Sousa, com seus valentes companheiros, ali os recebeu com toda a valentia, sustendo-lhes aquella marcha triumphal!... Antonio da Silveira mandou das outras estancias soccorrer aquella parte tão ameaçada, sendo continuada uma lucta terrivel, em que os nossos causaram grande mortandade nos turcos, pois apenas cahiam uns logo chegavam outros, sem poderem levar ao cabo o seu intento. E vendo elles que eram inuteis todos os seus esforços, retrocederam sobre as suas estancias, bem castigados d'aquella ousadia!

Resentidos porém aquelles poderosos inimigos, tornaram a repetir aquelles assaltos, havendo sempre muitos mortos e feridos dos dois lados. Os nossos, soffriam ali muitos trabalhos, por estarem em uma posição muito inferior, na defesa d'aquellas ruinas, e por isso Antonio da Silveira fez levantar uma torre de pedra para egualar com a altura do baluarte, para que podessem os nossos pelejar mais desafrontadamente.

CAPITULO XIX

Feitos admiraveis de algumas valerosas mulheres em defesa de Diu.—Soleimão Baxá, vendo a nossa fortaleza invencivel contra os repetidos assaltos dos alliados, delibera partir com sua armada para o mar Roxo.—Coge-Sofar, desanimado pelo mesmo motivo, retira-se egualmente para o interior de suas terras.

Ao passo que os portuguezes iam melhorandoas suas fortificações, tambem os alliados iam melhorando as suas, aproximando-se da cava os turcos, sem que se lhes podesse tolher aquelles progressos, pois vinham ao abrigo de couros de boi cheios de terra e de algodão!... Estes parapeitos ambulantes, eram conduzidos por homens que iam sempre de joelhos por detraz d'elles, e assim os iam rolando até perto dos nossos baluartes!... Eram d'este modo inutilisados os tiros de nossos baluartes e os peitos dos heroes portuguezes serviam de fortes muralhas áquellas ruinas!... Os turcos, logo que poderam alcançar aquella vantagem de poderem chegar impunemente perto da nossa cava, começaram logo a minar com alviões por baixo do baluarte!...

Antonio da Silveira, mandou logo examinar aquellas obras por Fernão Rodrigues e Duarte Pinto, os quaes desceram por cordas e deram com 4 turcos a tirar pedra e calice do baluarte, mataram logo 2 d'elles e os outros fugiram, voltando então os nossos a dar parte d'aquelle acontecimento. Foram para lá alguns combatentes contra o reforço dos turcos e João da Fonseca quebrou um braço n'aquella refrega, mas tomando logo a lança na mão esquerda e a adaga no bombro do braço quebrado, continuou a pelejar com grande valentia!... Porém como o logar fosse muito estreito e elle estivesse na frente, Duarte Mendes de Vasconcellos, vendo-o tão ferido e coberto de sangue, rogou-lhe que se fosse curar, deixando aquelle logar a seus companheiros, ao que lhe respondeu Fonseca: «Emquanto eu tenho o braço esquerdo, não sinto a falta do direito, e vós outros, não sereis tão injustos para me tirardes o meu logar.» Ouvindo aquella resposta, Lopo de Sousa, buscou persuadil-o por meios brandos para que fosse curar aquelle braço que o tornava inutil para o combate!...

A nossa fortaleza estava já tão quebrantada de forças, pelo continuado bombardeio e repetidos assaltos dos turcos e sortidas dos nossos, que muitos já julgavam impossivel poder-se defender por mais tempo aquelles arruinados baluartes!... Tinham já ali morrido muitos cavalleiros valerosos, e eram ainda mais os feridos, e os sãos tambem perdiam muito tempo em cural-os, ao passo que as esperanças dos soccorros se iam tambem perdendo!...

A polvora, estava quasi esgotada, assim como as outras munições; porém de tudo o que mais começou a affligir os nossos, foi uma doença, que n'elles se desenvolveu, tornando-se em uma terrivel epidemia que denominavam escorbuto. Os dentes chegavam a cahir-lhes no meio das dores e dos combates!... Emfim, já tudo eram incriveis trabalhos, sem repouso nem treguas!...

Então no meio de todas estas desgraças, appareceram mulheres cheias de caridade e de grande heroismo, umas a tratar dos enfermos, outras a substituil-os nos combates!... Entre ellas, se tornaram mais notaveis D. Izabel da Veiga, filha de um nobre cidadão de Gôa, a qual por suas grandes virtudes, e animo varonil, ficará para sempre perpetuada a sua memoria emquanto houver historia das Indias.

Esta celebre heroina, acabava de pelejar nas muralhas, para voltar ao leito dos enfermos, e curar os feridos, não lhe faltava nem a caridade nem o valor!... Era ella uma gentil mulher ainda na flor dos annos, mas tão honesta e tão virtuosa, que todos a olhavam com respeito e grande acatamento.

Logo no principio do cerco deu ella mostras de grande valor e virtude; querendo o seu esposo Manuel de Vasconcellos, mandal-a para Gôa, aonde tinha seu pae, não quiz ella partir, dizendo-lhe, que não permittisse Deus que sahisse do lado de seu esposo, porque julgava isso uma grande desgraça, e lhe parecia não ter dado ainda motivo para

a merecer, mas se algumas rasões elle tinha de queixa contra ella, que lh'o dissesse para se poder emendar ; porém que em todo o caso, não lhe impozesse tamanho castigo, como era desvial-a do seu lado, pois que na sua companhia não sentia os trabalhos, e que ausente d'elle seria atormentada pela saudade e pelos temores do seu espirito, por ficar mergulhada nas grandes incertezas, por isso que a deixasse ao menos servir-lhe de enfermeira se d'isso viesse a precisar !

Todas estas rasões, cavaram tão fundo no coração de seu bondoso marido, que a tudo lhe attendeu para lhe não magoar mais aquelle varonil coração.

Anna Fernandes, foi outra heroina de Diu. Muitas noutes, percorria as estancias, e quando havia assaltos, acudia logo com muita coragem e valor a combater os inimigos, e mettendo-se por entre os nossos soldados os ia animando com o exemplo e com palavras de um fogo guerreiro !... Depois d'isto, voltava a pensar as feridas aos que gemiam no leito da agonia !...

Os feitos d'esta heroina e de suas dignas companheiras, causava assombro aos turcos, e grande admiração aos proprios soldados portuguezes !

Aquelles combates sem treguas, de noute e de dia, traziam já os nossos tão faltos de forças, que muitos até lhes custava a terem-se em pé !.. Só do que elles ainda não tinham falta, era de bom animo, por que tudo ali soffriam com a maior resignação !

Era isto muito para admirar, quando tantos milhares de inimigos, andavam cançados em tão repetidos assaltos contra elles que tinham de acudir a todos os pontos e reparar todos os estragos que eram feitos a miudo.

Estavam, pois n'este lastimoso estado as cousas na fortaleza, quando entraram no porto 4 Cuteres, que tinha mandado, o novo viso-rei D. Garcia de Noronha depois da sua chegada a Gôa. Vinham n'aquelles navios, Gonçalo Vaz Coutinho, Martins Vaz Pacheco, Gabriel Pacheco, Antonio Mendes de Vasconcellos e mais 28 homens de peleja. Ainda que não trouxessem polvora, que era do que havia mais falta na fortaleza, todavia ficaram todos mui contentes com a sua chegada.

Os turcos, ouvindo o alvoroço que ia na fortaleza, não podendo saber ao certo o maior ou menor numero dos que chegaram em soccorro dos nossos, ficaram descontentes, por julgarem que seriam forças muito mais consideraveis.

Vendo pois aquelles infieis, que aquellas delongas, lhes eram muito prejudiciaes, e temendo que o proprio governador chegasse em pessoa com grandes forças, resolveram dar ainda um assalto geral com todas as suas forças; e para melhor exito d'aquelle commettimento, deram primeiro um rebate falço, e depois fingiram levantar o acampamento, chegando até a levantar e abandonar as suas estancias, que estavam diante de nossa fortaleza, aonde tinham para mais de mil homens, que levando suas bandeiras alçadas se retiraram á villa

imperiaes, que despejaram por muitas vezes a sua artilheria contra a nossa fortaleza. Respondeu-lhes Francisco de Gouvea com algumas bombardas do seu baluarte, destruindo-lhes duas e matando-lhes tanta gente, que tiveram àquelles inimigos de se retirar para longe!... Parecia incrivel, que tão poucos portuguezes podessem ali suster tão repetidos assaltos, e as forças humanas já não podiam comportar aquelles desmedidos sacrificios!... Duzentos turcos tinham já penetrado n'um baluarte, hasteando ali a sua bandeira!... Os nossos tremeram á vista d'aquelle signal de victoria e quasi desesperaram da defeza!... N'isto 25 dos nossos cavalleiros mais destemidos romperam para aquelle ponto de tanto perigo, e com panellas de polvora e ás lançadas deram n'elles com tal furor, e tanto estrago lhes fizeram, que pareciam coriscos alumiando o espaço!... Vendo os turcos a grande mortandade que já ia entre elles, e temendo ficarem todos ali a servir de estrado áquelles leões destemidos, pozeram-se a salvo com perda do que tinham ganho!...´A peleja tornou-se ainda mais encarniçada, mas os nossos tinham tomado novo alento com aquella derrota dos 200 turcos; ainda que muitos andassem já bastante feridos, Antonio da Silveira, dotado de grande animo, a todos alentava, dando-lhes muitas esperanças de victoria!...

Foi n'esta occasião, que um de nossos valentes soldados, tendo deitado a polvora na sua espingarda e não encontrando pelouro, no fervor da peleja, mettendo os dedos na bocca arrancou um

dente já um tanto abalado, e mettendo-o logo na espingarda, disparou sobre os inimigos!...

Emfim, os nossos, cobrando ainda mais valor á voz de seu valente e destemido capitão, conseguiram derrotar todos os inimigos que estavam em volta do baluarte, perdendo elles tudo quanto tinham ganho durante 5 horas de mui renhidos combates!... Foi este um dos principaes assaltos dado contra Diu, e aonde se fizeram maiores proezas guerreiras.

Os cavalleiros mais esforçados e que mais se distinguiram, foram: Antonio Mendes de Vasconcellos, Gonçalo Vaz Coutinho, Manoel de Vasconcellos, Cide de Sousa, Francisco de Gouvea, Rodrigues Proença, Duarte Mendes, Simão Furtado, Rodrigo Alvares, Manoel Moreno, Francisco Mendes de Vasconcellos, Lançarote Pereira, Antonio Coelho, Lourenço de Mello, Antonio Ferreira, Payo Rodrigues de Araujo, Manoel de Aguiar, Bartholomeu Freire, Diogo da Silva, Bartholomeu Correia, Manoel Rodrigues, Gil Thomé, Francisco Serrão e Francisco Henrique. As nossas perdas foram muitas, porém as do inimigo foram enormes!... Aquelles arrojados assaltantes voltaram derrotados e em grande silencio ás suas estancias, não se ouvindo mais do que os gemidos dos moribundos. Calculou-se em mais de 1:000 os feridos e 500 mortos dos mais valentes d'elles!... Dos nossos morreram 14 homens, sendo feridos mais de 400, por cujo motivo só ficaram 40 capazes de poder bem manejar as armas para defender a nossa fortaleza!... Depois

do meio dia, começaram os turcos a recolher-se ás suas galés, levando toda a sua artilheria miuda, isto occultamente dos nossos, esperando pela noute, para tambem recolher a mais pesada. A nossa fortaleza estava reduzida a um lastimoso estado, pois até já se tinha acabado a polvora de bombarda, e a de espingarda, só havia a que trazia comsigo cada soldado!... As lanças estavam quasi todas partidas e mal chegavam agora para n'ellas se apoiarem os feridos; era finalmente o aspecto de nossa fortaleza um montão de ruinas, medonhas e triste ao mesmo tempo!...

Sobre aquelles destroços, porém, caminhava um heroe, que bem poderia fazer inveja a todos os heroes do mundo!... Era o invencivel Antonio da Silveira, que percorria aquellas ruinas, com uma serenidade e valor que causava admiração aos proprios inimigos!... E todos punham n'elle os olhos com tanta confiança, como que existindo elle não podesse faltar mais nada para a defesa d'aquellas ruinas!... E comtudo Antonio da Silveira, com a retirada dos turcos, não se dava ainda por seguro, pela experiencia que tinha dos arteficios d'aquelles acerrimos inimigos. Mandou descarregar algumas bombardeiras, que ainda estavam carregadas, para distribuir pelas panellas, e nos logares mais arruinados fez amontoar muitas pedras, para serem arrojadas contra os inimigos em falta d'outras armas!... Em volta d'aquelles muros arruinados mandou então formar os espingardeiros que havia, e para que os inimigos cuidassem que elle ainda tinha muita

gente para a defesa, ordenou ainda que todos os feridos que podessem caminhar se fossem collocar entre elles, e muitos que tinham ferimentos mortaes tambem quizeram ir terminar seus dias entre os seus companheiros, fazendo ainda estremecer os inimigos com a vista de seus cadaveres!...

E com este artificioso apparato, se esperou pela volta dos turcos, armando-se todas as mulheres, para n'essa noute combater com os vivos em desaggravo dos mortos. O valente Silveira, para que todos estivessem vigillantes, mandou dar alguns rebates falsos para evitar qualquer surpreza. Porém os turcos, vendo como tão mal se tinham sahido de todos aquelles assaltos, principalmente n'este ultimo em que tinham empenhado todas as suas forças, resolveram voltar para suas terras com aquelle terrivel desengano que lhes custou a perda de sua melhor gente!

N'aquelle mesmo dia em que partiram os turcos, Coge-Sofar, tambem se preparou para a retirada, e sendo 11 horas da noute mandou pôr fogo, á villa dos Rumes, e retirou para o interior de suas terras. Navegavam já os turcos com direcção ao mar roxo, e Coge-Sofar, seguia tambem por entre os seus palmares, quando entraram em Diu 2 fustas com alguns provimentos e um pequeno reforço de gente. Eram capitães d'estas fustas, D. Luiz de Athaide e D. Martinho de Sousa. Este memoravel cêrco fez espanto em todo o mundo, e o nome de Antonio da Silveira ficará perpetuo na historia das Indias, sendo admirado por toda a posteridade.

CAPITULO XX

Chegando ás Indias D. Garcia de Noronha, prepara importantes soccorros para mandar a Diu.—O Samorim manda pedir pazes ao novo governador, o qual recebe com apparato o seu embaixador, sendo as pazes vantajosas para Portugal.—Morte de D. Nuno da Cunha e D. Garcia de Noronha, sendo nomeado para substituir este ultimo D. Estevão da Gama.

Tendo noticia El-rei D. João III da poderosa armada que os turcos mandaram ás Indias contra os portuguezes, não se descuidou, e logo mandou para lá outra armada tambem consideravel, ao mando do viso-rei D. Garcia de Noronha, sobrinho do grande D. Affonso de Albuquerque. Partiu pois de Lisboa com 12 naus de linha e 3:000 homens de peleja. Levando por seus companheiros n'esta expedição os seguintes capitães:

D. João de Castro, D. Christovão da Gama, Ruy Lourenço de Tavora, D. João de Eça, D. Francisco de Menezes, Luiz Falcão, João de Sepulveda, Francisco Pereira Berredo, Bernardim da Silva. D. Garcia de Noronha, chegou a Gôa a 14 de Setembro de 1538, aonde recebeu logo o governo das mãos de D. Nuno da Cunha, cuidando sem demora em

preparar os soccorros para Diu, que ainda estava cercada a esse tempo pelos turcos.

Preparou 170 vélas, sendo 17 galeões, 11 naus de linha, 7 caravéllas, 8 galés, 18 galeotas, 9 bergantins, 33 fustas, 13 cuteres, sendo os outros navios menores, para a condução de mantimentos e munições de guerra.

Compunham-se as forças d'esta expedição de mais de 4:500 combatentes; mas antes de partir, consultou o viso rei a D. Nuno da Cunha, ácerca do estado da fortaleza de Diu e o melhor modo de a poder soccorrer. D. Nuno, deu-lhe então todos os esclarecimentos e partiu depois para Lisboa no mez de janeiro de 1539. Chegando elle a Cananor, saltou em terra para se confessar e receber o Santissimo Sacramento, sendo ali recebido com muito carinho pelo capitão Fernando Annes Souto-Maior, que buscou consolal-o e distrail-o d'aquella tristeza em que o trazia o seu mau estado de saude. Aquelles padecimentos aggravaram-se, e vendo D. Nuno da Cunha que eram chegados os seus ultimos momentos, fez o seu testamento, no qual declarava e jurava n'aquella hora suprema, não ter da fazenda real mais do que 5 moedas de ouro, que lhe tinha dado o sultão Badur, as quaes levava com o fim de presentear com ellas a El-rei de Portugal!... Todos que ali o rodeavam, estavam com as lagrimas nos olhos; e perguntando-lhe então o seu capellão, se Deus fosse servido leval-o d'este mundo, se queria que fosse o seu corpo conduzido ao reino em uma pipa de sal, para lá ter digna sepultura egual

aos seus altos merecimentos, respondeu elle: «Que sendo da vontade de Deus que morresse sobre as ondas do mar, que lhe servissem então essas ondas de mortalha; pois que se a terra recebia tão mal os seus serviços tambem lhe não desejava de entregar os seus ossos.» E vendo aproximar-se a hora de sua morte, disse para o capellão, que lhe vestisse o seu habito de Christo e lhe pozesse a sua espada á cinta, para que logo que tivesse fallecido, fosse d'esse modo lançado ao mar com um peso aos pés para ir logo ao fundo das aguas!... Depois d'isto fez uma breve pratica a todos que ali o rodeavam, com uma coragem e dignidade como quem tivesse ainda muito tempo para viver!... E tudo aquillo não era mais do que a fé de um verdadeiro crente, que o trazia tão resignado, como se estivesse para fazer ainda uma viagem muito agradavel!...

Era D. Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, e falleceu com 52 annos de edade. Sua caridade foi sempre grande para com os desgraçados, fazendo bem mesmo áquelles que lhe tinham sido ingratos!...

Era grave no commando, e muito recto na justiça e muito verdadeiro em todas as suas cousas, sendo ao mesmo tempo despido de ambições, como deu mostras na hora de sua morte. E no entanto tinha este grande capitão muitos inimigos no reino, invejosos do seu alto merecimento, julgando que elle só trabalhava para enriquecer!... Estes poderosos emulos causavam-lhe muitos damnos e dissabores, com as intrigas que lhe urdiam dentro dos

paços d'El-rei, aonde viviam ociosos em adulações, ao passo que elle era deprimido emquanto enchia a sua patria de riquezas e de gloria!...

Voltaremos agora aos acontecimentos de Diu, em que os nossos acabavam de respirar um pouco, por causa da retirada dos turcos, e dos naturaes, que os haviam tomado por homens invenciveis; pois tinham os turcos fama de grandes guerreiros, o os rumes, eram tidos pela gente mais temivel de todo o Oriente!...

Todos os reis d'aquellas terras, tinham os olhos em Diu, e vendo partir aquella poderosa armada turca como vencida e desbaratada, mais agora de temor do que de espanto, buscaram as pazes e a amisade dos portuguezes!... O Zamaluco e o Idaxá, mandaram logo visitar ao viso-rei, afim de fazerem um concerto de pazes!

O Samorim, aquelle soberbo e poderoso imperador do Malabar, achou de melhor proveito a paz com os portuguezes do que a guerra; e por isso mandou pedir a Manuel de Brito, capitão de Chaúl, para que fosse medianeiro n'este negocio.

Manuel de Brito, attendendo ao seu pedido se offereceu para ir com o seu embaixador, o que o Samorim muito agradeceu, mandando logo com elle *Cotiale*, os quaes partiram logo, chegando a Gôa ao tempo em que ali aportava uma nova armada de 5 naus, de que era capitão mór Diogo Lopes de Sousa, e outros capitães distinctos.

O embaixador do Samorim, foi muito bem recebido pelo viso-rei com grandes honras, estando

vestido de grande uniforme; beca de veludo, barrete redondo com ornatos de pedraria, espada e adarga de ouro, pantufes de veludo, emfim, vestido dos melhores trages á antiga portugueza.

Chegou emfim o embaixador á sua presença, entre o capitão da cidade e Manuel de Brito, que o apresentou ao viso-rei, que já estava assentado em uma cadeira ornada de brocado, que estava collocada debaixo de um docel do mesmo estofo.

Depois de alguns momentos de conferencia em que foram trocadas algumas palavras de cortezia, mandou o viso-rei dar-lhe bom agasalho, ordenando que d'ahi a alguns dias voltasse elle á sua presença, o que passados elles, tornou a voltar acompanhado por Manuel de Brito e mais outros officiaes.

O viso-rei pediu-lhe então os preliminares da paz, mandando lel-os perante todos os fidalgos e mais pessoas que ali estavam presentes, sendo depois discutidos, e assentes nestes termos: Que El-rei de Calecutá, se obrigaria a dar toda a pimenta dos seus reinos, pelos mesmos preços que a dava El-rei de Cochim, e que o viso-rei lhe cederia a ilha de Camarão, que estava situada no rio Chalé, em cuja ilha seria feita a entrega da pimenta.

Entre outras condições de pouca monta, foi ainda estipulado, que o Samorim deixaria levar aos mercadores portuguezes, todas as fazendas que quizessem ir vender a Calecutá, concedendo-lhes ainda outros mais favores. Outro sim, não faria guerra aos amigos e alliados dos portuguezes,

ficando tambem obrigado a dar soccorro de gente aos governadores de Portugal, quando isso lhe fosse requerido; e não recebendo em seus portos os seus inimigos.

Finalmente, que todos aquelles de seus subditos, que se oppozessem a estas condições de pazes, fossem logo lançados fóra de seus estados e castigados. Que o viso-rei iria a Calecutá, avistar-se com o Samorim, a fim de ambos ali jurarem aquellas pazes. Terminado este concerto, foi logo assignado pelo embaixador do Samorim e por todos os fidalgos, que tambem assignaram depois do viso-rei, o qual logo mandou apregoar por toda a cidade de Gôa, estas pazes com grande solemnidade.

Tendo ficado doente D. Garcia de Noronha não poude por isso ir a Calecutá, jurar aquellas pazes, porém mandou lá seu filho D. Alvaro com alguns capitães distinctos.

Foi esta embaixada recebida por El-rei de Calecutá, com grande apparato, sendo no fim d'aquella solemnidade, entregues mui ricos presentes, que o Samorim recebeu com muita alegria, mandando logo apregoar tambem as pazes em Panane e Calecutá. Partiu depois d'isto D. Alvaro com os mais capitães para Cochim, fazendo ali o carregamento das naus que deviam voltar ao reino, as quaes se fizeram de véla, levando alguns homens distinctos, sendo um *d'elles*, o grande Antonio da Silveira, que tinha sustentado aquelle heroico cerco de Diu. Este valeroso capitão, quando chegou a Lisboa, fo-

ram buscal-o a bordo da nau, o marquez de Villa-Real, os condes de Vimioso, da Vidigueira, de Sortelha e de Redondo, e todos os demais fidalgos da côrte, que todos o acompanharam até á presença de D. João III, que o recebeu com muitas honras e demonstrações de muita alegria.

A fama d'este invencivel capitão, já era tão grande, e tinha-se espalhado por tão longe, depois d'aquelle espantoso cerco, que todos os reis chistãos, o mandaram visitar por seus embaixadores, mandando El-rei de França, tirar-lhe o retrato ao natural, para ser collocado na galeria dos varões illustres!...

D. Alvaro de Noronha, depois de ter despachado aquellas naus para o reino, voltou para Gôa, aonde encontrou o viso-rei seu pae, muito doente, e como elle fosse já de avançada idade, foram os medicos de opinião que não escapava.

Mandou então o viso-rei chamar a todos os capitães e mais fidalgos, e lhes pediu que consentissem, que seu filho D. Alvaro governasse por elle, e depois do seu fallecimento, fizessem o que El-rei ordenava na ordem das successões. A isto responderam aquelles illustres capitães e mais fidalgos, que sendo elle substituido em vida, todos o teriam já por morto, e que elles esperavam que elle ainda vivesse muito para o bem dos estados da India e do reino de Portugal. O viso-rei não insistiu mais e callou-se· porém aquella doença era grave, e foi Deus servido leval-o aos 3 de abril de 1540. Foi conduzido o seu corpo á Sé de Gôa, e depositado

na capella mór aonde lhe foi levantado um rico tumulo de marmore, com suas armas e um epitaphio.

Depois de sua morte, o vedor da fazenda real, abrindo o cofre das successões, tirou a primeira nomeação que entregou ao secretario, o qual a abriu e leu mostrando a todos a assignatura real, cujo nome do nomeado era o de Martim Affonso de Sousa, que estava no reino.

Foi aberta a segunda nomeação, e era nomeado Estevão da Gama, que ali estava presente, sendo logo saudado por tal, fazendo-lhe o vedor entrega do governo, indo logo o novo governador prestar juramento nas mãos do capitão da cidade, sendo em seguida visitado por todos os reis visinhos, com os quaes confirmou de novo as pazes e amizade.

CAPITULO XXI

Coge-Sofar e o sultão Mahamud, resolvem traiçoeiramente, pôr novo e mais apertado cerco á fortaleza de Diu. D. João de Mascarenhas, com pouco mais de duzentos homens prepara-se para defender aquella fortaleza, fazendo uma falla guerreira para animar seus companheiros. Jacome Leite, com alguns companheiros vae destruir uma terrivel machina de guerra. Feito espantoso de um fidalgo portuguez, que traz um inimigo ás cóstas para dentro da fortaleza.

No correr do anno de 1545, determinou D. João III mandar ás Indias D. João de Castro na qualidade de governador geral, com uma armada de 6 naus e dois mil combatentes. Emquanto este grande capitão passava ás Indias com sua armada, Coge-Sofar urdia novos tramas, para destruir aquelle punhado de portuguezes, que ainda guarneciam aquelles muros arruinados de Diu.

Preparou-se pois com muito segredo, de combinação com o sultão Mahamud, isto, na entrada de maio quando era já quasi impossivel de se poder soccorrer aquella fortaleza! Para maior disfarce, mandou Coge-Sofar visitar D. João de Mascarenhas, e pedir-lhe licença para mandar levantar umas paredes que Manuel de Sousa Sepulveda lhe tinha mandado desfazer. D. João de Mascarenhas,

recebeu com agrado aquella embaixada, mas quanto ás paredes, mandou dizer-lhe, que só poderia dar essa licença o governador geral.

Chegando por este tempo ás Indias D. João de Castro, começou a prover todas as nossas fortalezas, tanto de gente como de munições, mandando logo para Diu 200 homens ás ordens de D. Pedro de Almeida, o qual quando partiu com esse soccorro, já Coge-Sofar estava em Surrate, pondo remate á sua obra de cerco.

Poude aquelle barbaro, comprar os serviços de um mouro e de um renegado, os quaes tiveram a missão secreta de irem lançar peçonha nas aguas de nossa cisterna, e pôr fogo á casa da polvora, abrindo depois as portas aos exercitos inimigos!... Logo que partiram estes grandes malvados, mandou Coge-Sofar um capitão, com 500 turcos, que lhe tinha mandado El-rei Zebi, para que os fossem ajudar em suas empresas contra os portuguezes. Levava aquelle capitão uma carta para D. João de Mascarenhas, com grandes protestos de amisade; do que desconfiando Mascarenhas, logo pôz suas espias em campo para saber o que aquelles turcos projectavam de mãos dadas, com o ardiloso Coge-Sofar.

Foi informado dentro de pouco tempo de que todos os mantimentos estavam sendo recolhidos a grandes celleiros, com prejuizo dos portuguezes.

Á vista d'isto mandou tambem comprar todos os mantimentos que fossem encontrados á venda, assim como comprar lenha, madeira e tudo o mais

que podesse precisar-se para um longo cerco. Chegaram tambem por este tempo as espias de Champenél, as quaes affirmaram, que n'aquella cidade se estava preparando um poderoso exercito com muita artilheria e munições, o que tudo era assombroso de ver-se; dizendo-se lá claramente, que era aquelle poderoso exercito, para vir pôr cerco á fortaleza de Diu, e destruir completamente os portuguezes.

D. João de Mascarenhas, sem esmorecer com estas noticias, despediu logo uma embarcação, com cartas para o capitão de Chaúl e Baçaim, em que lhes dava conta do estado em que ficava aquella fortaleza, pedindo-lhes, para que lhe mandassem alguma gente e munições de que muito necessitava, e que de tudo fizessem sciente ao governador geral.

Não tinham ainda passado tres dias, depois d'estas e outras providencias, quando chegou á ilha um exercito inimigo, ficando desde logo, roto aquelle segredo de guerra contra a nossa fortaleza!...

N'esta conjunctura D. João de Mascarenhas, despediu outra embarcação para outro lado da cósta, com algumas cartas para outros capitães, dizendo-lhes que tinha á vista um poderoso exercito e que para lhe resistir, tinha pouco mais de duzentos homens! D. João de Castro, ao saber o estado em que estava aquella fortaleza, mandou logo lançar ao mar 9 embarcações, mandando com ellas a seu filho D. Fernando de Castro, indo com elle mais

alguns fidalgos notaveis, por quem mandou dizer a D. João de Mascarenhas que ficava descançado, não receando de todo o poder de El-rei de *Cambaya*, tendo-o a elle na defeza de Diu, aonde mandava seu filho como simples soldado para que se puzesse ás suas ordens.

Quando foi a 9 de maio, chegou a Diu Coge-Sofar, com o resto de seu exercito, mas apenas entrou na cidade, foi logo presentido dos nossos, por causa do grande ruido das armas.

Veio então á nossa fortaleza um mercador mouro com recado de Coge-Sofar, para Mascarenhas em que lhe expunha a sua vinda unicamente para erguer a parede em questão e não para lhe fazer guerra, pois muito desejava conservar uma segurança de pazes! D. João de Mascarenhas, mandou-lhe então Simão Feio, para lhe dizer, que se vinha para erguer a parede em que firmava as pazes, bastava mandar alguns operarios, sem que fosse preciso vir elle com tamanho exercito; porém se pretendia com aquelle apparato bellico, formar uma parede ou muralha fóra do termo do contracto, ficasse sabendo que lh'o havia defender, e que tinha esperanças em Deus, que o havia de castigar por ter dolosamente, quebrado as pazes com El-rei de Portugal.

Então Coge-Sofar, que já não buscava mais do que um pretexto para fazer a guerra, mandou logo prender Simão Feio, ordenando em seguida que fosse publicada a guerra por toda a cidade, o que foi feito com grande solemnidade e alvoroço, ao

som de muitos instrumentos e bombardas!... N'esse mesmo dia, foi um grande esquadrão de turcos com suas bandeiras desenroladas, dar vista á fortaleza, fazendo grandes alaridos, e dando por fim uma salva de arcabuzaria!... D. João de Mascarenhas, tambem os mandou saudar com algumas bombardas, ficando em seguida muitos d'elles estendidos no chão sem vida, sendo tambem logo embandeirados os nossos baluartes, para que visse Coge-Sofar, a boa disposição com que era esperado o seu exercito!...

Estando tudo bem ordenado na melhor ordem, D. João de Mascarenhas, nomeou os capitães que deviam defender os baluartes, e fez-lhes depois a seguinte falla, em frente de todos os seus soldados: «Meus esforçados companheiros, eu bem sei que fôra escusado, lembrar-vos os vossos deveres, por que todos vós sabeis o elevado grau de gloria em que está o nome portuguez, que todos nós devemos conservar, ainda mesmo que seja com o sacrificio de nossas vidas. Sabeis bem a responsabilidade que pesa sobre a minha cabeça, pois tenho de dar contas d'esta fortaleza a quem m'a confiou; mas espero porém que com tão valentes companheiros e o soccorro de Deus, salvarei esta grande responsabilidade, e não só a defenderemos de todo o poder de El-rei de Cambaya, mas ainda do grão turco seu alliado. Se os nossos inimigos completarem a ruina de nossas muralhas, encontrarão ainda os peitos mais fortes, d'aquelles que nunca bombardas, e trabucos, fizeram voltar o rosto!...

«Além do vosso esforço e valor que me asseguram a victoria, temos ainda o direito da justiça, que dá até valor aos fracos e confiança aos fortes; por isso, valorosos portuguezes, dignos sempre de immortal nome, agora poderemos mais uma vez, mostrar a differença que existe de nação a nação, e que a fé que tanto esforço deu a nossos paes, ainda é a mesma no coração de seus filhos! Ponde pois vossos olhos em um Deus de justiça e de bondade, n'esse mesmo Deus que tantas victorias já concedeu a nossos antepassados, e lembrae-vos ainda das grandes proezas que nossos parentes e amigos, ha bem poucos annos, praticaram n'esta mesma fortaleza, aonde alcançaram taes victorias, que mais pareceram milagres do que o resultado de esforços humanos! Deus nosso senhor permitta pois que em vossos peitos se accenda o desejo de os igualar, para podermos alcançar a fama que elles aqui alcançaram!...

«Meus amigos e fieis companheiros, tendo nós a justiça do nosso lado, tambem poderemos esperar que Deus nos ha de conceder a victoria!...» A esta falla responderam todos aquelles valentes capitães que ali o rodeavam, que o seu maior desejo era encontrarem-se logo com aquelles barbaros, para lhes mostrar o pouco que os temiam. Em seguida mandou D. João de Mascarenhas salvar a cidade com toda a sua artilheria, cujo arrojado espediente pôz os inimigos em bastante desconfiança!...

Coge-Sofar, estava um tanto desnorteado por não

terem sortido effeito os trámas que tinha mandado pôr em pratica pelos dois malvados, pois sabia de experiencia propria o quanto era difficil vencer os portuguezes á força de armas, e n'essa conjunctura, chamou os seus capitães a conselho, para resolverem o melhor modo de se atacar a nossa fortaleza. Os mais entendidos, foram de opinião que se devia, pôr todo o empenho, afim de se conquistar primeiramente o baluarte do mar, isto por dois motivos; o primeiro, para poderem evitar que chegassem soccorros á fortaleza, segundo, por ser aquella parte a mais fraca por onde melhor poderia penetrar dentro, e completar aquella conquista, pois que de outro modo seriam baldados todos os esforços, perdendo-se tempo, munições e gente.

Sendo este plano do agrado de todos, começaram a pol-o em execução, mandando armar sobre uma poderosa nau de Meca, tres castellos muito altos, de madeira, um na prôa, outro na pôpa e outro no centro, e todos bem seguros uns aos outros, por grossas vigas. Dentro dos castellos, foram então mettidos muitos artificios de fogo, com barris de alcatrão e de outros materiaes, para serem lançados para dentro do nosso baluarte do mar, logo que se podesse aproximar d'elle aquella machina destruidora!

Tambem ali accumularam muitos dardos e lanças, e outros muitos instrumentos mortiferos; sendo encarregado d'este commettimento um *Sangiaco*, com 200 turcos, os quaes deviam pôr em pratica

esta terrivel obra de destruição, quando cahisse a noute ao encher da maré !...

Tendo porém noticia d'aquelle negro plano, D. João de Mascarenhas, esperou que elles tivessem tudo aquillo prompto, para mandar então destruir aquelle monstro de guerra. Foi encarregado d'este notavel feito, Jacome Leite, o qual com dois navios de remo que estavam juntos á couraça, guarnecidos de boa gente destemida, com muitas lanças de fogo e panellas de polvora, partiram no maior silencio ao cair da noute, deixando-se seguir ao impulso da corrente. Logo que chegaram a pouca distancia da nau, os vigias, deram logo por elles, e bradando álerta, acudiram todos os turcos com as armas em punho!... Jacome Leite, a estes primeiros alarmes, mandou apertar o remo, e pondo as proas sobre a nau, logo começaram todos a lançar muitas panellas de polvora para dentro d'ella, e rodeando outros pela prôa cuidaram em lhe cortar as amarras, e ficando sem outro apoio, foi logo seguindo com a maré para dentro!...

Os turcos tambem por este tempo arremessaram muitos tiros sobre os nossos, e todos os mais artificios de fogo, sem que todavia aquelles destemidos portuguezes deixassem de proseguir na sua obra assombrosa!...

Foi esta lucta presentida de terra pelos inimigos, que logo acudiram com grandes forças á praia, e mettendo-se parte d'ellas em umas embarcações que ali estavam, foram em soccorro da nau; po-

rém quiz a boa fortuna de Jacome Leite que algumas das panellas de polvora que tinham sido arremessadas, fossem cair em um dos castellos, que estava cheio de materiaes inflammaveis, e pegando logo o incendio de umas cousas para as outras, começou logo a lavrar rapidamente, até chegar ao deposito da polvora, sendo então tal a explosão, que levou pelos ares toda a coberta d'aquella medonha machina com os tres castellos, ficando o resto entregue ás chammas, com a maior parte dos turcos que nem tiveram tempo de poder salvar-se!...

Jacome Leite, logo que viu coroados os seus esforços, virou as prôas para terra, e disparou os seus falcões sobre a multidão de seus inimigos, azendo n'elles grande estrago. Depois d'isto, á força de remo voltou com seus companheiros á fortaleza, aonde foram todos abraçados pelo capitão!...

Este arrojado feito, aterrou sobre modo os sitiadores, e veio elevar mais os animos aos sitiados.

Tendo, Coge-Sofar acudido á praia, e vendo abrasada aquella poderosa machina, em que tinha posto suas melhores esperanças, ficou muito sentido e magoado, por ter ali perdido grande quantidade de munições e a mais grossa de sua artilheria com que contava arrasar de prompto a nossa fortaleza pelo lado do mar!... E no meio de tanto despeito e agonia, jurou ali ao seu Mafamede, de não levantar mais aquelle cerco emquanto não tivesse de todo destruido os portuguezes!... An-

dava elle desatinado com estes revezes, e para pôr logo em pratica algum feito de valor, ordenou a construcção de uma muralha a um tiro de bésta da nossa fortaleza, sendo começada com 15 palmos de grossura; mas como não podessem os operarios trabalhar de dia por causa de nossa artilheria que lhes fazia muitos estragos, começaram a trabalhar de noute, sem que por isso deixassem de ser bombardeados da nossa fortaleza, que continuadamente para elles fazia fogo!... Abriram então caminhos subterraneos, para melhor se defenderem de nossas bombardas, e como fossem muitos, não lhes fa ziam falta os que morriam, e faziam crescer o muro rapidamente, assentando n'elle alguns bazaliscos leões, e outras peças grossas, começando tambem a hostilisar a nossa fortaleza. Diante do baluarte S. Thiago, collocaram, um quartão, que lançava pelouros de 13 palmos de circumferencia!...

Estando aquelle muro de todo concluido, mandou Coge-Sofar, erguer trincheiras, na parte inferior, para poder passar por esse lado com todo o seu exercito. Por este tempo chegou a Diu D. Fernando de Castro, o qual tinha arrostado com muitos perigos no mar afim de chegar a tempo de lhe dar soccorro.

Houve muita alegria logo que foi visto dos nossos, pois trazia embandeirados todos os seus navios, como se fôra dia de grande festa; e forçando a barra, começou logo a bombardear os inimigos, indo fazer o seu desembarque no caes da nossa fortaleza, aonde D. João de Mascarenhas, com to-

dos os fidalgos o recebeu e mais a seus companheiros todos cheios de muita alegria, não tanto pelo grande numero, como pela estimação em que tinham o valor d'aquelles capitães e soldados.

Por este motivo, passaram todos na fortaleza essa noute em grandes festas, lançando muitos foguetes e outros artificios, para mostrar aos inimigos, o regozijo que sentiam pela chegada de tão importante soccorro.

No dia seguinte, entrou a esquadra, que Coge-Sofar tinha mandado apparelhar em Surrate. D. Fernando, quiz logo ir ao encontro d'ella, mas o capitão não consentiu, dizendo-lhe que bem sabia que aquellas naus o não haviam de esperar, e por isso seria um tempo perdido; e assim era porque no outro dia não foi mais vista a tal esquadra!... Coge-Sofar, depois de concluida a muralha, tambem mandou passar o seu exercito para esse lado, guarnecendo todas aquellas baterias aonde havia collocado para mais de 60 peças de grosso calibre e muitos bazaliscos monstros, camellos e aguias; sendo mui grande o numero de artilheria miuda. Mandou tambem Coge-Sofar, fazer grande quantidade de escadas, picões, alavancas, padiollas, e tudo que julgou mais necessario, para destruir a nossa fortaleza.

D. João de Mascarenhas, do seu lado, não estava descuidado, trabalhava com os seus, de noute e de dia nas fortificações, esperando com muita serenidade de animo a segurança de sua causa!...

Havia porém uma cousa que muito o inquietava,

e era o não poder saber o que se passava no campo inimigo, ignorando d'esse modo os planos que elles tinham a pôr em pratica; sabendo porém d'isto um fidalgo natural de Santarem, de nome Diogo Coutinho, dotado de muita força e valor, resolveu ajudar ao capitão n'esta ardua empresa; e mal chegou a noute, sem dar a saber o seu intento, senão a um soldado, a quem pediu emprestado o capacete, (pois tão pobre era este valeroso fidalgo, que nem tinha com que comprar um bom capacete!) foi lançar-se por uma corda do muro abaixo, acompanhado apenas de sua lança e esespada!... Foi logo direito para o lado dos inimigos, indo deitar-se perto do muro do lado das estancias, ficando então ali em grande silencio á espera de algum bom successo; não se tinha passado muito tempo, quando ali sentiu dois mouros que se vinham aproximando, a conversar em voz baixa; duvidou elle se os devia accommetter; não porque os temesse, mas porque o ruido das armas, despertando as gentes das estancias inimigas, não lhe desse tempo para poder levar por diante o seu intento.

O tempo urgia, e era-lhe forçoso tomar uma prompta resolução, e por isso decidiu accommettel-os: ergueu-se com a rapidez do relampago, foi direito a elles, deu com a lança de tal modo no primeiro, que o deixou sem vida; e abraçou-se no segundo sem lhe dar tempo, senão para pernear, e bater as mãos, o qual buscava morder-lhe como se fôra um cão damnado!... Assim cami-

nhou com elle á pressa para dentro da fortaleza, levando-o ás cóstas, e quando chegou defronte, bradou para que lhe abrissem logo o portão, e logo que lhe foi aberto entrou então e foi levar aquelle rico presente ao seu capitão!...

D'este heroico feito ficaram todos muito maravilhados, e festejaram aquelle grande successo com muita alegria!... Tambem muito contente estava Diogo Coutinho, quando se chegou a elle, o soldado que lhe tinha emprestado o capacete, dizendo-lhe: «Senhor fidalgo, espero que me restitua agora o meu capacete». Lembrou-se então Coutinho que não trazia o capacete, e que lhe havia de ter ficado no logar da briga, sem que tivesse dado por isso; e como tinha promettido ao soldado que antes lá deixaria a vida do que o seu capacete, respondeu-lhe: «Descançae, que eu já vou buscal-o.» N'isto partiu para o lado do muro em que ainda tinha a corda, desceu e foi logo ao logar aonde teve a briga, tomou o capacete e veio entregal-o ao seu dono!... Feitos d'este quilate só os póde contar a historia de Portugal, quando relata os feitos de seus filhos no Oriente!...

CAPITULO XXII

Feito arrojado de 6 portuguezes.—D. João de Mascarenhas defende heroicamente a fortaleza contra os terriveis ataques dos inimigos. Admiravel valor de algumas mulheres durante este cerco. Morte de Coge-Sofar. Novos e mais repetidos assaltos á fortaleza. Morte de Juzarcam.—Os inimigos não podendo mais soffrer o destroço que os nossos vão fazendo em suas fileiras, resolvem levantar o cerco!...

Desejando muito o sultão Mahamud, ver o aperto em que estava a nossa fortaleza, veio de Chanpanél com o resto de suas forças, que eram uns dez mil homens de cavallo, e chegando á villa dos rumes, foi ali recebido por Coge-Sofar, com tal alvoroço que os instrumentos fóram logo ouvidos dentro da nossa fortaleza.

O capitão logo notou que eram reforços chegados ao campo dos inimigos, mas para melhor se informar, mandou dizer a Fernão de Carvalho que estava no baluarte do mar, que mandasse alguns soldados de sua confiança quando fosse noute, no batel de serviço, para ver se poderiam colher algum mouro, do qual se podesse saber o que se passava de mais importancia na villa dos rumes. Então Fernão de Carvalho, logo que escureceu,

mandou 6 soldados dos mais esforçados, que foram pelo rio acima no batel, com grande silencio, e chegando defronte da alfandega, avistaram uma estancia muito perto do mar, em a qual não sentiram as vigias, e parecendo-lhes, que por não serem ali esperados, não estariam os inimigos vigilantes, saltaram logo em terra, com muita cautella, e foram atacar valerosamente a dita estancia, pondo aquella guarnição em grande desordem e desbarato, sendo pela maior parte feridos e mortos!.. Esta guarnição constava de uns 70 soldados bem armados, mas não poderam resistir á surpreza e arrojo dos 6 destemidos portuguezes, que ainda voltaram a salvo para o seu batel, apesar das forças consideraveis que vieram das outras estancias contra elles!...

Tendo colhido um d'aquelles mouros por maior fortuna, metteram-o dentro do batel e remaram para a fortaleza, por entre uma nuvem de pelouros e frechas, que lhes foram arremessadas de terra!... Chegando, elles á couraça, foram conduzidos á presença do capitão, o qual os abraçou a todos louvando muito os seus relevantes serviços.

Sendo interrogado aquelle mouro, respondeu, que todas aquellas festas eram feitas em honra do sultão Mahamud; respondendo a todas as mais perguntas que lhe foram feitas.

Os mouros, ficaram tão affrontados, com aquella surpreza dos 6 portuguezes, que todos queriam ir logo contra as nossas estancias; e Coge-Sofar andava desvairado, e não se podia dar a conselho!...

No dia seguinte vieram diante de nossos baluartes uns poucos de mouros, e logo começaram a injuriar a todos os portuguezes, dizendo que seriam bem castigados do seu atrevimento, se não depozessem as armas e entregassem aquella fortaleza ao grande sultão Mahamud!...

A estas bravatas responderam os nossos, que muito folgariam de se poderem breve encontrar com o grão sultão, porque seria elle enforcado, pelo atrevimento, de vir pôr cerco á fortaleza, que tinha por defensores os soldados portuguezes!... Sabendo tambem o sultão d'estas ameaças, ficou tão furioso, e deu-se por tão injuriado, que logo instou com Coge-Sofar para que sem demora rompesse o fogo de suas baterias contra a nossa fortaleza!...

Quando foi por volta do meio dia, rompeu aquelle infernal estrondo, sendo correspondido dos nossos baluartes vigorosamente; redobrando então de um e outro lado aquelle furor guerreiro, que sempre faz estremecer o coração dos mais feros combatentes!...

Todos se julgavam affrontados, e os sitiados e sitiadores soltavam vozes de vingança, respirando ali só o horror da guerra e o despreso da vida!... O estrondo da medonha artilheria, o fuzillar das espingardas, ao alarido dos mouros, o fumo que fazia escurecer o sol, similhavam um dia de juizo derradeiro!... Os estragos causados pelos bazaliscos inimigos, eram logo reparados pelos nossos, pois o valeroso D. João de Mascarenhas, tinha tudo

tão prevenido, que logo apparecia pedra, madeira, panellas de polvora, e tudo o mais que era pedido no meio do combate!... Tinha elle encarregado aos velhos e aos escravos de chegarem á mão todas as cousas mais precisas o que tudo era feito na melhor ordem!...

O moço fidalgo D. Fernando de Castro e todos os mais cavalleiros, faziam admiração geral pelo seu arrojado proceder; pois, uns ajudavam a carregar as peças, e outros a reparar os destroços, trabalhando á porfia na defeza dos baluartes!...

Aquelle terrivel bombardeio dos inimigos, continuou sem treguas até á noute; e n'essa hora estavam já os nossos baluartes arrasados, das ameias e parapeitos, ficando a nossa artilheria quasi a descoberto!... O bravo D. João de Mascarenhas, não tomou repouso, nem de dia nem de noute com todos os seus valentes companheiros, pois toda aquella noute passaram elles em reparar os baluartes, sendo os fidalgos e mais cavalleiros, os melhores operarios d'aquellas obras!... E tal foi a actividade com que trabalharam, que ao romper do dia, tudo estava reformado, como se nada tivesse soffrido aquella arruinada fortaleza!...

Voltaram logo de manhã os inimigos a bombardear com sua grossa artilheria, tornando a causar grandes estragos em nossos baluartes; a nossa artilheria fazia igualmente muitos destroços nas suas estancias, e afinal já tudo eram ruinas de parte a parte!... Durou esse medonho bombardeio por espaço de 4 dias, sem que durante esse tempo,

houvesse descanço nem treguas, pois os nossos reparavam sempre de noute, os estragos recebidos de dia; era finalmente um lidar continuo, parecendo incrivel que homens tão fatigados podessem resistir ainda a tantos trabalhos!...

O quartão monstro, que estava fronteiro ao baluarte S. Thiago, dirigido por um habil francez, o qual fazia ruinas terriveis, derrubando casas, e lançando muitos pelouros para dentro da cisterna; sendo tal o estrondo d'aquella machina destruidora, que fazia estremecer toda a fortaleza com os seus tiros!... Andava áquelle renegado francez, tão soberbo de sua obra, que se julgava invulneravel; mas logo veio um dardo da nossa fortaleza, que alcançando-o pelos peitos, o deitou logo por terra sem vida!...

Era este renegado francez, o melhor artilheiro do exercito inimigo, e por isso, foi ali muito sentida a sua morte. Foi logo outro renegado, tomar conta do terrivel monstro, mas não sabendo elle a esquadria nem o ponto, começou o seu trabalho tão desastradamente, que todos os pelouros foram cair sobre o exercito do proprio Coge-Sofar!...

Parece que Deus já escandalisado da iniquidade d'estes renegados, quiz inutilisar em suas mãos, essa obra infernal, que tinha por missão arrasar de todo os nossos baluartes; pois era já mais temido um só tiro d'aquelle monstro, do que toda a descarga da outra artilheria junta!...

Vendo D. João de Mascarenhas, os nossos baluartes tão arrasados, pondo a fortaleza em tão

grande risco pelo lado da cortina, mandou armar um cubello no meio de grossas traves, formando um triangulo, de modo que se podesse communicar com os dois baluartes.

Foi feita esta obra com grande actividade, pois até acudiram ali muitas mulheres para substituir a falta dos doentes e feridos que já eram muitos; começando ellas a carregar os materiaes, como já tinham feito no cerco passado, sendo a primeira a dar o exemplo, Isabel Madeira, senhora de muitas virtudes, a quem as outras nomearam chefe, sendo organisado um grande esquadrão d'ellas!... Eram as principaes: Isabel Madeira, D. Garcia Rodrigues, Isabel Dias, D. Carolina Lopes e Isabel Fernandes, que teve mais tarde o appellido de Velha de Diu!... Estas heroicas mulheres, tomaram a seu cargo, a conducção de todos os materiaes precisos para aquelles reparos, cujo serviço era feito á cabeça, das casas arruinadas que estavam no centro da fortaleza; e tudo faziam com tal presença de espirito, e agrado, que todos se julgavam muito felizes em serem defensores d'aquella fortaleza ao lado d'aquellas heroinas!... Com tão boa ordem e actividade, foi levantado o cubello em poucos dias, sendo nomeado para o defender, Antonio Peçanha, com 40 espingardeiros.

Coge-Sofar, quando viu levantado aquelle novo baluarte, ficou furioso, mandou erguer outro deante do nosso, para lhe servir de padastro, mandando ao mesmo tempo entulhar a cava, para melhor poder penetrar na nossa fortaleza. Os trabalhos fa-

ziam-se de noite, mas sendo elles sentidos pelo nosso capitão, mandou logo collocar tantas luminarias nos baluartes, que deram claridade por todo o campo inimigo. Assestada então a nossa artilheria, começou a disparar sobre elles tanta metralha, que logo ficou o logar da cava varrido de trabalhadores!... Coge-Sofar, ardendo de raiva com este novo revez, mandou fazer novas ruas por baixo do chão, para ao abrigo d'ellas se poder continuar aquelle trabalho, que foi continuando á custa de muitas vidas de seus soldados. Mandou ali collocar um forte esquadrão de turcos e de outras nações estrangeiras, que não cessavam de hostilisar a nossa fortaleza, juntamente com os de outros baluartes, fazendo-lhe dolorosos estragos, e pondo os nossos em continuos cuidados.

Vendo Coge-Sofar esses dolorosos trabalhos com que os nossos reparavam aquelles destroços, ficou convencido que elles não poderiam soffrer por mais tempo aquella horrivel lucta, e se entregariam ás condições que lhe fossem impostas, por não se poder esperar de corpos humanos outros maiores sacrificios, pois andavam já ha muitos dias trabalhando de noite e de dia, sem terem um momento de descanço!... E para lhes cortar todas as esperanças resolveu não conceder-lhes o menor folego, e para os levar ao ultimo extremo, mandou abrir novos caminhos subterraneos, para as nossas estancias, entulhando de todo a cava com muitas pedras, para d'este modo poder melhor penetrar na fortaleza!... D. João de Mascarenhas, á

vista d'este supremo perigo, fez tambem um supremo esforço; mandou tambem fazer um terrapleno no taboleiro da egreja, por ser ali o logar mais alto da fortaleza, mandando assentar um bazalisco e outras peças de grosso calibre, para d'esse modo poder destruir aquelles perigosos trabalhos do inimigo. Ainda assim, os mouros, á custa de muitas vidas, foram entulhando a cava, o que muito cuidado dava aos nossos. Então lembraram alguns velhos defensores que defronte á cava, havia um postigo muito antigo, que se tinha entupido com o andar dos tempos e logo que de novo fosse aberto, ficava na altura da cava, podendo-se ir tirando por elle todo o entulho que os inimigos ali fossem accumulando.

Todos acharam bom aquelle parecer, sendo logo ordenada a abertura do dito postigo, e quando foi á noute todos os serventes, armados de muitos cestos, foram como um bando de formigas, retirando o entulho da cava, e todo o trabalho que elles faziam era logo inutilisado pelos nossos!...

Estando porém já aberto um grande desvão, abateu o resto do entulho; foi então que os mouros deram pelo logro que os nossos lhes faziam, buscando rebatel-os, collocando ali um grande esquadrão á beira da cava, aonde já lançavam mui grandes penedos e muitas panellas de polvora, e tudo que mais podesse destruir aos portuguezes!..

D. João de Mascarenhas, em vista d'aquelle expediente dos mouros, mandou alguns soldados em soccorro dos trabalhadores.

Sahiram aquelles soldados pelo postigo e foram travar combate com os mouros, acudindo tambem os fidalgos, e todos os mais cavalleiros esforçados, que todos ali fizeram prodigios para proteger os operarios. Foi tão renhida aquella peleja, e tanto apertaram com os inimigos, que os obrigaram a retirar desbaratados!...

D. João de Mascarenhas, logo mandou á pressa conduzir muitas traves, taboas e até portas, para n'aquella mesma noute, formar uma ponte coberta com terra e ramos molhados, a qual foi concluida ao romper do dia seguinte. Acudindo então ali Coge-Sofar, e vendo aquella obra já prompta, perdeu a esperança de poder entupir a cava; e cheio de furor começou então a esbravejar contra os seus por não terem impedido a tempo aquellas obras.

Estando elle ainda n'este desatino, e não sabendo dar-se a conselho, eis que uma das bombardas disparadas da nossa fortaleza com direcção áquelle ajuntamento, deu-lhe em cheio com um pelouro na cabeça, fazendo-o logo cair por terra com o craneo partido!... Este acontecimento, pôz os arraiaes inimigos em grande consternação, sendo logo nomeado por conselho dos capitães, o filho de Coge-Sofar, de nome *Rumecan*, o qual ainda era mais perverso e ardiloso do que seu pae!...

Então aquelle barbaro, respirando odios e vinganças, jurou ali sobre o cadaver de seu pae, que não levantaria aquelle cerco, emquanto não fosse tomada a nossa fortaleza e passados a fio de espada todos os portuguezes!...

Deu começo então á sua vingança, mandando abrir 6 ruas por baixo do chão, todas com direcção ao nosso postigo; e com tanta actividade trabalharam n'ellas, que em pouco tempo as fizeram romper por cima da ponte que atravessava a cava; e tantas pedras rolaram sobre ella, e tamanhas, que as vigas oprimidas d'aquelle enorme peso cahiram por terra com todos os mais travejamentos menores que formavam aquella ponte!...

Quando D. João de Mascarenhas notou aquelle desastre, mandou logo tapar o postigo, para que os inimigos não podessem fazer por ali ponto de entrada para a nossa fortaleza. Com isto andava o capitão um tanto preoccupado, por ver que os mouros começavam de novo a entulhar a cava, esperando em vão os soccorros de Gôa, ao passo que já lhe faltavam os proprios mantimentos!... N'esta triste conjunctura, sem lhe faltar comtudo o seu grande animo, mandou recolher os poucos recursos que ainda lhe restavam, pondo tudo em severa economia até que tivesse melhores noticias do governador, pois bem sabia elle que por entre aquellas ondas tão enfurecidas, era quasi impossivel de lhe poder chegar soccorros. O vigario da fortaleza, que era seu intimo amigo, sabendo d'aquelles grandes cuidados em que andava o capitão, foi-se-lhe offerecer para ir a Gôa com cartas para o governador, a vêr se elle poderia dar algum remedio a tantos males. Agradeceu-lhe muito o capitão aquella prova de sua dedicação e amisade, e logo lhe mandou preparar uma ligeira embarcação, na qual logo se

embarcou o vigario, com direcção a Gôa e com cartas para o governador. No entanto foram os mouros continuando a encher a cava e para melhor conseguirem o seu intento, atravessaram grandes mastros, com muitas taboas pregadas, formando d'esse modo uma forte ponte, para irem por ella picar os muros da fortaleza!... Quando D. João de Mascarenhas viu aquella grande ponte já lançada contra os muros, mandou logo buscar uma grossa cadeia de ferro, que chegasse do baluarte á ponte, bem guarnecida de facas de gumes, cheios de polvora, enxofre e outros fogos de artificios, a qual, estando presa ás argolas das peças de grosso calibre, foi lançada sobre a dita ponte, e logo a incendiou de tal modo que dentro em pouco tudo ficou em um brazume abatido!... Rumecan, acudindo logo áquella parte, mandou conduzir outros mastros e taboas, para erguer outra ponte no mesmo logar!... Pozeram elles mãos a esta segunda ponte e levaram as obras por deante, arrostando os muitos tiros das nossas bombardas, pois sendo muitos não sentiam a falta dos mortos! Terminada a ponte, começaram logo a picar a muralha do baluarte S. João, em cujo trabalho gastaram alguns dias, durante os quaes foram sempre bombardeados pela nossa artilheria, que lhe matou muita gente.

Tendo elles finalmente aberto um portilhão, por onde cabiam 10 homens juntos, mandou *Rumecan* dar um assalto geral á fortaleza, para melhor forçar aquella entrada. Atacaram com grande denodo por todos os lados, mas encontraram uma resisten-

cia incrivel, pois os nossos tinham feito em segredo pelo lado de dentro do baluarte S. João uns reparos, e quando elles investiram o portilhão, encontraram uma muralha de ferro e fogo, que os obrigou a retirar com grandes perdas, sendo este um dos dias de mais gloria para os defensores de Diu. Aquelle terrivel combate tinha durado até quasi á noute, em rasão dos mouros terem jurado a ruina dos nossos, e buscavam os perigos com despreso da vida, para poderem levar ao cabo os seus intentos!... Mas se elles assim procediam, por um acto de vingança, os portuguezes olhavam para elles com a consciencia dos seus deveres, e se no seu peito não abrigavam a cruel vingança, sentiam o ardor dos combates, tendo em mais do que a vida a gloria de morrer pela sua patria na defesa d'aquelles baluartes!...

Ao cair da noute, ouviu-se do lado de fóra do baluarte de S. Thiago, a vóz de Simão Feio, o qual vinha preso entre alguns mouros, para fallar ao capitão, dizendo que eram cousas de muita importancia, e quando chegou á falla com elle, disse-lhe, que julgava impossivel, poder elle por mais tempo defender aquellas muralhas em ruinas, pois que tendo as cavas entupidas, e sua gente estenuada pelas vigilias, e sem esperança de soccorros, por causa do rigor do inverno, achava muito melhor entregar-se á benevolencia dos seus inimigos, do que porfiar em uma causa impossivel de defender, tendo por fim o mais espantoso dos castigos que Rumecan lhe preparava!...

Respondeu o capitão a Simão Feio, que elle bem sabia que os portuguezes não costumavam entregar aos inimigos, nem mesmo uma parede velha, antes que todos tivessem morrido diante d'ella, quanto mais aquella fortaleza que ainda estava no caso de poder defender-se de todo o poder dos turcos com o de El-rei de Cambaya; pois que ainda tinha esperança em Deus, de muito breve os ir buscar em suas proprias estancias, afim de lhes abater aquella alta soberba!...

Disse-lhe mais que os portuguezes, não se venciam, nem por trabalhos, nem por medos, porque sabiam affrontar a morte no cumprimento dos seus deveres; e que, além d'isso, bem conhecia que os conselhos que lhe dava eram ordenados pelos mouros, mas que os avisasse para que não voltassem com elle de novo, porque então lhe mandaria responder com metralha dos seus baluartes!...

Retirou-se Simão Feio no meio d'aquelles mouros, a contar a Rumecam o que lhe tinha succedido, o qual logo ficou cheio de odio e furor á espera do dia seguinte, para dar um novo e mais terrivel assalto á nossa fortaleza, resolvido a pôr o remate á sua projectada vingança!... Tendo levado toda aquella noute em preparativos, quando foi pela manhã, appareceu com todo o seu exercito em volta da nossa fortaleza com todas as suas bandeiras desenroladas, ao som de muitos instrumentos, misturados de grandes alaridos para fazerem côro a tão barbaro apparato de guerra, jul-

gando que d'esse modo infundiriam terror aquelle punhado de portuguezes!...

Pois os nossos que não passavam de 200, e tão quebrantados dos trabalhos continuos e falta de repouso, encaravam no entanto tudo aquillo com serenidade, brilhando apenas em seus olhos o desejo de os encontrar nas pontas de suas lanças!... Avançaram então os inimigos ao som d'aquella gritaria sobre o baluarte S. João, como se fôra um temporal desfeito, que embate e busca destroçar a pequena embarcação no meio do mar!...

Aquellas forças inimigas vinham divididas em 2 corpos; Rumecan, á frente dos turcos e mais estrangeiros veio sobre o baluarte S. Thomé; *Juzarcam* com o restante das forças, atacou o de S. João, mandando na sua frente 500 turcos munidos de escadas, para lançarem ao baluarte e escalal-o a todo o risco, os quaes logo que as poderam firmar, começaram a subir corajosamente, até tocarem com as mãos no cimo das muralhas, mas logo os nossos os despegaram d'ali obrigando-os a retirar com grandes perdas!...

A nossa artilheria começou então a disparar em diversas direcções, fazendo-lhes grandes destroços, por se acharem agora bem a descoberto. Rumecan atacou furiosamente o baluarte que tinha na sua frente, mandando proteger os escaladores pelos seus espingardeiros e frécheiros, porém os nossos, despresando os maiores perigos, e vendo-os ali tão juntos, começaram a fazer-lhes uma destruição horrivel. Era um chover de projectis que escurecia

...s!... D. João de Mascarenhas, com a sua ha-
. prudencia e nunca desmentido valor, acudia
.los os sitios mais perigosos, pelejando e ani-
lo a seus companheiros, com palavras de muita
ança. O esquadrão das mulheres tambem acu-
os baluartes com muitas lanças, dardos e pe-
; e uma d'ellas, no furor do combate, metten-
e pelo meio dos soldados, bradou-lhes cheia de
r: «Avante, avante, cavalleiros de Christo, pele-
com fé e valor, que o nosso Deus poderoso nos
e dar a victoria contra estes infieis!» Isabel Fer-
ides, pelo outro lado, fazia o mesmo, dizendo-
s: «Filhos, esforçar, esforçar, que a Virgem
ssa Senhora, nos alcançará a graça d'esta victoria
ntra os nossos inimigos». E os reis mouros, an-
vam espantados, d'aquella resistencia que faziam
o poucos defensores contra o seu poderoso exer-
to; pois os mortos já eram tantos que embaraça-
m aos vivos, ao passo que os portuguezes susten-
am ainda os baluartes *milagrosamente!*... Man-
am aos seus capitães, que apertassem com os
sos, apesar d'quella mortandade, que não fazia
a a tamanho exercito. E como os vivos já andas-
ı por cima dos mortos, puderam aquelles alcan-
o baluarte S. Thomé! Vendo então os nossos que
ar de todos os seus esforços, conseguiram
lerar-se d'quelle baluarte, tomaram-se de tal in-
ação e coragem diante de tamanho perigo, que
ornaram semilhantes ao raio, que expellido
força da electricidade, vai despedindo um fogo
ioso sem achar impedimento na sua frente,

matando e destruindo repentinamente!... Porém se os nossos andavam semilhantes ao raio descido das nuvens, os inimigos eram como a saraiva, invadindo a superfice da terra, formando n'ella grossas camadas!... Finalmente, se o raio atravessando o espaço destruia tudo que encontrava diante de si, a saraiva do seu lado não deixava de alastrar a terra, e tudo era assombroso e mettia horror ao ver-se!... Emfim os inimigos esmorecidos, por não poderem suster por mais tempo, o impeto d'aquelles terriveis golpes, abandonaram com innumeras perdas, aquelle baluarte de que já se tinham apoderado!... Então os nossos, aos gritos de S. Thiago aos mouros, os foram perseguindo, tendo já muitos com a pressa de fugirem, saltado do baluarte abaixo, valendo-lhes de salva-vidas, o montão de cadaveres que jaziam a seus pés!...

Os reis mouros, cheios de magua, ao verem em volta da nossa fortaleza tanta mortandade, sem esperanças de melhor fortuna, não lhes poude soffrer mais o animo, e mandaram tocar a retirar!...

Ainda assim, o soberbo *Rumecan*, mandou continuar o fogo dos seus bazaliscos contra os nossos baluartes, que a este tempo já estavam tão arruinados, que chegavam aquellas ruinas até ao entulho!... Porém tão castigados ficaram d'esta vez os inimigos, que não ousaram, voltar a descoberto!...

Logo que chegava a noute, davam elles grandes rebates falsos contra os nossos, só com o fim de os fatigar, não os deixando d'esse modo tomar al-

gum repouso!... Andava agora o ardiloso *Rumecan*, mais maguado e furioso do que nunca, considerando o melhor modo de vencer e destruir aquelle punhado de portuguezes, que dentro das ruinas de seus baluartes, tanto assombro causavam ainda ao seu poderoso exercito!...

Começou elle a scismar, julgando a final que teria commettido algum grande peccado contra o seu venerando Mafamede, e por isso determinou applacar-lhe a furia, ordenando de noute grandes procissões, sahindo da cidade, para as mesquitas da ilha, indo todo o exercito posto em muito boa ordem cercado de muitas luminarias, e em altas vozes, pedindo perdão e soccorro ao seu poderoso Mafamede!... Entrando nas mesquitas, fizeram lá muitas ceremonias de superstição, sempre a entrar e a sahir, andando depois á roda com tamanhas gritarias e prantos, semilhantes aos christãos em seus clamores no tempo de peste, a pedir a misericordia de Deus!... Foi tudo aquillo notado pelos nossos do baluarte do mar, d'onde se descobria todo o acampamento dos inimigos. D. João de Mascarenhas, por todas aquellas romarias e superstições, logo intendeu ser aquillo um signal certo de que Rumecan voltaria no outro dia a dar assalto á nossa fortaleza, e por isso, sem perda de tempo, mandou encher muitas tinas de agua e distribuil-as por todos os baluartes, para se refrescarem os defensores no acto da pelleja e poder-se d'esse modo evitar algum incendio. Mandou tambem ali reunir muitas lanças e alabardas, panellas de polvora, pelouros e tudo o

mais necessario para a defeza. Ao romper do seguinte dia que era vespera do Apostolo S. Thiago, appareceu toda a nossa fortaleza rodeada pelo grande exercito inimigo com todas as suas bandeiras desenroladas, no meio das quaes sobresahia uma por sua grandesa, trazendo de um lado a figura de seu veneravel Mafamede; tão feia vinha ella, e tão medonha, que bem se egualava com a religião d'aquelle falso propheta! Era no entretanto, aquella horrenda figura, para os inimigos, uma grande reliquia, com a qual contavam d'esta vez ganhar a maior das victorias contra os nossos!... Começaram então a tocar uns instrumentos guerreiros, acompanhados de tal gritaria que formavam um conjuncto, que semelhava os condemnados ás penas eternas!... E com aquelle barulho infernal investiram logo contra os nossos baluartes, divididos em tres corpos, arvorando muitas escadas, pelas quaes subiram logo os mais ousados cheios de confiança no seu grande Mafamede!... Porém os nossos ali os receberam com tal valor, e tão terriveis golpes descarregaram sobre elles, que obrigam os da frente a voltar sobre os da rectaguarda cobertos de ferimentos mortaes!... Era no entanto tamanha multidão a subir que pareciam as formigas assanhadas a entrarem e a sahirem de uma toca que estremece aos golpes do machado!...

Ainda assim sobre aquelle estrado dos mortos que jaziam em volta dos baluartes, se erguiam os vivos, face a face com os nossos qual as ondas embravecidas, que atirando-se impetuosas sobre os rochedos

da margem, voltam de novo, depois d'ali terem quebrado as furias!... Assim rugiam aquelles furibundos inimigos contra os nossos que heroicamente os sustinham nas pontas das suas lanças fazendo-os retroceder sobre aquelle grande estrado dos mortos!... Aqui era o pellejar de um contra cem, e as armas retinindo, davam golpes mortaes, e então o grito dos feridos e os gemidos dos moribundos, formavam um medonho e horrivel concerto; sendo ainda os nossos como os raios fendendo o espaço sem achar na sua frente quem lhe podesse resistir á impetuosidade!... Praticaram elles ali cousas taes e tão maravilhosas, que só bastaria este cerco, para tornar pasmoso em todo o mundo o nome portuguez!... Rumecan d'esta vez ainda que visse a grande mortandade de seus soldados, não desistia da empresa, pois tinha jurado, a Mafamede, destruir os portuguezes, ainda que fosse á custa de todo o seu exercito!... Andava elle desatinado, chamando por seus capitães e mandando-os asperamente para a frente, o que elles só faziam por medo e vergonha d'aquelle furibundo rei que já se não compadecia da grande mortandade de seus soldados!... Então os turcos redobrando de furor, á vóz de seus capitães que se puzeram na sua frente, penetravam de novo no baluarte S. Thomé, á custa de muitos centenares de vidas; mas os nossos que só confiavam em Deus, e sem outra guarida alem das ruinas do seu baluarte, carregaram de novo sobre elles com tal valor, que causava espanto a seus proprios inimigos!... O nosso baluarte do mar não cessava

de bombardeal-os, que por estarem muito apinhados em volta dos outros baluartes não perdia um tiro, causando-lhes um destroço horrivel durante o assalto. Juzarcan, porém qual panthera assanhada, vendo que na sua frente estavam os portuguezes, como uma muralha de ferro, começou a rodear pelo lado da rocha a ver se por aquelle lado poderia penetrar na fortaleza; e como sentisse tudo em grande silencio, intendeu não haver ali defensores, os quaes tinham ido em soccorro dos outros baluartes em perigo, e por isso logo encarregou um *Sangiaco* para ir com 100 homens, escalar umas casas que estavam ao lado da egreja de S. Thiago, as quaes como tivessem uma varanda baixa, poderam ali arvorar algumas escadas, subindo logo por ellas alguns turcos em muito silencio!... Penetrando então um dos mais resolvidos, abriu uma porta que dava para uma camara em que estava uma mulher, que ao estrondo dos turcos se levantou muito assustada, e logo o turco, tomando-a por um braço lhe disse que não tivesse medo, por que a tomaria debaixo de sua protecção, pois que a fortaleza já estava tomada; mas que lhe désse ella já algum dinheiro, em remuneração d'aquelle serviço que lhe ia prestar!...

A mulher, tornando a si d'aquella grande surpreza, disse-lhe que esperasse emquanto lhe ia buscar o dinheiro, e chegando lá dentro, abriu vagarosamente uma porta que dava sahida para a rua, e foi logo ter a casa de uma visinha dizendo-lhe que os turcos ficavam já em sua casa; a visi-

nha aterrada começou a bradar por N. Senhora, para qne lhes acudisse, a cujos gritos, acudiu mais outra visinha, a qual tomando um chuço que ali encontrou, qual leòa a quem buscam roubar os filhos, saiu furiosa em direcção á dita casa em que tinham entrado os inimigos, e chegando á porta, avistou a cabeça de um turco, que estava vigiando o que se passava na rua, então a valerosa mulher arremetteu com o chuço contra elle, dizendo-lhe:

«Ah !perro, que ás minhas maõs aqui has de morrer» ! Deu então algumas chuçadas pela porta dentro, fazendo recolher o turco para o interior da casa, ficando ella, de guarda para que elle não sahisse nem seus companheiros!... As outras duas mulheres seguiram logo por uma rua que ia dar ao centro da fortaleza, e gritando pelo capitão, foram contar-lhe, como os turcos estavam já dentro da fortaleza pelo lado da rocha!... Então D. João de Mascarenhas, lhes disse que se callassem, por que isso não era assim, despedindo logo um de seus tres companheiros, para que fosse chamar alguns soldados, no ponto em que fizessem menos falta, e a outro mandou que fosse pelas ruas intimando em seu nome a todos os que encontrasse, para que fossem logo para o lado da rocha, e isto sem lhes dizer o fim para que ali eram chamados.

Então partiu o capitão com o seu unico companheiro, para esse lado em que já tinham penetrado os turcos; quando lá chegou, levava mais dois soldados, e ficou admirado de ver áquella porta a heroica mulher, qne estava ali com tal valor e reso.

lução que os inimigos nem já se animavam a chegar para ver quem passava na rua!...

O capitão, tomando logo uma panella de polvora, das maõs de um soldado, penetrou com ella no interior da casa, aonde encontrou mais de 30 turcos, e atirando com ella ao meio d'elles, os chamuscou a todos, e puchando em seguida pela espada deu logo n'elles com mais quatro soldados que ali chegaram, e tanto apertaram com elles que os fizeram recuar ate á varanda d'onde se lançaram pela rocha abaixo!...

Sahindo então D. João de Mascarenhas com seus companheiros, viu que em cima do eirado estavam muitos inimigos reunidos, e como já tivessem chegado mais alguns soldados, mandou logo espingardeal-os, ao que responderam elles com muita energia!...

O valeroso capitão, bradou por uma escada, e sendo-lhe apresentada por uma mulher, encostou-a ao eirado, por onde subiram logo alguns soldados, mas era tão estreita aquella escada que mal cabiam por ella dois homens a par!... E por esta circumstancia, o que primeiro chegou a cima, voltou logo sobre seus companheiros atravessado por muitas lançadas!... O capitão, bradou de novo por mais escadas, começando de animar aquelles soldados d'este modo: «Valerosos, e esforçados companheiros, é este o dia de podermos deixar no mundo, perpetua a memoria do nosso nome! Avante pois, que a patria nos pede hoje o mais nobre dos sacrificios!» Apenas chegaram mais algumas escadas

e soldados, foi ali travada a mais terrivel das pelejas!...

Em cima d'aquellas estreitas escadas, se firmavam milagrosamente os nossos soldados, e os turcos do lado de cima os feriam vantajosamente, mas a poder de esforços e de constancia, poderam os nossos crusar ferro contra ferro, e braço contra braço, os turcos rangiam os dentes de raiva, e os nossos em silencio buscavam embeber-lhes o ferro nos peitos para poderem abrir caminho!... Era emfim uma lucta muito desigual, sendo muitos de cima contra os poucos de baixo, mas ainda assim, tendo alguns dos nossos ganho as alturas, fizeram ali taes maravilhas, que deram tempo que outros mais pudessem subir pelas escadas, então os turcos vendo-se tão atacados, tiveram de recuar sobre a rocha, d'onde se precipitaram, ficando ali uns mortos e outros feridos mortalmente!...

Despejada tão gloriosamente aquella muralha, deixou ali o capitão alguns soldados, voltando depois ao outro lado da fortaleza, aonde encontrou os inimigos tambem quasi desbaratados! Rumecan, ao ver aquella terrivel mortandade nos seus soldados, que já cobriam o sólo em volta de nossos baluartes, esquecendo-se do seu juramento mandou logo tocar a retirar!...

Porém n'essa occasião, por mais desfortuna sua, veio um pelouro de um camello da nossa fortaleza, e tomando-o em cheio, não se viu d'elle mais do que os tristes fragmentos!...

Logo que esta nova correu pelo campo inimigo, fi-

cou tudo ali na maior desordem e confusão; e Juzarcan, começou a rugir como um tigre, no auge do desespero; mas logo veio a cahir em um grande abatimento de animo, e nesta conjunctura, foi recolher-se com sua gente á villa dos Rumes !... Neste grande assalto perderam os mouros a melhor de sua gente, e muitas bandeiras, ficando a do seu grande propheta, toda rota e chamuscada, que foi para elles a maior das affrontas!... Então D. João de Mascarenhas, vendo-se victoriozo de tão soberbos inimigos, ergueu, grandes louvores a Deus, por lhe ter concedido tamanha mercê !... Mandou logo enterrar os mortos e curar os vivos, tudo com grande cuidado e muita caridade. No dia seguinte mandou um mensageiro, em uma pequena embarcação com cartas para D. João de Castro, relatando-lhe os successos d'aquelle terrivel cerco e do grande triumpho que Deus lhe havia concedido.

CAPITULO XXIII

Juzarcan, volta sobre a fortaleza de Diu com todo o seu poder, dando novos e mais terriveis assaltos ! É minado em muito segredo o baluarte S. João, o qual voando pelos ares, deixa muitos defensores mortos; e 5 portuguezes defendem então aquelles destroços contra toda a vanguarda dos inimigos !...

O governador, D. João de Castro, sabendo em Gôa, dos grandes perigos em que estava a nossa fortaleza de Diu, mandou chamar o seu filho D. Alvaro de Castro, e disse-lhe que se preparasse com os navios que estavam na ribeira e a gente que se podesse dispensar, para ir em soccorro de Diu. D. Alvaro, logo se preparou com toda a diligencia, e tendo ao seu lado muitos cavalleiros distinctos e valentes soldados, se fez de véla para aquella fortaleza. A este tempo andava Juzarcan, muito corrido de vergonha por ver a nossa fortaleza quasi em ruinas, com tão pouca gente e cheia de privações, e não só defender-se mas ainda derrotar o seu poderoso exercito !... Senhor agora de todo o commando, e ardendo em desejos de vingança, chamou a todos os seus capitães, e os reprehendeu severamente,

por este mau successo e vergonha, os quaes cheios de confuzão, lhe pediram que se desse ainda um vigoroso assalto, para que fosse tomada a nossa fortaleza e que elles podessem então morrer sobre os seus baluartes!...

Juzarcan, animado por estas boas disposições, e cheio de esperanças, determinou dar o novo assalto, mandando erguer defronte do nosso baluarte S. Thiago, um grande bastião.

D. João de Mascarenhas, conhecendo o perigo d'aquella obra, logo determinou destruil-a, encarregando d'esse feito a dois fidalgos com alguns soldados escolhidos, os quaes, ao cahir da noite, foram por uma bombardeira, com muito silencio, e deram de repente sobre os obreiros do bastião, matando a maior parte d'elles e fugindo o resto!

Os nossos começaram logo a desfazer aquellas obras, mas indo os fugitivos dar parte d'aquelle acontecimento, *Juzarcan* acudiu logo com todo o seu exercito, mas quando lá chegou, já os nossos tinham desfeito tudo e se recolhiam á fortaleza na melhor ordem, deixando no sitio para mais de 300 cadaveres dos inimigos!...

Juzarcan, cheio de furor, e dando-se por muito affrontado, mandou logo levantar uma grossa parede em frente ao baluarte S. João, porém logo na segunda noite, mandou D. João de Mascarenhas sahir 14 soldados escolhidos, que dando de surpreza sobre os inimigos, os desbarataram completamente matando uns e fugindo outros! Então, pondo mãos á parede aquelles valentes soldados, com os servi-

dores de que iam seguidos, desmoronaram tudo promptamente; e chegando os turcos de tropel, já elles estavam a salvo!...

Juzarcan, ainda d'esta vez ficou mais furioso e affrontado; disse a todos os seus capitães que se preparassem para no dia seguinte cumprirem a sua promessa, pois que já era tempo de se acabar por uma vez com tantas affrontas d'aquelles portuguezes, que ainda se conservavam n'aquella fortaleza para vergonha de um exercito tão numeroso, que por sua honra deveria triumphar, ou ficar aniquilado de uma vez para sempre.

Ao romper do outro dia, appareceu todo aquelle formidavel exercito, em volta de nossos baluartes, com suas bandeiras desfraldadas, entre as quaes vinha outra nova com a figura horrenda de Mafamede; tocaram então todos os seus instrumentos de guerra e, dando os grandes alaridos do costume, accommetteram contra os nossos baluartes, indo na frente os temiveis rumes!... Os turcos, foram os primeiros a subir ao baluarte S. Thomé e S. João, resolvidos a tomal-os d'esta vez ou morrerem todos com os seus capitães, sobre as suas ruinas!... Os que vinham na rectaguarda, começaram então a disparar sobre os nossos, muitos tiros de espingardas, indo outros com muitas panellas de polvora, para obrigar os nossos a recuar, emquanto avançavam os turcos com mais segurança. Os portuguezes, tambem do seu lado, estavam determinados a defender-lhes a entrada ou morrerem alli todos na sua frente, e por isso os turcos ao encontrarem-se

com elles ficaram convencidos, que mais depressa morreriam ás suas mãos, do que tomar-lhes conta dos baluartes que elles defendiam!...

No entanto aquella porfiada pelleja tornava-se horrivel, porque ao passo que os nossos derrubavam 10 turcos, já se apresentavam 20 na sua frente!...

D'este modo attacaram por todos os lados a fortaleza; e como d'esta vez vinham resolvidos a morrer, ou ganhar a victoria, capitães e soldados, pareciam possuidos dos espiritos infernaes, fazendo todos prodigios para temer!...

De todos os baluartes o que estava em maior perigo, era o de Luiz de Sousa, aonde estava D. Fernando de Castro, e outros valentes cavalleiros, pois estava sendo accommettido por toda a melhor gente do exercito inimigo; os valentes defensores faziam ali taes maravilhas, que em volta do baluarte estavam cadaveres aos montes, e por entre elles muitos muribundos que ainda se debatiam nas agonias da morte!...

Emfim os gemidos de uns, os gritos dos outros, formavam um concerto medonho, de envolta com o retinir das armas abrindo golpes mortaes!... Era tudo aquillo um esforço supremo e um furor desesperado, em que ninguem contava ali mais com a vida!... Os portuguezes, eram como leões destemidos, em defeza da cova que lhes abriga os filhos, e os turcos, eram quaes tigres enraivecidos, que só lhes buscam deitar as fortes garras!...

Assim permaneciam, uns e outros n'aquelle ter-

rivel pellejar, sendo cousa medonha de ver-se, pois os nossos baluartes estavam envoltos em uma densa nuvem de fumo, alumiados apenas por repetidas linguas de fogo!... Os barbaros, estremeciam ao subirem aos nossos baluartes por cima de tantos cadaveres de seus irmãos, que já se erguiam aos montes, e só obrigados á voz de seus capitães, é que iam lá buscar igual sorte!...

Os nossos soldados não voltavam o rosto a tantos perigos, e os capitães e fidalgos não desmentiam ali a sua fidalguia, pois todos elles de rosto sereno, pelejavam no meio das chammas, que por ultimo já eram tantas e tão fortes, que a fortaleza parecia toda incendiada!...

Todos aquelles que não tinham vestidos de couro, eram queimados a miudo, mas logo que sentiam arder-lhes as suas roupas, corriam para as tinas; molhavam-se e voltavam de novo ao combate!...

O baluarte do mar não cessava de descarregar sua artilheria sobre os inimigos, que por estarem a descoberto, fazia-lhes um desbarato terrivel, e já por todos os lados se viam montes de cadaveres!.. Juzarcan, notando aquella grande mortandade de sua gente, quebrantou-se-lhe de novo o animo, e cheio de magua, mandou tocar a retirar, deixando no campo da peleja perto de tres mil soldados entre mortos e feridos!...

Dos nossos foi d'esta vez cousa milagrosa, não houve mortes, apenas tivemos muitos feridos e queimados!... D. João de Mascarenhas, durante este terrivel assalto, percorria todos os baluartes,

acudindo a todas as faltas, sempre com palavras de animação e de esperança. Terminado o combate, mandou curar os feridos e reparar todos os estragos dos baluartes. Juzarcan ainda d'esta vez, ficou mais corrido de vergonha; mas para que os nossos não tivessem descanço mandou proseguir, o entulho da cava, desde o baluarte S. João até ao de S. Thiago, ao que acudiu logo a nossa artilheria, derrubando-lhes os caminhos por onde elles passavam, nos quaes ficavam muitos d'elles ali enterrados!...

Vendo Juzarcan estes estragos, mandou erguer dois bastiões, em os quaes foram collocados dois leões resguardados por fortes mantas, começando a disparar sobre o baluarte S. Thomé, ao passo que iam proseguindo no entulho da cava. Aquella terrivel bateria, durou por todo aquelle dia e parte da noute. No dia seguinte, appareceram de novo os inimigos commandados, por um general do Sultão Mahamed, e desenrolando suas bandeiras ao som de muitos instrumentos, assaltaram de novo a nossa fortaleza por todos os lados, julgando aquelle novo general, ganhar ali a fama que tinha perdido Juzarcan!... Avançou, a vanguarda, que era composta dos turcos e rumes, por ser a gente mais temivel de todo o exercito, lançando-se contra o baluarte S. Thomé, por ser este o mais arruinado de todos; estando ali porém D. Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, e D. Francisco de Almeida, e outros mais valentes cavalleiros, foram aquelles inimigos recebidos ainda como das outras

vezes, sendo derrubados todos os primeiros que chegaram á muralha, tendo recebido ferimentos mortaes!... Mas como das outras vezes, os mortos faziam estrado para subirem os vivos, e n'isto recrescia o furor do combate por todos os lados, e os ferros então comprimidos por mãos vigorosas davam golpes mortaes, cujo estrondo se ia juntar aos gemidos dos muribundos, formando um concerto medonho e horroroso!...

Acudiu D. João de Mascarenhas ao baluarte S. Thomé, com muitas panellas de polvora e lanças de fogo, para conter o impeto d'aquelles barbaros, que vinham ainda resolvidos a vencer ou morrer n'aquelle assalto. O baluarte S João, foi tambem posto em grandes perigos pelo proprio general em chefe dos inimigos, que rodeado de seus melhores soldados, contava ganhar ali a victoria ou ficar sepultado nas ruinas d'quelle baluarte!... Era tal o fusilar da metralha, que parecia chover fogo do céu; e os nossos combatiam com tal galhardia, que os turcos da frente, retrocedendo sobre seus companheiros, os atropellavam e mettiam em grande confusão!... Neste dia foi ali bem experimentado o valor dos portuguezes; os quaes como se fossem collumnas de bronze sustentavam inabalaveis aquellas muralhas arruinadas!...

O baluarte do mar como das mais vezes, fazia grandes estragos, n'aquella multidão que lhe ficava a descoberto, e em volta dos baluartes já tudo eram montões de cadaveres!...

Nesta conjunctura, vendo o sultão Mahamed e

Juzarcan, que não tiveram melhor resultado que das outras vezes, e que perdiam a sua melhor gente, mandaram tocar a retirar, ficando em volta da fortaleza para mais 1:600 mortos não contando os milhares de feridos!... Juzarcan e o Sultão, ficaram esmorecidos com esta nova derrota aonde perderam tã[illegible] quantidade de seus melhores soldados, e blasphemavam contra o seu propheta pelos ter abandonado!...

O general turco, andava assombrado, diante de tamanho valor dos portuguezes, ficando convencido a seu pesar; que seriam baldados esforços, para tomar-se a fortaleza em que estavam defensores d'aquelle quilate!... D. João de Mascarenhas, mandou enterrar os mortos e curar os feridos. A este tempo já tinham morrido de ferimentos e enfermidades para mais de 150, ficando apenas no caso de poder combater 250 soldados!... O que agora mais inquietava D. João de Mascarenhas, era a falta de mantimentos, pois já se comiam gatos e cães, e muitas cousas prejudiciaes a saude!... Quanto ás munições, estavam quasi acabadas, não havia senão a polvora que se podia fazer cada dia, que eram 4 arrobas; de modo que a nossa fortaleza, estava reduzida ao extremo, e todos ali andavem tão cuidadosos da defeza, como se não faltasse cousa alguma!... E para cumulo de males que tanto commoviam o bravo D. João de Mascarenhas, foi minado em muito segredo, pelos inimigos, o baluarte S. João, o qual saltou pelos ares com muitos defensores aonde tambem perdeu a vida o valente D. Fernan-

do de Castro!... Os turcos, logo depois da explosão, correram, sobre aquellas ruinas com grandes alaridos, mas encontraram ainda ali 5 portuguezes que tinham escapado áquella catastrophe; os quaes lhes fizeram tal resistencia, como se fosse um batalhão serrado!... Eram elles: Antonio Peçanha, Bento Barboza, Bartholomeu Correia, Mestre João, e outros cujas chronicas não dizem o nome. Estes valentes soldados, fizeram taes proezas de valor, que não ha memoria no mundo que nos transmitta maiores feitos!... Era a vanguarda inimiga contra elles, os quaes estavam ali unidos e firmes, como um rochedo, domando as ondas furiosas do Occeano!... Eram emfim 5 genios destruidores, que surgiram de repente d'aquellas medonhas ruinas, para suster 13 mil turcos, que tantos eram os que compunham aquella vanguarda que os accommetteu!... D. João de Mascarenhas, acudiu com 15 homens, e fizeram todos taes maravilhas, que faziam espanto aos proprios inimigos, que não poderam ganhar-lhes nem um palmo de terreno em sua frente!..

O assalto foi então geral por todos os lados da fortaleza, julgando terem d'esta vez a victoria como certa; e os que defendiam as ruinas estiveram em tanto risco, que muitas vezes os defensores dos outros baluartes, julgaram entrada a fortaleza por aquelle lado!...

O esquadrão das heroicas mulheres, arrostava tambem com os maiores perigos, imitando Izabel Madeira, que com um chuço nas mãos lhes bradava: «Pelejae pela fé de Christo, para mostrar a

estes infieis que temos um verdadeiro Deus que nos protege!»

E como a este tempo, corresse a noticia de que o baluarte S. João estava sendo tomado, correram para lá alguns capitães, com o vigario da fortaleza que já tinha voltado de Gôa, o qual com um crucifixo levantado no meio de todos, começou a bradar: «Pelejae ó filhos, pela fé de Christo, pois aqui tendes a santa imagem d'esse nosso redemptor, que tendo dado seu precioso sangue por vós, espera que dareis agora por elle o vosso, para que não fique aqui entre tantos inimigos do seu nome! Pelejae valorosos portuguezes, que a victoria será completa!...»

Então os que pelejavam, accrescentaram cheios de fé: «*A misericordia de Deus seja comnosco!*» E n'isto carregaram sobre os turcos de tal modo, fazendo n'elles tal destruição, que já mal podiam romper por entre os cadaveres!...

Quando D. João de Mascarenhas, viu quebrantado o impeto dos turcos, e que os defensores já eram bastantes para lhes defender a entrada, mandou reunir alguns serventes que juntos com as heroicas mulheres, foram levantar uma tranqueira pela parte de dentro do baluarte; e emquanto uns, trabalhavam n'aquella obra tão importante, os outros sustentavam vigorosamente os repetidos assaltos, que duraram até ao sol posto!...

Juzarcan, que tinha posto todas as suas esperanças, n'aquelle ardil de fazer saltar pelos ares o nosso baluarte, vendo terminar o dia sem me-

lhores resultados que das mais vezes, cheio de grande magoa, mandou tocar a retirar, deixando no campo perto de dois mil mortos e feridos!... Dos nossos tambem houve feridos e alguns mortos, e entre estes, foi um d'elles, mestre João, um dos que sustentou a vanguarda dos turcos, este heroe, fez ali taes proezas que faria inveja aos mais valentes; cheio de ferimentos, não quiz abandonar o seu posto, senão quando já não podia mais manejar as armas, sendo pouco mais do que um cadaver mutillado!... Era esposo de Isabel Madeira, a qual sabendo de sua morte, correu logo com algumas de suas companheiras, e com as lagrimas nos olhos, o apertou contra o seu coração, dizendo:

«Ah! meu estremecido esposo, tu acabas de cumprir os teus deveres, morrendo pela fé de Christo, falta agora que eu cumpra tambem o meu, que é vingar a tua morte, e morrer tambem na pelleja para me tornar digna da tua gloria!»

No dia seguinte D. João de Mascarenhas, teve conselho com todos os seus capitães, ácerca do que mais lhes convinha fazer em vista de não terem mais munições!...

Todos ali foram de parecer, que quando de todo já não houvesse nada que se podesse oppor aos inimigos, se encravasse toda a artilheria, fazendo-se uma sortida geral, em que pelejando pela fé de Christo, morressem honradamente!...

E com esta resolução extrema, foram concertando as cousas do melhor modo, para colherem

os ultimos louros de sua gloria contra seus acerrimos inimigos!...

Bem poderemos repetir que feitos iguaes ainda se não poderam contar no mundo, a menos que não fossem fabulosos, mas ainda assim, o cerco de Diu teria sempre a primazia, em rasão dos portuguezes terem que luctar com machinas destruidoras, taes, como os quartões e bazaliscos monstros, e outros muitos instrumentos selvagens, que ainda não tinham apparecido n'aquelles outros tempos heroicos!... Quando mesmo no Oriente não houvesse outros feitos de tanta nomeada, bastava este cerco, para encher de gloria o nome portuguez, e causar inveja a todas as nações do globo!...

CAPITULO XXIV

D. Alvaro de Castro vai em soccorro de Diu por entre as ondas embravecidas; chegando tambem alli Antonio Barreto, depois de ter affrontado os maiores temporaes. Constancia e valor de Luiz de Mendonça, que tambem affrontando as ondas enfurecidas, chega a soccorrer aquella fortaleza. Novos e repetidos assaltos dos inimigos, sem poderem ainda tomar a nossa fortaleza!... Chega D. Alvaro de Castro a Diu com 40 navios e 400 homens de peleja. Prepara-se D. João de Castro para ir levantar o cerco d'aquella fortaleza.

Como já referimos em outro capitulo, partiu de Gôa D. Alvaro de Castro e D. Francisco de Menezes, com mais alguns valentes companheiros, em soccorro de Diu, mas encontraram elles o mar tão embravecido, e tamanhos temporaes, que se viram quasi perdidos, pois era tanta a chuva e a força dos ventos, e tamanha a cerração, que nem já se sabia quando era noite nem dia!... D. Francisco de Menezes, que tinha partido adiante, chegou a Baçaim com seus navios desalvorados, mas logo que poude reparar aquellas avarias, se metteu de novo no golpho; porém encontrou alli um tal temporal, que o obrigou a voltar de novo para Baçaim! Esperava que melhorasse o tempo, mas como não visse mudança, tornou a tentar fortuna!... D. Francisco de Menezes, esquecendo tamanhos perigos que o

ameaçavam, só se lembrava dos que pesavam sobre os defensores de Diu, e por isso, elle metteu o navio á força d'aquelle temporal, mas não podendo passar ávante voltou de novo a Baçaim, com aquelle navio quasi desmastreado!...

No dia seguinte tambem alli chegou D. Alvaro de Castro com a maior parte dos seus navios desalvorados, sendo preciso fazer-lhes grandes reparos, no que se gastaram muitos dias.

Tambem alli chegou por esse tempo Antonio Moniz Barreto, no seu caravelão em que iam as munições, o qual não teve menos trabalho do que seus companheiros para chegar áquelle porto.

O temporal, mesmo dentro da barra era medonho, e a não serem os seus grandes esforços, o caravelão se teria alli perdido! Vendo, o destemido Barreto, que a galeota de um mercador resistia á força d'aquelle temporal, determinou logo fretal-a para partir no dia seguinte em soccorro de Diu, deixando o galeão entregue a D. Alvaro de Castro. Partiu Barreto em seguida para a praia, com 4 homens da sua casa, e tratava de embarcar-se quando alli chegou Garcia Rodrigues de Tavora, que lhe pediu muito para o deixar embarcar na sua companhia, ao que Antonio Barreto respondeu, que sendo elle tão grande fidalgo, quando chegassem a Diu todos diriam que era elle o dono da galeota, e que não desejava levar rivaes em tamanho commettimento!... Tavora lhe disse que só queria embarcar como seu simples soldado, e que se tanto fosse preciso lhe faria um assignado!... Á vista, pois,

d'esta franqueza, foi recebido por Barreto na galeota, e quando já estavam embarcados chegou á praia Luiz de Mello Mendonça, que era primo de Barreto, pedindo para tambem se embarcar com elle, mas reparando que o navio estava já muito carregado, pediu a seu primo que logo que chegasse a Diu lhe mandasse a galeota, para que elle podesse tambem partir em soccorro d'aquella fortaleza, o que lhe foi promettido por Barreto.

Estava já solta a galeota, quando chegou á praia um soldado de nome Miguel Darnide, o qual logo bradou: «O que é isso, senhor, pois quereis partir sem me levar em vossa companhia?!...» Aquelle soldado era muito corpulento, e Moniz Barreto lhe respondeu que aquella galeota era muito pequena para elle!... E vendo aquelle valeroso soldado, que o deixavam na praia, tomou a sua espingarda nos dentes e lançou-se a nado atraz da galeota!...

Então Moniz Barreto notando o grande heroismo d'aquelle soldado, disse para os seus companheiros, que mal faria em não levar tão bom soccorro a Diu; e logo foi tomar o soldado, e partiu para o golfo, aonde encontrou tão medonho temporal, que estiveram a ser ali sepultados todos no meio d'aquellas ondas enfurecidas!... A galeota como fosse pequena, ficava a todos os momentos alagada por aquellas encapelladas ondas!... Ainda assim Antonio Barreto com seus companheiros foi por diante, mas todo esse dia e parte do outro, não poderam ter um só momento de descanço, e quando

foi na tarde do segundo dia, poderam avistar terra, estando já perto da nossa fortaleza de Diu!

Estando elles já debaixo da couraça, foram sentidos pelos vigias, que lhes perguntaram quem eram, ao que respondeu Antonio Barreto, com palavras de muita animação, mandando logo D. João de Mascarenhas abrir uma bombardeira da couraça, por onde entraram com grande alegria de todos que ali estavam. Perguntando-lhe o capitão em segredo, por D. Alvaro de Castro, Antonio Barreto, lhe respondeu em voz alta: «D. Alvaro de Castro, senhor, ficou ali em *Madrefavel* com 60 embarcações, que não poderão tardar aqui mais do que 2 dias.»

Esta alegre e animadora noticia, correu logo por toda a fortaleza, enchendo a todos de grandes esperanças e contentamento!... Porém Antonio Barreto declarou em segredo ao capitão, que D. Alvaro de Castro, tinha ficado em Baçaim, detido por grandes temporaes e que seria temeridade arriscar tão bom soccorro. Juzarcan, andava já um tanto animado, concebendo a esperança, que com mais outro ardil poria termo áquelle cerco, destruindo para sempre os portuguezes, por serem já mui poucos e reduzidos ao ultimo extremo. Cuidou pois em pôr em pratica o seu plano, mandando minar o baluarte S. Thiago, e picar o lanço da muralha que ficava do outro lado, sendo tudo feito por baixo das ruas sem que os nossos pudessem dar por tamanho perigo!... Os turcos, tendo chegado aos alicerces das muralhas, acharam-as tão rijas que as não

puderam romper com seus fortes picões, mas indo molhando-as com vinagre, lançaram-lhe fogo e voltaram logo a rompel-as imitando o grande Annibal na passagem dos Alpes!... Por este ardil engenhoso, se, poderá bem conhecer que os portuguezes, não pelejavam com gente estupida e mal armada, mas com uns barbaros cheios de ferocidade, e munidos de todos os engenhos de guerra, superiores mesmo aos dos antigos Romanos!

Dentro em pouco aquella moralha começou a desmoronar-se, e os nossos viram então, que se fazia uma mina entre o baluarte S. Thomé e o cubello!... O valente D. João de Mascarenhas mandou logo fazer uma contra-mina pelo lado de dentro, sendo tambem levantado um grosso muro. Os turcos terminaram aquellas minas dois dias depois da chegada de Antonio Barreto, e querendo-lhe por fogo, avançaram sobre o baluarte S. Thiago, com grandes alaridos e suas bandeiras desenroladas. Os nossos como era de esperar acudiram logo a recebel-os ao que vendo os turcos aquillo, se afastaram de repente, do que desconfiando os nossos, se desviaram tambem.

Tendo porém os turcos posto fogo ás minas, e tendo encontrado grande resistencia nos reparos do lado de dentro, expelliu todo o material com a face do muro exterior, indo aquelles destroços cahir sobre os proprios inimigos, dos quaes ficaram mais de 300 despedaçados!... Mas não esmoreceram os inimigos com aquelle revés, avançaram sobre o baluarte cheios de furor, e subindo pelo

lado das ruinas, encontraram já os portuguezes para os receber como das outras vezes, tendo por isso de retroceder com ferimentos mortaes; mas como Juzarcan tinha para ali mandado avançar mais de 20 mil homens para que o baluarte fosse tomado a todo o trance, voltou á carga aquelle grande poder dos inimigos, tornando-se então mais terrivel o combate. Eram tantos os arremessos sobre os nossos e os artificios de fogo e mais instrumentos mortiferos, que faziam escurecer o dia, e apenas o clarão rompia aquellas medonhas trevas de momento a momento!...

Antonio Barreto e Rodrigues de Tavora, por ser este o primeiro assalto em que se encontravam, faziam proezas incriveis! Com as armas ensanguentadas e o rosto preto pela polvora e o suor, andavam como coriscos; e tanto estrago fizeram nos turcos, que lhes quebraram a soberba do primeiro impeto!... O baluarte do mar, como das outras vezes, fez um destroço horrivel n'aquella multidão, que sempre lhe ficava a descoberto!... O sultão e Juzarcan, quando viram tanta mortandade em volta dos nossos baluartes, perdendo a esperança da victoria, mandaram tocar a retirar a sua gente!... A providencia divina velava sobre aquelles poucos defensores, que cheios de fé confiavam no seu poder; pois quantos mais ardis preparavam aquelles barbaros contra os nossos, mais gente perdiam e menos resultados tiravam, ao passo que a nossa pobre fortaleza já estava tão arruinada pela grossa artilheria dos turcos, que vista do lado de fóra, pa-

recia não poder mais resistir a uma pequena força, quanto mais a um poderoso exercito!...

Passando por este tempo ao campo inimigo tres escravos, foram contar a Juzarcan, os grandes apuros em que estavam os portuguezes, affirmando-lhe que não havia na fortaleza, mais do que 60 defensores, pois que os outros estavam uns feridos e outros doentes!...

Juzarcan apenas isto ouviu, logo mandou chamar os seus capitães, e ordenou-lhes que se preparassem, para se dar novo assalto á nossa fortaleza!...

Na manhã seguinte rodeou aquelle exercito, a nossa fortaleza, começando o assalto pelo baluarte S. Thomé, subindo uns pelas ruinas, e outros por escadas que lançaram por outros lados!...

Os nossos estavam ali como uma muralha de ferro, começando a mortandade por todos os lados, em rasão do baluarte do mar fazer ali bem o seu officio.

Vendo Juzarcan este novo destroço na sua gente, logo conheceu que os fugitivos escravos o tinham enganado, e cheio de odio e de magoa, mandou de novo retirar a sua gente antes que fosse mais destroçada!...

Deixemos agora este punhado de heroes a reparar os estragos da fortaleza, emquanto vamos saber o que succedeu a Luiz de Mello Mendonça, depois que se embarcou na galeota de Antonio Barreto.

Apenas chegou Mendonça a Baçaim com 9 companheiros, tambem ali chegaram após elle D. Jorge

e D. Duarte de Menezes, os quaes vinham em um cuter com 17 homens, chegando tambem D. Antonio de Athayde e Francisco Guilherme, cada um em seu navio com 15 compahheiros. Deram á véla, uns apoz outros, ficando ainda D. Alvaro de Castro, preparando-se para sahir no dia seguinte.

Luiz de Mendonça, encontrou o mar tão agitado, que a galeota já recebia agua por todos os lados; o tempo estava escuro e medonho, parecia que o enfurecido. Occeano, mandando suas ondas até ás nuvens, deixava-as d'ali cair com todo o peso, para esmagar a ousadia d'aquelles navegantes, que despresando as suas iras, tentavam passar ávante em soccorro de Diu!... Todos estavam já desanimados no meio de tamanhos perigos. só Luiz de Mendonça, cheio de esperanças acudia a todos os lados, animando a seus companheiros com o exemplo!...

Começava no entanto a redobrar o temporal. parecendo abertas as cataratas do céu para reproduzir um novo diluvio; os relampagos succediam-se uns aos outros, formando uma athmosphera de fogo!...

N'esta triste conjunctura os companheiros de Mendonça lhe pediram que arribasse, porque proseguir com tal temporal, seria desafiar a colera de Deus, pois que se em Diu havia falta de soccorros, não poderia de outro modo lá chegar com elles. Luiz de Mendonça lhes respondeu cheio de auctoridade e confiança: «Meus esforçados companheiros, não vos atemorise a carranca d'este temporal, por-

que não será de nossa fraqueza, que ha de sahir o triumpho do nosso arrojado commettimento, mas sim do valor de nosso braço e da nossa propria constancia. Lembrae-vos que alguma cousa deveremos fazer, para podermos soccorrer a fortaleza de El-rei, e bem sabeis que não se ganha a honra sem muito risco e trabalhos; pois se nós lá chegassemos com um tempo sereno, muito menos havia que nos agradecer. Lembrae-vos ainda que esta, é a mesma galeota em que meu primo Antonio Muniz Barreto, atravessou este golfo, com iguaes temporaes; por ventura seremos nós outros, menos do que elle e seus companheiros? Ávante, meus amigos, e Deus vá comnosco para nos proteger e nos encaminhar!»

Aquelles homens, já esmorecidos, ouvindo estas palavras, cheios de esperança e animação, encheram-se de novos brios, e lançando todos as mãos aos baldes, começaram a despejar as aguas que tinham entrado na galeota, mas era aquillo um trabalho enfadonho, porque a tiravam por um lado, e ella entrava por outro!...

Á vista d'estes trabalhos inuteis, tornaram a pedir que arribasse, ao que Mendonça não annuiu, mandando proseguir por diante. Elles porém vendo aquella constancia quizeram ainda com ameaças obrigal-o a arribar!...

Vendo Mendonça este novo embaraço, mandou cautellosamente por um seu parente recolher as armas ao paiol, e depois pondo-se de pé sobre elle com a espada na mão, lhes disse: «Ninguem te-

nha aqui mais o atrevimento de me fallar em arribar, porque primeiro perderei eu aqui a vida, do que deixar de proseguir em soccorro de Diu; e por isso cada um cumpra com os seus deveres, que eu hei de saber cumprir os meus!»

Diante d'estes tão fortes argumentos, nenhum d'elles se atreveu mais a pedir que arribasse, começando todos a trabalhar com os baldes o resto d'aquelle dia e toda a noute!...

Finalmente, quando foi no dia seguinte ao cair da tarde, tendo a galeota navegado sempre por baixo das ondas enfurecidas, chegou á vista da nossa fortaleza de Diu!...

Muito mais fizeram estes nossos arrojados navegantes do que *Ulisses e Enéas*, tão decantados pelos famosos poetas Homéro e Virgilio, porque se aquelles foram tão engrandecidos, pelo verso eloquente, os nossos heroes ainda muito mais se elevam pela simplicidade da narração e veracidade dos factos!...

Luiz de Mendonça, entrando com a sua galeota pela barra dentro, foi surgir com bastante risco diante da *couraça*, sendo logo recolhido com seus companheiros, no meio de muita alegria de todos.

Por este tempo deram os inimigos de novo sobre a fortaleza, apoderando-se de parte de um baluarte, e já buscavam a todo o transe apoderar-se d'elle, quando D. João de Mascarenhas acudiu com este soccorro de Luiz de Mendonça, seus companheiros e mais alguns fidalgos, carregando aquelles

barbaros de tal modo e com tão extremado valor, que pareciam um volcão de cujo centro sahia uma torrente de fogo!... Durou esta terrivel peleja mais de 6 horas!...

Sendo porém quasi noute, sem que os inimigos podessem penetrar na fortaleza que estava rodeada de cadaveres, *Juzarcán* mandou tocar a retirar com perda de 400 mortos e mil e tantos feridos! Tambem dos nossos houve alguns mortos e bastantes feridos. No dia seguinte, entraram a barra os navios de Antonio de Athaide e os de Francisco Guilherme, os quaes tendo vencido toda a força dos elementos, poderam ali chegar a salvamento. Foi este novo soccorro ali recebido com alegria de todos, mas em quanto elle se reparte pelos baluartes, e os barbaros, apesar das perdas soffridas teimam em dar-lhes assaltos, sempre esperançados na victoria, vamos dar conta do que tem feito D. Alvaro de Castro, o qual, logo que reparou os seus navios, reuniu mais alguns das fortalezas de Chaúl e Baçaim, fazendo-se de véla, com uma armada composta de 50 embarcações de varios tamanhos, mas chegando ao golfo, encontrou, tamanho temporal, que se vio obrigado a voltar, com grande risco de ali perder todos os seus navios, pois já trazia muitos mantimentos avariados! Ruy Freire, que tambem tinha sahido com elle em um navio de sua propriedade, acompanhado de 24 homens valentes, e muitos mantimentos, que tinha comprado á sua custa, teve a fortuna de ver o seu navio resistir á força d'aquelles temporaes e nave-

gando sempre com grande risco e trabalho, poude chegar como Luiz de Mendonça á vista de nossa fortaleza !...

D. Alvaro de Castro tendo de novo reparado as avarias dos seus navios, voltou para o golfo, aonde encontrou os mares muito empolados, e os ventos mui rijos, mas d'esta vez abriu ucta com aquelles elementos, e foi vencendo todos aquelles embaraços, podendo emfim chegar depois de muitos trabalhos em frente da nossa fortaleza de Diu!...

Ao passar por diante da villa dos rumes, deu uma grande salva de artilheria, causando bastantes estragos nas estancias dos inimigos!...

D. João de Mascarenhas, cheio de contentamento, foi logo receber D. Alvaro de Castro ao caes, aonde desembarcaram 400 defensores. D. Alvaro, escolheu logo o baluarte S. João, para onde foi com muitos de seus valentes companheiros, isto em razão de ser esse baluarte o maior theatro das glorias de D. Fernando, seu extremoso irmão, que ali tinha morrido em sua defeza.

Estando todos em seus postos, mandou o capitão, desembarcar todas as munições e mantimentos, e com estes novos reforços, ficou a fortaleza muito melhorada tendo os baluartes uma guarnição de perto de 600 defensores. Porém como os inimigos eram muitos, não davam folga aos nossos, e começaram a dar-lhes mui repetidos assaltos, mas sempre como das mais vezes com perdas consideraveis, até que por instancias dos nossos soldados, foi feita uma sortida, em que foram tomadas algu-

mas posições aos turcos, mas recolhendo-se afinal com bastantes perdas, tendo tambem causado outras peiores aos inimigos.

Estavam as cousas n'este ponto, quando o governador D. João de Castro, determinou ir em pessoa, pôr um termo áquelle famoso cerco, que já tantos sacrificios tinha custado aos portuguezes.

Para levar ao cabo este seu intento, começou a preparar a esquadra, mandando alistar gente por todas as ilhas visinhas de Gôa, podendo reunir em pouco tempo uns 1:200 homens, dando a capitania d'elles a Vasco Fernandes. E tendo feito recolher aos navios muitos mantimentos e munições de guerra, passou ao alistamento de todos os portuguezes que havia em Gôa, os quaes passavam de 2 mil, os quaes logo mandou exercitar no campo de S. Lazaro, aonde fez erguer uma fortaleza de madeira semilhante á de Diu!...

Mandou erguer ao seu lado, estancias tambem semilhantes ás dos turcos, e dentro então d'aquelle arremedo da fortaleza, foram collocados todos aquelles soldados bisonhos, sendo ali o instructor d'elles o proprio governador, que os trazia ali munidos de escadas, e com suas bandeiras desenroladas, em divisões, mandava-os accommetter as estancias inimigas com aquellas escadas, subindo logo por ellas, como quem na realidade ia tomar aos turcos aquellas estancias!...

Estavam elles já bastante adestrados n'aquelles exercicios, quando começaram a chegar reforços de Cananor e Cochim, mandando-lhe tambem *Ce-*

maçadim uma grande nau carregada de mantimentos com uma carta em que lhe offerecia o dinheiro que lhe fosse preciso para aquella jornada!... E como ainda eram esperados mais alguns navios e gente, quiz o governador partir adiante, para os ir esperar em Baçaim. Fez se pois á véla deixando o governo entregue ao bispo D. João de Albuquerque, e ao capitão, D. Diogo de Almeida Freire.

Levou D. João de Castro n'esta expedição 12 galeões, dos quaes iam por capitães: Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manuel da Silveira, Manuel de Sousa Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manuel Lubato e Luiz Alvares de Sousa.

Levou mais 60 navios de remo dos quaes foram por capitães: D. Manuel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Souto-Maior, Antonio Carneiro, Vicente Carneiro, Alvaro Paes de Andrade, D. Manuel de Eça, Jorge da Silva, Luiz Figueiredo, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes, Lourenço Ribeiro, Antonio de Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandes, Manuel Lobo, Francisco de Azevedo, Pedro de Athaide, Francisco da Cunha, Antonio de Sá, Cosme de Paiva e Vasco Fernandes.

Sahiu pois, esta armada de Gôa, e chegou dentro de poucos dias a Baçaim, mandando d'ali o capitão, a D. Manuel de Lima, com 6 navios ligeiros, a dar caça a todas as embarcações de *Cambaya* que levassem mantimentos para os inimigos; levando tambem ordem para que todas as naus portuguezas vindas de Ormuz, se lhe viessem reunir.

D. Manuel de Lima tendo percorrido, aquella costa e aprisionando 30 pequenas embarcações com mantimentos, voltou a Baçaim; e vendo o governador aquelle feliz successo, tornou a mandal-o, correr a costa para depois se ir reunir com elle á ilha dos Mortos.

Emquanto o governador se preparava melhor para aquella importante jornada, mandou adiante Antonio Rodrigos em um cuter, com cartas para D. João de Mascarenhas, e seu filho, em que lhes fazia sciente, da sua proxima partida em soccorro d'aquella fortaleza; e tendo tudo bem preparado, fez-se de véla para a ilha dos Mortos, aonde se demorou 2 dias, á espera de D. Manuel de Lima, que chegou no fim d'elles com seus navios carregados de boas provisões, seguindo então com o governador para Diu a 6 de novembro.

CAPITULO XXV

Chega a Diu D. João de Castro, e determina ir atacar os inimigos em suas proprias estancias. Acontecimentos milagrosos em favor dos portuguezes, os quaes dando combates espantosos aos inimigos, ganham victorias completas contra elles.

N'aquelle mesmo dia em que D. João de Castro, partiu da ilha dos Mortos, chegou á vista de Diu, sendo logo reconhecido de cima das muralhas, por serem vistos aquelles altivos galeões, que pareciam montanhas em cima das aguas!

D. João de Mascarenhas, á vista d'aquella poderosa armada, que enchia o porto de Diu, toda embandeirada, tambem mandou logo embandeirar todos os baluartes, e dar uma salva de artilheria com o resto de suas munições, para mostrar aos inimigos a importancia d'aquelles soccorros.

Sendo já bastante tarde, mandou o governador surgir a sua armada em frente da terra firme, aonde foi logo D. João de Mascarenhas visital-o, sendo recebido pelo governador, com muitas honras e carinhos. Fez então o governador reunir os

seus capitães, para juntos deliberarem ácerca do melhor meio de sahir contra os inimigos, pois que não vinha com intenções de ficar cercado n'aquella fortaleza, mas para levantar-lhe o cerco!... Foi isto que elle expoz ao conselho d'aquelles capitães; e depois de grandes debates, foi deliberado, que o governador com toda a sua gente entrasse de noute em segredo na fortaleza, ficando a armada mais ao largo, para se aproximar no mesmo dia em que se desse a batalha geral aos inimigos.

O signal, seriam 3 foguetes lançados da fortaleza, avançando então toda a armada para a frente, fingindo trazer ali o governador com toda a sua gente, a qual, simularia um desembarque na alfandega, aonde era de supôr, acudissem logo os inimigos com as suas melhores forças, ao passo que o governador sahindo com sua gente da fortaleza daria sobre as suas estancias, pondo tudo a ferro e fogo!...

Estando assim deliberado este plano, foi logo n'essa mesma noute o capitão para a fortaleza, guardando muito segredo ácerca do que se passou n'aquelle conselho, mandando fazer grande quantidade de escadas de corda, para melhor poder receber em segredo o governador com a sua gente. No dia seguinte foi o governador surgir com toda a sua armada, na bahia do Pouso Máu, dando ali uma grande salva de artilheria que durou algumas horas!... *Juzarcan* tambem respondeu com outra, para mostrar que tinha tudo aquillo em pouca cousa. Porém o governador mandou logo 3 caravellas para

a frente das estancias inimigas, a fim de as bombardear, tanto de noute como de dia, o qual tambem acudiu logo a varejar aquellas estancias, cujo bombardeio durou tres dias e tres noutes!... Durante aquelle tempo do bombardeio, foi recolhida á fortaleza pelas escádas de corda, tóda a gente, entrando depois o governador pela couraça com todos os capitães em muito segredo.

Juzarcan, vendo o grande poder do governador. logo entendeu que tudo aquillo não era para ficar encerrado na fortaleza, e por isso mandou collocar sobre os muros de suas estancias, muitos barris de alcatrão e grande quantidade do projetis, para ser tudo arrojado sobre os nossos quando elles fossem assaltar aquellas estancias, que tambem foram logo guarnecidas com 15 mil homens, em que entravam os mais valentes *rumes* e *turcos* do exercito! D. João de Castro, logo que penetrou na fortaleza com toda a sua gente, fez um conselho geral de todos os capitães e mais cavalleiros distinctos, expondo-lhes de novo as intenções que tinha formado de ir accommetter as estancias dos inimigos, mas que nada desejava fazer sem primeiro ouvir de novo a opinião de todos, e por isso lhes pedia dissessem o que melhor entendessem a tal respeito.

Houve então ali varios pareceres, uns a favor, outros contra, alegando estes ultimos, que não era prudente arriscar toda a India em uma sò batalha, contra tão desigual poder; e que muito havia de extranhar El-rei, ao saber que tantos cavalleiros distinctos, que ali estavam, tivessem consentido em

se metter áquelle estado dentro de um jogo de xadrez!... E com estes e outros contrarios pareceres, ia o conselho tomando um caracter de desordem, quando o governador se levantou, com aquella grande auctoridade de que se achava revestido, e logo impoz silencio a todos aquelles velhos fidalgos de terra e mar!... Perguntou a Garcia de Sá, qual era a sua opinião n'este negocio, ao que respondeu aquelle respeitavel ancião: «Eu, senhor, nunca serei de parecer que deixeis de dar batalha aos inimigos, isto por duas razões: uma porque vendo elles que os temeis, vos virão logo accommetter dentro d'esta fortaleza; a outra, é porque não convem á reputação do estado, que o governador das Indias esteja como encorralado, porque então melhor fôra ter ficado em Gôa, mandando para cá todo o seu poder, pois que ainda que outra cousa não fizesse, que defender esta fortaleza, não daria ousadia a estes inimigos, porque, senhor, elles a terão muito grande se aqui vos virem cercado! Estes mouros, estão agora um pouco acovardados com a presença d'esta grande armada, na qual lhes parecerá terem vindo para mais de 7 a 8 mil homens; e como deverão estar com esta ideia, tantos lhes deverão parecer os tres mil com que lhes dareis batalha. Vêde, pois, senhor, o que fazeis, porque no accommetter não só está o vosso credito, como a propria victoria!»

Estas razões tão justas, ditadas por aquelle respeitavel ancião, calaram de tal modo em todo aquelle conselho, que bradaram logo que fosse dada a ba-

talha! Tenhamos fé, senhores, disse o governador cheio de alegria, porque Deus com o seu divino auxilio nos poderá dar a melhor das victorias! Pediu então que todos se preparassem, para no dia seguinte se ir ao encontro dos inimigos em suas proprias estancias, o que logo no outro dia organisou a sua gente do modo seguinte: A vanguarda, composta de 500 homens, foi dada a D. João de Mascarenhas, que teve por companheiros os seguintes fidalgos: Antonio Moniz Barreto, D. João Manoel, João Falcão, Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio da Cunha, D. Manoel da Silveira, Francisco de Azevedo Coutinho, Jorge de Sousa. Tambem se lhe reuniu Vasco Fernandes com 600 homens escolhidos e 500 nayres de El-rei de Cochim. A D. Alvaro de Castro, foi concedida uma divisão de 500 homens, tendo por companheiros, todos os capitães e mais fidalgos da sua armada. D. Manoel de Lima, teve igual força, tendo por companheiros outros fidalgos e capitães.

Tomou então o governador o commando das outras forças, que andavam por uns mil homens, não contando os canarins e malavares, tendo por companheiros os seguintes capitães e fidalgos: Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e Manuel de Sousa de Sepulveda; ficando na fortaleza o alcaide mór com 300 defensores.

Tendo-se erguido um altar no meio da fortaleza, foi ali dita uma missa por fr. Custodio de S. Francisco, e deu a todos o Santissimo Sacramento, sendo o governador, capitães e fidalgos, os pri-

meiros que praticaram aquelle solemne acto da nossa santa religião. No fim disse o governador: «Valerosos e muito esforçados fidalgos e mais cavalleiros de Christo, se eu cuidasse que esta alegria que noto em vossos rostos, procedia de minha e de vossa temeridade, confesso-vos que estaria menos confiado do que estou; mas convencido de que ella nasce do muito desejo que tendes, de imitar aquelles antigos portuguezes nossos antepassados; é essa só a rasão, porque tambem estou contente, confiando no vosso reconhecido valor, sem ter mais que recear. Senhores, a batalha que temos a dar, ha de ser cruel e arriscada, porque ou nós venceremos aquelles infieis, ou acabaremos no campo da honra; mas confiados no favor de um verdadeiro Deus, poderemos ficar seguros do nosso completo triumpho. E hasteando um crucifixo accrescentou: Eis aqui a imagem do nosso salvador Jesus Christo, debaixo d'esta celestial bandeira, afrontaremos todos os perigos sem temor da mesma morte, que de pouco nos valeria agora uma vida deshonrada.» E todos que ali estavam, ouvindo com grande attenção aquellas palavras eloquentes e ungidas de fé, prostados de joelhos, com os olhos pôstos n'aquella imagem de nosso redemptor, pediram a batalha com as lagrimas nos olhos!... A batalha porém ficou ainda para o dia seguinte, passando-se todo aquelle dia em preparativos.

N'esta tarde, entraram na ilha dos rumes, mais 2 capitães mouros com 5 mil homens de reforço!..

Ao romper do outro dia, que eram 10 de novembro, mandou o governador fazer o signal á armada, pondo-se elle no meio da fortaleza ao lado da bandeira de Christo, dando todas as providencias necessarias. Ordenou ao alcaide mór que fizesse tirar as portas da fortaleza dos seus gonzos, para ficar franca a sahida e entrada.

Fr. Custodio, com o crucifixo arvorado em uma lança, resou no meio de todos o Evangelho de S. João, dando no fim absolvição geral a todos.

Logo que da nossa armada foi visto aquelle signal dos foguetes, moveu-se para o lado da alfandega, levando muitas lanças arvoradas em todos os navios, com muitos murrões acesos, para que julgassem os inimigos que tudo aquillo eram espingardas. Tocaram tambem então muitos instrumentos de guerra, indo na frente a galeota do governador, com a bandeira de Christo arvorada. Simulou então querer fazer um desembarque defronte das estancias inimigas, indo para as portas da alfandega para melhor illudir os inimigos.

Então, acreditando *Juzarcan*, que vinha ali o governador com todo o seu poder, para fazer o desembarque, sahiu de suas estancias, com a maior parte de suas forças e muitos generaes, deixando ali por cautella ainda uns 8 mil homens!...

Avançou então a nossa armada sobre as estancias dos mouros, e disparou sobre ellas uma formidavel descarga que lhes matou muita gente.

O governador, sahiu a este tempo da fortaleza com toda a sua gente ao som de muitos instru-

mentos bellicos, e foi rodeando toda a muralha do lado em que estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira.

Não podemos deixar de referir um caso de bastante importancia, o qual despertou uma viva fé em nossos soldados, que logo tomaram aquillo por um grande milagre. O caso foi o seguinte: os inimigos tinham collocado algumas peças de grosso calibre sobre a ponte, por onde os nossos tinham de fazer aquella sortida contra suas estancias, e entre ellas se achava a celebre peça de Diu, a qual estava carregada de *jellas*, que é uma moeda de cobre bastante grossa e redonda.

Vendo os turcos que os nossos sahiam da fortaleza e a ponte estava já apinhada de soldados, puzeram logo fogo ás bombardas, e como não pegasse o murrão, tentaram por-lhe o fogo por 4 vezes sem resultado!...

Não permittiu Deus, que, disparando aquella grossa artilheria, fosse a vanguarda de nossa gente pelos ares, e talvez por esse motivo desbaratado o governador n'este primeiro commettimento!...

Ainda outro successo chama a nossa attenção, por ser attestado pelos proprios inimigos da nossa fé!... Disseram depois alguns d'aquelles captivos, que durante a batalha, viram sobre as ruinas da nossa egreja da fortaleza, uma formosa mulher, que tinha uns vestidos tão resplandecentes, que o seu brilho os perturbava a todos!...

Nós referimos estes casos, firmados na grande authoridade de Diogo do Couto, além d'isso esta-

mos crentes, que este cerco de Diu foi uma cousa maravilhosa, e que tão poucos portuguezes não poderiam resistir a tão poderoso exercito de infieis a não ser a protecção divina em seu favor.

Se os atheus negam o ser divino, é porque são cegos do intendimento, nem eu escrevo para elles, que desconhecendo as cousas mais santas não poderão dar o menor apreço ás glorias da sua patria.

O que não soffre duvida, é que aquellas peças não dispararam, do contrario ficariam alí aniquillados os nossos soldados. Que as peças estavam lá tambem não soffre duvida, por que ellas ficaram em poder dos portuguezes. Que aquelles infieis, tentáram por-lhe fogo, tambem é certo, porque estavam guarnecidas de bons artilheiros, e não estavam para ali dormir ao pé d'ellas, tendo alem d'isso em volta das suas estancias mais de 15 mil homens; e não se poderá dizer que d'esse modo estivessem dezertas. Finalmente, atravessando a ponte a vanguarda do governador, começou logo a mandar arvorar as escadas, aos muros das estancias inimigas, não sem grande trabalho, por causa da outra artilheria que elles tinham sobre as estancias; os nossos comtudo subiram por diversas escadas, e logo que poderam cavalgar nos muros, começaram a cutilar nos turcos que pareciam coriscos!... Um dos primeiros que conseguiu escalar as muralhas, foi Miguel Rodrigues Coutinho, por alcunha o *Fios Seccos*, o qual estando ja em cima rodeado de muitos turcos, fez n'elles táes estragos, que os poz

atterrados!... Então outros muitos o imitaram com despreso da propria vida!...

A este tempo D. João de Mascarenhas, foi rodeando sempre a muralha, e deu nos inimigos com tal valor e seus valentes companheiros, que não tardou em lhes ganhar um baluarte!... Foi então ganhando toda a muralha por aquelle lado, mas como os seus soldados, andassem um tanto espalhados, mandou tocar a reunir, indo depois sobre os mouros que já os esperavam em campo razo, para lhe offerecerem batalha!... Foi travada então a mais cruel das pelejas, e tal foi a bravura dos nossos que os desbarataram, levando-os de vencida, para dentro da villla dos rumes!...

D. Alvaro de Castro e D. Manoel de Lima, accommetteram com sua gente as muralhas por differentes lados, e depois de muitos lances arriscados, se apoderaram d'ellas, indo em seguida, formar do outro lado o seu valente esquadrão!... Então *Juzarcan* á frente de 6 mil homens, avançou contra elles, sendo travada uma nova e cruel batalha, que esteve por muito tempo arriscada e muito duvidosa para os nossos, em razão de Juzarcan, trazer ali os rumes e os mais valentes turcos do seu exercito!... estava ainda aquella batalha encarniçada e medonha, sem que os nossos afroixassem diante d'aquelles barbaros, quando chegou o governador, com o resto de sua gente, formada em um só corpo, e carregou tão rudemente os inimigos quasi victoriosos, que os obrigou a retirar em grande desordem para dentro de suas estancias!...

Então ordenou o governador, a seus soldados que entrassem de envolta com elles, e logo os da frente transposeram os vallos, apezar da grande resistencia que ali encontraram! Então o governador que ia ao lado da bandeira real, ordenou ao seu alferes, que a fosse collocar em cima das estancias dos inimigos, o que elle logo poz em pratica, bradando: victoria, victoria!... Mas como os tiros e arremessos fossem muitos, foi o alferes derrubado, junto da sua bandeira!... Então os turcos, tornaram a cobrar animo, sahindo de suas estancias com tamanha furia, que puzeram os nossos em grandes embaraços! Os fidalgos, acudiram ao alferes, o qual erguendo-se de novo tornou a gritar: Victoria... Victoria!

Os turcos, fizeram chover de novo os arremessos sobre elle, derrubando-o segunda véz com ferimentos graves!... E vendo o governador vacillar os seus soldados, e o perigo que os ameaçava, avançou para a frente, com uma adarga no braço, e a forte espada em punho, bradando a todos: Ávante valorosos portuguezes, que ha de ser hoje o dia de vossa maior gloria!... Ávante, que aqui está o vosso governador a dar-vos o exemplo!... E n'isto foi avançando como um leão enfurecido, até chegar á bandeira real, aonde já o alferes buscava de novo hasteal-a!...

Tomando D. João de Castro aquella bandeira com mão segura, começou a subir com ella os vallos, ao nome de S. Thiago!... Vendo isto os fidalgos e mais cavalleiros e soldados, arremetteram

de novo contra os inimigos, com tal animo e valentia, que transpozeram tambem os vallos com desprezo da propria vida!...

O governador, passando sempre ávante, foi bastear a bandeira portugueza nas estancias dos turcos!... Então redrobravam de esforço os inimigos, mas os nossos pareciam ali coriscos contra elles!.. Emfim, depois da mais encarniçada peleja, acabaram os nossos por lhes ganhar todas as estancias que ainda estavam no seu poder!...

Quando as demais forças inimigas ali chegaram, já os nossos estavam victoriosos, e querendo ainda arrancar-lhe aquelle triumpho, foi de novo travada uma peleja cruel e medonha; e vendo *Juzarcan* que estavam sendo destruidos os seus melhores soldados, e perdendo então as esperanças da victoria, ordenou uma retirada que logo foi convertida em completa derrota; alcançando os nossos um triumpho dos mais completos!...

CAPITULO XXVI

Novo ataque dos inimigos e sua completa derrota. Despojos encontrados no campo inimigo. Entrada triumphal de D. João de Castro em Gôa. Combates heroicos em Dabúl, Morte e qualidades distinctas de D. João de Castro.

Juzarcan, vendo perdidas as suas estancias, retirou-se para o campo, indo juntar-se ao sultão, que tambem ia desbaratado, aonde formaram de novo os seus esquadrões, para voltarem contra os portuguezes; mas sendo informado o governador, sahiu logo das estancias, com sua gente em boa ordem, dando a vanguarda a D. Alvaro de Castro, e avançando contra os inimigos, travaram com elles uma cruel peleja em que os nossos fizeram extremos de valor, pondo os inimigos em derrota!...

Juzarcan, tornando a juntar os seus soldados, quiz de novo tentar fortuna, fez uma falla a seus capitães, expondo-lhe a vergonha d'aquella derrota, e como um tigre enraivecido, fez de novo voltar os seus soldados contra os nossos, já victoriosos! E

não contando elles com aquella volta tão rapida, ficaram um tanto abalados!... Acudiu logo o governador com muitos fidalgos e capitães, os quaes todos juntos tomaram então a frente dos soldados e formaram uma forte barreira contra os turcos e rumes, tambem quasi victoriosos!... D. João de Castro, fez ali taes proezas de valor, que fazia espanto aos proprios inimigos, não encontrando em sua frente nenhum dos valentes generaes turcos nem rumes, capaz de lhe suster os golpes!...

Mas ainda assim, sendo aquelles inimigos tão numerosos ainda, e determinados a tirar uma desforra, lançavam sobre os nossos tantos tiros e outros arremessos, que parecia um temporal desfeito!

Porém, o exemplo do governador ergueu tamanho brio entre seus companheiros, que se transformaram todos em verdadeiros coriscos!... E tal foi o estrago que começaram a fazer n'aquella multidão de barbaros, que logo os pozeram outra vez em desastrada fuga, deixando no campo grande quantidade de mortos e feridos!... D. Manoel de Lima ainda foi no encalço dos fugitivos até aos paços de El-rei, d'onde mandou recado ao governador, que ali tinha os inimigos encurralados!...

Então o governador, dando muitas graças a Deus, por tantos triumphos alcançados contra seus inimigos, tomou o caminho dos paços de El-rei, encontrando já D. Manoel de Lima com a sua bandeira arvorada sobre a artilheria dos turcos, a qual constava de basaliscos, aguias de uma grandeza desconforme! Deu o governador muitos louvores áquel-

le destemido fidalgo, dizendo-lhe que ganhando elle aquellas peças, pelo seu esforço e valor, lhe offerecia em nome de El-rei, o maior de todos aquelles basaliscos. D. Manoel de Lima, fez então uma demonstração de acceitar, mas logo accrescentou, que era de sua vontade tornar a offerecer aquella peça a El-rei de Portugal!... Agradeceu ainda o governador aquella nobre dedicação de D. Manoel de Lima, e d'ali marcharam juntos ao encontro de D. João de Mascarenhas, que ainda pelejava com a ultima phalange d'aquelles inimigos, os quaes vendo chegar tão importante reforço, deixaram o campo da peleja e foram-se recolher a um forte da cidade. O governador, reunido a D. Alvaro de Castro, que tinha voltado de perseguir os turcos, e com todas as suas bandeiras e gente de guerra, marchou contra um corpo de turcos, que se estava formando de novo á sua vista para ainda lhe vir dar batalha!...

Compunha-se aquella força de uns 8 mil homens, tendo á sua frente o proprio Juzarcan e seus melhores capitães!... D. João de Castro dividiu então a sua gente em 3 corpos, dando o 1.º a seu filho D. Alvaro de Castro, o 2.º a D. João de Mascarenhas, os quaes deviam atacar os 2 flancos, direito e esquerdo, atacando então o governador com o 3.º corpo pela frente dos turcos, e n'esta boa ordem travaram uma batalha terrivel e assombrosa. Os turcos rangendo os dentes, no auge do seu desespero, atiravam-se como furias infernaes contra os portuguezes! Os nossos, então como leões des-

temidos, investiam tambem sobre elles fazendo-os redemoinhar na face da terra!...

Durou esta cruel peleja por algum tempo, sem vantagam de parte a parte, até que vendo-se aquelles barbaros destroçados em todos os lados sem esperança de victoria, fugiram precipitadamente, deixando o campo alastrado de cadaveres!... Foram então perseguidos de tão perto pelos nossos, que um cavalleiro destemido, derrubou com um golpe o alferes da bandeira, e arrancando-lha das mãos gritou: Victoria... victoria!... O valente Juzarcan, tendo durante o combate pelejado com muita galhardia, cahiu por fim entre seus soldados com ferimentos graves; e sendo reconhecido pelos nossos, foi levado ao governador, que o mandou logo conduzir á fortaleza com recommendação de ser bem tratado.

Os portuguezes foram mais de meia legua em perseguição das reliquias d'aquelle formidavel exercito, que ainda ha tão pouco tempo tinha posto a nossa fortaleza em tamanhos sobresaltos!... Tendo finalmente o governador terminado aquelle grande triumpho, entrou na cidade aonde encontrou muito ouro, prata e muitos objectos de grande valor.

A artilheria constava de 40 peças de grosso calibre. Nas estancias inimigas foram encontradas muitas munições e mantimentos. Segundo uma carta de D. João de Castro, que foi depois encontrada na Sé de Gôa, foram mortos n'aquelles combates para mais de 5 mil inimigos!...

Entre estes se contam Accedecan, Alucan e ou-

tros muitos generaes mouros; sendo innumeros os feridos, ficando prisioneiros de guerra Juzarcan com 600 soldados!...

A perda dos portuguezes constou de 35 mortos e mais de 250 feridos.

D. João de Castro tratou logo de melhorar a fortaleza, dando-lhe maiores proporções, mandando-lhe construir uma nova muralha, por fóra da cava, erguendo-se outros baluartes com mais segurança; e logo que a fortaleza ficou em estado de se poder defender, nomeou 500 homens para sua guarnição com seus respectivos capitães, e bastante dinheiro para occorrer a todas as despezas; e tendo tudo n'aquella boa ordem, partiu para Gôa, sendo ali logo visitado pelos vereadores da camara municipal, os quaes lhe pediram que se demorasse alguns dias no seu galeão emquanto lhe preparavam um recebimento digno dos seus altos merecimentos.

D. João de Castro tendo annuido ao seu pedido, demorou-se em Pangim a dar alguns despachos, e logo que findaram aquelles tres dias de sua chegada, fez o governador o seu desembarque no Bazar de Santa Catharina, em um famoso caes, que lhe tinham mandado preparar. A porta do muro tinha sido alargada, estando forrada de brocado e veludo carmezim, tendo de cada lado dos muros um galeirão de pedra, com garganta e cabeça dourada, tendo nos peitos um formoso escudo com as armas dos Castros. Erguiam-se, desde a ponta do caes até aos muros, lindos arcos triumphaes, forrados de brocado, indo d' [illegible] um lindo

bosque que se estendia a todo o campo ao longo dos muros, até aos paços dos visos-reis, formando sempre um bello arvoredo alcatifado!

Pelo lado do mar estavam muitas peças de artilheria, ornadas de flores e bandeiras, e as náus e galés surtas no rio embandeiradas em arco!... As ruas, desde o caes até á misericordia, e d'ahi até á Sé, tinham as janellas revestidas de colchas de seda, com lindas rendas de ouro.

No largo do paço, estava erguida uma fortaleza de madeira forrada de papel com seus cubellos e baluartes similhantes aos de Diu, estava guarnecida de muitos homens vestidos á fantazia, com muitos foguetes e bombas e algumas bombardas, e grande numero de espingardas, panellas de polvora, e outros muitos artificios de fogo!... Estavam ordenadas muitas danças e outros regosijos, que o tempo permittia pôr em pratica.

D. João de Castro, desembarcou ao som de muitos instrumentos bellicos, trazendo uma roupa á franceza de setim carmezim, toda bordada a ouro, golpeada pelas mangas, que eram tomadas por ricos botões. O gibão era á portugueza antiga, com alguns golpes por cima. Na cabeça trazia um gorro de velludo preto com vistosas plumas. Trazia tambem uma espada e adarga de ouro. Quando elle chegou ao caes, já ali o estavam esperando o capitão da cidade, D. Diogo de Almeida Freire e todos os vereadores da camara municipal, que todos o receberam com grandes ceremonias e cortezias, demorando-se por algum tempo em quanto desembar-

cava a gente de sua armada, para o acompanhar em ordem de batalha. Caminhou então no meio de seus capitães e dos vereadores, e ao transpôr as portas do muro, foi disparada muita artilheria de terra e mar!...

Então os vereadores estendendo um rico palio, conduziram debaixo d'elle o governador, levando-lhe o procurador da cidade o gorro em uma salva dourada, seguindo com ella adiante do palio, e tendo-lhe um dos vereadores collocado na cabeça uma bellissima corôa de palma, e na mão um formoso ramalhete, caminharam para a cidade, indo ao lado do governador seu filho D. Alvaro de Castro, e na sua frente a bandeira real, e mais adiante Juzarcan vestido de uma cabaia de velludo preto, indo ao seu lado o secretario Cosme Annes, e o ouvidor geral Antonio Martins.

Levava Juzarcan as mãos cruzadas e os olhos baixos; iam na sua frente 7 bandeiras de El-rei de Cambaya e um grande guião, arrastando pelo chão. Mais para a frente iam 2 dos nossos capitães, levando no centro 600 captivos acorrentados, formando uma marcha lenta e tristonha. Mais para a frente d'estes, seguiam dois grandes trabucos e algumas carretas de artilheria, e outras mais com muitos despojos de guerra.

Chegando este cortejo ao Terreiro do Paço, logo a fortaleza de madeira, começou tambem a disparar a sua artilheria, bombas de fogo, e foguetes, e jogando panellas de polvora, tudo em tão boa ordem, que o governador folgou muito de ver aquelle

arremedo de seus triumphos!... Atravessou todo aquelle prestito pela rua direita até á Misericordia, aonde entrou o governador para fazer oração, dando infinitas graças a Deus por lhe ter concedido tamanhos triumphos.

Seguiu depois o prestito pela rua de S. Francisco, aonde já estavam os frades com procissão á sua espera, indo até aos paços, d'onde se despediram todos do governador, indo então o povo percorrendo as ruas com muita alegria, bradando: «Viva o libertador de nossa patria!...»

Era porém D. João de Castro incansavel, e não se deixava adormecer á sombra d'aquelles louros, e por isso passou logo ás terras de Salsete com 3 mil homens, e encontrando-se ali com os inimigos em grandes forças, travou batalha com elles, pondo-os em completa derrota pelo sertão dentro!... Apoz este brilhante feito d'armas, tornou a embarcar na sua armada e passando em frente á cidade de Dabul determinou castigar os seus habitantes, em razão de terem assolado as terras que já pertenciam a El-rei de Portugal. E n'este proposito, quando foi ao romper do dia, entrou a barra, e rompendo por entre as bombardas, foi-se collocar diante da cidade!... D. Alvaro de Castro que ia na vanguarda, fez o desembarque á frente de 2 mil homens, sahindo-lhe logo o Tanador da cidade com uma forte divisão, rompeu então a batalha com grande valor de parte a parte, e depois de mui porfiado batalhar, foi derrotado o Tanador com muitas perdas de sua gente!...

Chegando a este tempo o governador com as reservas, marcharam sobre a cidade que encontraram muito bem fortificada e guarnecida, e sahindo logo os inimigos em grande numero, vieram apresentar-lhes batalha, a qual foi sustentada com valor de parte a parte, mas não obstante a superioridade dos inimigos, os nossos fazendo ali extremos de valor, conseguiram derrotal-os, entrando de envolta com elles pela cidade dentro, os quaes, fazendo-lhes ainda ali rosto por varias vezes, e não podendo sustentar-se mais contra a bravura dos nossos, abandonaram a cidade fugindo em diversas direcções!...

D. João de Castro, tendo recolhido muitos despojos que encontrou n'aquella cidade, voltou a Gôa; e desejando passar ao reino para cuidar da sua saude, escreveu uma carta a D. João III, o qual lhe pediu para que elle ficasse mais tres annos na India fazendo-lhe mercê do titulo de viso-rei ; porém D. João de Castro, ainda que elevado áquella alta dignidade, não podia tão longe da patria recuperar a sua saude arruinada por tantos trabalhos da guerra e outros mais dissabores do governo.

Tudo estava a pedir-lhe o descanço que agora tanto desejava, para refazer as suas forças; porém as altas razões de estado, sacrificaram a existencia d'este grande capitão!... O melhor dos beneficios que lhe poderia prestar El-rei, era conceder-lhe logo o regresso á patria, antes do que enviar-lhe aquelle pomposo titulo, que apenas lhe serviu de mortalha pomposa de finados!...

Em breve apoderou-se do viso-rei uma terrivel

enfermidade, que o impossibilitou de continuar no governo, fazendo logo entrega d'elle ao Bispo D. João de Albuquerque; e não podendo elle occorrer ás despezas de sua casa, por estar bastante pobre e não querer individar-se nos ultimos dias de sua vida, mandou chamar os deputados e mais pessoas titulares e fez-lhes a seguinte falla:

«Mandei chamar-vos, senhores, para vos dizer o estado e necessidades a que estou reduzido, pois não houve hoje n'esta casa dinheiro com que se podesse comprar uma gallinha para minha pessoa enferma!... Gastei tantos dos meus haveres particulares n'estes ultimos annos da guerra, que até dos meus ordenados estou pago adiantado, até 15 de setembro vindouro! E confesso-vos que não me atrevo á pedir dinheiro emprestado a pessoa alguma, pois nunca eu tal fiz, porque sempre julguei isso muito inconveniente para os homens que occupam os altos cargos do estado, porque é preciso que elles estejam livres na sua independencia com os outros homens, para poderem fazer justiça recta a todos. Pois já que não tenho outro remedio, peço aos vereadores da fazenda de El-rei, e mais altos servidores do estado, que emquanto não chegam as naus do reino, queiram-me conceder uma renda honesta, para com ella cobrir os gastos da minha casa.»

Então, tomando um missal, pôz sobre elle a sua mão direita, e jurou aos Santos Evangelhos, que até áquella hora não estava encarregado para com a fazenda real, nem do valor d'um cruzado, antes

ter gasto dos seus ordenados para acudir ás despezas da guerra. Acresceutou mais, que de tudo que ali jurava, fosse lavrado um termo, assignado por todos que estavam presentes, para que a todo o tempo o podesse El-rei mandar castigar se o achasse em perjurio.

Foi lavrado logo aquelle termo e assignado por todos, cujo termo foi depois encontrado no livro dos registros da fazenda real de Gôa. Este termo de juramento poderá servir de espelho a todos os homens que chegam a occupar os altos cargos do estado; pois bem poderemos dizer sem medo de errar, que nem o romano *Fabricio*, nem o grego *Themistocles*, se poderão emparelhar, tanto em valor, como em virtudes civicas, com o nosso grande D. João de Castro!...

Finalmente aquelles deputados e vereadores, estipularam ali uma quantia sufficiente, para acudir ás despezas do honrado governador, mas de pouco lhe serviu, pois sendo aquella doença mortal, veio a fallecer no fim de 15 dias!...

Desceu á eternidade a 6 de junho de 1548 depois de ter recebido todos os sacramentos da nossa religião christã tendo de idade 48 annos. Este malogrado heroe, só governou com o titulo de visorei 8 dias!...

Foi encontrado o seu testamento em um cofre do reino, aonde se acharam tambem aquellas famozas barbas, que elle tinha mandado empenhar na cidade de Gôa quando em Diu precisou de maior quantia, para reformar aquella fortaleza que tinha

encontrado em completas ruinas!... Era tal o conceito, que merecia este honrado servidor do estado, que aquella cidade não poz duvida em lhe mandar mui grossas sommas, sobre uns poucos de cabellos de sua barba!...

Aberto o seu testamento, viu-se que sua mulher e seu filho D. Alvaro de Castro, eram os seus testamenteiros, e mandava que o enterrasem na igreja de S. Francisco, sendo depois os seus ossos conduzidos á sua capella de Cintra. Tambem mandava a seu filho, D. Alvaro que logo fosse para o reino; e quanto ao mais eram cousas de familia, sem interesse para a historia.

Foi D. João de Castro, filho do governador de Lisbôa D. Alvaro de Castro, tinha elle sido educado na sua mocidade com todo o esmero, fazendo um bom exame nas letras latinas, tendo por mestre de mathematica, o insigne Pedro Nunes. Por morte de seu pae, herdou a quinta de Cintra, aonde se recolheu como um philosopho, tendo já de idade para mais de 40 annos e bastantes de serviços ao estado. O Infante D. Luiz, foi áquella quinta visital-o muitas vezes, e foi d'esta amisade que resultou o ser elle nomeado governador das Indias, cargo este que serviu com o maior desinteresse, como se viu, sendo alem d'isso dotado de muita caridade e continencia. Foi sempre muito temente a Deus, o que tudo demonstrava n'elle uma bôa alma christã. Só lhe poderemos notar uma falta, que foi a de ser elle muito condescedente, acceitando o governo das Indias, quando já tinha posto uma tregua entre

a morte e a vida, na sua quinta que lhe devia receber os ultimos alentos da vida; e não só teve essa condescendencia, como, ainda deixa de voltar ao reino, quando a doença se tinha já appoderado do seu corpo, pois D. João III ainda que lhe pediu aquelle sacrificio de ficar por mais tres annos no governo das Indias, comtudo não lh'o impunha, como se nota do final de sua carta, em que lhe dizia: «Porém se por cima do quanto cumpre ao meu serviço, como é ficardes ainda servindo-me n'essas partes, vos parecer que tendes necessidade de voltar ao reino, folgarei de mo escreverdes, e no entanto esperareis por minha resposta.»

De modo que D. João de Castro, sacrificou o seu bem estar e a sua propria vida ao serviço da sua patria desinteressadamente!... Taes virtudes são raras!

CAPITULO XXVII

Garcia de Sá succede no governo das Indias. O Sultão Halaudim, vae traiçoeiramente com outros seis alliados contra a nossa fortaleza em Malaga. Admiravel arrojo de Gil Fernandes, e completa derrota dos inimigos tanto em terra como no mar.

Por morte do viso-rei D. João de Castro foi aberto o cofre das successões, e sahiu o nome de Garcia de Sá que estava presente, a quem logo se fez entrega do governo.

O novo governador começou a cuidar de todas as coisas com muito zello e dedicação, e logo que entrou o inverno não se occupou senão de reformar a armada, apressando a conclusão de todos os navios já começados, visitando a miudo os arsenaes e casa da polvora, e a tudo ia elle acudindo com muita dedicação, mas por desfortuna sua e do estado, ficou doente de umas febres agudas, e como já fosse de uma avançada idade, pois contava a este tempo 70 annos, julgaram os medicos que elle tinha chegado ao termo de sua vida, morrendo d'ahi

a poucos dias com todos os sacramentos de nossa religião christã.

Foi a sua morte muito sentida de todos, por ser homem de muito bom conselho, e muito moderado em todas as cousas, sabendo trazer a todos muito contentes de sua pessoa!... Foi o seu corpo acompanhado por todas as ordens, cabidos, fidalgos e irmandades da misericordia, sendo o seu corpo sepultado na igreja de Nossa Senhora do Rosario, junto á sepultura de sua mulher D. Catharina, levando vestido o habito de S. Francisco.

Foi este grande fidalgo filho de João Rodrigues de Sá, primeiro alcaide mór do Porto. No pouco tempo do seu governo mandou fazer 5 galeões e muitas fustas, mandando tambem reformar as fortalezas de Ormuz e Cananor. Deixou nos arsenaes duas mil espingardas que tinha mandado fazer; reformou a casa da polvora, e deixou os arsenaes cheios de outros muitos petrechos de guerra e mantimentos, sem comtudo isso, não deixar dividas ao estado, antes ter-lhe pago as que havia, sendo o seu governo apenas 2 annos incompletos!...

Succedeu a este zelloso e honrado servidor do estado, Jorge Cabral.

Chegou por este tempo ás Indias uma nova armada, que levava por capitão mór D. Garcia de Noronha.

No anno seguinte de 1550, mandou D. João III ás Indias, na qualidade de viso-rei D. Affonso de Noronha, o qual passou muitos trabalhos no mar, podendo afinal chegar a Cochim, aonde logo come-

çou a cuidar das cousas de maior necessidade. Mandou d'ali uma armada de 5 fustas ao estreito de Meca, indo elle em seguida para Gôa, aonde foi muito bem recebido, em razão de ser irmão do marquez de Villa Real, a quem El-rei fazia grande estimação. Agora levaremos de novo o leitor, ao reino de Malaca, aonde a nossa forfaleza ficou ameaçada pelo sultão Halandim e seus alliados. O sultão, que já tinha sido uma vez vencido em Bintão, por Pedro de Mascarenhas, tendo-se recolhido em Viantana, D. Estevão da Gama, por sua vez d'ali o lançou para Muaz, aonde levou por muito tempo uma vida pacifica nas lides commerciaes; e tendo emfim notado que o capitão de Malaca se tinha descuidado d'elle, tornou a passar-se para Viantana, por ser um porto franco e mais visinho de Malaca, para ali melhor commerciar e poder augmentar os seus haveres; porém depois que se viu forte e rico, cresceram-lhe as ambições, concebendo logo o projecto arrojado de ir conquistar a nossa fortaleza de Malaca, para o que fez logo alliança com os reis de Perá, Pão, Massuás e outros, que muito folgaram de entrar n'esta liga contra os portuguezes!... Fez egualmente concerto com a rainha de Japorá, facilitando-lhe a jornada pelo descuido dos nossos que a este tempo estavam faltos de tudo!

Terminada aquella grande alliança, lançaram suas armadas no mar, e prepararam muita artilheria e outras munições de guerra, o que era feito tudo isto, com grande segredo!...

Estando pois todos aquelles preparativos ultima-

dos, partiram aquellas esquadras alliadas do porto de *Józ*, indo surgir a *Bancallis*, que fica na costa de Sumatra, no mais estreito d'aquelle mar.

El-rei de Viantana chamou então a *Laximena*, que era um velho servidor de quem elle muito confiava, e disse-lhe, que fosse a Malaca, como quem ia visitar o capitão da sua parte, e que examinasse bem aquella fortaleza e que gente tinha, e tambem indagasse se já havia lá noticia dos preparativos contra ella.

Respondeu-lhe Laximena, que tendo elle ido a Malaca jurar as pazes com D. Estevão da Gama, não era agora de razão que lá voltasse com recado de enganos, e que melhor seria mandar seu filho, que além de ser moço não tinha ainda compromissos com aquelles portuguezes.

Concordando n'isso o sultão, foi logo mandado a Malaca o filho de Laximena, o qual foi lá muito bem recebido pelo capitão, que para isso tinha mandado preparar com muito aceio uma sala. O embaixador depois dos primeiros comprimentos do estilo, entregou-lhe uma carta do sultão, que dizia, que tendo elle sultão de ir com uma grande armada contra *Achem* seu inimigo, não queria passar por ali sem primeiro saber de sua saude, e que houvesse elle por bem lhe mandar Luiz de Almeida e mais outro de seus capitães, para o acompanhar n'aquella jornada.

Em seguida o môço embaixador deu ao capitão outra carta particular de seu pae, a qual lhe referia como El-rei ficava em Bancallis com uma grossa

armada e muitos reis alliados seus visinhos, para ir sobre aquella fortaleza, muito contra o seu parecer, sendo falsa aquella fama que elle lançava de ir contra *Achem*, por isso lhe não mandasse aquelles capitães que lhe mandava pedir, porque toda a sua tenção era destruir-lhe todos os navios e gente, e que de seu filho fizesse o que melhor intendesse.

O capitão logo que terminou a leitura d'aquella carta, agradeceu em muito segredo ao moço embaixador, entregando-lhe muitos presentes para elle e para seu pae, a quem escreveu uma carta de muitos agradecimentos, e outra para El-rei de Viantana de muitos comprimentos e dissimulação, sem lhe tocar de proposito em outras cousas.

Voltou então o filho de Laximena a dar conta ao sultão, do que tinha passado com o capitão de Malaca, dizendo-lhe que não havia lá suspeitas de guerra, havendo na fortaleza uns 400 portuguezes e 2 naus dentro do porto.

Com estas informações, deliberaram os alliados cahir uma madrugada sobre Malaca e fazer um prompto desembarque, mettendo a cidade a saque!...

Fizeram-se pois de véla, e chegaram ao romper do dia em frente d'aquella fortaleza aonde encontrando as 2 naus desprevenidas, as bateram de tal modo com sua artilheria grossa, lançando-lhes tantos fogos de artificios, que em breve ficaram incendiadas e devoradas pelas chammas!... Então *Sangue de Pate*, capitão da rainha de Japorá, fez um desem-

barque da banda de *Ilher*, indo logo accommetter as tranqueiras. Os naturaes tomando então as armas á pressa se pozeram em defeza; os pescadores tendo sido tambem atacádos, lhes fizeram mui grande resistencia, e em ambas as partes já se pelejava com muita valentia, quando o capitão Pedro da Silva Gama, sentindo o rebolisso e sabendo que já os inimigos estavam em terra, acudiu com toda a sua gente á porta da fortaleza, mandando Luiz Mendes de Vasconcellos com alguns soldados em defeza dos *Chelis*, e de outros mais moradores da antiga povoação de Malaca, por estarem ali todos os mantimentos e fazendas.

Luiz Mendes chegou áquella povoação ao tempo em que os Jáos se esforçavam para invadir por diversas partes, pelejando encarniçadamente! Vendo então os nossos a impossibilidade de impedir tão consideraveis forças, reuniram-se a Tumugão e Bandará, e formando juntos um só corpo, se recolheram á fortaleza, conduzindo na sua frente todas as mulheres, velhos e crianças, com os haveres que poderam levar.

Os inimigos ficaram então senhores d'aquella povoação e de tudo o mais que se não poude recolher por falta de tempo! É muito para estranhar que estes inimigos viessem encontrar os nossos capitães tão descuidados, ao ponto de não terem tempo para recolher a maior parte das provisões! Vendo-se, pois, os inimigos senhores da povoação, começaram logo a fazer uma forte tranqueira, ao passo que os Jáos do lado opposto, tambem assen-

tavam a sua artilheria, para melhor baterem a nossa fortaleza.

Então D. Pedro da Silva como esforçado capitão, começou tambem a tomar as suas providencias, fazendo correr uma estacada da parte do mar, e recolher alguns juncos para dentro do rio ao abrigo da fortaleza, fazendo tambem guarnecer aquelle lado por gente escolhida. E emquanto os inimigos erguiam as suas estancias, mandava elle em uma ligeira embarcação um homem distincto pelo seu valor, com uma carta geral para toda aquella costa a dar noticia a todos os portuguezes para que viessem em seu soccorro com gente e mantimentos. Tambem despediu outro para ir a *Patane* avisar a todos os navios que não sahissem, para que não viessem a cahir em poder d'aquelles inimigos.

Tendo-se fortificado os alliados, romperam logo fogo contra a nossa fortaleza, respondendo-lhes os nossos convenientemente ; andando agora o capitão com grande vigilancia, acudindo a todas as partes, não havendo mais descanço nem de noute nem de dia, em rasão dos repetidos ataques. Tendo o capitão sabido que elles projectavam dar um grande assalto geral á fortaleza, preparou-se o melhor que poude, e quando foi ao sol posto, começaram os mouros a fazer grandes alaridos em suas estancias, disparando em seguida sua artilheria contra a nossa fortaleza. Então D. Pedro da Silva, correu ás estancias e mandou erguer os mastros e traves que estavam ao pé dos muros, sendo logo estendidos por cima d'elles, mandando aos capitães dos baluartes

que apenas os inimigos encostassem as suas escadas e subissem por ellas, que impellissem logo sobre elles aquelles mastros e traves. Passaram os mouros quasi toda aquella noute em festas e cantares, e quando foi ao romper do dia seguinte, arremetteram contra os muros da nossa fortaleza, com grandes alaridos levando mais de 50 escadas grandes sobre rodas, e na frente, grossas mantas para resguardar os que as iam rolando!...

Os malaios, com seu barbaro furor, accommetteram então as muralhas do lado de *Ilher*, começando logo a subir por muitas escadas! ..

Os portuguezes, que já os estavam esperando, assim que notaram as escadas apinhadas d'elles, largaram os mastros e traves, que cahindo em cheio, sobre aquella multidão, derrubaram tudo por terra, ficando uns esmagados e outros atordoados com pernas e braços quebrados! ... E logo em seguida, os nossos lançaram sobre elles muitas panellas de polvora, que se foram incendiar sobre aquella massa enorme de mouros! O senhor de Viantana e seus alliados, ao verem semilhante destroço de sua gente, e cheios de terror mandaram tocar a retirar, deixando em volta das nossas muralhas mais de 600 cadaveres!...

Os Jáos, tinham ao mesmo tempo atacado pelo lado do mar, porém o capitão tinha para lá mandado Christovão de Sá, o qual começou logo de os varejar com a sua artilheria, fazendo-lhes mui grandes estragos, e obrigando-os a recolher de novo ás suas estancias depois de bem escalavrados!...

Reuniram-se então os alliados em conselho, deliberando não levantar aquelle cerco, até á estação em que os juncos de Jaõa chegassem com mantimentos para Malaca, e que tomados elles, se fizesse provimento para todo esse anno, não ficando aos portuguezes outro recurso se não o entregarem-se, por não terem mantimentos de outra parte! E com esta determinação, trataram de se fortificar melhor, para ali passarem aquelle verão!...

D. Pedro da Silva, foi logo avisado d'este plano, e julgou-se em mui grande perigo, por ser aquillo um ardil diabolico, por ter muita falta de mantimentos, pois já se comia na fortaleza cães, gatos, ratos e mesmo d'isto já havia falta!...

Andava com tudo isto o capitão muito pensativo, quando se chegou a elle um soldado, e lhe disse em segredo, que despedisse todos os navios que ali tinha, mandando espalhar a noticia de que iam acommetter *Joz*, Pão, Perá, Massuás, pondo tudo a ferro e fogo por aquellas costas, pois que sabendo d'isto os alliados, forçosamente haviam de acudir ás suas terras, para as não verem de todo destruidas; porém que aquelles navios levassem ordem de ir esperar os juncos de Jaôa nos estreitos, para que ali resgatassem todos os mantimentos para os trazerem á fortaleza. Tanto o capitão achou acertado aquelle conselho do soldado, que teve até aquillo por uma inspiração divina!...

Logo mandou chamar Luiz Martins e outros mais capitães dos navios, e lhes ordenou que fossem por toda aquella costa, pondo os estados inimigos a

ferro e fogo; mandando logo embarcar muitas roupas, dando aos capitães um officio fechado, com ordem de não ser aberto, senão nos estreitos, cumprindo depois o que n'elle estava ordenado. Os capitães de mar deram logo á véla para os estreitos com grande alvoroço. E como estas cousas fossem publicas, tiveram logo os alliados noticia d'ellas, ficando o rei de Joz persuadido que lhe fossem destruir as suas cidades, e por isso logo se embarcou n'esse mesmo dia com toda a sua gente, para ir em soccorro d'ellas!... Os jáos que estavam da outra parte da fortaleza, vendo tambem partir os malaios, determinaram de proseguir no cerco, a fim de poderem colher todas as vantagens; e n'esta conformidade, passaram metade ao outro lado de Ilher, para melhor poderem dar assalto á nossa fortaleza. No dia seguinte chegou áquelle porto Gil Fernandes de Carvalho, com uma galeota toda embandeirada, indo logo recebel-o á praia D. Pedro da Silva com muita alegria; chegando á fortaleza, pediu Gil Fernandes ao capitão para lhe conceder a honra de fazer uma sortida contra os jãos, pois que esperava em Deus que os havia desbaratar, para d'esse modo se poder ali acabar com tantos trabalhos. Respondeu-lhe D. Pedro da Silva, que muito confiava no seu zelo e valor, e por isso lhe concedia de bom grado aquella honra que lhe pedia. Agradecendo muito Gil Fernandes, logo se preparou para de madrugada fazer uma sortida contra aquelles inimigos; fez escolha de uns 200 homens, em que entravam todos os fidalgos e mais

cavalleiros, dos quaes elle nomeou tres capitães para o commando, reservando para si a vanguarda. Estando tudo na melhor ordem, sahiu Gil Fernandes da fortaleza, ficando D. Pedro da Silva á porta com as reservas. Gil Fernandes deu então de surpresa com seus companheiros sobre as estancias dos jãos, que estavam mui soberbos, julgando-se seguros do accommettimento dos nossos, e tal foi o arrojo com que Gil Fernandes deu sobre elles, que nem ao menos poderam fazer rosto áquella impetuosidade!... *Sangue de Pate*, capitão general d'aquelle exercito, acudiu logo com todo o seu poder, travando-se então ali o mais formidavel dos combates, sem que podessem mais apoderar-se das tranqueiras, de que os nossos já estavam senhores!... Gil Fernandes recebeu uma lançada em um braço. mas soffrendo a dôr, e cheio de coragem, fez ali com seus companheiros proezas maravilhosas; encontrando-se com o senhor de Jaôa, investiu contra elle, e dando-lhe uma forte estocada nos peitos, a descoberto, deu com elle morto logo em terra!...

Os jãos, vendo cahir o mais valente de seus capitães, perdendo o animo, se pozeram em grande desordem, fugindo para o lado do mar, e lançando-se á pressa nas aguas, para se poderem salvar nos juncos que ali tinham!... Os portuguezes, porém, foram sempre em sua perseguição, fazendo-lhes grandes estragos!...

Quando *Sangue de Pate* acudiu com suas forças tambem já D. Pedro da Silva tinha accudido com a

sua gente, e tudo concorreu para a completa derrota d'aquelles soberbos inimigos que deixaram no campo de batalha para mais de 2:000 cadaveres, ficando todas as suas estancias em poder dos nossos, com muita artilheria, munições e mantimentos!...

Gil Fernandes ainda perseguiu em nossos navios os fragmentos do exercito dos Jãos, causando-lhes bastantes destroços. Os nossos navios que tinham ido esperar os juncos ao estreito, tendo negociado com vantagem todos os mantimentos, voltaram a Malaca, tornando com a sua vinda mais completa aquella victoria!

CAPITULO XXVIII

Grande alliança dos turcos contra os portuguezes.—A fortaleza de Chaul é posta em grandes perigos por falta de fortificações.

Chegamos a este capitulo, passando por muitos acontecimentos de menor importancia, por não ser o nosso fim descrever a historia geral das Indias, mas unicamente archivar os principaes acontecimentos, isto para não tornar a obra enfadonha, ficando ao alcance de todos os amigos das glorias portuguezas, servindo para estimulo dos brios nacionaes, e não para investigação dos sabios, os quaes poderão recorrer aos chronistas João de Barros e Diogo do Couto. Desde Constantinopla até á Persia, andavam todos aquelles mouros cheios de inveja contra os portuguezes, por causa do commercio das Indias, de que elles em outros tempos tinham o monopolio, passando as suas mercadorias pelos estreitos da Persia e da Arabia, para a Eu-

ropa, por intermedio dos venezianos e genovezes; por este motivo é que elles mandavam suas grandes armadas contra os portuguezes, a fim de os aniquillar n'aquellas partes do oriente!... Tendose agora alliado os reis do *Décane*, *Nizamoxá* e *Idaxá*, contra o *Rajú* de *Bisnaga*, foram contra elle e o desbarataram completamente, apoderando-se de mui ricos despojos e grandes thesouros. Depois d'esta grande victoria, foram aquelles alliados dar graças ao seu grande Mafamede, a um pagode, e terminada aquella ceremonia, se levantou o *Gram Caciz*, e fez um grande discurso, incitando aquelles reis alliados a fazerem uma cruzada contra os portuguezes, cujo discurso terminou d'este modo: «Eu tive por muitas vezes cartas dos prelados de Constantinopla, da Persia e Arabia, em que me admoestavam do pouco que eu tinha feito deante de tão poderosos reis, pois que bem sabia como aquelles estados estavam sempre promptos a dar-lhes ajuda, como já tinham feito por mais vezes. Eu sei tambem que se vos moverdes a isso, os reis de Sumatra, Jaõa e Muluco, se voltarão tambem contra os portuguezes, que vivem por essas fortalezas tão mal providos de tudo, que não se poderão sustentar contra o grande exercito d'aquelles poderosos senhores!... Pelo que vos requeiro da parte do grande propheta, que prepareis os vossos exercitos para essa grande empresa, que será de mais honra e proveito do que a de *Bisnaga*, pois espero que não está em mais o destruil-os, do que em tomar semilhante resolução!...» Com es-

tas e outras muitas rasões, poude o astuto *Caciz* mover a todos aquelles reis e mais capitães, que ainda não tinham tirado os olhos do orador, como se elle fosse o proprio propheta que ali lhes fallasse!... E como elles ainda estivessem muito enlevados com a grande victoria que tinham alcançado, fizeram logo n'aquella mesquita um juramento sobre o livro do *Alcorão*, de formarem uma forte cruzada contra os portuguezes! Juraram tambem que todo aquelle que se escusasse a esta liga sagrada, fosse logo combatido, até lhe ser arrancado o seu reino, para ser repartido pelos outros alliados!...

Esta liga e juramento foi feita com muitas ceremonias, tendo sempre as espadas nuas na mão e lançando os turbantes muitas vezes deante do propheta!...

Terminado este concerto com aquellas momices estupidas, todos se recolheram, para tratarem dos preparativos contra os portuguezes, mandando logo embaixadores ao *Acheu*, para ir sobre Malaca, ao Samorim, para marchar contra *Chalé*, e a todos os mais regulos d'aquella costa, para atacarem as nossas fortalezas mais visinhas!...

Moveram tudo aquillo em muito segredo, mas não foi elle tamanho, para que os nossos não tivessem noticia d'aquellas maquinações. Tinha chegado ha pouco a Chaul D. Francisco de Mascarenhas, quando teve a certeza d'aquella grande alliança contra os portuguezes; e o capitão Luiz Freire de Andrade começou então a fortificar-se a toda a

pressa, porque os inimigos já vinham descendo, e a tão pouca distancia, que mal teve tempo para tapar a bôca das ruas que davam para o campo, em cujo serviço foi ajudado pelo capitão-mór com todos os marinheiros, sendo os fidalgos e capitães os primeiros a trabalhar n'aquellas obras!... Levantaram algumas tranqueiras, e em diversas partes fizeram paredes de pedra guarnecidas de grossos paus de teca.

Emfim os nossos organisaram ali tudo quanto podesse suster o impeto d'aquelles poderosos inimigos que vinham munidos de muita artilheria grossa, não tendo os portuguezes para lhes oppôr mais do que aquelles fracos entulhos!...

Não tardou muito que diante de Chaúl não apparecessem 28 mil homens entre infanteria e cavallaria, ao mando do notavel general *Alexi* que tinha assistido aos ultimos cercos de Diu. Tentou o capitão Freire de Andrade surprehender a vanguarda do inimigo, e para esse fim mandou embuscar 50 soldados, e Alexandre de Sousa, com 15 de cavallo para ir até aos palmares, a provocal-a, retirando depois para o lado d'aquella embuscada; porém metteu-se tanto pelos palmares, que foi dar em frente do arraial dos inimigos!...

Então sahiram em sua perseguição mais de cem ginetes, foi-os logo Alexandre de Sousa atrahindo, sem comtudo os poder levar para aonde estava aquella embuscada. N'estas e outras escaramuças, se ia passando o tempo, até que foi visto chegar o Fratecão, á frente de mais 8 mil homens de ca-

vallo e 20 elephantes com muita infanteria. Começou elle logo a dar mostras do seu poder pelo campo de S. Sebastião, mandando collocar algumas peças da sua artilheria grossa sobre a margem da barra, para d'esse modo poder impedir os soccorros da banda do mar, e ao mesmo tempo bombardear a cidade, que estava d'aquelle lado a descoberto!...

Mandou ainda collocar muita artilheria, por outros pontos importantes, e em seguida se poz em campo com todo o seu poder, e chegando á vanguarda com as bandeiras desfraldadas por detráz da igreja de S. Francisco, foi erguida ali uma tenda guarnecida de vermelho e azul para o Fratecão!...

Então os nossos, vendo aquelle atrevimento, de virem erguer aquella tenda junto á igreja de S. Francisco, não lhes poude soffrer mais o animo que logo não sahissem alguns soldados com seus capitães, a travar uma forte peleja com elles, causando-lhes muitos estragos!...

Vendo porém os capitães, que os soldados se iam adiantando, e podiam ser envolvidos pelo grosso do exercito inimigo, mandaram tocar a recolher.

Passava-se ainda o tempo n'estes recontros, quando chegou tambem ao campo inimigo o rei de *Nizamoxá* aonde foi recebido com grandes festas, trazendo um exercito de 34 mil homens de cavallaria, dos quaes foram logo mandados 4 mil sobre as nossas terras de Baçaim!... Alem d'essa cavallaria, trazia mais de 120 mil homens de infanteria, em que entravam uns 12 mil bombardeiros, fre-

cheiros, e espingardeiros, com 4 mil officiaes de campo!...

O condestavel-mór da artilheria, era um turco chamado *Rumecão*, do qual era ajudante nm gentio *Bramene* de nome *Rama*, e ambos estes notaveis officiaes, collocaram sua artilheria, em todos os logares, em que melhor pudessem hostilisar os portuguezes. Trazia mais aquelle poderoso rei de *Nizamoxá* 360 elephantes de guerra, e a sua artilheria era a melhor de todos aquelles exercitos reunidos; trazia algumas peças a que chamavam Samacasapó, que na sua lingua queria dizer, cruel carniceiro!... Tinha de comprimento uma d'estas peças 16 palmos, e lançava pelouros de pedra de 7 palmos e meio de circumferencia, e de 320 arrateis de peso!... Gastava em cada tiro que disparava 150 arrateis de polvora! Havia ainda outra peça não menos notavel, a que chamavam os mouros, *Marzaguai*, que quer dizer ne sua lingua: *Engole tudo!*...

Estas eram de bronze, mas traziam tambem outras muitas de ferro de 25 palmos de comprido, a que chamavam *Auratinai*, que queria dizer: *Destroe tudo!* E contra estes poderosos exercitos e terrivel artilheria, se erguia a nossa cidade sem muralhas, sem cavas e sem outras fortificações além de uns entulhos levantados á pressa!...

Emfim, os nossos começaram a dividir-se por aquellas pobres tranqueiras, sendo nomeados para ellas os seguintes capitães: D. João de Sousa, João de Mendonça, D. Henrique de Menezes, D. Francisco de Sousa, D. Diogo de Almeida, Jorge da

Silva Pereira, Gomes Freire, João Caiado de Gambôa, Manuel de Ornellas, Diogo Soares de Albergaria, Alvaro de Abreu Gomes, Francisco de Sampaio, Pedro Ferreira, Luiz Trancoso, Pedro Fernandes, João de Sousa, Pedro da Silva de Menezes, D. Sebastião de Teive, Pedro Preto e João da Silva Barreto.

Todos estes capitães se pozeram logo em defeza das tranqueiras com sua gente, que se estendia á face do entulho que dava para o campo inimigo.

A este tempo, já o capitão mór tinha mandado despejar a cidade de todas as boccas inuteis, taes como velhos. mulheres e crianças, e todos os mais que não podessem pegar em armas.

Toda essa gente mandou elle embarcar em navios, em guarda dos quaes foram as galés de D. Fernando Telles e D. Duarte de Lima, os quaes apenas chegaram a Gôa deram parte ao governador do estado em que ficava aquella cidade cercada de tão poderosos inimigos!

Apesar do governador andar tambem a braços, com poderosos inimigos, como logo contaremos no capitulo seguinte, tornou a mandar aquelles capitães com mais 2 navios e alguns soldados, que tirou dos passos das ilhas. Este pequeno mas valioso soccorro, chegou em poucos dias diante de Chaúl, sendo ali recebido por todos com muita alegria, sendo logo repartida aquella gente pelas nossas tranqueiras, a este tempo tão ameaçadas pelo grande poder d'aquelles inimigos.

escravos da cidade. Juntou mais das terras de
...te e Bardez 1.500 christãos de infanteria, de
...das bandeiras de capitães portuguezes da
...r confiança, dos quaes repartiu então mil
...rdez, Rachel e Narôa, e os 500 com mais
...ldados portuguezes, para Chorão, indo com
...s tambem o padre João Luiz, que era o paro-
...o d'aquella freguezia. Foi-se então collocar o governador no passo de S. Braz, d'onde dava as suas ordens.

Era por este tempo esperada ali a armada de D. Diogo de Menezes que vinha do Malabar e a de D. Luiz de Mello, de Malaca. Os vereadores requereram para que fossem detidas aquellas armadas á sua chegada, em razão dos dois cercos e do grande poder d'aquelles alliados, mas o governador respondeu-lhes que esperava em Deus que com aquella gente que ali tinha, e mais alguma que lhe havia de chegar, havia de vencer a todos aquelles poderosos inimigos, pois do contrario seria dar mostras de temor deixando de mandar aquellas armadas ao reino!

E para que o não tornassem a importunar com aquelles requerimentos, mandou logo despachar as naus, Annunciada e S. Gabriel, ficando então só n'aquelle porto, o galeão de Lourenço de Carvalho! Tendo partido aquellas naus em novembro, quando foi em dezembro, appareceu á vista de Gôa, a vanguarda do Idaxá, composta de trinta mil homens, a qual foi logo reconhecer todos os passos da ilha, indo depois tomar posição em frente do passo de

S. Thiago, repartindo d'ali a sua melhor artilheria, pelos pontos que julgou mais importantes.

Á vista d'isto deixou o governador o passo de S. Braz, e foi para o de S. Thiago, deixando n'aquelle Fernão de Sousa Castello Branco com 120 soldados!. . Estando por este tempo n'aquelle porto 10 ou 12 naus de Ormuz, carregadas de fazendas, deu-lhes licença o governador para ellas sairem; isto para que os mercadores não tivessem prejuizos, e para mostrar aos inimigos o pouco em que eram tidos, deixando partir aquellas naus com tão ricos cabedaes!...

Poucos dias depois, chegou ali D. Manuel Barroche, que vinha de Cochim com 6 navios de soccorro, cujos capitães eram elle Barroche, Manuel Fernandes de Beja, Affonso Pereira, Manuel Rodrigues e André Lopes de Carvalho.

Foi este soccorro muito estimado pelo governador, por vir tanto a tempo, e logo confiou ao capitão mór 25 navios, para com elles rodear a ilha e vigiar os passos. Todas as forças que o Idaxá trazia contra Gôa, eram como já vimos consideraveis, constando de mais de 100 mil hemens de todas as armas, 100 elefantes de guerra e 35 peças da melhor artilheria, a qual foi logo toda assente contra todos os passos da ilha!...

O Idaxá, começou por mandar occupar as terras de Salsete. O governador, pelo seu lado, tendo noticia que em Dabul, porto do Idaxá, estavam tres naus á carga para Meca, determinou mandar queimal-as, para que visse o Idaxá, que não só defen-

dia Gôa, como ainda lhe podia fazer a guerra nos seus estados!... E para este commettimento, mandou logo a Fernando de Vasconcellos, com quatro galés e duas fustas, o qual, entrando n'aquelle rio, mesmo ao alcance dos baluartes da cidade, queimou aquellas naus e mais outros muitos navios menores, voltando a Gôa depois de ter destruido algumas povoações pequenas.

O Idaxá, ao saber d'estes destroços, nos seus estados, ficou muito magoado e rompeu o bombardeio por todos os lados contra as nossas estancias, causando bastantes damnos na torre de *Benesfarim,* mas que os nossos repararam de noute. O governador, tambem não deixava os mouros em descanço, pois não só a nossa artilheria das estancias lhes derrubava os vallos e tranqueiras, como ainda as nossas barcassas e galés, dando-lhes mui fortes descargas, causavam-lhes muitos estragos, trazendo-os por isso muito inquietos!... Outras vezes faziam desembarques de noute, dando sobre os trabalhadores que elles traziam nas fortificações; pondo tudo em um reboliço!...

Sendo *Benesfarim* uma de nossas mais importantes estancias, buscaram os mouros por ali abrir passagem, e para o melhor conseguir collocaram sobre uma colina duas peças de grosso calibre, e com ellas começaram logo a bater toda a povoação; e sendo mui aturado aquelle bombardeio, conseguiram derrubar a torre da frente, ficando a outra bastante damnificada!...

O governador, como amestrado general, man-

dava de noute fazer grandes fogueiras e mais luminarias em logares distantes, para que julgassem os mouros que os portuguezes estavam alli reunidos, e fossem para aquelle lado, gastando sem fructo as munições de sua artilheria!... Em uma noute, foi notado por Fernão de Sousa, certos fogos, a cujo clarão se estavam fortificando os inimigos em frente ás nossas estancias, tendo ali mui grande numero de trabalhadores, que trabalhavam ao som de muitos instrumentos e bailados, tendo no terreiro muitas bailarinas!... Fernão de Sousa, tendo observado tudo aquillo em rasão das luzes serem muitas, para darem claridade aos trabalhadores, mandou apontar para o sitio um leão, que disparando uma bombarda bem dirigida, matou o director d'aquelles trabalhos e mais umas cinco bailarinas e muitos trabalhadores, ficando logo tudo em grande silencio. Emquanto em Gôa succediam estas cousas, sem que os mouros tirassem a melhor dos portuguezes, em Chaul, o cerco era mais assustador, e os nossos defendiam-se ali milagrosamente contra os exercitos inimigos.

Alexandre de Sousa fortificara-se na egreja de S. Francisco, da qual buscavam os mouros a todo o transe apoderar-se; porém elle, mandando accumular algum entulho, poude collocar sobre um cavalleiro de madeira tres peças de artilheria, bombardeando com ellas um palmar fronteiro em que estavam alojados muitos inimigos. Tambem foram postos dois falcões no côro da egreja, que jogavam para o campo de S. Sebastião.

N'estes e outros reparos, trabalhavam todos os fidalgos, acarretando ás costas todos os materiaes necessarios, como se ali fossem uns simples trabalhadores!... A este tempo chegou ali Antonio Rodrigues Gambôa com alguma gente, ficando então a fortaleza guarnecida por 1:200 defensores, havendo entre elles muitos fidalgos e outras pessoas muito distinctas do reino. Era tão terrivel e assombroso aquelle bombardeio contra as nossas pobres tranqueiras, que o grande chronista Diogo do Couto, avançou a dizer, que era elle sufficiente para derrubar as melhores fortalezas da Europa!...

Os nossos soldados vendo-se expostos a miudo aos tiros d'aquella artilheria, andavam já tão encarniçados contra os mouros, que sahiam duas e tres vezes por dia das nossas tranqueiras, mesmo sem ordem do capitão, pondo-os sempre em grande sobresalto por irem e voltarem de repente, sem lhes darem tempo para a defeza!...

Os mouros porém com estas e outras surprezas andavam tambem tão furiosos, que se aproximaram tanto da igreja de S. Francisco, que ficaram quasi á falla com os nossos!... Os portuguezes, n'esta conjunctura deram-se por tão affrontados com aquella visinhança, que logo determinaram sahir contra elles, e preparando-se o melhor que puderam, cahiram de repente sobre uma estancia proxima com muitas panellas de polvora, deixando ali muitos d'elles abrazados, sem que nenhum dos nossos tivesse perigo!

Mas com esta surpreza tambem ficaram aquelles

mouros tão offendidos, que logo ordenaram um assalto á fortaleza pelo forte de S. Francisco. Foram encarregados do assalto 5 mil homens com seus capitães. Avançaram pois os inimigos, e logo começaram a subir por tres lados ao mesmo tempo, e isto pela escuridão da noite!...

Estava ali de vigia Ruy Gonçalves da Camara, com alguns soldados, o qual estava n'essa occasião encostado ao entulho, por estar muito cançado dos trabalhos do dia, e o somno andava-lhe já afagando um pouco os sentidos, quando de repente despertou com o rumor d'aquelles mouros que já estavam tão perto!... Bradou logo ás armas, e acudindo os soldados se puzeram todos em defeza, sendo travada uma terrivel e cruel peleja.

Os mouros accommettiam como desesperados, mas eram rebatidos promptamente pelos nossos valentes fidalgos e soldados, que arrojavam sobre elles muitas bombas, panellas de polvora e muitos outros artificios de fogo! O capitão sentindo o rumor d'aquelle combate nocturno, mandou lá o capitão Nuno Velho Pereira com 40 soldados e muitas munições, fazendo todos uma muralha de ferro e fogo contra o furor d'aquelles inimigos, que repetiram aquelles assaltos durante 5 horas!...

Os nossos já tinham gasto quasi todas as munições, não havendo já panellas de polvora nem gorgoleta para se atirar aos inimigos, sendo até arremessadas algumas traves do entulho contra elles!

Cançados finalmente aquelles mouros de batalhar contra os nossos sem esperanças de victoria,

voltaram sobre suas estancias, deixando mais de
90 cadaveres em volta do forte de S. Francisco,
indo mais de 500 feridos!...

Dos nossos ficaram bastantes contusos, mas não
morreu nenhum! Com este grande desengano, ficou
Nizamoxá muito mais affrontado, perdendo de todo
a esperança de poder ganhar por assalto o forte de
S. Francisco!

Aquelles bárbaros, porém, cheios de odio contra os
portuguezes, mandaram assentar contra aquelle forte
2 peças monstras, com as quaes foi bombardeado
por espaço de tres dias, com grande perigo dos
que estavam em sua defeza, por que todos ali ficaram
feridos, e por muitas vezes estiveram enterrados
nas ruinas de pedras, e madeiras de que tudo
ali já eram destroços d'aquella infernal artilheria;
não podendo servir-lhes já de amparo aquellas paredes
cobertas por seus morriões, contra as ruinas
que desabavam, trazendo-os por este modo
atormentados!... Com isto, já murmuravam alguns
soldados, dizendo que muito melhor fora morrerem
combatendo nas estancias inimigas, do que estarem
ali accummulados, sem ao menos se poderem desviar
d'aquellas ruinas!... Em vista de tão justas
queixas, formaram conselho os capitães, resolvendo,
que fosse abandonado aquelle forte e tambem retirada
a artilheria no maior segredo, o que foi posto em
pratica durante 6 noutes. Mandou o capitão erguer
uma tranqueira junto do muro da Igreja, para melhor
se poderem ali defender os nossos soldados,
ficando comtudo no forte alguns vigias.

Sabendo os mouros que o forte estava abandonado, logo partiram muitos para se metterem dentro d'elle, e chegando ao rebelim, começaram de subir, mas os portuguezes que ainda ali estavam de vigia deram sobre elles com tal valentia, que os fizeram lançar do rebelim abaixo!...

Depois de tão arrojado feito, desviaram-se os nossos para a tranqueira do muro, e os mouros avançando de novo, arvoraram ali muitas bandeiras mas acudindo ainda D. Nuno Alvares Pereira, com alguns outros capitães carregaram sobre elles tão cruelmente que os tornaram a lançar fora d'aquelle forte!... Não contentes ainda com este arrojado feito, foram em perseguição dos mouros até ás suas proprias estancias, tomando-lhes a maior parte das bandeiras e outros mais despojos de guerra!...

N'essa mesma tarde voltaram os mouros, e travaram com os nossos um terrivel combate que durou mais de 2 horas, e não podendo aquelles inimigos levar a melhor, nem soffrer mais estragos, retiraram outra vez para as suas estancias! Depois d'estas investidas, já se não animavam os mouros a entrar no forte de S. Francisco ainda mesmo sabendo, que elle estava desoccupado!...

N'esta conjunctura, iam elles continuando aquelle formidavel bombardeio contra as nossas pobres tranqueiras, que mais pareciam já um montão de ruinas do que outra cousa!...

CAPITULO XXX

O governador defende Gôa valorosamente alcançando uma grande victoria contra o Idaxá! O capitão mór de Chaul defende com seus companheiros aquella fortaleza em ruinas, alcançando por fim uma completa victoria! Nozamoxá por este motivo se vê obrigado a pedir-lhe as pazes que lhe são concedidas! O governador alcança egual victoria em Gôa contra o poderoso Idaxá, o qual pede egualmente as pazes que lhe são concedidas com vantagem para Portugal, e os portuguezes ficam então victoriosos por todo o oriente!

Iremos agora relatar os successos de Gôa, aonde o incansavel governador acode a toda a parte, não confiando de pessoa alguma as cousas de maior importancia; examina tudo com seus proprios olhos, e muitas vezes vai ao meio dos maiores perigos, animar os seus soldados, afim de quebrar os impetos dos repetidos assaltos d'aquelles furibundos inimigos!... Aquelles barbaros andavam muito soberbos do seu grande poder, dando aquelles repetidos assaltos geraes, sem comtudo poderem levar ao cabo o seu projecto da destruição dos portuguezes!...

Chegou por este tempo a Gôa Lourenço Barbuda com alguns navios e gente, que muito alegrou ao governador, em razão de ser Barbuda homem des-

temido e de muito bom conselho. D'ahi a poucos dias tambem ali chegou Luiz de Mello com sua armada que já vinha victoriosa do *Achem;* então mandou Luiz de Mello passar a sua gente á ilha de *Mercator*, e sendo por volta do meio dia, ouviram os nossos tocar o tambor do Idaxá, ficando todos mui surprehendidos em razão d'aquelle tambor só tocar em occasião de accommettimento.

Estava aquella ilha de Mercator a menos de um tiro de berço da terra firme, e o Idaxá julgando ali os portuguezes mui descuidados, determinou invadil-a, para ver se depois por aquelle lado poderia melhor entrar com sua gente em Gôa!... N'esta conformidade tinha elle mandado lançar pregão, para que a sua gente passasse áquella ilha, sendo encarregado d'este commettimento *Soleimão Agá* capitão da sua guarda. Foi o Idaxá aos passos assistir ao embarque de sua gente, para melhor animal-a, porém não havia ali embarcações sufficientes para embarcar de prompto todos aquelles soldados; e como andassem por perto os nossos navios, acudiram com muitas bombardas, mettendo-lhes muitas almadias com gente no fundo!... Sabendo o governador, d'aquelles successos, mandou logo para a ilha de João Rangel 3 falcões com os quaes começaram a ser varejados os inimigos, em razão d'aquella ilha ficar superior á de Mercator. Tal foi o destroço que lhes causou o fogo d'aquelles falcões, que foram obrigados a recolher-se de novo para suas estancias!...

Quando foi pelas 4 horas da tarde cahiu uma

grande cerração, e muita chuva, e aproveitando-se os nossos d'este ensejo, foram aproximando os seus navios á outra parte da ilha por onde os mouros tinham invadido, e lançaram n'aquella praia uns 300 arcabuzeiros, os quaes infundiram tal pavor nos inimigos que nem se animaram elles a defender-lhes o desembarque!

O governador, tinha encarregado este commettimento a Luiz de Mello e D. Fernando de Monroy. Avançaram os portuguezes contra os mouros que astavam todos reunidos em um só corpo, os quaes assim que os viram approximar, dispararam sobre elles uma chuva de bombas de fogo e uma nuvem de frechas!...

Os portuguezes, porém carregaram repentinamente sobre elles, travando-se então uma peleja das mais encarniçadas, em que os mouros pelejavam desesperadamente, e os nossos cheios de coragem e valor, faziam nelles taes destroços, que os obrigaram a retirar desordenadamente! Perdeu ali o Idaxá muitos generaes distinctos do seu exercito, e entre elles Soleimão Agá e mais 6 capitães dos principaes!

Tinha o Idaxá subido a um alto para d'ali observar aquelle formidavel combate, e quando viu fugir os seus e o grande destroço que os nossos lhes fizeram, lançou o turbante por terra em demonstração de magua, e montando em seguida em um cavallo partiu a toda a brida para Pondá, sempre blasphemando contra o seu Mafamede!

Quando na cidade constou a invasão dos mouros

n'aquella parte da ilha, todos se julgaram perdidos, e as mulheres andavam já em choros pelas igrejas a pedir misericordia, e os religiosos tambem se foram pôr diante do Santissimo Sacramento com as lagrimas nos olhos pedindo a salvação d'aquella cidade!

A este tempo entrou pela cidade dentro um mulato a cavallo bradando: Victoria! victória!... Foi então rodeado de muita gente a quem elle contou todos os promenores d'aquella grande victoria que Deus tinha concedido aos portuguezes, sendo logo convertidas aquellas lagrimas e temores em grande regosijo!...

O governador, vendo d'esse modo aquelles inimigos derrotados, cuidou logo em mandar alguns soccorros a Chaul, nomeando capitão mór d'essa expedição a D. Diogo de Athaide, indo tambem em sua companhia Ruy Gonçalves da Camara, D. Jorge Barroche, os quaes iam na galé real, indo outros muitos navios com 500 soldados, com os quaes ainda iam os seguintes fidalgos e capitães: D. João de Lima, Gonçalo Rodrigues Caldeira, João Caldeira, Simão Castanhede, Christovão Ferreira e Diogo de Sousa.

A este tempo estavam em Chaul os portuguezes póstos em grandes trabalhos, por falta de gente e fortificações.

Os mouros já tinham feito uma tranqueira defronte da misericordia, indo por ella ganhando algumas casas proximas da igreja de S. Domingos obrigando por essa razão aos nossos a entulhar as

portas d'aquelle mosteiro! N'esta triste conjunctura, resolveram os defensores fazer uma sortida contra as estancias inimigas, sendo encarregados d'este commettimento D. Gonçalo de Menezes e Alexandre de Sousa.

Foi então tal o valor e coragem com que deram nas estancias fronteiras, que não podendo os inimigos suster-lhes o choque impetuoso, as abandonaram, mettendo-se pelas casas dentro, e entrando tambem os nossos de envolta com elles, matando a uns e ferindo a muitos!... Acudiu tambem o capitão mór com outras mais forças, e todos fizeram ali uma tal mortandade, que se poderá contar esta peleja, uma das mais mortiferas para aquelles mouros!...

Nizamoxá deu-se por tão affrontado com esta sortida dos portuguezes, que logo ordenou um assalto geral ás nossas trincheiras. Tendo porém noticia d'isto o capitão mór foi logo correr todos os pontos da fortaleza para que tudo estivesse na melhor ordem de receberem aquelles inimigos; animava a todos os seus soldados, dizendo-lhe que era preciso mostrar áquelles barbaros o quanto se enganavam julgando que poderiam metter os pés dentro d'aquelles entulhos, emquanto ali estivessem soldados portuguezes!

Na madrugada do dia seguinte começou das estancias inimigas a disparar aquella terrivel artilheria, que punha tudo em grandes ruinas por onde chegava!... Em seguida avançaram os mouros contra as nossas pobres tranqueiras, com suas ban-

deiras desenroladas, e ao som de muitos instrumentos iam cobrindo tudo de frechas e outros arremessos!...

Os urros dos elefantes que vinham na frente formavam um concerto medonho, e vinham elles tão amestrados, que avançaram em boa ordem até ás nossas tranqueiras aonde pozeram as trombas!... Então por entre elles se esforçavam os mouros para se apoderarem das nossas tranqueiras em ruinas!...

Tendo os inimigos avançado para ali com todas as suas forças, andavam espantados da resistencia que lhes faziam tão poucos portuguezes, que tinham posto os seus peitos sobre aquellas tranqueiras arruinadas, como se fossem de bronze; e as suas armas fulminavam os mouros, como raios destruidores! Pois despediam ali sobre elles tantos tiros e panellas de polvora, lanças de fogo, e tantos outros instrumentos mortiferos, que parecia tudo aquillo o horror da tempestade acompanhada do fuzilar dos relampagos!...

Não pareciam homens, pareciam coriscos no meio d'aquellas ruinas para destruição de todos aquelles mouros ali amontoados!... A este tempo, da parte do mar, as nossas galés e fustas, tendo tambem aquelles inimigos a descoberto faziam n'elles com a sua artilheria um destroço horrivel, sem que os mouros podessem subjugar as lavas que sahiam d'aquella grande cratera!...

Mas como aquelles mouros estivessem ali aos milhares podiam morrer aos centos, servindo os mor-

tos de estrado aos vivos, para melhor poderem transpor as nossas ruinas!...

Alguns ainda ali tentaram arvorar as suas bandeiras, mas acudindo o capitão mór, foram taes as maravilhas que praticaram os nossos, que não podendo mais os mouros soffrer tantos estragos, se puzeram em desordenada fuga, deixando em frente dos nossos entulhos para mais de 500 cadaveres!... Ruy Telles de Menezes, capitão de Diu, mandou em soccorro de Caúl algumas embarcações cheias de mantimentos com alguma gente e munições. Poucos dias depois chegou tambem, Alvaro, Pires de Tavora, com algumas embarcações trazendo n'ellas, 2 pipas de polvora e muitas munições e mantimentos.

Os inimigos, desenganados d'este assalto geral, foram despejando a sua grossa artilheria contra o templo de S. Domingos e as casas de D. Nuno Alvares Pereira, cujo bombardeio durou 42 dias, ficando por fim tudo em completas ruinas!...

Então o *Nizamoxá*, mandou o Fratecão, apoderar-se d'aquellas ruinas a todo custo, por ser d'aquelle ponto que mais picardias tinha recebido dos nossos.

O Fratecão, preparou-se logo com 4 mil homens, e sendo sobre a madrugada, mandou fazer grandes fogueiras, para que os seus soldados vissem por onde melhor poderiam entrar; mas sendo ellas vistas dos nossos navios, logo se prepararam para os bombardear. Tambem aquellas fogueiras aproveitaram aos que estavam nas rui-

nas, por que melhor poderam conhecer o logar por onde iam ser atacados!.... O Fratecão, mandou avançar toda a sua gente para as nossas ruinas aonde tinhamos de guarda apenas uns 40 soldados!... Julgando os mouros aquelle ponto abandonado e que poderiam rapidamente por elle passar ávante, iam penetrando afoitamente, quando lhe surgiram aquelles valerosos soldados por entre aquellas ruinas, e ali os receberam de encontro ás suas fortes lanças e alabardas e panellas de polvora!... O capitão mór mandou logo pelo caminho das minas em soccorro d'aquelles bravos defensores, Alexandre de Sousa, Pedro da Silva Menezes com 20 soldados; indo logo depois Francisco de Sousa Tavares com outra companhia!...

Finalmente o capitão mór tambem se foi colocar na tranqueira de D. João de Sousa, para d'ali poder mandar mais alguns soccorros e impedir que sahissem todos os nossos soldados, pois que todos já porfiavam em partir para aquelle perigoso logar!... D. Nuno Alvares Pereira, estava sobre aquellas ruinas com seus valentes companheiros, pelejando com tão extremado valor, como se ainda ali tivesse as suas casas para defender!... Era aquelle lugar tão estreito, que os que chegavam de novo já não podiam mais pelejar!...

Antonio de Teive, fez uma sortida contra os mouros, com alguns de seus companheiros, lançando sobre elles grande quantidade de panellas de polvora, fazendo-os afastar em grande desordem!... Avançou tambem D. Nuno Alvares Pereira com

seus companheiros, e foi tal o destroço que fizeram n'aquella multidão de mouros, que perdendo elles as esperanças de penetrar por aquellas ruinas, se retiraram em grande confusão, deixando ali perto de metade da sua gente, isto em razão da nossa artilheria de mar os ter sempre a descoberto e alumiados das suas proprias fogueiras!...

De nossa parte, tivemos um morto e muitos feridos. Por este tempo partiu de Baçaim Jorge Pereira Coutinho, com 14 embarcações e 140 soldados, mas antes que elle chegasse com esses soccorros a Chaúl, deram ainda os mouros, repetidos assaltos. sem que os nossos cedessem nem um só palmo aos seus poderosos inimigos, que juncavam a miudo aquellas ruinas com seus cadaveres, sem que se podessem apoderar d'ellas!... *Nizamoxá* em vista de tamanho desastre, resolveu, não dar mais assaltos, e mandou que as nossas pobres tranqueiras fossem bombardeadas sem treguas, julgando que d'esse modo poderia entrar a salvo quando tudo fosse destruido pela sua terrivel artilheria!... Nessa conformidade, foi continuando, a bombardear por todo aquelle mez, cauzando aos nossos ainda maiores trabalhos, do que os assaltos, pois que tinham de andar reparando sempre aquelles terriveis estragos, sem se poderem desaffrontar d'aquellas injurias!...

Finalmente, julgando *Nizamoxá* que os nossos estavam já completamente aniquillados no meio d'aquelles entulhos, mandou durante tres dias fazer muitas investidas falsas, para os tomar de sur-

preza por não saberem elles quando era o verdadeiro assalto!...

Os portuguezes, andavam sem descanço, pois não o podiam já ter, nem de noute nem de dia, trazendo sempre as suas armas na mão; e no entanto eram elles como o gigante Antheu que ao tocar na terra, se erguia logo com dobradas forças!... Foi ainda em vespera de S. Pedro e S. Paulo, que aquelles barbaros se prepararam, para darem mais um grande assalto áquellas ruinas aonde julgavam ir alcançar o mais completo dos triumphos!...

Ao romper do dia seguinte, ao signal do soberbo *Nizamoxá*, avançou todo aquelle poderoso exercito ao som de muitos instrumentos bellicos, e muitos alaridos, e urros d'aquelles Elephantes que iam sempre na frente, da vanguarda, que era agora composta de 70 mil homens devedidos em diferentes corpos; tocando por isso a cada uma de nossas pobres tranqueiras arruinadas 7 a 8 mil soldados, não havendo ali para se lhe opôr mais de uns 50 defensores!... Como aquelles barbaros fossem já confiados no seu numero e na destruição dos nossos, avançavam como em triumpho, conseguindo muitos d'elles subir sobre aquellas ruinas, aonde começaram logo a arvorar muitas bandeiras, apezar dos nossos lhes fazerem terriveis destroços; pois só da primeira descarga tinham-lhes derrubado mais de 500 soldados!... Aquella forte descarga que tinha sido coadjuvada pela artilheria do mar, tinha-os posto em grande furor, tornando-os seme-

lhantes ao lobo, que sendo ferido pelo caçador, avança raivoso pelo cheiro da polvora para o devorar!...

Assim aquelles barbaros avançaram sobre os nossos com aquelles instinctos da fera!... Praticaram então ali os portuguezes, cousas tão assombrosas que não é dado a penna imbelle do escriptor descrever as suas particularidades!... Basta dizer que os portuguezes conseguiram pôr fóra d'aquellas ruinas aquella multidão de soldados que já tinham avançado em triumpho, e arvorado ali as suas bandeiras!...

Vendo-se porém, aquelles furibundos, arrojados d'aquellas ruinas, que já contavam conquistadas, voltaram de novo com dobrada furia, como quem se atirava á morte, por não terem podido ganhar o triumpho!... Aquelles barbaros não faziam mais caso dos cadaveres que rolavam a seus pés, antes agora faziam estrado d'elles para melhor avançar; porém os nossos os faziam denovo ir rolar sobre elles!...

Finalmente, os urros dos Elephantes, a gritaria dos mouros, os gemidos dos muribundos e o retenir das armas, o pranto das mulheres e crianças que corriam pela cidade pedindo a Deus misericordia, formava um conjuncto tão horroroso, semelhante ao juizo final!... Durou este tremendo combate até ás 6 horas da tarde, em que os mouros, por não morrerem ali todos, se retiraram outra vez para suas estancias, ficando então sobre aquelle montão de ruinas aquelles heroicos defensores com

as armas na mão esperando por outros assaltos d'aquelles infieis!... Perdeu *Nizamoxá*, n'este ultimo assalto, mais de 3 mil combatentes, não contando muitos milhares de feridos!...

Nizamoxá, vendo aquelle terrivel destroço de sua gente, sem esperanças de victoria, montou a cavallo e partiu a toda abrida, a recolher-se a uma mesquita; mas tão triste e magoado ia elle, que nenhum de seus capitães ouzava de lhe fallar!... Depois de ter n'aquella mesquita lastimado muito aquelle grande desastre de suas armas, mandou chamar então os seus capitães, e pediu-lhes para que esperimentassem o animo dos portuguezes, para ver se era possivel fazer-se com elles umas pazes rasoaveis!...

Logo no outro dia, vieram alguns mouros perto de nossas tranqueiras, e gritaram: Marião Marião. Querendo dizer com aquellas palavras; Maria Santissima! Foi esta a senha com que elles procuraram vir á falla com os portuguezes!... Perguntando-lhe os nossos o que elles queriam; disseram com muita humildade, que lhes vinham pedir licença, para recolherem os seus mortos, para lhes darem sepultura. Mandou-lhes então dizer o capitão mór, que só fazia guerra aos vivos, e por isso lhes dava licença para sepultar os seus mortos. Começaram então áquelle serviço, sempre com muita humildade, levando ás tranqueiras tudo que os nossos lhes pediam, como se já tivessem entrado em negociações de paz!...

Os nossos capitães, ficaram tão convencidos, de